

Dan Rodrigues Levy

A SOCIABILIDADE NA  
METRÓPOLE DE SÃO PAULO  
Um estudo sobre o bairro da Vila Olímpia

UNIVERSIDADE DE COIMBRA



Dan Rodrigues Levy

# A SOCIABILIDADE NA METRÓPOLE DE SÃO PAULO

Um estudo sobre o bairro da Vila Olímpia

Tese de Doutoramento em Sociologia na especialidade de Cidades e Culturas Urbanas, orientada pelo Professor Doutor Carlos José Cândido Guerreiro Fortuna e apresentada à Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

Abril de 2014



UNIVERSIDADE DE COIMBRA



FEUC FACULDADE DE ECONOMIA  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Dan Rodrigues Levy

# A Sociabilidade na Metrópole de São Paulo

Um estudo sobre o Bairro da Vila Olímpia.

Tese de Doutoramento em Sociologia, na especialidade de Cidades e  
Culturas Urbanas, apresentada à Faculdade de Economia da Universidade  
de Coimbra para obtenção do grau de Doutor.

Orientador: Professor Doutor Carlos José Cândido Guerreiro Fortuna

Coimbra, 2014



Para Isabel e Maria Coeli, mulheres e mentoras da minha vida.

## AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador professor Doutor Carlos Fortuna, por acreditar no meu potencial e por ter me dado total liberdade na defesa das ideias e pensamentos aqui expostos, fundamentais para a confecção desta tese de doutoramento.

À Escola de Estudos Avançados da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (EEA/FEUC), seus secretários e funcionários, e em especial aos professores Claudino Ferreira, Paulo Peixoto e Pedro Hespanha, que participaram da banca de exame de qualificação, fazendo considerações pontuais para a aproximação com a literatura da Sociologia Urbana.

Ao Centro de Ciências Sociais da Universidade de Coimbra (CES/UC), centro de investigação que me acolheu, apostando no desenvolvimento da tese, sempre emitindo pareceres favoráveis ao andamento da mesma.

À Fundação para a Ciência e a Tecnologia do Ministério da Educação e Ciência de Portugal que através da concessão de Bolsa de Doutoramento, financiou todo o doutoramento, inclusive as propinas da Universidade.

Ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, e ao Observatório das Metrópoles de São Paulo, onde fui recebido pela professora Doutora Lúcia Maria Machado Bógus que me coorientou no início da pesquisa.

Não podia deixar de expressar também minha imensa gratidão à professora Doutora Marisa Borin também da PUC/SP, que tão generosamente me ajudou ao longo de todo o processo investigativo e na escrita da tese, apresentando sugestões de suma importância para o enriquecimento da mesma. À Rosana Portela que, num momento crítico, ajudou-me de forma decisiva com a revisão da tese para chegar ao fim deste trabalho.

A todas as colegas de doutoramento, especialmente a Tania Leão, à Claudia Rodrigues e à Vanessa Sousa pela grata amizade e profundo acolhimento durante a minha estada em Coimbra, sem as quais, o meu percurso teria sido mais difícil e solitário.

A todos os funcionários dos órgãos públicos e bibliotecas pesquisadas no município de São Paulo que contribuíram de forma fundamental com informações relevantes e preciosas sobre a cidade e a área objeto de estudo.

O meu profundo agradecimento para duas pessoas que foram de extrema importância para o deslanchar da pesquisa, quais sejam, Ana Lucia Teixeira e Mariana Holitz. A Ana apresentou-me o bairro em que mora desde que nasceu, contando fatos e histórias, revivendo a memória da Vila Olímpia, impulsionando o contato com os demais entrevistados durante a pesquisa. E à Mariana, artista plástica de profissão e socióloga de coração, que me abriu os olhos para decifrar a realidade social do bairro por de trás de seus muros.

Meu agradecimento também a todos os entrevistados que tão solícitamente se disponibilizaram para contribuir de alguma forma com os resultados dessa pesquisa, em especial a D. Guiomar, exemplo de amor e de vida.

Esta tese não teria chegado ao fim sem a ajuda fundamental, precisa e contundente da Giselda, minha psicóloga que me acolheu em um dos momentos mais difíceis da minha vida, e que me fez enxergar através e além da realidade a possibilidade da desconstrução do velho para a construção do novo. Gi, abrigado por tudo!

Agradeço ao meu pai, aos meus irmãos, e a toda a minha família, em especial à minha mãe Maria Coeli, maior incentivadora nesta empreitada, pois nunca duvidou que este momento fosse chegar; à minha avó Isabel por expressar, mesmo em silêncio, a forma mais profunda do que é o amor; e à minha tia Beth que sempre acreditou em mim, emanando, através do seu carinho e da sua amizade, todas as forças positivas para que esta etapa fosse encerrada.

Ao longo destes cinco anos de tese, tive a felicidade de construir outras “famílias” por onde passei. Desta forma, não poderia deixar de agradecer à minha “família portuguesa” representada pelos amigos Priscila, Igor e Lorena, que me deram o suporte emocional na chegada a Portugal.

Assim como, a mais profunda gratidão para a minha “família paulistana” representada por amigos tão queridos e importantes, em especial à Raquel, amiga, irmã e companheira de vida que sabe exatamente o que estou sentindo neste momento.

Por fim, agradeço a todos os meus amigos que acompanharam de perto e de longe as dificuldades enfrentadas, sempre ajudando e dando todo o apoio necessário para que concluísse este trabalho.

E a todos aqueles que sempre torceram e se preocuparam comigo, meu eterno reconhecimento e agradecimento.

## RESUMO

Esta tese de doutoramento analisa a sociabilidade na metrópole de São Paulo como um fenômeno social que vem sendo remodelado pelas transformações oriundas do acelerado processo de urbanização neoliberal. Para tanto, realizou-se um estudo de caso no bairro da Vila Olímpia, localizado no distrito do Itaim Bibi, zona sudoeste da capital paulista para detectar a transição na natureza das sociabilidades entre os moradores do bairro. Para subsidiar o estudo, mergulhou-se nas teorias acerca da Metrópole e da Modernidade com o intuito de enquadrar São Paulo como uma cidade pós-industrial de periferia, marcada por intensa fragmentação e segregação social, guiada pelos ditamos do modelo urbano neoliberal que influencia não só o espaço como as relações sociais nele produzidas. Conceituou-se sociabilidade como o processo de interação social entre indivíduos cujo objetivo comum é formar uma unidade, uma sociedade. A análise aprofundou-se na noção de identidade e comunidade, uma vez que são categorias sociológicas que influenciam a construção e o desenvolvimento da sociabilidade. Neste sentido, entende-se sociabilidade como um fenômeno social vinculado às categorias sociológicas de identidade e comunidade o que decorre de diferentes formas nas escalas metropolitanas. Porém, é no bairro que o indivíduo realiza as suas experiências e trajetórias; vivencia e organiza a sua vida sendo, portanto, a unidade básica onde se desenvolve as interações sociais da vida cotidiana. A pesquisa na Vila Olímpia foi fundamental para compreender se a sociabilidade no bairro tende a sucumbir ou resistir ao processo urbano neoliberal. Primeiramente realizou-se uma sucinta contextualização da área em estudo, tentando reconstruir os estilos de vida, os tipos de sociabilidades, a memória, o passado e a história do bairro através de documentos e relatos de moradores. Em seguida, várias incursões no campo de estudo foram efetivadas para compreender a forma de vida dos atores sociais que moram no bairro, frequentando ou não espaços de sociabilidades, observando o ritmo de vida e a interação social dos mesmos. Posteriormente, realizaram-se entrevistas em profundidade com antigos e novos moradores para desvendar as Sociabilidades I, II e III. Como principal resultado destaca-se um conflito socioespacial abstrato e subjetivo que marca as relações de interação social, justificando a transição na natureza das sociabilidades entre os antigos e novos moradores da Vila Olímpia, intensificada por uma visível redução de espaços públicos e pelo conseqüente aumento de espaços privados impulsionados por um

modelo urbano segregador e excludente, caracterizando uma vida urbana reduzida. No mais, a pesquisa desvendou verdadeiras vozes de resistência demonstrando que através de estratégias coletivas como recurso político, ao mesmo tempo em que a sociabilidade no bairro tende a sucumbir também pode resistir ao modelo urbano neoliberal existente.

Palavras-chave: Metrópole; Urbanismo Neoliberal; São Paulo; Sociabilidade; Vila Olímpia.



## ABSTRACT

This doctoral thesis examines the sociability in metropolis of São Paulo as a social phenomenon that has been refurbished by the changes rising from the accelerated process of neoliberal urbanization. To this end, we performed a case study in the Vila Olímpia neighborhood, located in the district of Itaim Bibi, southwestern area of the state capital to detect the transition in the nature of sociability among neighborhood residents. To subsidize the study, the author immersed himself in the theories of Metropolis and Modernity in order to categorize São Paulo as a peripheral post-industrial city, marked by intense fragmentation and social segregation, guided by the dictate of the neoliberal urban model that influences not only the space but the social relations produced in it. Sociability is conceptualized as a process of social interaction between individuals whose common goal is to form a unit, a society. The analysis deepened the sense of identity and community, since they are sociological categories that influence the construction and development of social skills. In this sense, sociality is understood as a social phenomenon linked to sociological categories of identity and community that rises in different ways in metropolitan scales. However, the neighborhood is where the individual performs his experiences and trajectories, thrives, lives and organizes his life and, therefore, is the environment in which is developed social interactions of everyday life. So forth, Research in Vila Olímpia was fundamental to understand whether sociability in the neighborhood tends to succumb or resist neoliberal urban process. First there was a brief contextualization of the study area, trying to reconstruct the lifestyles, the kinds of sociability, memory and the past history of the neighborhood through documents and reports of residents. Then, several incursions in the field study were realized to understand the way of life of social actors who live in the neighborhood, attending or not social spaces, observing the pace of life and social interaction between them. Subsequently, there were interviews with old and new residents to unveil the Sociability I, II and III. The main result stands an abstract and subjective socio conflict that marks relations of social interaction, justifying the transition in the nature of sociability between old and new residents of Vila Olímpia, intensified by a visible reduction of public spaces and the consequent increase in private spaces driven by segregation and exclusive urban model, featuring a compact urban living. In conclusion, the survey uncovered true voices of resistance. It was

demonstrated that through collective strategies used as a political resources, while sociability in the neighborhood tends to succumb, it could also resist the existing neoliberal urban model.

Key-words: Metropolis; Neoliberal Urbanism; São Paulo; Sociability; Vila Olímpia.

## LISTA DE SIGLAS E ACRÔNIMOS

CCSP – Centro Cultural São Paulo

CDMCC – Centro de Documentação e Memória Camargo Corrêa

CES – Centro de Estudos Sociais

CET – Companhia de Engenharia de Tráfego

CFs – Condomínios Fechados

CONDEPHAAT – Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico

DPH – Departamento de Patrimônio Histórico

EEA – Escola de Estudos Avançados

EMURB: Empresa Municipal de Urbanismo

EMPLASA – Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano

EMBRAESP – Empresa Brasileira de Estudos de Patrimônio

FAU – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

FEUC – Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra

FFLCH – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IBMEC – Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais

JK – Juscelino Kubitschek

PUC/SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

SEADE – Fundação Sistema Estadual de Análise de dados

SEMPLA – Secretaria Municipal de Planejamento

SEHAB – Secretaria Municipal de Habitação

SMADS – Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social

SMDU – Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano

UC – Universidade de Coimbra

USP – Universidade de São Paulo

## LISTA DE FIGURAS E QUADROS

- Figura 1. Planta do levantamento judicial do Sítio Itaim, 1914 (Lopes e Toledo, 1988: 20) ..... 125
- Figura 2. Familiares no Itaim. Ao fundo o córrego do Sapateiro, atual Av. Juscelino Kubitschek, 1940 (Governo do Estado de São Paulo, 2002: 45) ..... 126
- Figura 3. Bairro da Vila Olímpia, 1930. (Coleção Sara Brasil. Acervo FAU-USP) ....127
- Figura 4. Área onde hoje se encontra o Edifício sede da Construtora Camargo Corrêa, 1960-1970. (Acervo CDMCC) ..... 129
- Figura 5. Mapa do bairro da Vila Olímpia (Google Maps, 2013) ..... 132
- Figura 6. Chácara das Flores (1920). À direita a Avenida Santo Amaro (Conceição, 2003: 12) ..... 135
- Figura 7. Moradores e vizinhos da Vila Olímpia. Esquina da Rua João Cachoeira com a Rua Leopoldo Couto de Magalhães Júnior, 1942 (Schilaro, 2010: 28) ..... 140
- Figura 8. Família Schilaro e amigos fantasiados para o Carnaval, 1940 (Schilaro, 2010: 52) ..... 141
- Figura 9. Moradores da Vila Olímpia no campo de futebol do Marítimo, 1936 (Schilaro, 2010: 65) ..... 142
- Figura 10. Rua Nova Cidade, 1966 (Revista Veja, 2010: 8-9) ..... 148
- Figura 11. Arquitetura das casas no final da década de 1940, na Vila Olímpia. A casa da esquerda era localizada na Rua Alvorada, 153 e a casa da direita na Av. Santo Amaro com a Rua Antonio Pontes Câmara (CONCEIÇÃO, 2003: 13-17) ..... 149
- Figura 12. Da esquerda para a direita e de cima para baixo: Casa antiga na Rua Casa do Ator; Casas para alugar e vender na Av. Juscelino Kubitschek; Condomínio Residencial na Rua São Tomé, e Condomínio Residencial na Rua Helena. Acervo do autor (2011) ..... 161
- Figura 13. Da esquerda para a direita e de cima para baixo: Torre do Santander na Av. JK; Complexos Empresarias na Av. JK; na Rua Gomes de Carvalho; na Av. JK; na Rua Helena, e na Rua Gomes de Carvalho, respectivamente. Acervo do autor (2011) ..... 168
- Figura 14. Da esquerda para a direita e de cima para baixo: Shopping JK em construção na Rua Funchal; Hotel Caesar Park na Rua Olimpíadas; Complexos Empresariais

na Rua Fidêncio Ramos e Shopping Vila Olímpia na Rua São Tomé. Acervo do Autor (2011) .....	170
Figura 15. Lanchonete Lanches Amazonenses localizada na Rua Clodomiro Amazonas, 1393, Vila Olímpia. Acervo do autor (2011) .....	172
Figura 16. Café situado na Rua Helena, em um importante Complexo Empresarial. Acervo do autor (2011) .....	174
Figura 17. Parque do Povo, Rua Henrique Chamma, 590. Acervo do autor (2011) ...	175
Quadro 1. Relação das variáveis e dos atores sociais. Elaboração do autor (2013) ....	188
Figura 18. Dinâmica entre os atores sociais na área em estudo. Elaboração do autor (2013) .....	190
Figura 19. Convite da festa da Turma do Beira Rio. Acervo do autor (2010) .....	200
Figura 20. Componentes da Turma do Beira Rio comemorando 30 anos de amizade. Acervo do autor (2010) .....	201
Figura 21. As mães fundadoras da Turma do Beira Rio. Acervo do autor (2010) .....	203
Figura 22. Festa da Turma do Beira Rio. Acervo do autor (2010) .....	204
Figura 23. Comunidade do Coliseu. Ao lado direito o E-Tower. (Google Maps, 2012) .....	209
Figura 24. Zezinho em um dia de trabalho. (Holitz, 2010) .....	214
Figura 25. Grafites do Zezinho. (Google Maps, 2012) .....	216

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
O PERCURSO METODOLÓGICO .....	22
<b>CAPÍTULO 1: A METRÓPOLE COMO OBJETO DE ESTUDO .....</b>	<b>33</b>
1.1. TIPOLOGIAS DA CIDADE .....	51
1.2. A SÃO PAULO DO SÉCULO XXI: UM BREVE CENÁRIO .....	59
1.3. A METRÓPOLE DE SÃO PAULO NO PLANO INTERNACIONAL.....	71
<b>CAPÍTULO 2: AS ESCALAS DA METRÓPOLE E SUAS CATEGORIAS SOCIOLOGICAS .....</b>	<b>77</b>
2.1. ACERCA DO CONCEITO DE SOCIABILIDADE .....	79
2.2. IDENTIDADE E COMUNIDADE COMO CATEGORIAS SOCIOLOGICAS .....	85
2.3. A ESCALA RESIDENCIAL .....	97
2.4. A ESCALA DO BAIRRO .....	102
2.5. A ESCALA URBANA: DO LOCAL AO GLOBAL .....	110
<b>CAPÍTULO 3: O BAIRRO DA VILA OLÍMPIA .....</b>	<b>121</b>
3.1. CONTEXTUALIZANDO A ÁREA DE ESTUDO .....	123
3.2. AS SOCIABILIDADES DO BAIRRO DA VILA OLÍMPIA .....	134
3.2.1. Sociabilidade I: vida calma e tranquila .....	134
3.2.2. Sociabilidade II: vida moderna e dinâmica .....	146
3.2.3. Sociabilidade III: vida contemporânea e nova centralidade .....	156
3.3. ANÁLISE DOS RESULTADOS DAS ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE .....	178
<b>CAPÍTULO 4: AS VOZES DA RESISTÊNCIA .....</b>	<b>193</b>
4.1. A TURMA DO BEIRA RIO .....	199
4.2. A COMUNIDADE COLISEU .....	207
4.3 O FUTURO DAS RELAÇÕES SOCIAIS NO ESPAÇO URBANO DA VILA OLÍMPIA .....	218
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>223</b>

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS ..... 239**

**APÊNDICE ..... 261**

## INTRODUÇÃO

Esta tese de doutoramento é fruto de muitas transformações. Transformações individuais e coletivas, pessoais e relacionais, do corpo e da alma, de situações determinadas e caminhos indeterminados, de construção de pensamentos e desconstrução de verdades, do espaço e do tempo, do social e do urbano, da realidade e do espetáculo, do físico e do psicológico, sobre a cidade que resolvi estudar.

Essas inquietações emergiram a partir das minhas observações sobre as relações sociais no espaço urbano, reflexo do meu amadurecimento como ser humano e pesquisador, tendo como inspiração a minha dissertação de mestrado na área de Direitos Humanos e Meio Ambiente, na qual analisei os impactos socioambientais do projeto de reurbanização da Vila da Barca, comunidade localizada no centro de Belém, capital do estado do Pará, Brasil, cidade onde nasci.

Em meio a algumas considerações, pude observar que as transformações urbanas interferem não só no espaço físico como no espaço socialmente produzido, influenciando, dentre outros fenômenos, a sociabilidade. Assim, despertou-me a necessidade de aprofundar esta relação para compreender de que forma o isolamento, a individualidade e a metropolização contribuem ou não para a segregação do espaço e das relações sociais.

Apesar da formação na área jurídica, o contato com as Ciências Sociais, de forma geral, foi inevitável para traçar os caminhos a seguir. A procura pela Sociologia e pelo Urbano como forma de ampliar a visão e o conhecimento foi fundamental para ingressar no Programa de Doutorado em Cidades e Culturas Urbanas, ofertado pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (FEUC).

Desse modo, comecei a buscar uma literatura mais profunda sobre o assunto, processo esse que se intensificou com a integralização das disciplinas obrigatórias e eletivas ofertadas pelo programa da FEUC, quando tive contato com autores como: Michel De Certeau, Kisho Kurokawa, François Ascher, Jane Jacobs, Lyn Lofland, Jeremy Seabrook, Richard Sennett, Zygmunt Bauman, dentre outros.

Nesse momento, percebi que o avançado processo de metropolização das cidades, baseado num modelo de desenvolvimento urbano neoliberal, acentuava problemas sociais, sobretudo, em metrópoles de países em desenvolvimento como São Paulo, onde as relações entre as pessoas são marcadas pelo estranhamento,



imprevisibilidade e exacerbação da individualidade, alterando a interação, as experiências e o modo de vida dos habitantes da cidade.

Dialogando com esses autores, encontrei semelhanças entre suas ideias e pensamentos, tendo em vista que o isolamento é característico de uma sociedade diversificada, caracterizada pelo aumento do número de automóveis, *shopping centers* e condomínios residenciais fechados (Kurokawa, 1977), além da acelerada perda do espaço público (Sennett, 1992b), que gera insegurança para a vida na cidade, considerando-se a fragmentação do espaço e das relações sociais (Bauman, 2000).

Esse processo vem ocorrendo em várias cidades ao redor do mundo, principalmente em metrópoles como São Paulo, o que configura um importante desafio a ser aprofundado, não só pela sua extensão, diversidade e complexidade em termos de cidade, mas também pela constante reformulação do seu espaço urbano que reflete diretamente na estrutura do tecido social e na sociabilidade.

É evidente que essas ações não são observadas de forma homogênea na cidade como um todo, já que São Paulo, por exemplo, é um verdadeiro caleidoscópio urbano (Bógus e Taschner, 2001), metrópole fragmentada e desigual, em que inúmeras cidades estão presentes numa só. Por essa razão, foi necessário escolher uma região da cidade que se assemelhasse a essas características heterogêneas e que estivesse em constante transformação urbana e social.

Após a análise de algumas regiões da capital paulista, deparei-me com a Vila Olímpia, bairro localizado no distrito do Itaim Bibi, na Zona Sudoeste, uma das mais valorizadas da cidade, o qual se destaca como uma nova centralidade por ser um importante centro do capital financeiro, tecnológico e imobiliário, do consumo de luxo, e que mediante fortes transformações urbanas reproduz a lógica neoliberal de urbanização segregadora e excludente, alterando as relações sociais entre os moradores do bairro.

Este modelo de urbanização transforma as sociabilidades produzidas pelos diferentes atores sociais no espaço urbano. A individualidade como característica inerente à metrópole destaca-se em meio a moderna arquitetura, aos novos padrões de moradia estabelecidos pelo mercado imobiliário, e as recentes tendências dos megaempreendimentos empresariais e de serviços, valorizando os espaços privados em detrimento dos espaços públicos.

É evidente que muitos outros bairros de São Paulo, de outras metrópoles brasileiras e de outras cidades ao redor do globo estão sofrendo o mesmo processo de

intervenção, pois o avanço das políticas urbanas neoliberais se reproduz em todo o mundo.

Nessas cidades, há áreas que representam o centro financeiro, comercial e de serviços da metrópole, e se destacam pela intensa e moderna verticalização, com elevadas taxas de densidade populacional, megaempreendimentos imobiliários, arranha-céus, sedes de grandes empresas multinacionais, hotéis de luxo, lojas e serviços de renome internacional, indústrias terceirizadas, tráfego intenso, o que configura uma nova centralidade urbana, com influência internacionalmente maior do que o próprio país onde estão localizadas.

Percebe-se, portanto, o grau de generalização da teoria aqui apresentada, uma vez que, na medida de suas especificidades, as transformações urbanas vêm influenciando as formas de sociabilidades entre os indivíduos nas diversas partes do mundo, alterando as relações sociais produzidas nas cidades, consubstanciando a importância da reflexão desses fenômenos.

Assim, a escolha da Vila Olímpia, dentre outras razões, se deu pelo fato de ter passado por diferentes momentos no seu processo de formação. No início do século XX era uma área extremamente residencial, com uma vida calma e tranquila, afastada do grande centro urbano, sendo uma zona de várzea, desvalorizada, próxima ao Rio Pinheiros. Em meados do século passado, tornou-se uma região significativa para comércios e serviços, caracterizando um estilo de vida moderno e dinâmico. Atualmente, representa uma nova centralidade na metrópole de São Paulo, onde se observa uma profunda transição no espaço urbano e nas relações sociais nele produzidas.

A Vila Olímpia também foi escolhida para estudo, por tratar-se de uma região estratégica para compreender a expansão e o desenvolvimento da Zona Sudoeste da capital paulista, anteriormente de pouca importância para a cidade e, hoje, sendo um dos mais asinaláveis centros do poder econômico e financeiro da América do Sul.

Além disso, o bairro analisado representa inúmeras contradições inerentes às cidades de capitalismo periférico, pois seu processo de favelização é resultado do modelo de urbanização desigual; ao mesmo tempo em que concentra grande parte das empresas multinacionais que sustentam a economia global, não oferece infraestrutura urbana adequada para quem ali vive ou trabalha; convive, simultaneamente, com a ausência de espaços públicos diante da “cultura dos espaços privatizados” (Frúgoli Jr., 1995).

Isto reflete diretamente nas relações sociais entre os moradores do bairro, pois ao mesmo tempo em que os antigos moradores tentam manter suas tradicionais formas de relações sociais no bairro, o novo morador prioriza relações mais virtuais moldadas pela tecnologia sem fronteiras; a antiga arquitetura de casas e sobrados, a tradicional atividade comercial, e os clássicos meios de transporte coletivo, como o bonde, são substituídos por uma arquitetura pós-moderna de edifícios espelhados, por uma atividade empresarial com fortes fluxos de capital transnacional, e pela predominância do transporte individual, em um espaço onde há mais heliportos do que pontos de ônibus, o que provoca a desintegração da história e da memória de um bairro que vem relativizando a relação com a casa e com rua, o conceito de público e privado, de espaço e tempo, sob um urbanismo neoliberal.

Portanto, apresenta-se como uma área de contrastes, um mosaico de situações e realidades distintas detectadas, sobretudo, em metrópoles periféricas de países em desenvolvimento que tendem a sucumbir diante do crescimento urbano descontrolado e imperfeito, guiado por forças e interesses, principalmente do capital financeiro e imobiliário. Essas foram as principais razões para a escolha do *locus* da pesquisa e que permearam as dezesseis entrevistas realizadas com moradores do bairro.

Assim, foi inevitável a vinda para São Paulo, primeiramente, com o intuito de investigar a sociabilidade nesta metrópole, o que foi possível com o acolhimento do Observatório das Metrópoles, Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia vinculado à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) que possui estreitas relações com o programa de doutoramento da FEUC, em que fui tão bem recebido pela professora Doutora Lúcia Maria Machado Bógus, coordenadora do instituto.

A ideia de compreender São Paulo como uma metrópole, lugar onde as relações sociais estão se transformando, dentre outras razões, pelo processo de individualização decorrente dos efeitos da globalização do espaço urbano no mundo de hoje, amadureceu quando cursei algumas disciplinas do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC-SP, como: “Metrópoles – as novas formas de sociabilidade em São Paulo”, lecionada pela professora Doutora Marisa do Espírito Santo Borin; e “Sociologia das Cidades”, ministrada pela professora Doutora Maura Pardini Bicudo Vêras.

Tais disciplinas contribuíram de forma significativa para a imersão na literatura sobre sociologia urbana e sobre São Paulo, onde me deparei com autores como: Marshall Berman, Sergio Paulo Rouanet, Norbert Elias, Gilberto Velho, Pierre

Bourdieu, José G. Cantor Magnani, Teresa Caldeira, Mark Gottdiener, Carlos Vainer, Erminia Maricato, Raquel Rolnick, Octavio Ianni, Mariana Fix, Flávio Villaça, Suzana Taschner, Lucia Bógus, dentre outros.

Esses autores foram essenciais para compreender e identificar mudanças nas formas de sociabilidades presentes nas estruturas urbanas, em especial, na cidade de São Paulo, através da análise da relação indivíduo e sociedade, permitindo identificar as (des)configurações sociais no atual modo de vida urbano.

No mais, esses estudiosos utilizam a construção da cidade como objeto sociológico para compreender temas como desigualdades socioespaciais, exclusão e segregação, alteridade, planejamento e gestão urbanos e, principalmente, desvendar a constituição de novos sujeitos sociais e estilos de vida, os processos de polarização e fragmentação, as novas territorialidades e os impactos da globalização.

Por outro lado, encontrei muitas dificuldades ao longo do caminho, principalmente por não ter formação em Sociologia, o que requereu bastante dedicação no estudo e compreensão da literatura que pensa a cidade, a sociologia urbana, motivo pelo qual retomei as teorias acerca da Metrópole e da Modernidade.

Por estas razões, comecei a delinear meu objeto de estudo, qual seja: analisar a sociabilidade na metrópole de São Paulo como um fenômeno social que vem sendo remodelado pelas transformações oriundas do acelerado processo de urbanização neoliberal.

O bairro da Vila Olímpia está presenciando diariamente uma forte, intensa e rápida remodelação de sua paisagem urbana, ocasionada, sobretudo, pela força do capital imobiliário e financeiro, acarretando profundas alterações na estrutura do espaço urbano e na vida dos que ali habitam e trabalham.

Por isso que se trata de um estudo em transição, de uma mudança que está ocorrendo durante a escrita desta tese, a qual visa demonstrar em tempo real as circunstâncias em que um bairro pode sucumbir ou resistir perante às ameaças de um modelo urbano neoliberal que aprofunda a liberdade individual em meio a solidariedade social. Esta é a verdadeira riqueza da tese.

Para tanto, além de revisitar as teorias acerca da metrópole moderna e compreender seus paradoxos, foi de fundamental importância mergulhar nas dimensões ou escalas metropolitanas para analisar de que forma o fenômeno sociabilidade vem se transformando, respaldando-se em duas categorias sociológicas, quais sejam: identidade e comunidade.

A partir disso, pude formular meu problema de pesquisa: a sociabilidade na metrópole de São Paulo, e particularmente no bairro da Vila Olímpia, tende a sucumbir ou a resistir às transformações oriundas do acelerado processo de urbanização neoliberal?

Esta inquietação poderá demonstrar como a Vila Olímpia percorre o mesmo trajeto de outros bairros de São Paulo, de outras metrópoles brasileiras e de outras cidades ao redor do globo, posto que o mundo está cada vez mais se urbanizando e o espaço urbano cada vez mais se neoliberalizando (Peck; Tickell, 2002).

Em seguida, construí os objetivos da tese, como forma de traçar caminhos para responder à problemática levantada. Neste sentido, pretendi: (i) analisar a teoria das metrópoles para compreender e situar a cidade de São Paulo no século XXI; (ii) compreender a sociabilidade como fenômeno social nas diferentes escalas da metrópole vinculadas às categorias sociológicas de identidade e comunidade; (iii) demonstrar a transição dos tipos de sociabilidades existentes na Vila Olímpia para compreender a atual realidade social entre os moradores locais; e (iv) demonstrar formas de resistência ao modelo urbano neoliberal, pautadas em estratégias coletivas como fenômeno político.

Para dar validade à pesquisa propus algumas hipóteses norteadoras a serem comprovadas ou refutadas com o estudo realizado. Desta forma, suponho que: (i) São Paulo é uma metrópole pós-industrial de periferia, em que os efeitos do urbanismo neoliberal segregam e fragmentam o espaço e as relações sociais nele produzidas; (ii) a sociabilidade é um fenômeno social condicionado ao grau de pertencimento dos indivíduos (identidade) a um determinado grupo (comunidade), o que se verifica em diferentes intensidades nas escalas da metrópole, pois quanto menor a escala mais intensa a sociabilidade, quanto maior a escala menos intensa a sociabilidade; (iii) a transição dos três tipos de sociabilidades encontradas no bairro da Vila Olímpia demonstra um conflito socioespacial entre os moradores, tendo em vista a crise identitária que prioriza a superindividualidade e enfraquece as relações sociais; (iv) ao mesmo tempo em que o bairro da Vila Olímpia e as relações sociais nele existentes tendem a sucumbir frente ao modelo urbano neoliberal, verificam-se formas de resistência baseadas em estratégias coletivas como recurso político, representando o caráter criativamente contraditório deste modelo.

Esta tese está estruturada em quatro capítulos. No primeiro, procurei identificar a metrópole através do contexto da modernidade, determinando alguns momentos

importantes e os principais teóricos para facilitar o entendimento do objeto de estudo. Abordei também as Tipologias da Cidade com base na teoria de Saskia Sassen, para compreender qual a terminologia mais adequada para enquadrar São Paulo. Realizei uma breve análise de como se comporta esta cidade no século XXI, e para elevar a tese ao plano internacional, dialoguei São Paulo com Guangzhou, importante metrópole chinesa, para engrossar a discussão da urbanização neoliberal no plano cosmopolita.

No segundo capítulo, analisei a sociabilidade como um fenômeno social, tentando construir um conceito com base nas teorias de Simmel, Frúgoli Jr., e outros, aprofundando a discussão com as noções de identidade e comunidade. Além disso, foi importante compreender as dimensões e as escalas da metrópole como um constructo social, pois são nelas que ocorrem as diferentes formas de sociabilidades. Assim, analisei as escalas residencial, de bairro e do urbano, esta última permeada pelo estudo do local e do global na metrópole, demonstrando que em tempos de urbanização do globo e de globalização do urbano, ao contrário do que se pensa, o local não desapareceu, mas vem ganhando força.

No terceiro capítulo, inicialmente, elaborei uma breve contextualização da área de estudo para a melhor compreensão da transição e da mudança das sociabilidades. Em seguida, mergulhei na pesquisa realizada no bairro da Vila Olímpia, o que possibilitou desvendar três tipos de sociabilidades existentes no terreno em estudo: (i) a Sociabilidade I, de uma vida calma e tranquila; (ii) a Sociabilidade II, de uma vida moderna e dinâmica; (iii) e a Sociabilidade III, da vida contemporânea na nova centralidade. Através da reconstituição histórica e dos antigos modos de vida do bairro, dos resultados da análise das entrevistas em profundidade com antigos e novos moradores, e de um inventário fotográfico da atual urbanização do mesmo, pude compreender como se dá, atualmente, a dinâmica das interações sociais entre os moradores da área em estudo.

No quarto e último capítulo, com base na análise da “Turma do Beira Rio” e da Comunidade Coliseu, pude perceber verdadeiras vozes de resistência a todo esse processo avassalador ocasionado pelo urbanismo neoliberal que permeia o desenvolvimento de metrópoles como São Paulo, demonstrando que novas formas de sociabilidade estão surgindo através de estratégias coletivas como recurso político. Por fim, realizei breves considerações de como se darão as relações sociais no futuro, com base nas conjecturas levantadas durante a trajetória do estudo.

Assim, este estudo poderá contribuir para generalizar a teoria das cidades, com o intuito de compreender a relação entre as transformações urbanas e as recentes alterações no fenômeno sociabilidade. Portanto, que esta tese sirva como adubo para novas reflexões e ideias, que seja transformada, alterada e modificada para alimentar novas teorias acerca da sociologia urbana.

## **O PERCURSO METODOLÓGICO**

A área objeto de estudo desta tese foi escolhida para análise em razão de representar uma nova centralidade em São Paulo, centralidade que é na verdade, não um fato, mas um processo social, uma imposição espacial do poder econômico e político, caracterizada por uma intensa intervenção do capital privado associada aos investimentos públicos de infraestrutura, nos últimos anos, como as operações urbanas em seu entorno<sup>1</sup>.

A Vila Olímpia<sup>2</sup>, localizada no distrito do Itaim Bibi, pertencente à subprefeitura de Pinheiros, situada na região Sudoeste, atualmente uma das mais desenvolvidas da capital paulista, até meados do século XX foi uma área predominantemente residencial, e surgiu como um aglomerado de chácaras formadas em sua maioria por portugueses e seus descendentes.

A partir dos anos 1960 começaram as construções no bairro, as ruas de terra batida foram substituídas por asfalto, a energia elétrica se instalou de vez, a primeira igreja foi construída, mas o comércio (padaria, mercearia, vendinha) ainda surgia de acordo com as necessidades dos seus moradores. Nessa época, as chácaras já estavam sendo loteadas e os córregos em volta da região canalizados (Conceição, 2003).

Tais modificações contribuíram para a evolução histórica, social e urbana da região, caracterizando-se, atualmente, como um novo perfil de espaço urbano, completamente desconfigurado desde o seu surgimento, apresentando nítidas características de uma região urbanizada em decorrência “dos interesses privados do mercado imobiliário, fundiário e financeiro, atuando, primordialmente em benefício das elites dominantes e do capital, levando à perda do valor de uso da terra, à expulsão da

---

<sup>1</sup> Para maiores informações sobre o assunto ver: Bógus (2008); Fix (2007).

<sup>2</sup> Nesta tese, consideramos como Vila Olímpia a área formada pela Avenida dos Bandeirantes, Av. Santo Amaro, Av. Juscelino Kubitschek e Av. Nações Unidas.

população de baixa renda para a periferia e à consolidação de enclaves sociais” (Bógus, 2008: 126).

Caminhando pelas ruas da Vila Olímpia, facilmente se observa que as casas e sobrados que ainda existem, se não são utilizados para fins comerciais, foram e estão sendo substituídos por edifícios verticais luxuosos, por uma arquitetura de megaprojetos imobiliários para fins comerciais e edifícios corporativos, caracterizando o mais recente eixo de negócios da cidade. Conforme Fix (2007: 28), “a transformação de uma região pantanosa na área mais valorizada da cidade é, na verdade, um exemplo de criação da máquina imobiliária de crescimento”.

O mercado imobiliário na Vila Olímpia representa uma das expressões mais fortes do urbanismo neoliberal, tendo em vista que sob a lógica da cidade empreendedora, desumaniza o espaço urbano, sendo um dos principais fatores que altera as relações sociais entre os moradores do bairro. A cidade como mercadoria (Harvey, 1990; Vêras, 2000; Vainer, 2000) expressa os interesses globais do capital imobiliário que cada vez mais comercializa o espaço reproduzindo a segregação e a fragmentação como características inerentes a esta realidade.

A relação entre urbanização e sociabilidade na Vila Olímpia é relativamente nova para a literatura, pois não encontrei estudos ou informações mais concretas, principalmente sobre a origem, formação e desenvolvimento deste bairro paulistano, sendo pouco ou quase nada registrado em algumas fotos antigas, ou depoimentos de moradores sobre a região.

Desta forma, acredito que esta tese pode oferecer um importante contributo para a compreensão da relação entre o urbanismo neoliberal e as diferentes formas de sociabilidades detectadas na área pesquisada. Assim, a contribuição está na pesquisa do bairro, uma vez que há poucos registros concretos de informação sobre o mesmo.

Além disso, analisar fenômenos sociais como sociabilidade, metrópole e urbanismo neoliberal nesta área, especificamente, pode fazer emergir novas formas de interpretar a realidade na cidade, revelando o que está acontecendo agora nos demais bairros, cidades ou metrópoles ao redor do mundo.

Assim, os entraves encontrados ao longo da pesquisa foram relevantes para revelar o caráter inovador da tese, representando, portanto, não um desestímulo, mas sim, um forte desafio percorrido durante todo o trabalho, pois encontrei bastante dificuldade em obter qualquer tipo de informação precisa sobre o bairro estudado.



Observando a clareza e a coerência na exposição do pensamento, as ideias apresentadas nesta tese foram revestidas de originalidade para se atingir uma argumentação contundente e pertinente para o entendimento, discussão e interpretação do estudo, utilizando, também, uma metodologia qualitativa.

Vale ressaltar que como não há uma delimitação geográfica oficial da área em estudo, baseei-me em sua formação histórica e na identificação e reconhecimento dos seus moradores para considerar como bairro da Vila Olímpia a área formada pelas avenidas Santo Amaro, dos Bandeirantes, Nações Unidas e Juscelino Kubitschek.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE se baseia no setor censitário, menor unidade territorial, para coletar informações agregadas por distritos (conjunto de bairros), não apresentando dados específicos de cada bairro das unidades da federação, motivo pelo qual enfrentei desde o início da pesquisa grande dificuldade para detectar os aspectos socioeconômicos e demográficos específicos do bairro da Vila Olímpia.

Desta forma, identifiquei dentro do distrito do Itaim Bibi, quais os setores censitários da área que delimitei como bairro, e em seguida, somei os números de tipos de domicílios (apartamento ou casa), de moradores, da faixa etária, e das famílias mais densas de cada setor censitário para compor o bairro, o que me permitiu constatar contrastes sociais e urbanos que enriqueceram de forma significativa o estudo de campo.

Nesse sentido, o percurso de investigação foi longo, minucioso e pretendeu compor um repertório que abrangesse todas as indagações sobre o problema de pesquisa. Inicialmente, a investigação no Observatório das Metrópoles foi de suma importância para definir a abordagem metodológica para a pesquisa, assim como o campo a ser observado.

Após a definição da área de estudo, iniciei a análise dos indicadores da pesquisa; do levantamento bibliográfico e histórico-documental sobre o terreno; a verificação do enquadramento teórico; e a discussão sobre a metodologia aplicada.

O método escolhido para a pesquisa foi o estudo de caso, uma vez que, para a sociologia, é o mais apropriado para o estudo de bairro, não sendo meramente um guia para coleta de dados, pois contém uma interpretação completa e acurada, e se preocupa com a apresentação justa e rigorosa dos dados empíricos, contribuindo assim para a compreensão dos fenômenos individuais, organizacionais, sociais e políticos (Yin, 2001).

Este método surge do desejo de se compreender fenômenos sociais complexos como a questão da sociabilidade, permitindo preservar as características holísticas e significativas dos eventos da vida real, por exemplo, transformações ocorridas em regiões urbanas como a Vila Olímpia.

Segundo o autor acima, o estudo de caso é utilizado para traçar sequência de eventos interpessoais ao longo do tempo, descrever uma subcultura ainda não estudada, descobrir seus fenômenos-chave e generalizar valores que lidam com o desempenho individual, a estrutura de grupo e a estrutura social do espaço. Desta forma, vai além de um simples estudo descritivo de bairro, pois abre espaço na teoria para a interpretação de diferentes visões da realidade.

Este é o maior objetivo da pesquisa social, observar de maneira mais aberta possível para que se possa questionar sobre o que, por que e como são os fenômenos sociais, aproximando-se da tão almejada generalização científica. Isto porque, os estudos de caso são generalizáveis a proposições teóricas e não a populações ou universos, pois visam expandir e generalizar teorias (generalização analítica) e não apenas enumerar frequências (generalização estática), devendo a análise ser generalizante e não particularizante (*idem, ibidem*).

Assim, para conhecer a realidade social do bairro da Vila Olímpia, realizei várias incursões no campo, inserindo-me na localidade, o que me permitiu definir os objetivos da pesquisa e me aproximar do objeto de estudo, qual seja, analisar a sociabilidade na metrópole de São Paulo, e em particular no bairro da Vila Olímpia, como um fenômeno social que vem sendo remodelado pelas transformações oriundas do acelerado processo de urbanização neoliberal.

As técnicas de pesquisa histórica, de observação direta e de entrevistas foram fundamentais nesta investigação. Alguns procedimentos da observação participante (Whyte, 2005) foram essenciais para a elaboração da incursão no campo, tendo em vista que o processo investigativo foi longo, perdurando por dois anos, com estudos sobre o comportamento e ação dos antigos e novos moradores do bairro.

Além disso, era considerado um estranho no bairro, por desconhecer as teias de poder que marcaram e marcam a hierarquia social dos habitantes do local. Desta forma, tive que priorizar a interação entre pesquisador e pesquisado, pois ao mesmo tempo em que estava observando era observado.

Também foi de grande valor o levantamento e análise dos dados da pesquisa, como o registro experimental e documental que possibilitaram contatar personagens-

chave que ajudaram a evocar a evolução do terreno, alvo de análise, para orientar o estudo.

A pessoa de fundamental importância que serviu como intermediária, informante-chave, e que abriu as portas para a imersão no terreno foi a moradora Ana Lucia Teixeira, a qual é voluntária em uma escola pública do bairro, desenvolvendo projetos com o objetivo de resgatar a memória e a história da Vila Olímpia, além de patrocinar reclamações junto aos órgãos públicos visando a melhoria da qualidade de vida dos moradores do bairro.

O contato realizado com Ana partiu de um *e-mail* que enviei para várias bibliotecas municipais de São Paulo, com o intuito de saber se havia alguma publicação referente à história da Vila Olímpia. Dentre os bibliotecários que responderam o *e-mail*, a coordenadora da biblioteca Anne Frank<sup>3</sup> indicou Ana como a pessoa adequada para fornecer as informações necessárias.

Após contatá-la, agendei uma conversa na própria biblioteca em que pude apresentar a proposta da pesquisa e colher informações iniciais de uma moradora que nasceu e mora há quarenta e dois anos no bairro, e que trabalha para a manutenção da memória e da história da Vila Olímpia. Realizei a primeira entrevista em profundidade com a própria Ana, que também indicou outros moradores que poderiam contribuir com a pesquisa.

Foi também Ana quem me convidou para uma festa da “Turma do Beira Rio”, comunidade formada por antigos moradores do bairro a qual comemorou trinta anos de amizade<sup>4</sup>.

Outra colaboradora da pesquisa foi Mariana, moradora da região da Vila Olímpia, artista plástica envolvida com as questões sociais do bairro. Conheci Mariana em minhas andanças pelo campo, onde percebi a existência da Comunidade Coliseu, intrigante enclave social localizado na Rua Funchal.

Quando avistei a comunidade, achei muito curioso, pois está encravada na região mais próspera e desenvolvida do bairro, ao lado do JK Iguatemi, *shopping center* mais luxuoso da América Latina, e de condomínios verticais de alto luxo, de torres de

---

<sup>3</sup> A biblioteca Anne Frank está situada na Rua Cojuba, 45, Itaim Bibi, São Paulo, e é a biblioteca que atende a região da Vila Olímpia, onde são realizados encontros, palestras e atividades lúdicas, principalmente entre os alunos de escolas públicas do bairro.

<sup>4</sup> A festa da “Turma do Beira Rio” foi realizada na oficina mecânica Manolo, localizada na Rua Atilio Inocenti, 834, Vila Olímpia, no dia 03.10.2010, domingo, marcada para as 12h.

escritórios com uma arquitetura pós-moderna que abriga empresas multinacionais, principalmente do ramo tecnológico, de informática e de telecomunicações.

Este chocante contraste me chamou a atenção, o que me levou a fazer contato com Rosana, líder comunitária, que me apresentou Mariana, professora voluntária de educação artística para as crianças da comunidade, e que me ajudou a abrir os olhos para desvendar a profunda segregação social oriunda de um modelo urbano neoliberal que progressivamente se intensifica na Vila Olímpia.

Para compreender a realidade social do bairro, isto é, as relações sociais estabelecidas entre os moradores que habitam o local, realizei diversas incursões na Vila Olímpia e elaborei um roteiro com cinco perguntas como guia para as entrevistas em profundidade que efetuei com os moradores. Esse método facilitou o processo investigativo, pois é extremamente importante ao pesquisador saber o que perguntar e a hora de questionar o pesquisado, para melhor conduzir a entrevista, e obter as informações mais precisas da realidade.

As dezesseis entrevistas em profundidade foram realizadas com dois grupos de moradores<sup>5</sup>, sendo o lapso temporal de residência na área o diferencial para a análise das referidas entrevistas. Assim, baseado nas impressões empíricas sobre o perfil dos entrevistados dividi os mesmos entre antigos moradores (com no mínimo dez anos de residência no bairro), e novos moradores (com no máximo cinco anos de residência no bairro).

A pesquisa ficou restrita apenas aos moradores, pois o objetivo foi compreender as relações de sociabilidade entre os atores sociais do cotidiano, aqueles que dão vida ao bairro, e que se relacionam ou não entre si, e o porquê dessa prática, ou seja, quais os elementos sociais, políticos e econômicos que contribuem para a sociabilidade ou a falta dela.

O lapso temporal se justifica por um contexto histórico-social do bairro, pois a partir da década de 1980 (em que ainda havia a predominância de residências térreas horizontais), houve grandes intervenções urbanas na área, presenciadas por moradores da época como as Operações Urbanas Faria Lima. Atualmente, aponto como reflexo dessas transformações a expulsão dos antigos moradores, e a chegada de novos

---

<sup>5</sup> A escolha dos personagens para analisar as formas de sociabilidade na Vila Olímpia não exclui os demais atores sociais que direta ou indiretamente contribuem para compreensão deste processo como, por exemplo, aqueles que trabalham mas não moram no bairro.

moradores (em sua grande maioria vivendo em residências verticais recentes) principalmente por motivos profissionais.

Vale ressaltar que este período coincide com o fortalecimento das políticas urbanas neoliberais ao redor do mundo, oriundas do modelo Thatcher-Reagan (Peck; Tickell, 2002), que a partir da década de 1980, transforma a realidade social dos habitantes da cidade, sob a lógica da cidade mercadoria, em que o valor da terra determina os usos do espaço e as relações sociais.

Assim, a formação de uma nova centralidade impulsionada pelas forças do capital global de um urbanismo neoliberal seduz moradores que se sentem atraídos pelas modernas oportunidades de trabalho e de moradia no bairro, adequando-se de forma mais fácil a estilos de vida que priorizam a individualidade, o isolamento e a impessoalidade. Em contrapartida, os antigos moradores que ali vivem são excluídos desta nova realidade, tendo em vista a desigualdade econômica e o poder aquisitivo dos novos residentes.

Destaco, desde já, que foi mais fácil entrevistar moradores antigos dispostos a contribuir com a pesquisa, pelo fato de demonstrarem interesse e afeição ao bairro que moram, e se preocuparem com as relações de vizinhança e amizade entre os mesmos. Já os moradores novos, em sua maioria, não estavam dispostos a contribuir com a pesquisa por alegarem falta de tempo, por trabalharem bastante, e por não se demonstrarem interessados no bairro em que vivem, uma vez que a sua relação com o mesmo é estritamente profissional, ou seja, optaram morar no bairro por estarem perto do trabalho. Ao todo, realizei dezesseis entrevistas em profundidade, treze com moradores antigos e três com moradores novos.

A metodologia de pesquisa, através de uma abordagem sociológica, e da observação *in locu* da Vila Olímpia, ajudou a desvendar as contradições e as complexidades instauradas nesta nova centralidade de São Paulo, compreendendo os novos ritmos que a temporalidade urbana tem adquirido e seus consequentes impactos sobre a luta no e pelo espaço (Telles, 2006).

Por meio da abordagem da *rhythmanalysis* (Lefebvre, 1992, 2004), foi possível entender a dinâmica das relações de sociabilidade nesta nova centralidade, visto que me deparei não somente com transformações físicas na região estudada, mas, sobretudo, com modificações no desenvolvimento, no ritmo do espaço urbano e de seus indivíduos. As alterações no cotidiano, na fração do dia, nos horários, nos transportes, no dia e na noite, na velocidade, são exemplos dessa transformação.

A “ritmanálise” permitiu delimitar, portanto, os ritmos do bairro e das pessoas no bairro, facilitando o entendimento de como uns e outros se entrelaçam, através do modo como organizam seus ritmos, influenciando a maneira como interagem socialmente entre si (Fortuna, 2009).

Ainda quanto ao percurso metodológico, realizei incursões sistemáticas na área, de várias formas: a pé, de carro, de ônibus, de trem e de metrô. Devido à deficiência dos meios de transporte coletivos como trem e metrô, optei pelo ônibus como a condução mais adequada para me transportar de minha residência<sup>6</sup> até o terreno em estudo, o que, sem trânsito, levava cerca de trinta minutos para chegar ao bairro, uma distância relativamente pequena para a cidade de São Paulo.

Em relação ao recolhimento do material documental e informativo sobre o bairro e sua evolução urbano-social, fiz um minucioso levantamento nos seguintes órgãos públicos: Empresa Municipal de Urbanismo (EMURB); Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); Departamento de Patrimônio Histórico (DPH); Museu da Cidade de São Paulo; Fundação Sistema Estadual de Análise de dados (SEADE); Arquivo Público do Estado de São Paulo; Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano (EMPLASA); Empresa Brasileira de Estudos de Patrimônio (EMBRAESP); Prefeitura do Município de São Paulo e Subprefeitura de Pinheiros; Companhia de Engenharia de Tráfego (CET); Secretaria Municipal de Planejamento (SEMPLA); Secretaria Municipal de Habitação (SEHAB); Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS).

Para me aprofundar na bibliografia sobre a área em estudo, visitei a Biblioteca Mário de Andrade; as bibliotecas da Faculdade de Urbanismo (FAU), e da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), ambas da Universidade de São Paulo (USP); a biblioteca Nadir Gouvêa Kfourri da PUC-SP; a biblioteca da Faculdade de Belas Artes; a biblioteca Anne Frank, e a biblioteca do Centro Cultural São Paulo (CCSP).

No plano internacional, tive acesso ao acervo das bibliotecas da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, do Centro de Estudos Sociais em Coimbra, do Instituto Universitário de Lisboa, da Universidade de Quebec em Montreal, além das pesquisas nas bibliotecas *on-line* da Florida International University, Berkeley

---

<sup>6</sup> Desde que mudei para São Paulo até a presente data, moro na Rua Cerro Corá, 177, no bairro Vila Romana, na Zona Oeste da capital paulista.

University, University of Chicago, e na London School of Economics como forma de condensar uma literatura mais atual sobre o problema estudado.

Vale ressaltar que no decorrer da realização da pesquisa e da escrita da tese, participei de Congressos e Seminários Nacionais e Internacionais, apresentando trabalhos e publicando artigos científicos em periódicos relacionados com este estudo, como o Colóquio Metrópole das Américas em Montreal, no Canadá; a Segunda Conferência Internacional de Jovens Cientistas Urbanos, em Lisboa; a Revista Ponto e Vírgula de Ciências Sociais da PUC-SP, contribuindo também para o amadurecimento dos assuntos abordados neste trabalho.

Sobre as visitas na área de estudo, vale evidenciar as realizadas nos espaços de sociabilidade identificados no decorrer da pesquisa, como a lanchonete Lanches Amazonenses<sup>7</sup>, o Clube de Bocha<sup>8</sup>, o Parque do Povo<sup>9</sup>, e alguns cafés. Em decorrência das entrevistas com os moradores locais, estes, quando questionados sobre lugares de lazer e descontração que frequentam na Vila Olímpia, ressaltaram tais espaços como locais de produção de diferentes sociabilidades e interações sociais, pois representam a dinâmica das formas de sociabilidades produzidas atualmente no bairro, ora segregativa, ora favorecendo o encontro, ora excluindo o outro, ora tentando priorizar o coletivo.

Além disso, tive a grata oportunidade de participar de uma festa da “Turma do Beira Rio”, formada por antigos moradores da Vila Olímpia, os quais se reuniram em uma oficina mecânica cedida gentilmente por um morador do bairro, integrante da “Turma”. Nesse evento, o grupo comemorou trinta anos de amizade, em que vários membros, em sua maioria, antigos e ex-moradores da área em estudo, se reuniram para celebrar a amizade, configurando um importante evento que reflete uma forma de resistência à ameaça de desaparecimento de uma das formas de sociabilidade perante o modelo urbano neoliberal que assola o bairro.

Todo esse percurso metodológico repercutiu no que diz respeito a minha forma de ver e sentir a cidade. Paralelamente à escrita desta tese, experimentei transformações internas, pessoais e exclusivas, em que algumas das minhas relações sociais se desestabilizaram e outras se desmistificaram demonstrando que a dinâmica do processo

---

<sup>7</sup> Lanchonete localizada na Rua Clodomiro Amazonas, 1393, Vila Olímpia, representando um importante ponto de encontro entre os moradores da região, sobretudo, aos finais de semana, em que se reúnem para almoçar, tomar cerveja e conversar.

<sup>8</sup> O Clube de Bocha faz parte do Centro Desportivo Municipal da Vila Olímpia e está localizado na Rua Helion Póvoa, 126, sendo um importante ponto de encontro, principalmente entre os moradores idosos da região que praticam Bocha como esporte e como meio de lazer.

<sup>9</sup> O Parque do Povo localiza-se entre a Av. Cidade Jardim, Av. Nações Unidas e Rua Henrique Chamma.

de interação social não é algo dado, mas simultaneamente construído e destruído, o que consubstancia a dialética da vida em sociedade.

Como forma de ficar mais próximo do campo em estudo, também me servi de ferramentas tecnológicas como *sites* e *blogs* sobre o bairro, redes sociais na internet e aplicativos para *smartphone* que favoreceram o encontro com pessoas e informações essenciais para corroborar as experiências vividas durante a pesquisa, contribuindo para desconstruir o certo e o errado, o velho e o novo, a verdade absoluta dos meus valores hierarquizados que eu achava que eram incontestáveis.

Na prática, os encontros me geraram um emprego da Universidade Anhembi Morumbi, no próprio bairro da Vila Olímpia; possibilitaram fazer novas amizades com pessoas como a Mirian, uma jornalista que está escrevendo um livro sobre o bairro, além dos inúmeros encontros que tive com os aplicativos de *chat* ou bate-papo, para ficar mais próximo das pessoas, do bairro e da cidade.

Na medida em que transformações pessoais de âmbito físico e psicológico iam acontecendo na minha vida e em mim, desestabilizavam as ideias preconcebidas que eu tinha sobre a realidade, ocasionando profundas reflexões na tese, o que possibilitou relativizar a minha visão sobre as teorias da cidade.

Ao mesmo tempo em que escrevia estas linhas, sentia desejos contraditórios sobre o que defendia, pois ora me sentia sozinho, imerso em meio ao turbilhão urbano que é São Paulo, ora construía novas amizades; ora estava satisfeito em compartilhar uma casa com uma antiga amiga, ora almejava morar sozinho; ora sentia vontade de caminhar pela cidade, ora sentia medo de sair à rua; ora priorizava conhecer pessoas através do contato físico face a face, ora mergulhava no mundo virtual.

Confesso que na maioria das vezes senti-me muito só escrevendo uma tese sobre sociabilidade urbana. Em alguns momentos ora era o pesquisador, ora era o pesquisado, um migrante morando numa cidade fria e individualista como São Paulo, mas que no fundo procurava olhar para algo novo, diferente. Alguns personagens em mim surgiram ao longo da pesquisa, o eu, o outro, o anônimo, o estranho, o estrangeiro e o paulistano, todos em um complexo cenário urbano.

Entre manhãs frias e secas de inverno escuro, e tardes quentes e desertas de verão, tentei perceber o bairro da Vila Olímpia por trás dos muros, além do jardim de concreto de uma selva de pedras construída com a “força da grana que ergue e destrói coisas belas”, que vem alterando significativamente a paisagem urbana e as formas de



interação social. Um bairro em que o barulho não dorme, formado por um mosaico de contradições e inquietações do corpo e da alma.

A cidade que abracei, em nome da pesquisa, me proporcionou diferentes sensações e experiências. A vontade de me (des)conhecer para me (des)encontrar na cidade do caos contribuiu para o amadurecimento das ideias defendidas nesta tese, o que me ajudou a compreender um pouco mais sobre o fenômeno social da sociabilidade e a sua relação com o modelo urbano neoliberal.

## CAPÍTULO 1: A METRÓPOLE COMO OBJETO DE ESTUDO

Para facilitar a compreensão da teoria sobre a metrópole, abordamos dois tempos: o primeiro momento, com o início do século XX até meados de 1930; e o segundo, de 1960 até os dias de hoje. Esse recorte temporal é útil para caracterizar as teorias que se desenvolveram sobre a metrópole, destacando-se as análises da Sociologia Urbana, as quais tentaremos demonstrar nesta tese. Assim, antes de passar para a análise do primeiro momento, é importante que o conceito de modernidade<sup>10</sup> seja elucidado, ainda que brevemente, uma vez que contribui incisivamente para a caracterização da metrópole moderna, possibilitando a construção do objeto de estudo.

Entendemos a modernidade como um tempo histórico, um projeto de sociedade ou um paradigma de conhecimento, caracterizado por um novo modo de produção, repercutindo em uma organização sociopolítica específica, traduzindo-se em uma nova cultura<sup>11</sup>.

O marco da modernidade coincide com a Revolução Inglesa, deflagrada no final do século XVIII e início do século XIX, em que se verifica um significativo desenvolvimento de um novo modo de produção, o sistema capitalista. Destaca-se o aumento de riqueza, a formação de duas novas grandes classes sociais (burguesia X proletariado), o fomento da ideia de progresso/evolução, assim como, da ciência e da tecnologia e, especialmente, o surgimento e criação da metrópole moderna, categoria basilar dos estudos urbanos.

Ainda como contextualização, pode-se ressaltar a Revolução Francesa, ocorrida no mesmo período, que destruiu as hierarquias tradicionais, fomentou a ideia de igualdade, liberdade e fraternidade, promoveu a participação política das classes populares, e criou um Estado Moderno com a centralidade do poder.

Nesse sentido, a modernidade gera um processo de secularização do mundo, separando a Igreja do Estado, trazendo à tona o ideal de liberdade em uma sociedade antropocêntrica, em que o homem é o centro de tudo, diferentemente da sociedade teocêntrica, em que Deus é o centro de todas as coisas.

---

<sup>10</sup> “O projecto socio-cultural da modernidade constituiu-se entre o século XVI e finais do século XVIII. Só a partir daí se inicia verdadeiramente o teste do seu cumprimento histórico e esse momento coincide com a emergência do capitalismo enquanto modo de produção dominante nos países da Europa que integraram a primeira grande onda da industrialização.” (Santos, 1998: 05).

<sup>11</sup> Sobre metrópole e modernidade existe uma vasta literatura. Dentre outros, Marshall Berman (1986) compila uma interessante bibliografia sobre o assunto.

Vale ressaltar que essas duas grandes revoluções surgem nas propostas do Iluminismo, determinando que o homem é um ser dotado de razão, e tem a capacidade de construir sua vida, sua história e sua realidade, buscando o conhecimento da razão do mundo, o seu controle e a previsibilidade do futuro.

Sob este aspecto, destacamos dois tipos de razão (Weber, 1991): a instrumental, em que se buscariam os meios para se atingir os fins (os meios foram buscados pela ciência e a ciência pela tecnologia); e a substantiva, em que se atingiriam os fins da modernidade (liberdade, igualdade e fraternidade).

Dessa forma, entendemos que a modernidade passou a se tornar um projeto da racionalidade instrumental, na qual só se aceitava a ciência como verdade, negando-se a filosofia e a religião, por exemplo. A ordem passou a ser mantida e dominada pelos empresários e cientistas para se alcançar o progresso.

Esse pensamento se comunica com o conceito de Habermas (1992) sobre modernidade como um projeto inacabado, tendo em vista que os meios foram buscados, sobretudo, na ciência como instrumento, na razão, na técnica, através da racionalidade instrumental, porém, até hoje, sabemos que os fins deste projeto, dentre outros, aqueles ideais da Revolução Francesa, não foram totalmente alcançados.

Dialogando com a noção de racionalidade, Weber (1999) entende que a formação da sociedade moderna burocratizou nossas ações, tornando-se monótona e repetitiva, pois a racionalidade moderna desencantou o mundo. Na mesma linha, segundo Touraine (2002: 18): “A ideia de modernidade está, portanto, estreitamente associada à da racionalização. Renunciar a uma é rejeitar a outra”.

A modernidade nasce de uma necessidade histórica de se explicar os rumos da sociedade da época. Entretanto, ressaltamos que sua proposta é contraditória, pois é concomitantemente democrática e autoritária, ou seja, ao mesmo tempo em que inclui, também exclui.

É o que entende Berman (1986) ao considerar a modernidade como um conjunto de experiências vitais em um ambiente contraditório, sustentando um paradoxo: a modernidade une e desune a espécie humana. Para ele, a vida moderna é radicalmente contraditória na sua base.

Podemos elucidar esse paradoxo da modernidade<sup>12</sup> pela análise de duas categorias básicas, quais sejam: metrópole e individualidade. A primeira, por ser fruto

---

<sup>12</sup> Ressaltamos ainda como exemplo de contradições da modernidade a ideia de Bauman (2007), em que sustenta a Modernidade Líquida, ao contrário do projeto sólido de modernidade, posto que ao mesmo

da razão, do pensamento racional, do dinheiro, das trocas mercantis, possibilita a existência da segunda. O dinheiro passa a nivelar tudo e todos e impõe uma significativa impessoalidade nas relações humanas, determinando o desenrolar das relações sociais na cidade.

No início do século XX, Simmel (1998a), detentor desta análise, é um dos teóricos que compõe o nosso primeiro momento de reflexão da metrópole como objeto de estudo, pois ao relacioná-la com o dinheiro, entendeu que estas duas variáveis juntas produzem o aumento da individualização e da impessoalidade, uma vez que a impessoalidade do dinheiro é uma das principais causas da impessoalidade das relações sociais na metrópole – entendimento com o qual concordamos e fundamentamos o nosso estudo.

O dinheiro, no ponto de vista simmeliano, é uma barreira para as pessoas se relacionarem entre si, já que deteriora as relações de nível primário (os vínculos, a solidariedade, a familiaridade), e acentua as relações a um nível secundário, gerando valores abstratos como a pontualidade, a impessoalidade, a calculabilidade, o anonimato.

O homem racional é indiferente à personalidade. O dinheiro põe em destaque aquilo que é comum, o valor de troca, e reduz a um nível puramente quantitativo tudo o que é qualitativo e individual. As relações racionais entre as pessoas se convertem em números, tratam-se como elementos. A forma de vida na metrópole é o terreno que melhor alimenta esta interação entre a economia monetária e o domínio do intelecto.

Além de Georg Simmel, outros teóricos compartilham deste entendimento, como Max Weber, Walter Benjamin, e posteriormente, os da Escola Sociológica de Chicago. Preocupados com os problemas urbanos, como uma das questões referentes à vida moderna na metrópole, abordavam como terreno de estudo as grandes metrópoles europeias e americanas como Londres, Manchester, Paris, Chicago e Nova York. A vida, portanto, passa a ser pautada na individualidade, no individualismo<sup>13</sup> exacerbado, onde a própria diferença se torna banal.

A banalização da diferença ou a própria indiferença, fruto do exercício do individualismo, caracterizada por uma relação ambígua entre a proximidade corporal e o

---

tempo em que ela constrói, também destrói. Para este sociólogo, a razão volta-se a si mesma, ou seja, contra aqueles que se utilizam da razão (*Idem*, 1999). Deste mesmo pensamento, filiam-se Beck, Giddens e Lash (1997) com a “Modernidade Reflexiva”; Schumpeter (1982) com a “Lógica da destruição criadora” e Dupuy (1980), com a ideia de “contraproduktividade”, dentre outros.

<sup>13</sup> Sobre o individualismo, Simmel (1998b) distingue duas espécies: o quantitativo (liberdade individual iluminista) e o qualitativo (associado ao romantismo, ênfase na distinção e na diferença).

distanciamento espiritual, produz como consequência a impessoalidade. O estilo de vida metropolitano, nesse período, é personificado, então, por um comportamento *blasé* (Simmel, 1987). Observamos, assim, um dos exemplos da contraditoriedade da metrópole, tendo em vista que o indivíduo passa a preservar a sua autonomia/individualidade frente aos problemas metropolitanos da vida moderna.

Essa atitude *blasé*, segundo Simmel, é um fenômeno psíquico incondicionalmente reservado à metrópole. É o resultado dos estímulos nervosos que, em acelerada mudança, emergem com todos os seus contrastes e dos quais a intensificação da racionalidade metropolitana parece resultar.

Acreditamos que a essência da atitude *blasé* encontra-se na indiferença perante as distinções entre as coisas, não que as coisas não sejam percebidas, mas passam a ser insignificantes na modernidade. A metrópole, no início do século XX, é o cenário particular da atitude *blasé*. Para esse sociólogo alemão, o problema da modernidade está no indivíduo por preservar a autonomia e a individualidade.

Marcos (1991: 110) constata que diante do:

(...) contínuo e intolerável bombardeio de seus receptores físicos e mentais o indivíduo perde a pouca capacidade de responder e adota uma atitude de discriminar entre os múltiplos estímulos do meio, de discernir o essencial do supérfluo, a realidade da ficção. Os cidadãos apresentam-se (...) em estado de despersonalização que se manifesta em indiferença. Nesta confusão o que resulta é o autismo social, a alienação do indivíduo e o seu estranhamento de si e dos outros.

Percebemos assim que a cidade moderna interfere no modo de vida urbano desse indivíduo *blasé*, transformando suas vivências reais em ilusórias e remotas, como se a sua essência humana parecesse menos real, como na ficção.

Essa atitude *blasé* de Simmel contrasta ainda com o homem *flâneur* de Walter Benjamin que, baseado na obra de Charles Baudelaire (1952), identifica uma personagem que perambula pelas ruas de Paris com o objetivo de olhar a cidade, com a capacidade de zanzar pela multidão e desvendar os fenômenos causados pela modernidade. O *flâneur* é como se fosse uma personagem (Benjamin, 1991) que caminha à vontade pela cidade, no meio da multidão, mas que não se confunde com ela, pois consegue ser ator e espectador ao mesmo tempo no espaço urbano.

Enquanto o indivíduo *blasé* é indiferente, entediado, insensível, o *flâneur* opõe-se a este, experimentando o ar da cidade através de seus passeios, suas observações da e na cidade, destacando os problemas que nela existem, por meio do conhecimento e experimentação/vivência sendo, portanto, fruto da modernidade (Benjamin, 1975).

De fato, estas personagens são visivelmente detectadas nas metrópoles ao redor do mundo, inclusive em São Paulo, tendo em vista o acelerado e descontrolado processo de metropolização do espaço urbano, sobretudo, em bairros como a Vila Olímpia, que vem sofrendo intensas transformações urbanas, reestruturando as relações sociais entre seus moradores, o que tentaremos demonstrar com a pesquisa disposta no terceiro capítulo deste trabalho.

Ainda quanto à individualidade, percebemos que ela existe se confrontada com o coletivo, com a comunidade<sup>14</sup>. Entretanto, atualmente, permanece a partir da noção de subjetividade, ou seja, o indivíduo tem a possibilidade de fazer a sua história, adotar o seu modo de vida, lutar pelos seus ideais.

Assim, acreditamos que a modernidade inaugura um novo estilo de vida, alterando a estrutura social, ou seja, as interações dos grupos sociais e, conseqüentemente, a própria sociedade. A metrópole moderna torna-se um empreendimento dispendioso e difícil “que implica não só modificações por vezes totais do quadro construído, mas ainda transformações sociais radicais” (Beaujeu-Garnier, 1997: 348).

A sociedade é um organismo constituído pela realidade social, pelas relações ou interações sociais, e não um conceito dado e estático. A sociedade moderna, contudo, é reflexo das alterações da realidade social, influenciada por novas interações sociais do estilo de vida na metrópole.

De acordo com Durkheim (2008), este organismo é marcado por uma intensa divisão social do trabalho, por indivíduos mais heterogêneos, por um afrouxamento ou inexistência da consciência coletiva, e por uma solidariedade orgânica<sup>15</sup>, formada por partes e funções autônomas e interdependentes. Assim, a sociedade é formada por indivíduos que não se pertencem e que, portanto, agem conforme a realidade social, são elementos do conjunto, nascem com a própria sociedade, sendo uma coisa da qual a mesma dispõe.

---

<sup>14</sup> Bauman (2000) entende que ao contrário da individualidade, a ideia de comunidade reporta ao fato de ajudar o próximo sem obter algo em troca, onde valores como liberdade e segurança são garantidos, apesar de serem ao mesmo tempo complementares e incompatíveis. Sobre a noção de comunidade, aprofundaremos o assunto no segundo capítulo desta tese.

<sup>15</sup> Para Durkheim (2008), a solidariedade mantém a sociedade, podendo ser classificada em solidariedade orgânica e solidariedade mecânica. Aquela entende a sociedade como um organismo vivo, formada por partes, isto é, por funções que são autônomas e interdependentes. Nestas sociedades os interesses sociais são distintos e a consciência de cada indivíduo é mais acentuada. Já na solidariedade mecânica os indivíduos são dependentes entre si, formando um clã, uma coesão social própria das sociedades ditas primitivas ou tribais.

Em contrapartida, Simmel (1983) entende a sociedade através da interação (impulsos e propósitos do ser humano) entre os indivíduos, pois é um complexo de indivíduos socializados, é uma rede empírica de relações humanas operativa em um dado tempo e espaço. Esta noção de sociedade, da qual nos filiamos, comunica-se com a ideia de Weber (2002), que a compreende a partir do conjunto das ações individuais, isto é, das ações do indivíduo com o outro.

Na mesma linha de pensamento, Elias (1994) afirma que os indivíduos formam a sociedade, sendo esta uma “sociedade dos indivíduos”, visto que para este sociólogo, nem a sociedade nem o indivíduo existem sem o outro, ambos coexistem, sendo o homem um ser social.

Todas essas concepções são importantes para compreendermos que a modernidade impulsionou diversas interpretações a respeito do que é sociedade, discussão anteriormente insignificante, e que só veio à tona com o surgimento da Sociologia como ciência, a partir do advento da modernidade.

Retomar essas discussões no momento atual é de extrema importância para nos ajudar a compreender a realidade social contemporânea. Este talvez seja o maior desafio desta tese, relativizar as teorias para desestabilizar algo posto, algo dogmático, habitual e tradicional, para então compreendermos a relação entre as transformações urbanas e a sociabilidade no presente.

Tomando a cidade como palco das interações, da construção, dos encontros e desencontros das sociações entre os indivíduos, é nela que a dinâmica das várias formas de vida está em permanente construção e desconstrução, bem como, as identidades.

A metrópole moderna transforma as relações sociais no meio urbano, na medida em que determina novas formas de vida, de produção e de interação social. A metrópole enquanto cultura trouxe um novo modo urbano de se viver, de se morar, de trabalhar, de participar de espaços de formação de interações e de relações sociais.

Atualmente, sobretudo, com a influência do modelo urbano neoliberal respaldado na tecnologia e no mercado imobiliário, as transformações urbanas reestruturam de forma significativa as relações sociais no espaço urbano. Assim, tentaremos demonstrar como isso vem ocorrendo entre os moradores do bairro da Vila Olímpia, em São Paulo.

Ainda, no primeiro momento da trajetória da metrópole como objeto de estudo, destacamos o surgimento da Escola de Chicago<sup>16</sup>, que juntamente com os clássicos anteriormente ressaltados, formaram as primeiras teorias sociológicas sobre os estudos urbanos.

Os teóricos americanos mais expressivos de Chicago como Park, Wirth e Burgess, por exemplo, partilharam do mesmo pensamento dos sociólogos clássicos, entretanto, partiram do princípio de que o urbanismo molda e define o comportamento das pessoas e, portanto, acaba afetando a vida humana na cidade.

As cidades norte-americanas como Chicago, Washington e Nova York passam a fazer parte do cenário dos estudos urbanos, em decorrência da forte industrialização e desenvolvimento no início do século XX, nos principais centros urbanos dos Estados Unidos.

A partir da década de 1920, estudiosos da Universidade de Chicago, influenciados pela visão modernista de cidade, apresentam sua perspectiva frente aos estudos urbanos, qual seja: a cidade é um todo unificado, considerada como um sistema regional coerente em que o centro organiza todo o território em seu redor (McKenzie, Park e Burgess, 1967).

Nesse sentido, a principal característica desta Escola são os anéis ou as zonas concêntricas do crescimento urbano, tendo em vista que a cidade cresce em torno de um eixo central, e toda a área expandida se comunica e se relaciona com este núcleo central. Sendo assim, o centro da cidade é que organiza as suas “periferias”<sup>17</sup>.

Um dos principais expoentes desta Escola foi Louis Wirth, sociólogo que estudou o urbanismo como uma forma de organização social que interfere na cultura, tendo em vista alterar o modo de vida dos habitantes da cidade, contribuindo de maneira significativa para a teoria social do espaço urbano.

---

<sup>16</sup> A Escola de Chicago nasceu no início do século XX, na Universidade de Chicago, nos Estados Unidos, com o objetivo de elaborar pesquisa sociológica centrada exclusivamente no fenômeno urbano. Precursora da Sociologia norte-americana, esta Escola desloca os estudos urbanos da Europa para os Estados Unidos, concentrando-se no urbanismo como um novo modo de se viver na cidade, sendo a sociedade considerada como um conjunto de órgãos, baseada nas teorias da sociologia clássica, como a de Durkheim.

<sup>17</sup> Esta noção de periferia é aquela da sociologia norte-americana que considera como tal as áreas afastadas do centro da cidade, ou seja, as áreas do *suburbia* americano como um núcleo urbano localizado nos arredores do núcleo metropolitano central, onde geralmente vivem famílias mais abastadas, o que difere da noção de periferia para a sociologia urbana brasileira, por exemplo, que entende ser sinônimo de área degradada, sem infraestrutura urbana adequada, como as favelas, consideradas regiões suburbanas da cidade. Sobre o assunto, ver: Sampaio (1995).



Para Wirth (1997), a modernidade é marcada pelo crescimento das grandes cidades, e entende o urbanismo não só como a entidade física da cidade, mas como a acentuação cumulativa das características distintivas do modo de vida associado ao crescimento das cidades. Afirma que quanto maior, mais densamente habitada e mais heterogênea for uma comunidade, mais acentuadas são as características urbanas que apresenta.

Assim, concordamos que a cidade, por conseguinte, passa a ser um mosaico de mundos sociais, e a metrópole moderna inaugura um novo estilo de vida, pautado no urbanismo, apresentado como um complexo de caracteres que formam o modo de vida tipicamente urbano e metropolitano.

Este “fenômeno urbano”, segundo Velho e Machado (1977), considerado um estilo de vida associado às formas de organização industrial da produção, é conduzido, inevitavelmente, pelo individualismo e pela impessoalidade, uma vez que a sociedade urbana desvincula seus componentes de laços e obrigações de natureza pessoal, contribuindo para uma visão de mundo inteiramente individualista.

Sobre este aspecto, Park (1967: 49) entendia a cidade como um lugar onde as “relações humanas tendem a ser impessoais e racionais, definidas em termos de interesse e em termos de dinheiro, é num sentido bem real um laboratório para a investigação do comportamento coletivo”.

Para este sociólogo norte-americano, o homem da cidade teria sido influenciado por um estilo de vida individual, sobretudo, em decorrência dos transportes, das comunicações e da segregação urbana, em que se multiplicaram as oportunidades de contato e associações, tornando-os mais transitórios e menos instáveis. Logo, entende que “os processos de segregação estabelecem distâncias morais que fazem da cidade um mosaico de pequenos mundos que se tocam, mas não se interpenetram” (*idem, ibidem*: 67).

De todo o modo, todas estas teorias foram úteis para compreender a realidade social da sua época. Entretanto, revisitá-las pode nos fornecer pistas para compreender a problematização mais recente acerca da sociabilidade na metrópole, em um momento onde o processo de urbanização neoliberal materializado na apropriação da cidade por interesses empresariais globais altera de maneira contundente a sociabilidade no espaço urbano.

Este é, contudo, o primeiro recorte temporal desta tese, estruturado nas teorias clássicas de Simmel e Benjamin, e na Escola de Chicago, cuja visão se restringia em analisar a vida na metrópole ocidental de países desenvolvidos.

Após a II Guerra Mundial e, mais precisamente, a partir da década de 1960, experimenta-se uma mudança teórica que influencia os interesses da pesquisa urbana, entre eles os problemas urbanos e a questão do desenvolvimento e o crescimento das cidades.

Uma nova compreensão dos estudos urbanos inaugura o segundo momento de análise da metrópole como objeto de estudo, apresentando-se como um novo paradigma, pois o olhar passa para dentro da vida das metrópoles, com o intuito de desvendar os problemas sociais e urbanos não só das cidades de países desenvolvidos, como também de países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, como os da América Latina, na tentativa de se expandir a análise crítica da Sociologia Urbana.

Destacam-se, então, os urbanistas da Escola Francesa de Sociologia que passam a encarar as questões urbanas como processos inerentes às contradições capitalistas que se manifestam na cidade. Autores como Henri Lefebvre, Manuel Castells e Jean Lojkin compreendem o urbano como o espaço socialmente produzido – entendimento do qual compartilhamos – e propõem novos marcos teóricos para a renovação da reflexão sobre as cidades.

Esses autores, dialogando com as teorias do chamado “estruturalismo marxista”<sup>18</sup>, entendem o espaço urbano como um processo econômico-político e recolocam o tema da cidade como reflexo da estrutura social, denunciando:

(...) a raiz dos problemas urbanos na propriedade privada do solo urbano, na desigualdade de acesso aos equipamentos, aos serviços urbanos, à habitação tratada como mercadoria e inacessível às camadas de menores rendimentos, na existência de bairros populares e extensas periferias desocupadas. Os problemas urbanos eram identificados também pelos congestionamentos de trânsito, pelos obstáculos à circulação, excesso de veículos, população, mendicância (Véras, 2000: 16).

Qualquer semelhança com a metrópole de São Paulo não é mera coincidência, pois os interesses globais do capital imobiliário tomam a cidade como mercadoria e cada vez mais comercializam o espaço urbano reproduzindo a segregação e a

---

<sup>18</sup> Karl Marx entendia que as estruturas sociais determinam tudo o que acontece em sociedade, seja em relação aos fenômenos coletivos ou em relação ao indivíduo. Para fundamentar esta ideia, Marx se baseou na “consciência de classe” (pensamento burguês X pensamento proletariado), apontando que o burguês pensava como burguês e o proletário pensava como proletário, corroborando, assim, a compreensão de que a classe, como estrutura social, determina as coisas em sociedade (Althusser, 1967).

fragmentação como características inerentes a esta realidade. O bairro da Vila Olímpia é um exemplo desse processo.

Na mesma direção, Henri Lefebvre parte do processo de industrialização para explicar a problemática urbana afirmando ser esse o motivo maior para a transformação da sociedade há mais de um século, sendo o que induz e o que caracteriza a sociedade moderna (Lefebvre, 1962, 1968).

A sociedade urbana definida por esse sociólogo francês é fruto de uma realidade social complexa, influenciada pelo modo de produção capitalista, onde a contradição fundamental da metrópole está entre o valor de uso e o valor de troca. Contudo, sua reflexão teórica concentra-se em redefinir as formas, funções e estruturas da cidade (econômicas, políticas, culturais etc.), além das necessidades sociais inerentes à sociedade urbana para elucidar o que ele chama de um *Droit à la ville* (Lefebvre, 1968).

Adicionalmente, Manuel Castells (1983), um dos principais expoentes dos urbanistas franceses, através de sua visão estruturalista, entende a cidade como uma estrutura urbana subordinada e ligada ao processo de reprodução coletiva da força de trabalho.

Vale lembrar que a compreensão de Castells se restringiu à noção de cidade capitalista, sendo aquela que reúne indústria, comércio e aglomeração das forças de trabalho, ou seja, o espaço da reprodução capitalista, onde os problemas urbanos são frutos de uma relação social desigual. Em dado momento, esta ideia foi suficiente para se analisar a estrutura urbana proposta pelo autor, entretanto, acreditamos que não é mais satisfatória, se analisarmos as atuais relações sociais em metrópoles tão complexas como São Paulo.

Castells (1983) também compreende os problemas urbanos como uma questão política. Neste sentido, desenvolve teorias sobre planejamento urbano e analisa o movimento social urbano oriundo da luta de classes na cidade, como um processo de resistência, dando forma à própria política urbana.

Por sua vez, Lojkin (1979) sugere um conceito mais elaborado sobre cidade, baseado no Estado e na urbanização capitalista. Para este autor, o espaço urbano é parte da sociedade capitalista, em que a produção deste espaço é fruto da coletividade, porém, o seu consumo é para algumas classes sociais.

Aquilo que vai caracterizar duplamente a cidade capitalista é: a) a concentração crescente dos “meios de consumo coletivos” que vão, pouco a pouco, criar um modo de vida, necessidades sociais novas – o que se pôde chamar de “civilização urbana”; b) o modo de aglomeração específico do conjunto de meios de reprodução (do capital e da força de trabalho) que vai se tornar uma condição cada vez mais determinante do desenvolvimento econômico (Lojkine, 1979: 18).

Assim, relaciona a urbanização com o Estado afirmando ser uma forma desenvolvida da divisão social do trabalho, um dos determinantes fundamentais do próprio Estado. Portanto, este deve ser analisado levando em consideração o urbano como um componente-chave para que, em seguida, se entenda a política (*idem*, 1997).

A crítica que levantamos às ideias de Lojkine é sobre a dimensão espacial, pois não esclarece de fato o papel do espaço social, apenas coloca-o como algo determinado, construído para suprir necessidades econômicas.

Aglutinando esses teóricos, entendemos que a cidade passa a ser um espaço subordinado à estrutura social, porque as trocas, as relações e as práticas humanas que formam a sociedade acabam interferindo no espaço social. Este espaço é o “espaço social do capital, das lutas políticas entre países soberanos e não-soberanos, classes sociais e assim por diante” (Véras, 2000: 67).

Sobre os teóricos do estruturalismo marxista, concordamos com a observação da professora Maura Véras ao afirmar que:

(...) embora aprofundando muito mais a análise do urbano do que as teorias neo-clássicas, o referencial marxista, na sua leitura estruturalista dos anos 70, não consegue explicar o concreto de determinado espaço, e mesmo do cotidiano de viver a cidade. O espaço é entendido como “reflexo” das instâncias determinantes, como “produto”, sem dar-lhe dimensão própria, portadora de múltiplos sentidos e sobrecarregando a instância econômica como determinante (*idem, ibidem*: 87).

É claro que a contribuição desses autores foi e ainda é bastante válida para a reflexão da metrópole como objeto de estudo, entretanto, ateu-se à questão estrutural deixando de lado a análise do espaço, sendo este determinado, inerte, fixo, construído para suprir necessidades econômicas. Sob este ponto de vista, identificamos um reducionismo do conceito de cidade, como se estivesse racionalizando o urbano, deixando de lado os diferentes tipos de conceito do urbano, além de não levar em consideração a complexidade de relações sociais que nele se desenvolvem.

Ainda neste segundo momento de reflexão sobre a metrópole, os estudos urbanos intensificam-se nos países latino-americanos, como o Brasil, baseando-se nas

políticas desenvolvimentistas, caracterizadas por um peculiar crescimento urbano, com desajustes estruturais e sociais<sup>19</sup>.

Grandes metrópoles como São Paulo, Montevideu, Santiago do Chile e Buenos Aires, pautadas na ideia de cidade como motor de modernização social, sob a égide das políticas de desenvolvimento e de planejamento urbano, começam a ser palco da análise dos estudos metropolitanos, porém, ainda com tímidos olhares para os problemas urbanos.

Paralelamente a toda essa construção teórica, David Harvey, na década de 1980<sup>20</sup>, elabora o conceito de ambiente construído, como contraponto ao que defendia o estruturalismo marxista. Harvey (1980) tentou relacionar as questões da moral e da filosofia com a ideia de justiça e o conceito de cidade. Desta forma, parte da noção de espaço para compreender a relação existente entre estes temas, afirmando ser o ambiente construído criado por diferentes práticas humanas.

A sua ideia para uma teoria geral da cidade é de que o urbano é formado por processos sociais e pela forma espacial que assume. Logo, afirma que o espaço urbano é resultado das relações sociais que refletem a sociedade como um todo. Entende o urbanismo como a expressão de um conjunto de relações que faz parte de uma estrutura social mais ampla, e que a realidade urbana modifica as forças de produção e afeta as relações sociais em seu desenvolvimento (*idem, ibidem*).

Dessa forma – assim como Durkheim entendia a sociedade como algo construído – Harvey aponta a cidade como o ambiente construído ao contrário daquele oferecido pela natureza, dado, fixo e imutável. A sociedade, suas práticas, relações e instituições moldam o ambiente da cidade, e se relacionam entre si. Portanto, somos determinados pelo meio ambiente construído.

Esse geógrafo britânico não vê a cidade apenas como uma base espacial onde acontecem os fatos importantes, conforme Lefebvre, mas encara a cidade como um ambiente construído em que há uma íntima relação com o espaço físico e a economia, sendo aquele ambiente um sistema de recursos dotado de valor e criado pelo homem, assumindo uma forma de mercadoria.

---

<sup>19</sup> A bibliografia sobre o assunto é vasta. Ressaltamos alguns autores, nesse período, que contribuíram de maneira significativa para a análise dos estudos urbanos na América Latina, como: Hauser (1967); Hardoy (1972); Hardoy e Morse (1985); Parisi (1972); Quijano (1977), dentre outros. Na mesma linha, alguns autores brasileiros também desenvolveram estudos relevantes sobre o urbano, como por exemplo: Santos (1996); Kowarick e Brant (1976); Lopes (1968); Kowarick (1985); Singer (1968), dentre outros.

<sup>20</sup> Verificamos, nesse momento, certo desestímulo, na teoria urbana, em analisar metrópoles de países subdesenvolvidos, havendo um retorno dos estudos urbanos para a Europa e Estados Unidos.

De acordo com esse geógrafo:

O ambiente construído funciona como um vasto sistema de recursos criados pelos seres humanos, que compreende valores de uso cristalizados na paisagem física, que se podem utilizar para a produção, o intercâmbio e o consumo. Do ponto de vista da produção, esses valores de uso podem considerar-se como condições gerais da produção e como forças diretas dentro dela (...) em uma palavra, (constitui) toda forma [material] em que o produto da indústria tenha que se unir solidamente à superfície. O ambiente construído para o consumo e para o intercâmbio não é menos heterogêneo (Harvey, 1990: 238).

Assim, entendemos que o ambiente construído é social e historicamente determinado, pois no capitalismo, o valor é agregado aos recursos que produzimos e construímos no meio físico.

Para este trabalho, o contributo de Harvey fundamenta os estudos da metrópole, porque amplia o campo de análise para o espaço e o ambiente construído, entretanto, suscita uma contradição epistemológica entre o positivismo (partindo de uma dada realidade absolutizada) e o materialismo histórico (procura descobrir as causas que produziram os fatos).

Aqui, destacamos autores que passam a se preocupar com o aspecto social das metrópoles, sobretudo, com o intenso crescimento das favelas<sup>21</sup> em países subdesenvolvidos e/ou em desenvolvimento.

Nessa direção, os estudos urbanos voltam-se novamente para países como o Brasil, desta vez, mais focados no aspecto social das metrópoles do Sul. Devido às profundas transformações políticas e econômicas destes países, verifica-se um importante cenário para análise dos problemas urbanos, oriundos, sobretudo, de uma urbanização desigual, consequência de um capitalismo tardio.

O tema da globalização e das contradições urbanas, acentuado pela proliferação das favelas na maioria das cidades brasileiras, foi aprofundado por autores como Torres (1995); Oliven (1980); Maricato (1996); Rolnik (1997); Vêras e Taschner (1991), Vêras (1992); Villaça (1999); Velho e Machado (1977); dentre outros.

A partir dos anos 2000, verifica-se uma forte abrangência dos estudos urbanos, principalmente, no que concerne ao surgimento de grandes metrópoles em países em desenvolvimento, como os da Ásia e da África. Isto se dá, dentre outros fatores, devido

---

<sup>21</sup> As cidades são a materialização de uma sociedade desigual, e por isso, marcadas pela precariedade e irregularidade territorial e pela segregação socioespacial da grande maioria de sua população. Assim, a favela é uma forma de distorção oriunda da coexistência de práticas sociais diversificadas concretizadas no espaço urbano. Para Velho e Machado (1977), a favela é tradicionalmente encarada como uma zona geocológica “especial” da cidade.

à constatação de que pela primeira vez na história a população urbana mundial ultrapassa a população rural. Em 2050, a maior parte da população urbana mundial estará concentrada na Ásia (53%) e na África (20%), conforme as projeções das Nações Unidas (2012).

Esta tendência é maior nos países em desenvolvimento, onde os impactos do processo de globalização são mais avassaladores. Logo, não é de se estranhar que a consequente transformação urbana trás, em seu bojo, profundas desigualdades sociais – contradições não só herdadas da metrópole moderna, mas intensificadas por um modelo de urbanização neoliberal excludente e segregador.

O fenômeno da globalização financeira, ou mesmo da “mundialização do capital” nas palavras de Chesnais (1999), interfere no meio ambiente urbano, exigindo competitividade, competência, disputa entre cidades, cidades voltadas para disputar investimentos nos mercados internacionalizados. Destaca-se o desemprego, a exclusão, a pobreza, a diminuição de recursos para políticas sociais, o aumento da desigualdade, da violência e da degradação urbana.

Assim, em todo o mundo, foram se desenvolvendo estudos sobre a metrópole com o objetivo de olhar cada vez mais para dentro das cidades, e entender o processo de transformação do urbano. Contudo, nos últimos anos, observa-se a concentração destes estudos na Ásia e na África, tendo como cenário as metrópoles de Johannesburgo, Luanda, Maputo, Xangai, Hong Kong, Mumbai, Nova Deli, Singapura, dentre outras<sup>22</sup>.

Paralelamente, verifica-se, ainda, a solidificação de novos estudos urbanos, baseados nas transformações sociogeográficas no Sul da Califórnia, tendo como cenário a cidade de Los Angeles, considerada por Soja (1986) como a metrópole do século XX, contrapondo-se à Paris do século XIX, de Walter Benjamin, inaugurando, portanto, a Escola Sociológica de Los Angeles<sup>23</sup>.

Nesse sentido, autores como Edward W. Soja, Sharon Zukin, Mike Davis e Michael Dear, dentre outros, sob a ótica do ambiente construído de David Harvey, influenciados pelo processo de metropolização da cidade de Los Angeles, apresentam uma nova concepção do urbano, vinculado à noção de pós-modernização (Soja, 2002a);

---

<sup>22</sup> Sobre o assunto, ver: Murray e Myers (2006); Robinson (2006); Howe (2006); Meyer (2006); Logan (2003); e Friedman (2005).

<sup>23</sup> A Escola Sociológica de Los Angeles começou a ter expressão na década de 1980, distinguindo-se das previsões tradicionais da Escola Sociológica de Chicago, defendendo a necessidade de uma análise urbana comparativa que utiliza a cidade de Los Angeles, não como um novo paradigma urbano, mas como um dos vários exemplos do processo urbano contemporâneo. Tem como perspectiva a ideia de que as periferias “organizam” o que resta do centro das cidades, baseado num processo não linear e caótico, inaugurando uma visão pós-modernista de urbanização (Dear, 2003).

de urbanismo pós-moderno (Dear, 2000, 2003), de um “mundo pós-moderno” (Costa Pinto, 1999) em que “cidades de quartzo” (Dear, 2009) imperam.

Essa é a figura da *postmetropolis* que, na análise desses autores, é fragmentada e complexa, repleta de contradições, em que o multiculturalismo é parte dominante (Zukin, 2000). Soja (2002b) assegura que o prefixo “pós” assinala a transição do que tem sido convencionalmente chamado de metrópole moderna para alguma outra coisa significativamente diferente, para as novas formas e padrões pós-modernos de vida urbana que estão crescentemente desafiando o bem estabelecido modo de vida urbano.

Esse autor utiliza, portanto, seis discursos urbanos para definir a “pós-metrópole”, tomando como base a cidade de Los Angeles, entretanto, aponta que este fenômeno vem ocorrendo em várias cidades do mundo, na medida de suas especificidades e especialidades. Argumenta ainda que a metrópole moderna não está desaparecendo, mas que novos padrões e processos de urbanização estão se relacionando com os processos antigos de forma cada vez mais complexa (Soja, 2002a).

No mesma direção, Mayer (2006) assinala que dentro da terminologia da Escola de Los Angeles o conceito de “metropolização”, desde 1980, designa uma transformação espacial dos processos de urbanização que consiste na fragmentação das áreas urbanas. O objeto de estudo não é mais o centro e seus bairros vizinhos, mas a produção de diferentes configurações espaciais, novos problemas e questões levantadas por essas novas.

Por outro lado, em uma *postmetropolis* (Soja, 2002b), o centro da cidade não é mais o centro do poder de acumulação ou representação. Cidades da periferia, subúrbios, guetos e condomínios fechados constituem diferentes unidades urbanas com vida própria.

O estudo da metrópole, dessa forma, passa a ser peça fundamental para uma maior generalização da Sociologia Urbana, tendo em vista levar em consideração, junto com os aspectos econômicos e sociais, a questão da urbanidade, dos novos estilos de vida urbana, influenciados pela força de um modelo de urbanização neoliberal que redefine o espaço urbano e social.

Portanto, é interessante destacarmos a relação entre os processos neoliberais<sup>24</sup> e as transformações urbanas. Atualmente, vivemos uma destruição criativa do espaço

---

<sup>24</sup> Para Theodore, Peck e Brenner (2009) o neoliberalismo representa um fenômeno multiescalar, pois reconstitui relações em distintas escalas (regional, nacional e internacional) entre atores institucionais e



político-social existente, haja vista a supremacia do mercado que contrapõe o individualismo competitivo com a solidariedade social (Theodore; Peck; Brenner, 2009).

Entendemos por neoliberalismo o processo de transformação socioespacial, materializado por um desenvolvimento espacial desigual, por uma topografia desigualmente desenvolvida e instável que generaliza a insegurança social no espaço urbano.

Assim, o cenário do urbanismo neoliberal é extremamente incerto, caracterizado pela instabilidade monetária, por movimentos especulativos do capital financeiro, por estratégias globais de localização de grandes companhias transnacionais, gerando uma competição cada vez maior entre localidades, característica da desordem global-local (*idem, ibidem*).

Nesse sentido, observamos espaços de políticas neoliberais nas cidades como a criação de zonas empresariais, baseados na parceria público-privado, impulsionados por diversas forças, dentre elas o capital imobiliário. O bairro da Vila Olímpia, em São Paulo, é um caso exemplar da paisagem institucional do urbanismo neoliberal, agitado e dinâmico, fruto da criatividade contraditória deste processo.

Acreditamos, portanto, que estes novos processos de urbanização se materializam nas recentes tendências de apropriação da cidade por interesses empresarias globais, redefinindo os diferentes espaços e sua relação com os indivíduos, transformando os estilos de vida e as formas de sociabilidade.

A globalização econômica e financeira é o que une as metrópoles ao redor do mundo, tornando-as cada vez mais competitivas e conectadas umas com as outras, entretanto, interfere na produção do espaço urbano de forma desigual, fragmentando-as, sobretudo, em decorrência dos interesses do capital imobiliário.

Atualmente, vivemos em um novo tempo, em que novas realidades se concretizam nas metrópoles, especialmente naquelas dos países do Hemisfério Sul. Seabrook (2007) analisa o crescimento dos centros urbanos das cidades do Sul, e baseia-se no relatório *The Challenge of Slums*<sup>25</sup> para informar um momento apocalíptico

---

econômicos como os Estados locais e o capital financeiro. A cidade neoliberal desenvolve centros estratégicos para o avanço desigual de projetos de reestruturação neoliberal.

<sup>25</sup> Este relatório global sobre o desafio das favelas, elaborado pelo Programa das Nações Unidas sobre Assentamentos Humanos, alerta que 32% da população urbana mundial vive em favelas, consequência de um processo denominado de urbanização da pobreza, que vem ocorrendo nas grandes cidades ao redor do mundo (United Nations, 2003).

sobre o desenvolvimento não planejado de cidades e grandes centros urbanos e a proliferação de favelas.

O autor afirma que a rápida urbanização das cidades com infraestrutura urbana inadequada é um dos maiores efeitos da globalização. Isto porque as infraestruturas urbanas são necessárias para a acumulação e regulação neoliberal. Assim, analisa a integração das cidades na globalização econômica, e questiona por que a desintegração de culturas e sociedades, como efeitos da globalização, é conveniente para os interesses empresarias globais, instituições internacionais, e organizações governamentais e não governamentais.

Ainda para o autor, a urbanização é um processo complexo e confuso, pois há privilégios para alguns e desvantagens para outros. A cidade é um paradoxo, tendo em vista que ela é o lugar onde nascem possibilidades de transformação da vida e de opressão extrema. A globalização aprofunda a segregação e a fragmentação urbana, e o crescimento das cidades do Sul radica condições subumanas para a maioria de seus habitantes.

Dentre as consequências da globalização na produção do espaço urbano neoliberal, destacamos os múltiplos processos de fragmentação relacional de grupos humanos que transformam a sociabilidade na metrópole, na qual cada parcela se identifica como microterritório em formação ou um *pocket of social relation* (Gluckman, *apud* Velho, 2004).

Nesse sentido, a fragmentação do espaço urbano reflete na fragmentação das relações sociais. A metrópole contemporânea se apresenta como o lugar de microespaços segregados, tanto pela lógica do capital imobiliário como por fragmentos urbanos de convivência social (Salgueiro, 1998).

Essas microterritorializações urbanas<sup>26</sup> são reflexo do atual modelo de urbanização, em que a individualização e a coletivização são reproduzidas em diferentes escalas do urbano, evidenciando a dialética entre o social e o anti social, entre interações e desagregações sociais.

---

<sup>26</sup> Para Silva (2001) as microterritorializações urbanas são espaços onde os sujeitos se identificam pela realização de práticas similares e semelhantes, o que gera profunda subjetividade social por produzir sentimentos coletivos no urbano, razão pela qual são imprecisas. Costa e Heidrich (2008: 84) entendem que “(...) o meio urbano atual se caracteriza por uma multiplicidade de pequenos, mas ainda, microterritórios onde relações coletivas humanas acontecem numa dinâmica incrivelmente rápida no sentido da construção e desconstrução de espaços de convivência e a da transitoriedade dos indivíduos que participam de tais agregações”.

Para Fortuna (2012), as microterritorialidades representam fenômenos de escala urbana situados nos lugares, nos espaços de pequena escala com gente dentro, conferindo-lhe uma dimensão humana e territorial particular. Essas teias de relações consistentes são fragmentos organizados de sociação territorializada que configuram a subjetivação do território ou a territorialização do sensível. Esses lugares, mesmo sem história, sem memória, são expressão de uma vida social num espaço flexível, adaptável, em que a humanização do espaço convive com a fragmentação.

Tal cenário é fruto da urbanização neoliberal expressa por ideologias e intervenções urbanas impulsionadas pelo Estado e pelo grande capital, o que produz, segundo Costa (2010: 13), “diversos processos dinâmicos de territorialização, assim como de desterritorialização, gerando formas e conteúdos urbanos (agregações sociais territorializadas) mutantes e fluidas. (...) As microterritorializações urbanas se expressam pelas diferenças de convivência e de relações intersubjetivas dos indivíduos que participam”.

Procurando repensar as redes de relações sociais na metrópole, entendemos que uma das problemáticas mais recentes frente a esta discussão está no paradoxo entre fragmentação e interação social. Atualmente, o indivíduo tem se relacionado muito mais por comunidades virtuais estabelecidas na internet, proporcionando novas formas de sociabilidade, onde o mundo virtual impera sobre o real.

Os pontos de encontro na cidade são substituídos gradativamente por comunidades sociais em rede, representando novos lugares de trânsito e permanência de indivíduos, remodelando as dimensões de tempo e espaço (Dornelles, 2005).

Essa sociabilidade virtual, fruto da metrópole contemporânea globalizada neoliberal, possibilita o contato entre indivíduos de diferentes segmentos e diversos estilos de vida ao redor do mundo, característica de uma sociedade globalmente conectada.

Fortuna aponta que as conexões virtuais, como microterritorialidades, configuram um espaço de relações efêmeras e laços fracos, entretanto, quando utilizadas como instrumento de mobilização social contrariam a “convicção de que só as sociedades pré-modernas, de grande estabilidade relacional podem gerar solidariedades densas e intensas (Fortuna, 2012: 206).

Assim, as relações que antes se baseavam na ajuda mútua, no encontro, passam a se basear nas inúmeras plataformas e comunidades sociais existentes na rede. O indivíduo passa de um ser social para um ser virtual, onde a individualidade é

intensificada pela tecnologia do mundo globalizado, fortalecendo a ignorância da condição social, separando este ser da trama complexa que é a realidade. Esta é uma das diferentes formas de ver, sentir e viver a metrópole contemporânea.

Enfim, mesmo após um século, desde Simmel, as teorias sobre a metrópole ainda não conseguiram dar conta das transformações que influenciaram e influenciam o espaço urbano, em especial, àquelas que dizem respeito às relações sociais de indivíduos que integram neste espaço em constante mutação.

O que tentamos demonstrar neste tópico foi que a realidade social, advinda da modernidade, revolucionou de maneira intensa as relações sociais, as interações entre os indivíduos, inaugurando novos e diferentes estilos de vida nas cidades, e continua a fazê-lo.

Por esta razão é que a metrópole como objeto de estudo deve ser cada vez mais aprofundada, levando em consideração as novas relações sociais que nela se criam, direcionando o olhar também para temas de igual importância na Sociologia Urbana.

O desafio que se impõe é analisar as interações entre os indivíduos na metrópole de hoje, no agora, durante a escrita desta tese. Como cenário de estudo, adotamos a metrópole de São Paulo, com o intuito de desvendar sociabilidades para tentar abrir espaço nas teorias e penetrar, principalmente, nas dimensões mais profundas do estudo da metrópole. Para tanto, devemos compreender que metrópole é esta, quais as suas características, e até que ponto as transformações urbanas influenciam as relações sociais. Assim, partiremos da análise das tipologias da cidade para em seguida identificarmos a metrópole de São Paulo em alguma delas.

## **1.1 TIPOLOGIAS DA CIDADE**

Após a análise da contextualização da metrópole moderna, apresentam-se as tipologias da cidade como reflexo da nova ordem econômica mundial que interfere na geografia do espaço urbano, e conseqüentemente, nas relações sociais nele configuradas, tendo em vista os impactos oriundos do processo de globalização.

Este recorte é pertinente, pois a palavra metrópole, usada desde a Idade Antiga, da época greco-romana, passando pela Idade Moderna, com a formação dos Estados Nacionais e com o desenvolvimento do processo de colonização, até os séculos XVIII e XIX, com o advento da Modernidade, teve diferentes conotações, incorporando um conceito extensivo do termo.

Atualmente, parece que todas as cidades do mundo têm um pouco de metrópole; confunde-se metrópole com urbanidade, ou com processo de metropolização oriundo do crescimento urbano. Este processo é consequência da urbanização do mundo que, atrelado ao fenômeno da globalização, remodela a geografia do espaço urbano da maioria, senão de todas as cidades do globo.

Esse é um forte motivo para a abordagem do tema em questão, facilitando a compreensão da morfologia das cidades para embasar a análise da metrópole de São Paulo no século XXI. A partir de uma breve explanação sobre o fenômeno da globalização e seus efeitos para as cidades contemporâneas, passaremos à apreciação das tipologias, baseando-se em teorias pertinentes sobre o assunto tratado.

Na atualidade, vivemos o ápice do complexo processo de metropolização das cidades. As ditas cidades modernas que se desenvolveram durante os séculos XIX e XX, hoje, atingem um patamar de urbanização jamais previsto nos estudos urbanos.

Para além desta configuração, percebemos que as cidades já não conseguem mais, de certa forma, solucionar os problemas urbano-sociais, sobretudo, as metrópoles de países em desenvolvimento, em que a modernização foi acompanhada por uma urbanização extremamente heterogênea e desigual.

O momento atual é caracterizado pelo avanço tecnológico e industrial, por um desenvolvimento desenfreado do capital, por uma sociedade essencialmente urbana e informacional, da era do chip, em que a economia globalizada interfere e sustenta espaços de fluxos (Castells, 2005).

Isto repercute na derrubada de fronteiras, na redução de tempos e distâncias, alterando barreiras do espaço e do tempo, uma vez que, anteriormente, o tempo era abundante e o espaço resumia-se ao local; hoje, o tempo é escasso, devido à rapidez e velocidade das informações, e o espaço é global (Drucker, 2005).

O novo espaço industrial caracteriza-se pela capacidade organizacional e tecnológica de separar o processo produtivo em diferentes localizações. Este espaço não representa o fim das velhas áreas metropolitanas já estabelecidas e o início de novas regiões caracterizadas pela alta tecnologia, e sim, é organizado em uma hierarquia de inovação e fabricação articulada em redes globais. A produção se desterritorializa e se desnacionaliza graças às novas tecnologias, mas ainda há uma concentração do controle da produção.

Por espaços de fluxos, entende Castells (2005) ser aquela organização material das práticas sociais de tempo compartilhado que funcionam por meio de fluxos, isto é,

por sequências intencionais, repetitivas e programáveis de intercâmbio e interação entre posições fisicamente desarticuladas, mantidas por atores sociais, na estrutura econômica, política e simbólica da sociedade. O espaço de fluxo é a lógica espacial dominante da sociedade. Essa dominação é estrutural e concebida, decidida e implementada por atores sociais.

Esse autor apresenta uma importante contribuição para o debate sobre a morfologia social das sociedades urbanas de tecnologia avançada no início do século XXI, fundamentando-se em um amplo conjunto de informações empíricas e numa refinada teoria sociológica.

Descreve a sociedade contemporânea como uma sociedade urbana globalizada, centrada no uso e aplicação de informação e conhecimento, cuja base material está sendo alterada aceleradamente por uma revolução concentrada na tecnologia da informação, e em meio a profundas mudanças nos sistemas políticos e nos sistemas de valores.

Tal realidade repercute na transformação das relações sociais e na proliferação de novos estilos de vida, além de relativizar o espaço da casa e da rua, o conceito de público e privado, de espaço e tempo, numa urbanização neoliberal.

Diante desses fatos, verifica-se que as cidades, ao redor do mundo, apresentam-se como um complexo cenário de estudo, tendo em vista as suas características e funções, a sua forma de urbanização e o seu papel nesta nova era neoliberal global.

Assim, para compreender essas especificidades, destaca-se a classificação de tipologias da cidade apresentada por Sassen (2011) que configura uma nova perspectiva dos estudos urbanos, haja vista as consequências da descentralização e da privatização da economia mundial na organização do trabalho, do consumo e na estrutura social das cidades. Esta análise é necessária para facilitar a compreensão da metrópole como objeto de estudo, e para classificar os tipos mais significativos de cidades que surgem em épocas de globalização.

Nesse sentido, a autora classifica como cidades globais aquelas que possuem serviços avançados como as telecomunicações, por exemplo, responsáveis pela implementação e condução das trocas econômicas globais. Elas concentram grande parte das empresas multinacionais, especialmente as que operam em diversos países.

São, portanto, metrópoles como Tóquio, Nova York e Londres, que possuem um posicionamento estratégico frente à economia mundial<sup>27</sup>.

Essas cidades globais determinam uma nova divisão do trabalho baseada no processo de transformação de sua estrutura produtiva do setor industrial para o de serviços, gerando, contudo, contradições no espaço urbano.

Na mesma linha, para Grazia e Queiroz (2001), as cidades globais são lugares estratégicos de controle que expressam uma nova ordem urbana para as cidades que se inserem nos fluxos econômicos globais. As cidades mundiais (que incluem as globais) são lugares de velocidade, de entretenimento do anonimato, onde se pratica uma sociabilidade própria, metropolitana e cosmopolita.

As cidades globais se proliferam na sociedade informacional, em que as relações são materializadas em espaços de fluxos. Elas não são um lugar, mas um processo por meio do qual os centros de produção e consumo de serviços avançados e as sociedades locais dependentes deles estão ligadas em uma rede global (Castells, 2005).

É o que também entende Ianni (2007: 52), ao afirmar que as cidades globais são influenciadas pelos processos que acompanham o desenvolvimento intensivo e extensivo do capitalismo em escala mundial, e possuem um papel crescentemente associado à capacidade econômica nacional e aos seus vínculos externos. “O mundo adquire características de imensa fábrica, acoplada com um vasto *shopping center* e colorido por uma enorme Disneylândia.”

Partindo dos pressupostos acima, verificamos uma relativização deste conceito, uma vez que toda a cidade global não é igual. Existem diferentes tipos de cidades globais em que a volatilização do capital é mais ou menos fluida e as desigualdades são mais ou menos intensas.

São Paulo, por exemplo, possui alguns indícios de cidade global e outros não<sup>28</sup>. Com base nas características ressaltadas por Borja e Castells (1997), concordamos que a metrópole de São Paulo não possui recursos humanos qualificados de forma ampla; não possui esgotamento sanitário de forma ampla; não possui organização institucional com regras claras sem arbitrariedade e corrupção; não tem capacidade política de administrar

---

<sup>27</sup> Vale lembrar que existe uma vasta produção bibliográfica tanto nacional como internacional sobre a teoria das cidades globais. A obra de Sassen (2011) sistematiza o assunto. Contudo, para se aprofundar mais na matéria, ver: Friedmann (1986); Veltz (1996); Lopes (1998); Maricato (2001).

<sup>28</sup> Sobre o assunto, consultar: Koulioumba (2002).

diferentes atores sociais, incluindo compromissos como melhoria da qualidade ambiental, crescimento econômico e distribuição de renda, dentre outras.

É certo que algumas e poucas regiões de São Paulo detêm indícios de cidade global, em decorrência da alta concentração de grandes empresas e de fortes fluxos de capital transnacional, fruto da fragmentação e segregação do espaço, em que uma parcela mínima da população é beneficiada, como por exemplo, em determinados pontos da zona sudoeste da capital paulista, onde se localiza o bairro da Vila Olímpia. Entretanto, na maior parte da cidade, há intensa falta de infraestrutura urbana, pobreza, desigualdade etc.

Dessa forma, a cidade global, para se tornar competitiva internacionalmente, deve ser bem resolvida internamente, isto é, representar pontos nodais de relação entre a economia global e nacional; possuir grande volume de negócios transnacionais e sede de grandes empresas (financeiras, de serviços de ponta, informática etc.); ter um importante fluxo de capitais financeiros globais e um alto grau de especialização de emprego em negócios e serviços financeiros; ter um desenvolvido turismo de negócios; e receber grandes eventos do circuito cultural global, ou seja, segundo Friedmann (1986), deve ser o *locus* privilegiado para a acumulação e a concentração do capital.

A cidade-global ideal não seria então Londres, Tóquio ou Nova York. Seria uma mistura das três, acrescentada com uma pitada de Paris, de Viena e de São Francisco. Uma cidade que pudesse abrigar seus *summits* no Arco da Défense parisiense, ou reuniões em torres como as dos Docklands londrinos, uma cidade lotada de Ritz e Plazas Athenées, cujo percurso entre uma e outra reunião permitisse vislumbrar, pelos vidros de limusines blindadas deslizando por tapetes de asfalto, um Big Ben aqui, um Louvre ali, e que a noite pudesse dar aos seus ricos visitantes a opção entre um concerto de jazz no *Carnegie Hall*, um musical da *Broadway* ou uma Ópera na *Bastille*. Uma cidade que pudesse oferecer, entre um negócio e outro, uma visita rápida ao Guggenheim, o de NY ou o de Bilbao, um rápido mergulho em uma praia caribenha, ou uma tarde de deslizes na neve de Aspen, Colorado. Isto é o que as “empresas de comando” da economia global, em suma, procuram. (Ferreira, 2003: 172)

A segunda tipologia de cidade é a denominada megacidades, definidas pela concentração recente de grandes populações em suas áreas, excedendo 10 milhões de habitantes (United Nations, 2012). Esta classificação tem nítida relação com o desenvolvimento econômico-tecnológico que sustentou e sustenta o crescimento populacional nas cidades, sendo ainda reconhecidas como um centro atrativo que proporciona “melhores condições de vida”.



Entretanto, não é somente o crescimento populacional o que mais importa para qualificar as megacidades<sup>29</sup>, mas a geografia dessas grandes cidades que tem sido fundamentalmente alterada.

Este cenário é mais comum nas cidades de países em desenvolvimento, do Hemisfério Sul, especialmente na Ásia e na África, como: Mumbai, Deli, Daca, Jacarta e Lagos, onde a urbanização heterogênea e desigual, acentuada pelo processo de globalização, gerou grandes contrastes de riqueza e pobreza, coexistindo a modernidade e a pós-modernidade, em que o multiculturalismo constitui um dos seus traços culturais mais significativos.

Segundo Sassen (2011), São Paulo é compreendida como uma megacidade, tendo em vista a sua grande dimensão<sup>30</sup>, o forte contraste visível entre ricos e pobres, bem como a existência da modernidade e da pós-modernidade, marcada por uma característica essencialmente cultural.

Num primeiro momento, destaca-se a proliferação das favelas, cortiços, loteamentos clandestinos e habitações subumanas que repercutem no processo de favelização, em contrapartida à urbanização neoliberal, como sendo um dos impactos imediatos causados pelo crescimento desordenado.

Conforme Davis (2006), assim como estão surgindo as megacidades surgem também as megafavelas, onde bairros pobres e comunidades “invasoras” fundam-se em cinturões contínuos de moradias informais e de pobreza, em geral na periferia urbana das regiões menos desenvolvidas.

Portanto, ao mesmo tempo que as megacidades são a porta de entrada da globalização e impulsionam o fluxo de pessoas, mercadorias, conhecimento e dinheiro em todo o mundo, entendemos que elas também representam um cenário de intensa desigualdade, segregação e fragmentação de cidades como São Paulo, o que acarreta um crescente processo de pobreza urbana. É o reflexo de um paradoxo: concentram a face internacionalizada, de capitalismo avançado, e a singularidade do Terceiro Mundo (Véras, 1999).

A metrópole configura a terceira tipologia de cidade dentro da classificação que apresentamos. É uma cidade com longa e reconhecida história e patrimônio,

---

<sup>29</sup> Existem hoje 21 megacidades no mundo que correspondem a 9% da população urbana mundial. Este número deverá aumentar para 29 megacidades em 2025, concentrando mais de 10% da população urbana mundial. Em relação a toda a população mundial, as megacidades representam hoje 4% da população, ou seja, uma em cada 25 pessoas no mundo vive em megacidades (United Nations, 2012).

<sup>30</sup> O Município de São Paulo, hoje, possui uma população de 11.245.983 habitantes e a Região Metropolitana de São Paulo, 19.667.558 habitantes (Seade, 2011).

relevante tradição política, cultural e econômica, revelando grande capacidade de adaptação à modernidade e à economia global.

Também se trata de cidades grandes com um número significativo de habitantes e possuem uma infraestrutura urbana e de equipamentos bem variados (aeroportos, hotéis, sistemas de transporte, telecomunicações), assemelhando-se, neste ponto, a uma cidade global, mas não se reduzem a estas. Preservam sua cultura e especificidade e cuidam de seu patrimônio, o que lhes garante a vinda de grandes fluxos de turistas que contribuem para a economia das mesmas. São exemplos: Paris, Roma, Berlim, Madrid, Atenas, dentre outras.

A metrópole torna-se, assim, um conceito-chave para transmitir uma sensação de ressurgimento econômico, urbanidade, novos estilos de vida urbana, uma cidade renovada, sendo um importante processo de transformação que afeta as cidades contemporâneas. Este conceito identifica um novo fenômeno urbano, um novo posicionamento das cidades como laboratórios da modernidade, um renovado interesse na urbanidade (Farias e Stemmler, 2006).

Entendemos que este conceito não se aplica à realidade urbana da cidade de São Paulo, considerando ser uma cidade que não preserva as suas culturas ou especificidades, tampouco seu patrimônio, priorizando um turismo muito mais de negócios do que de lazer, uma cidade onde o processo de urbanização não conserva a memória e a história.

Vale ressaltar que o termo metrópole pode ser interpretado mediante duas conotações distintas advindas da teoria dos estudos urbanos. Para a teoria europeia, a palavra metrópole vem atrelada a uma ideia pós-colonial, de dependência a uma cidade central. Já para a teoria norte-americana, o termo metrópole associa-se a uma ideia mais pragmática dos estudos urbanos, utilizado não como um sujeito, a “metrópole”, mas como um adjetivo, o “metropolitano”.

Nos Estados Unidos, por exemplo, o termo é utilizado para qualificar aglomerações urbanas ou áreas metropolitanas, em decorrência do processo de metropolização acentuado pela globalização, nos últimos anos<sup>31</sup>.

De todo o modo, acreditamos que a metrópole é uma expressão do desenvolvimento econômico da sociedade que a produz. “É uma forma de organização da força de trabalho qualificada, um equipamento científico do desenvolvimento

---

<sup>31</sup> Para se aprofundar no assunto, ver: Mayer (2006); Soja (2005).

econômico, uma estrutura econômico-financeira, um mercado, um centro global de poder político e um centro de irradiação de conhecimento e cultura” (Meyer, 2000: 5).

A quarta tipologia de cidade que ressaltamos é a cidade periférica, sendo aquela cidade que se tornou secundária ou mesmo marginal com a evolução da economia em escala global (Sassen, 2011). Essas cidades perderam importância e centralidade para outras cidades e algumas revelam dificuldade em recuperar o seu anterior prestígio e importância estratégica, como é o caso de Marselha, Glasgow, Sevilha, Liverpool, dentre outras.

Estas cidades já tiveram grande importância política e econômica, tendo em vista alcançarem alto grau de civilidade no passado, entretanto, com o advento da globalização, das macrotransformações da economia mundial e do fortalecimento de outras cidades, vivenciaram o declínio econômico e o enfraquecimento de seu valor político.

Além disso, a perda da centralidade regional que exerciam com outras áreas urbanas em seu entorno foi fundamental para assumirem o patamar de cidades periféricas, uma vez que caíram em desuso, tornando-se decadentes, jamais recuperando a importância que tinham, demonstrando nítida dificuldade em se reconectar às redes de cidades importantes (Freitag, 2002).

A quinta e última tipologia de cidade que apontamos com base na teoria de Saskia Sassen é a cidade-dormitório ou cidade-satélite. Estas cidades não possuem autonomia própria, pois dependem de outras cidades no domínio do emprego e de serviços, com riscos de serem “absorvidas” por cidades vizinhas.

Elas também são um reflexo da globalização da economia e do processo de metropolização de grandes aglomerados urbanos, em que os cidadãos não encontram trabalho e não têm compromisso com a cidade que moram. Essas cidades não têm economia própria nem independência administrativa. As pessoas apenas moram nessas cidades e trabalham em outras, como é a relação da região do ABCD<sup>32</sup> para São Paulo, da cidade de Postdam para Berlim, dentre outras.

Geralmente as cidades-dormitório fazem parte de regiões metropolitanas em que uma ou mais cidades ao seu redor oferece melhores condições de trabalho e emprego, motivo pelo qual as pessoas optam em deixar a cidade que moram para trabalhar em outras. Muitas vezes, não só o trabalho é realizado fora das cidades

---

<sup>32</sup> A região do ABCD paulista, tradicionalmente industrial, é formada pelas cidades de Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul e Diadema, e faz parte da zona metropolitana de São Paulo.

dormitórios, mas também o lazer, entretenimento, cultura, e demais atividades. É a mesma relação dos bairros dormitórios na maioria das grandes cidades.

Vale ressaltar que esta tipologia da cidade, conforme Freitag (2002), dificilmente existe em sua essência. Na prática, as cidades de hoje apresentam duas senão três das tipologias acima apresentadas. O importante a considerar é que a tipologia demarca uma escala: a cidade global é a que mais se enquadra com o modelo econômico global, enquanto as duas últimas são as que menos se enquadram.

Verifica-se, também, dentro de uma mesma cidade, várias tipologias da cidade, como é o caso de São Paulo, uma importante metrópole, considerada uma megacidade, ora com tímidas características de cidade global, ora com profundos sintomas de uma cidade periférica, ou mesmo, com bairros dormitórios ou satélites.

Além disso, essa hierarquia de cidades não é imutável, pois as cidades contemporâneas estão intimamente ligadas ao atual modelo global, podendo algumas cidades globais se tornarem periféricas, e algumas cidades periféricas se tornarem cidades globais. Passaremos, a seguir, a aplicar estas tipologias na cidade de São Paulo.

## **1.2 A SÃO PAULO DO SÉCULO XXI: UM BREVE CENÁRIO**

Neste tópico, não pretendemos esgotar o tema proposto, mas tão somente elaborar uma breve contextualização sobre a metrópole de São Paulo<sup>33</sup>, para então alcançarmos o objetivo desta análise crítica, qual seja, olhar para São Paulo e tentar desvendar não só suas características e desafios urbanos para o século XXI, mas também, e essencialmente, compreender a sociabilidade urbana na metrópole em tempos de globalização.

É importante dizer, que por muito tempo os estudos urbanos, sobretudo no Brasil, voltavam os olhos mais para a questão física do espaço urbano, atrelado aos problemas sociais da cidade, como pobreza, exclusão, segregação, sem levar em consideração as consequências de todo esse processo para as relações sociais de interação entre os indivíduos que habitam a cidade.

Portanto, esta tese pretende também olhar para o que sustenta a vida na cidade, não só para os edifícios e ruas, mas para as relações e interações sociais, para as questões de urbanidade, para a sociabilidade metropolitana no presente. Este é um

---

<sup>33</sup> Sobre o assunto, ver: Rolnik (1994); Kowarick (1994); Maricato (1996); Bógus e Taschner (2001); Iglecias (2002); Carlos e Oliveira (2010).

grande desafio, compreender a realidade social no momento atual, em constante mudança e transformação.

Como ponto de partida, ressaltamos quatro momentos importantes para compreender o processo de metropolização da cidade de São Paulo. São eles: a cidade como metrópole locomotiva nacional entre os anos de 1889 a 1945<sup>34</sup>; a cidade como metrópole vertical entre os anos de 1945 a 1964; a metrópole moderna entre os anos de 1964 a 1982; e a metrópole de gestão democrática desde 1982 (Souza, 1999).

Vale ressaltar que esses períodos estão diretamente ligados com o momento político em que o país se encontrava, desde a proclamação da República até o fim da Ditadura Militar e a restauração da democracia, motivo pelo qual as políticas urbanas foram (e continuam sendo) conduzidas pelos interesses das elites e do grande capital.

No primeiro momento, marcado pela transição da atividade cafeeira para a atividade industrial, o urbanismo surge vinculado à problemática da modernização em um país agrário e não como resposta aos requisitos da cidade industrial sem, no entanto, configurar a racionalização do espaço no interesse do capitalismo industrial.

A indústria do café proporcionou as primeiras infraestruturas urbanas, pois “(...) criou bancos e estradas de ferro, exigindo um desenvolvimento empresarial e financeiro, assim como uma capacitação da mão de obra, para tarefas produtivas complexas, as quais permitiram e estimularam a posterior industrialização paulistana” (Wilheim, 1985: 86).

São Paulo<sup>35</sup>, nesse período, apresenta-se como uma cidade comercial agroexportadora, formada por uma classe dominante que se identificava com as metrópoles europeias, motivo pelo qual buscava reproduzir o espaço dos países dominantes. Assim, São Paulo tenta se transformar numa pequena Paris.

Verificamos que esse urbanismo nasce influenciado pelo modelo de estruturação europeu, baseando-se no arranjo técnico, higiênico e estético da cidade. Segundo Somekh (1997), a paisagem urbana era composta por áreas verdes e parques, estabelecendo-se limites para as edificações e para o tamanho das ruas, reproduzindo o padrão estético-sanitarista, sobretudo, a partir das áreas centrais, em direção à zona

---

<sup>34</sup> Vale lembrar que antes deste primeiro momento São Paulo não se destacava como um importante centro urbano, pois durante três séculos “foi cidade pequena, sem maior importância econômica, mero centro simbólico e administrativo do poder colonial” (Wilheim, 1985: 86).

<sup>35</sup> Em 1900, último censo do século XIX, a população do município de São Paulo era de aproximadamente 240.000 (duzentos e quarenta) mil habitantes (SMDU, 2013). Disponível em: [http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/historico\\_demografico/tabelas/pop\\_brasil.php](http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/tabelas/pop_brasil.php). Acesso em: 24.07.2013.

sudoeste da cidade de São Paulo. Em contrapartida, as áreas industriais a leste misturavam-se com as residências operárias.

Na mesma linha, Campos (2002: 96) destaca que:

A política de transformação urbana empreendida nas primeiras décadas do século XX, vista como a modernização e “europeização” de São Paulo, tinha como principais objetivos a criação de espaços de prestígio na área central, capazes de desempenhar de maneira otimizada suas funções de dominação urbana e regional, e a implantação de bairros residenciais de alto padrão para as classes privilegiadas, servidos preferencialmente pelas redes de infraestrutura. Para o restante da cidade impunha-se a segregação das moradias populares e usos desprestigiados para áreas menos valorizadas.

Adicionalmente, outro grande fator que conferiu dinamismo à vida urbana nesse período foi o crescimento populacional oriundo do caráter migratório, em sua maioria, italianos e, posteriormente, nordestinos, aumentando a sensação de caos urbano e aparente desordem.

Na década de 1930, a urbanização em São Paulo preocupou-se em moldar, principalmente, o sistema viário, substituindo os bondes pelos veículos automotores, através de uma visão economicista como forma de modernizar a cidade-locomotiva.

O plano viário mais significativo desse período foi o Plano de Avenidas<sup>36</sup>, do então prefeito Prestes Maia, que remodelou o sistema viário paulistano, consolidando o setor sudoeste da cidade com maior infraestrutura urbana, estimulando a indústria automobilística.

Para Rolnik (2000: 71), esse é o cenário das dinâmicas da segregação que marcam o início do profundo contraste entre o centro e a periferia “(...) quando o transporte da população e mercadorias vai deixando de basear-se nos trilhos (trens, bondes) a favor dos pneus (automóveis, ônibus). A nova estrutura permite que a cidade se espalhe e a maioria pobre da cidade vai buscando os espaços periféricos (...) e construindo aos poucos suas casas”.

Observamos, assim, o crescimento de uma metrópole periférica em processo de modernização, fruto de um urbanismo segregador e excludente. É nesse momento que São Paulo toma fôlego para abarcar fortes transformações urbanísticas que a colocariam no patamar condizente com sua posição nos circuitos econômicos e políticos do país.

---

<sup>36</sup> Para Campos (2002: 396-397), “O modelo urbanístico do Plano de Avenidas traria a cidade a novo patamar, no qual a industrialização assumiria papel preponderante, em detrimento da condição anterior de capital agroexportadora. Em seu princípio expansionista radial-perimetral, o plano abria caminho à modernização capitalista e industrial: ‘a sucessão de anéis em torno a um centro (...) parece sintetizar no âmbito formal, um dos pressupostos básicos da lógica intrínseca ao capitalismo, à indústria (...): a ideia da expansão permanente”.

No segundo momento, coincidindo com o deslocamento do eixo econômico da Europa para os Estados Unidos, São Paulo, a metrópole vertical, apresenta-se como uma verdadeira cidade industrial, baseada no modelo fordista de desenvolvimento, sendo conhecida como a “Nova York dos trópicos”.

O *boom* imobiliário, também impulsionado pelo Plano de Avenidas de Prestes Maia, acelera a expansão da verticalização representada pelos arranha-céus, consolidando a tendência paulista, apontada por Iglecias (2002: 51), em “concentrar numa mesma região da cidade a moradia da elite econômica e as atividades de ponta do capital”.

A maioria dos edifícios foi construída para as classes mais abastadas da sociedade paulistana<sup>37</sup>, intensificando o processo de formação das periferias e de espoliação urbana, tendo como base o modelo norte-americano de desenvolvimento urbano.

Sobre verticalização, Souza (2010: 46-47) entende ser um processo que “(...) vai se constituindo, portanto, na forma privilegiada de um segmento muito importante da reprodução do capital no espaço, aliada a uma nova forma (modo) de morar. Ela vai cristalizando um dos resultados do processo de urbanização, uma das geografias do espaço metropolitano”.

Assim, entendemos que essa verticalização urbana segregadora e desigual passa a revelar uma modernidade incompleta geradora de profundos antagonismos não só no espaço urbano como na vida social, pois tanto este espaço como as relações sociais nele produzidas, experimentadas e vivenciadas são fragmentadas.

O terceiro momento de metropolização de São Paulo é marcado pelo deslocamento das indústrias para fora da cidade, tendo em vista a reconfiguração do processo produtivo que gera competitividade, impulsionando a modernização da atividade empresarial.

A cidade terciária é aquela onde a classe dominante, desterritorializada assim como o capital, passa a exigir grandes bacias de mão de obra numa metrópole de

---

<sup>37</sup> Na década de 1940, a cidade de São Paulo somava aproximadamente 1.327.000 (um milhão, trezentos e vinte e sete mil) habitantes, apresentando um crescimento cinco vezes maior do que em 1900 (SMDU, 2013). Disponível em: [http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/historico\\_demografico/tabelas/pop\\_brasil.php](http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/tabelas/pop_brasil.php). Acesso em: 24.07.2013.

demografia explosiva<sup>38</sup>, segregando-se transnacionalmente em espaços exclusivos (Somekh, 1997).

Alguns fatores contribuíram para isso como: o elevado custo da produção, o alto preço do solo urbano, o congestionamento da área metropolitana e a dificuldade na circulação de mercadorias, o que vai impulsionar a passagem do capital produtivo para o capital financeiro.

É o que aponta Souza (2010) quando destaca que São Paulo se desindustrializou com a dinamização do setor terciário e com a elevada especialização no desenvolvimento e prestação de serviços, envolvendo a instalação e a concentração de serviços administrativos, financeiros, com sérias implicações na estrutura do emprego urbano e na necessidade de refinamento dos sistemas informacionais.

Vale ressaltar que as transformações na economia afetam diretamente a produção do espaço urbano, reformulando as práticas socioespaciais impostas pelo processo de segregação/fragmentação, cristalizada no paradoxo da valorização *versus* desvalorização dos lugares.

Queremos chamar atenção para o processo de construção da São Paulo como metrópole moderna que, ao longo do século XX, produziu inúmeras transformações urbanas não apenas no espaço físico da cidade, mas principalmente no espaço social, originando diferentes formas de sociabilidade metropolitana.

Sobre este assunto, concordamos com Campos (2002: 30) ao alegar que:

A transformação espacial não vem a reboque, mas como condição da transformação da estrutura produtiva e social; o espaço não é mero receptáculo das funções de produção e consumo, ou simples cenário de representação ideológica, mas elemento integrante das configurações sociais e das atividades econômicas.

Ainda neste momento, cabe mencionar que o espaço modificado pelas forças do capital é influenciado por um planejamento economicista que intensifica a segregação socioespacial, reforçando a diferença urbana, o que provoca a supervalorização fundiária, pois atende exclusivamente aos interesses do capital imobiliário.

No quarto e último momento, o da metrópole de gestão democrática, verificamos um crescimento mais condicionado à economia global, marcado pela

---

<sup>38</sup> Em 1970, o município de São Paulo possuía uma população de aproximadamente 5.925.000 (cinco milhões, novecentos e vinte e cinco mil) habitantes, demonstrando um vertiginoso crescimento demográfico quatro vezes maior em apenas trinta anos (SMDU, 2013). Disponível em: [http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/historico\\_demografico/tabelas/pop\\_brasil.php](http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/tabelas/pop_brasil.php). Acesso em: 24.07.2013.



grande concentração de empresas multinacionais de prestação de serviços de ponta, em decorrência do acentuado processo de desindustrialização da cidade<sup>39</sup>.

Essa cidade pós-industrial representada pela transnacionalização e flexibilização do capital passa a exigir nova forma de produção do espaço urbano e planejamento da cidade. O fordismo é substituído pelo regime de acumulação flexível, traduzindo-se em novas formas urbanas, em novas redes de cidades.

Neste quarto grau de modernização cada vez mais heterogênea e desigual, abre-se espaço para o surgimento de novos “centros especializados” agenciados pelo capital privado, remodelando a ideia de espaços públicos e privados, tais como: complexos empresariais, “condomínios e bairros fechados”, hipermercados e *shopping centers*, transformando definitivamente não só o espaço urbano como também a relação dos indivíduos que habitam o mesmo.

De acordo com Frúgoli Jr. (2000: 32), tal processo – acentuadamente mais intenso na cidade de São Paulo do que nas demais cidades brasileiras – também se estabelece em decorrência do desenvolvimento de um centro financeiro do capital internacional, “(...) acompanhado por sua ‘periferização’ – entendida aqui na sua relação com o sistema econômico mundial –, dado o fluxo de milhões de imigrantes – de distintas origens étnicas – à área central”.

Dentre as mudanças urbanas contemporâneas significativas desse processo, o mesmo autor ressalta “(...) o padrão amplamente descentralizado de urbanização, as transformações no espaço público, o modelo de segregação residencial, o extenso sistema de autopistas, a considerável diversidade étnica” (Frúgoli Jr., 2000: 32).

Hoje, portanto, São Paulo é ao mesmo tempo uma cidade pós-industrial e uma cidade pré-capitalista, razão pela qual figura como uma metrópole pós-industrial de periferia. Não é outro o entendimento de Iglecias (2002: 47) sobre o assunto, senão vejamos:

São Paulo tem adquirido, assim, nos últimos anos, características de uma metrópole informacional, deixando de ser uma economia de produção de bens para tornar-se uma economia de desempenho de funções. A cidade segue a mesma tendência observada nas mais importantes metrópoles do planeta e, à medida que o Brasil se integra à economia mundial passa a ser mais um centro de articulação do capitalismo contemporâneo, alçado à condição de sistema mundial.

---

<sup>39</sup> Em 1980, a cidade de São Paulo tem aproximadamente 8.494.000 (oito milhões, quatrocentos e noventa e quatro mil) habitantes, apresentando uma taxa média geométrica de crescimento anual da população de 3,7. (SMDU, 2007). Disponível em: [http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/historico\\_demografico/tabelas/pop\\_brasil.php](http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/tabelas/pop_brasil.php). Acesso em: 24.07.2013.

Nessa metrópole informacional, o mercado imobiliário urbano assume a lógica mercadológica, pois a força do capital volátil modifica de forma definitiva o espaço construído (Harvey, 2009), transformando atributos em mercadoria. A noção de cidade mercadoria levantada por Vainer (2000) se impera, tendo em vista que aquela passa a ser de quem pode pagar.

Mariana Fix (2007: 09) também aponta essa lógica ao falar sobre as:

(...) formas específicas que assumem a produção e o consumo do espaço urbano em São Paulo, investigando como a financeirização e a internacionalização aparecem no processo de circulação do capital na promoção imobiliária paulistana voltada para a atual face 'globalizada' da cidade.

Essa arquiteta analisa uma das principais frentes de expansão do mercado imobiliário no Brasil, nas margens do Rio Pinheiros, e descreve um processo de redefinição do urbano que é parcial em duplo sentido: refere-se apenas a uma parte do que acontece na cidade e ocupando apenas uma parte do que se considera o espaço da cidade. São transformações restritas porque confinadas ao que é estratégico.

Além disso, mergulha numa parcela da cidade que se projeta como uma nova centralidade em São Paulo, centralidade que é em verdade, não um fato, mas um processo social, uma imposição espacial do poder econômico e político, ponderando os principais megaprojetos imobiliários paulistanos com o intuito de decifrar o fenômeno urbano nas últimas décadas<sup>40</sup>.

Concordamos com esta autora quando afirma que “a forma atual de produção e consumo do espaço, o processo de financeirização, a estética pós-moderna, o *apartheid* social e as relações centro-periferia estão, de algum modo, condensados nesses edifícios” (Fix, 2007: 17).

No mesmo raciocínio, Carlos (2010: 74) analisa esse “eixo empresarial-comercial” localizado na zona sudoeste da cidade, chamando atenção para “uma forma espacial nova, construída segundo a lógica da reprodução (...) em função das novas estratégias impostas pela continuidade do processo econômico-financeiro sob a égide da modernização (...). Assim a reprodução econômica realiza-se por meio da reprodução espacial”.

---

<sup>40</sup> Segundo o senso de 2000, o município de São Paulo possuía aproximadamente 10.435.000 (dez milhões, quatrocentos e trinta e cinco mil) habitantes, demonstrando a tendência da diminuição da taxa de crescimento nos últimos anos. (SMDU, 2013). Disponível em: [http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/historico\\_demografico/tabelas/pop\\_brasil.php](http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/tabelas/pop_brasil.php). Acesso em: 24.07.2013.

Assim, partilhamos da ideia de que a lógica da reprodução do espaço como mercadoria, aliada às forças do processo de globalização do urbano, interfere e influencia na sociabilidade metropolitana, projetando novas formas de experimentar a cidade.

Frúgoli Jr. (1995, 2000) argumenta esta ideia alegando que a globalização econômica modifica o tempo e o espaço, apresentando diferentes formas e padrões de vida urbana. Assim, não há mais o centro, o começo ou o fim da cidade, mas todas as configurações urbanas, todos os problemas e vantagens de várias cidades em uma só. Logo, deixa-se de existir um centro referencial na cidade, iniciando a dispersão e fragmentação de sua centralidade.

Profundas transformações são vivenciadas em metrópoles como São Paulo, por exemplo, em decorrência dos interesses do capital global, acarretando em uma urbanização descontrolada e/ou desordenada, resultando na vulnerabilidade da cidade e das relações sociais que nela ocorrem. Para Soja (2002b), há uma significativa globalização heterogênea do capital, do trabalho e da cultura, e para Amin e Grahan (1997) o estilo de vida urbano é baseado numa heterogeneidade econômica, social, cultural e institucional.

Silva (2008: 55) também compartilha dessas reflexões ao sustentar que:

A cidade emite cada vez mais o processo de globalização. Nela se corporifica a contradição do capitalismo, que se inclina ao individualismo. Mas por ser uma celebração e o lócus privilegiado da vida social ela produz um 'modo de vida' que se generaliza, como ou por um espaço urbano de produção. Portanto, é preciso ver a cidade globalizada através do processo de reorganização da divisão internacional do trabalho, acionado pelas diferenças de produtividade e de custo de produção.

Nesse sentido, esse quadro vem, a passos largos, alterando as paisagens urbanas, a formação das cidades e, principalmente, o estabelecido modo de vida urbano. Sabe-se que é na grande cidade onde se desenvolvem as relações, os processos e estruturas que constituem as formas de sociabilidade (Ianni, 1999). Assim, o estranhamento, a imprevisibilidade, o distanciamento e o afastamento nas relações sociais passam a ser predominantes, tendo em vista se tornarem potencializados na aglomeração urbana, pelo que se começa a falar em certo esgotamento da sociabilidade ou em ausência de vitalidade em tais relações.

Acreditamos que em São Paulo, assim como em diversas metrópoles ao redor do mundo, esta conjuntura, representada, dentre outros fatores, pelo desenvolvimento

dos transportes e das comunicações, pela proliferação dos condomínios fechados, pela hibridação dos espaços público e privado, e por uma globalização do urbano exclusiva e não inclusiva, contribui para a não interação social, haja vista o aprofundamento da fragmentação urbana que transforma as cidades e as referências de sociabilidade. Nesta perspectiva, o modo de vida urbano se altera devido à individualidade, ao isolamento e à privacidade cada vez mais presentes na vida dos cidadãos que habitam as metrópoles.

Sobre esse aspecto, Caldeira (2000) retrata o isolamento ou a segregação das elites, através da criminalidade na capital paulista, demonstrando que uma pequena parcela da população, a qual detém o capital financeiro, se “protege” da cidade em seus muros (não apenas físicos, mas também simbólicos), em seus carros blindados, em condomínios fechados, em *shopping centers*, com a utilização de técnicas de segurança e de distanciamento social cada vez mais sofisticadas, voltando-se contra a vida pública, de costas para a rua, ignorando o outro, o diferente, o estranho.

A cidade na era da economia global é repleta de mediações que impregnam a sociedade e a capacidade relacional dos indivíduos, considerando as repercussões do capital e das relações de produção que determinam o valor da terra urbana pela localização e até mesmo o uso do espaço urbano pelas relações culturais (etnia, cor, raça, profissão).

Assim, acreditamos que esse estilo de vida urbano provoca a fragmentação e o isolamento. Nos dizeres de Kurokawa (1977), estamos vivendo um processo de *capsulization*, isto é, de cápsulas (automóveis, edifícios, *shoppings*, condomínios fechados etc.) numa sociedade diversificada, onde o que impera é o isolamento, a (neo) individualidade, a não solidariedade e a solidão como ausência de relação social.

Essas transformações refletem desvantagens, sobretudo, em relação à sociabilidade, ou como prefere Soja (1989), em relação à *spaciality*, como, por exemplo: impossibilidade de comunicação; solidão, individualismo; as relações humanas perdem a estabilidade e a longevidade; dissolução da família; a construção de novas formas de sociabilidade; decadência dos argumentos sociais tradicionais; melancolia (o indivíduo descentrado perde a noção de espaço e tempo).

Por sua vez, Pryston e Carrero (2004: 173) afirmam que:

O sujeito urbano contemporâneo está tão em crise quanto à cidade que habita – de certa forma, ele individualiza a mesma crise. É um sujeito incompleto, que constrói relações humanas de forma problemática. Esse indivíduo incorpora um paradoxo. Ele espelha a sensação de que, embora estejam crescendo a cada ano, as [metrópoles] conduzem cada vez mais à

impossibilidade de comunicação, à experiência individual do ato de viver – à solidão, enfim.

Assim, entendemos que, neste início de século, o reflexo negativo de um modelo econômico global para São Paulo não é apenas estrutural, mas, especialmente, relacional, uma vez que além do espaço e do tempo se modificarem, o sujeito que habita o lugar transformado também sofre alterações principalmente em questões de sociabilidade, o que fragiliza as relações sociais na metrópole.

Estamos mais conectados do que nunca, trocamos informações instantaneamente e em tempo real para os quatro cantos do planeta, entretanto, parece que estamos mais distantes, o contato pessoal perde a força, não temos mais tempo para o encontro, para ver e ser visto, para o café ou para o banco da praça. O tempo e o espaço modificam as relações sociais desconstruindo o que era determinado, abrindo espaço para novas formas de interação social.

Adicionalmente, percebemos que São Paulo se apresenta como uma cidade onde os valores enfatizados são: a incivildade, a intolerância, a insustentabilidade, a discriminação e a segregação<sup>41</sup>, tendo em vista a alteração da sociabilidade metropolitana acentuada, principalmente, pela violência e criminalidade, reflexos da globalização.

Sobre o assunto, Raquel Rolnik (2008: 11) argumenta a transformação de São Paulo demonstrando que o espaço metropolitano expandiu-se sobre a “(...) zona rural, redefinindo as fronteiras urbanas e espalhando enclaves como condomínios fechados, hipermercados e *shopping centers*”.

Segundo a urbanista, esta lógica modifica a clássica dualidade centro-periferia, dando lugar a uma nova divisão: “lugares seguros *versus* lugares violentos”. Esta característica também aprofunda a segregação socioespacial, tendo em vista que se verifica outro tipo de sociabilidade em espaços fechados e exclusivos, nos quais a multiplicidade da cidade não penetra.

Os problemas da vida moderna, como a individualidade e a independência perante os poderes supremos da sociedade se intensificam diante dessa fragmentação urbana e da disputa na cidade e pela cidade. Entendemos que os reflexos desses

---

<sup>41</sup> Entendemos segregação espacial urbana como sendo um processo de dualização social, consequência da “reestruturação produtiva e das transformações ocasionadas no espaço das cidades num contexto de globalização” (Bógus, 2009: 118).

problemas repercutem na densidade das relações sociais, produzindo diferentes desafios práticos, políticos e teóricos para a sociedade.

Todos esses fatores tornam as relações sociais constantemente incertas, pragmáticas, uma vez que, segundo Bauman (2007a), quando existentes, não se consolidam, são efêmeras, passageiras, voláteis, breves<sup>42</sup>.

Para esse sociólogo, o momento atual é aquele em que:

(...) a sociabilidade humana experimenta uma transformação que pode ser sintetizada nos seguintes processos: a metamorfose do cidadão, sujeito de direitos, em indivíduo em busca de afirmação no espaço social; a passagem de estruturas de solidariedade coletiva para as de disputa e competição; o enfraquecimento dos sistemas de proteção estatal às intempéries da vida, gerando um permanente ambiente de incerteza; a colocação da responsabilidade por eventuais fracassos no plano individual; o fim da perspectiva do planejamento a longo prazo; e o divórcio e a iminente apartação total entre poder e política (Bauman, 2009: 14).

Essas transformações demonstram o que está mudando nas relações humanas e confirmam que as alterações na sociabilidade metropolitana estão aquém das mudanças econômicas e políticas da sociedade.

Por outro lado, tenta-se recriar a praça e o espaço de estar e de encontro de uma vida comunitária perdida, o que coincide com a cidade não real, imaginária, ou faz de conta, com uma realidade virtual e com uma cultura do simulacro, em que se percebe também a falta de profundidade, novas intensidades emocionais ou o esmaecimento do afeto (Herculano, 2006).

De todo o modo, devemos entender essa cidade como reflexo das fragilidades e premissas que basearam a metrópole moderna. O espaço social, em uma sociedade do espetáculo, apresenta-se como recriação da realidade pela ficção (Featherstone, 2001), e a metrópole contemporânea se torna o palco de ausência e desaparecimento dos sujeitos.

Debord (1997) assinala que acumulamos espetáculos, pois a vida não passa de uma grande representação, onde a aparência, ou seja, o *parecer* (em contraposição ao *ser* e ao *ter*) constitui o modelo atual da vida dominante em sociedade, baseado num sistema econômico fundado no isolamento, dado que:

O isolamento fundamenta a técnica; reciprocamente, o processo técnico isola. Do automóvel à televisão, todos os *bens selecionados* pelo sistema

---

<sup>42</sup> Bauman (1998) exemplifica essas características das relações sociais quando fala dos estranhos afirmando que estes são agradáveis para aqueles que moram em seus condomínios fechados, trabalham em escritórios edificadas, e dirigem carros blindados utilizando todas as ferramentas de segurança existentes no mundo de hoje.

espetacular são também suas armas para o reforço constante das condições de isolamento das “multidões solitárias”. O espetáculo encontra sempre mais, e de modo mais concreto, suas próprias pressuposições (Debord, 1997:23).

Levando em consideração que a sociedade é o conjunto de indivíduos em processo de interação social, e que a metrópole determina novas formas de vida, de produção, de relações sociais, vivemos, atualmente, diante de uma sociabilidade urbana caracterizada pela indiferença, pelo isolamento e intolerância, formadora da mentalidade metropolitana.

Isso altera a dinâmica do tecido social e a maneira como as pessoas se veem umas às outras. Reflete, portanto, diretamente na estrutura social, e até mesmo na trajetória social dos indivíduos. Desta forma, a mundialização do capital prevista por Chénais (1996) e a pasteurização da economia mundial defendida por Véras (1999) moldam a distinção social sustentada por Bourdieu (1994), refletida em novos gostos de classes e estilos de vida.

Sendo assim, percebemos que em São Paulo, metrópole pós-industrial de periferia, verdadeiro caleidoscópio urbano (Bógus e Taschner, 2001), há certa ausência de urbanidade, uma vez que enormes edifícios comerciais, grandes avenidas, e condomínios fechados disputam espaços com muitas favelas e inúmeros cortiços que formam uma enorme área periférica, desprovida de recursos urbanos essenciais. Este é o retrato da paisagem urbana, que contribui para um nítido sinal esmagador da vida pública na cidade.

É como se o espaço social se materializasse no espaço físico da cidade, pois ao mesmo tempo em que as autoconstruções não se comunicam com os megaempreendimentos imobiliários, as classes mais abastadas não enxergam os mais desfavorecidos.

Essa metrópole desigual, segundo Silva (2008: 55), representa:

(...) uma combinação de imagens na qual se pode encontrar as manifestações mais avançadas e extremadas de possibilidades sociais, políticas, econômicas e culturais da sociedade. Essa encruzilhada geográfico-histórica faz florescer empreendimentos de todos os tipos e marcos patrimoniais que a caracterizam, na sua múltipla diversidade, mesmo que nela se ressalte uma determinada característica.

Logo, entendemos que a cidade de São Paulo precisa ser repensada sob o enfoque das relações sociais existentes, através de um olhar mais profundo e analítico, no intuito de se compreender os problemas de sociabilidade surgidos com o advento da

globalização e da financeirização dos mercados. O espaço urbano paulistano vem sendo modificado por tais processos, e também as relações de interação social.

### 1.3. A METRÓPOLE DE SÃO PAULO NO PLANO INTERNACIONAL

Neste tópico pretendemos ressaltar que o processo de metropolização e de urbanização detectado em São Paulo também vem ocorrendo em outras cidades ao redor do mundo. Na medida de suas especificidades e especialidades, isto se dá considerando a atual tendência da urbanização do globo (e da globalização do urbano), que deslocou o eixo de influência econômica, do norte para o sul, e mais recentemente do oeste para o leste.

O Relatório das Nações Unidas denominado *World Urbanization Prospects: the 2012 revision*<sup>43</sup> constatou que em 2008, pela primeira vez na história, a população mundial urbana se equiparou à população mundial rural, e que anos seguintes o mundo foi se tornando cada vez mais urbanizado. Isto também é reflexo da rápida (e descontrolada) urbanização das últimas décadas, especialmente nas regiões menos desenvolvidas.

O Relatório aponta ainda que em 2050 a população urbana mundial será quase o dobro do que era em 2007. Um dos motivos para este crescimento é o desenvolvimento econômico-tecnológico que sustentou e sustenta o crescimento populacional nas cidades, sendo estas ainda reconhecidas como um centro atrativo que proporciona “melhores condições de vida”. Destacamos, assim, o decréscimo da população rural, e o aumento da população urbana, fenômeno mais intenso em cidades de países menos desenvolvidos<sup>44</sup>.

O mundo hoje é, em sua maioria, urbano, fruto da expansão da classe consumidora global cada vez mais intensa, sobretudo, nos países em desenvolvimento como os da América Latina, África e Ásia, territórios em constante urbanização.

Em relação à Ásia, atualmente com treze megacidades, espera-se que metade da população viva em áreas urbanas em 2020, tendo mais de 1.4 bilhões de habitantes vivendo nas cidades, o que dará ao continente asiático mais nove megacidades com mais de dez milhões de habitantes até 2025 (United Nations, 2012).

---

<sup>43</sup> Para maiores informações ver: <http://esa.un.org/unup/index.asp?panel=2>.

<sup>44</sup> Segundo o relatório, em 2050, os moradores urbanos representarão aproximadamente 86% da população nas regiões mais desenvolvidas, e 67% nas regiões menos desenvolvidas. De todo o modo, a população mundial será 70% urbana em 2050 (United Nations, 2012).



São Paulo<sup>45</sup>, e mais precisamente, a área objeto de estudo deste trabalho, qual seja, a Vila Olímpia, têm uma dimensão que não se pode fechar em si mesma, motivo pelo qual devemos confrontá-los com outras metrópoles e centros urbanos da atualidade. Assim, acreditamos que despertará o interesse daqueles que se colocam no plano de argumentação cosmopolita.

Levando em consideração as atuais tendências de urbanização do globo, e com o objetivo de elevar esta tese a um plano de discussão internacional para generalizar a problemática em questão, sem se restringir ao plano “local”, evitando escapar o confronto com outras realidades e experiências, propomos um diálogo entre São Paulo e Guangzhou<sup>46</sup>, uma importante metrópole em crescimento, localizada na região sul da China, às margens do Rio Zhu Jiang, a cerca de cento e vinte quilômetros ao norte de Hong Kong.

Vale ressaltar que poderíamos apontar diversas outras metrópoles ou centros urbanos para ilustrar esse confronto, uma vez que São Paulo cada vez mais vem se especializando e se firmando como metrópole competitiva no cenário global, atraindo o capital transnacional, financeiro e empresarial, formando novos centros especializados ao longo do tecido urbano como, por exemplo, a Marginal do Rio Pinheiros, onde se localiza o bairro da Vila Olímpia.

Portanto, podemos dizer que a região sudoeste da capital paulista se comunica muito mais com a Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro; Lower Manhattan, em Nova York; Canary Wharf, em Londres; Shinjuku, em Tóquio; Potsdamer Platz, em Berlim; La Défense, em Paris; Pudong, em Shanghai; Santa Fé, na Cidade do México; Downtown San Jose, na Califórnia; Downtown Los Angeles, em Los Angeles; Loop, em Chicago; Setia Budi, em Jacarta; Zhujiang New Town, em Guangzhou (China), do que com outras áreas de São Paulo, como o centro, a zona norte ou a zona leste.

Tais áreas representam o centro financeiro, comercial e de serviços dessas metrópoles, e se destacam pela sua intensa e moderna verticalização, com elevadas taxas de densidade populacional, megaempreendimentos imobiliários, arranha-céus, sedes de grandes empresas multinacionais, hotéis de luxo, lojas e serviços de renome

---

<sup>45</sup> Em 2011, no ranking das megacidades com mais de 10 milhões de habitantes, a grande São Paulo figura como a sexta maior aglomeração urbana do mundo, com 19.6 milhões de pessoas (United Nations, 2012). Enquanto o município de São Paulo apresenta aproximadamente 11.447.000 (onze milhões, quatrocentos e quarenta e sete mil) habitantes em 2013 (SEADE, 2013). Disponível em: <http://www.seade.gov.br/produtos/chartserver/imp/fc/lva/503/55/1980,1991,2000,2013/00/1/2/>. Acesso em 24.07.2013.

<sup>46</sup> Guangzhou posiciona-se na vigésima primeira posição com 10.8 milhões de pessoas, segundo o Relatório das Nações Unidas de 2012.

internacional, indústrias terceirizadas, tráfego intenso, o que configura uma nova centralidade urbana, com influência internacionalmente maior do que o próprio país onde estão localizadas.

Sobre o assunto, Sassen (2013) entende que, atualmente, os centros urbanos são mais poderosos do que os Estados Nacionais, e amplia o conceito de cidade global para o que chama de vetores urbanos, referindo-se à geopolítica global como sinônimo das relações de poder que se estabelece nas cidades. Deste modo, são as conexões firmadas entre o vetor urbano composto por São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília e o vetor urbano formado por Pequim, Shangai e Hong Kong (incluindo Guangzhou) que conectam Brasil e China, por exemplo.

Assim, sem a intenção de esgotar o assunto, mas tão somente ilustrar o diálogo entre esses dois países, propomos o confronto entre São Paulo e Guangzhou, que se destacam no cenário global por representar novas centralidades como a Vila Olímpia e Zhujiang New Town. Para tanto, respeitando as divergências culturais, políticas, econômicas e sociais de cada cidade, cabe apontar de maneira sucinta o que vem ocorrendo em seus espaços urbanos nos últimos anos.

Por um longo período a China, assim como o Brasil, foi um país de economia agrária, o que de certa forma retardou o processo de urbanização, se comparado aos países desenvolvidos do hemisfério norte, tendo em vista seus diferentes processos históricos, políticos e econômicos durante o século XX. A tímida atividade industrial, a partir de 1950, apoiada pelos soviéticos, só foi tomar corpo nas décadas seguintes, quando o governo chinês resolveu implantar propostas liberalizantes em sua política econômica (Spence, 1996).

De acordo com Xie (2003), o que provocou a transição da economia centralizada para a de mercado foram as reformas na agricultura (restaurando a agricultura familiar como uma espécie de empresa rural), que direcionaram o governo chinês para o mercado e investimentos externos com o objetivo de alavancar o crescimento interno.

É nesse momento que a China cria duas Zonas Econômicas Especiais (ZEE) nas províncias de Guangdong e Fujian, localizadas no litoral sudeste do país, próximas a Hong Kong e Taiwan. E é em Guangdong que se localiza a cidade de Guangzhou, símbolo do desenvolvimento chinês na década de 1990, fruto dos incentivos fiscais do governo e dos elevados investimentos estrangeiros (Ruiz, 2006) que proporcionaram um

*boom* econômico, e conseqüentemente, imobiliário, remodelando por completo o espaço urbano da região.

Hoje, Guangzhou<sup>47</sup> é uma das maiores cidades da China, um importante centro portuário, com aproximadamente 12.700.800 habitantes, segundo o Censo, 2010<sup>48</sup>, representando a terceira cidade mais populosa e um dos maiores centros industriais, administrativos e financeiros do país. Em 2008 foi classificada como “Cidade Global Beta”<sup>49</sup>, e em 2010 sediou os jogos asiáticos sofrendo impactos oriundos dos megaprojetos de infraestrutura urbana (Guangzhou Statistical Yearbook, 2011).

Além disso, sedia a Canton Tower, segunda maior torre do mundo, localizada na área de Zhujiang New Town, nova centralidade que vem sofrendo profundas transformações urbanas por representar o centro financeiro e de negócios da cidade com intensa verticalização, presença de hotéis de luxo e multinacionais (Chu, 2007).

A atual economia de Guangzhou, assim como a de São Paulo, é baseada no setor terciário de negócios e serviços, e engloba uma base de cooperação integrando finanças internacionais, comércio, cultura, entretenimento, administração e habitação. Logo, Zhujiang New Town e também a Vila Olímpia, representam um novo centro de negócios visando o público de alta renda.

Vale ressaltar que tanto em São Paulo quanto em Guangzhou a economia de mercado neoliberal incentivada na década de 1990 elevou o grau de competitividade dessas metrópoles, fortalecendo seu dinamismo no cenário global, representando as regiões mais ativas da economia brasileira e chinesa. Paralelamente a este cenário, observamos profundas desigualdades regionais e sociais, impulsionadas pelo crescimento econômico vertiginoso incrementado pela acelerada urbanização.

Percebemos, portanto, que em sua medida e no seu ritmo, assim como São Paulo, Guangzhou deixou de lado o modelo agroexportador para experimentar uma tímida industrialização, sobretudo, com as reformas chinesas a partir da década de 1970,

---

<sup>47</sup> Disponível em: <http://www.lifeofguangzhou.com/>. Acesso em: 26.07.2013.

<sup>48</sup> Disponível em: [http://www.gzstats.gov.cn/tjgb/glpcgb/201105/t20110517\\_25227.htm](http://www.gzstats.gov.cn/tjgb/glpcgb/201105/t20110517_25227.htm). Acesso em: 26.07.2013.

<sup>49</sup> O Índice de Cidades Globais ou *Global Cities Index* é um ranking criado em 2008 pela revista americana *Foreign Policy* em conjunto com a empresa *A.T. Kearney* e *The Chicago Council on Global Affairs* que leva em consideração cinco dimensões para destacar o grau de interação das cidades ditas globais com o resto do mundo, quais sejam: atividade empresarial, capital humano, intercâmbio de informações, experiência cultural, e o engajamento político. O índice engloba dez categorias de cidades globais (de Alfa++ a Gama-). Cantão se enquadra no sexto índice como uma Cidade Global Beta, e São Paulo figura no terceiro índice como uma Cidade Global Alfa. Disponível em: [http://www.foreignpolicy.com/articles/2008/10/15/the\\_2008\\_global\\_cities\\_index?page=0,1](http://www.foreignpolicy.com/articles/2008/10/15/the_2008_global_cities_index?page=0,1). Acesso em: 26.07.2013.

o que impulsionou uma acelerada urbanização. Já nos anos de 1990, com características de metrópole terciária, Guangzhou se consagra como importante centro financeiro, de negócios e serviços com a construção da Zona Econômica Especial, intensificando o desenvolvimento do comércio, promovendo maior competitividade, gerando profundas transformações no espaço urbano.

Atualmente, São Paulo e Guangzhou estão condicionadas à economia global, pois concentram inúmeras empresas multinacionais, de prestação de serviços, de tecnologia de ponta, com “centros especializados” patrocinados pelo capital privado.

É certo que a ascensão do Brasil e da China na economia global, no início deste século, deu peso geopolítico a estes países, impulsionando a concorrência entre suas metrópoles, tornando-as mais atraentes internacionalmente, onde uma das principais frentes de expansão do mercado imobiliário é o bairro da Vila Olímpia, na zona sudoeste da capital paulista, e o *central business district* de Zhujiang New Town, em Guangzhou.

Essas regiões atraem mais gente a cada ano porque nelas é possível ganhar mais dinheiro e consumir mais. Por conseguinte, apresentam-se como motores do crescimento da economia global, pois passam a se especializar, dando vazão às operações das empresas que são globais. As funções de comando das relações internacionais, sobretudo, em seu aspecto econômico se concentram nessas metrópoles.

Em ambos os países, a aglomeração urbana acarretou uma mudança econômica radical, em que a urbanização passou a alimentar a máquina do crescimento, remodelando, principalmente, a indústria da tecnologia, proporcionando o avanço das telecomunicações, e o desenvolvimento do mercado financeiro, empresarial e imobiliário.

Ressaltamos que esse processo é caracterizado pelo descompasso entre urbanização e modernidade, pois ao mesmo tempo em que se buscou o crescimento econômico, também se expandiu a produção de favelas, o aumento do desemprego e a imobilidade urbana, maquiando uma urbanização segregadora e excludente, fruto do processo de globalização do urbano, sendo esta a realidade de São Paulo e Guangzhou.

Percebemos, portanto, que o acelerado processo de urbanização da China, atualmente caracterizado pela intensa metropolização, assemelha-se com o ocorrido no Brasil, tendo em vista a industrialização tardia ter provocado drásticas transformações urbano-sociais.

Como características desse processo de produção do espaço urbano, atualmente “em toda a China, escavadeiras estão arrasando aldeias que datam de antigas dinastias. Torres brotam das planícies e dos morros. Novas escolas e hospitais urbanos oferecem serviços modernos, muitas vezes às custas da destruição de antigos templos e teatros a céu aberto no campo” (Johnson, 2013).

No mesmo sentido, em São Paulo:

Além de não se atacar os problemas relacionados à exclusão social, à periferização, à violência e às carências habitacionais, deixam-se de lado a renovação das áreas centrais, a priorização do transporte coletivo, a busca das qualidades de vida urbana, a recuperação de ambientes de valor histórico e a provisão de espaços públicos de qualidade. (...) Entretanto, as forças dominantes na cidade, presas a visões de crescimento ilimitado e à tentação do lucro imediato, não manifestam interesse em promover tais iniciativas. Há cinquenta anos, a priorização da expansão imobiliária impediu São Paulo de adquirir todas as qualidades de uma cidade industrial moderna; hoje, interesses semelhantes impedem que nos tornemos um centro com as vantagens de uma metrópole global (Campos, 2002: 631).

Isto porque, na maioria das metrópoles de países em desenvolvimento, como as do Brasil e da China, o processo de globalização intensifica as contradições do capitalismo e da modernidade, sob a égide de um modelo urbano neoliberal, enaltecendo a individualidade em detrimento da coletividade.

Assim, a urbanização em grande escala se reflete na estrutura da cidade e no cotidiano das pessoas que ali vivem. A valorização das áreas centrais direciona os moradores de menor renda para a periferia e transforma as antigas casas em modernos edifícios, trazendo consigo, inevitavelmente, a elitização e a ampliação da disparidade entre as classes sociais.

Dessa maneira, entendemos que essas recentes transformações urbanas, ocorridas não só em São Paulo e em Guangzhou, mas em inúmeras metrópoles ao redor do mundo, são fruto da estratégia do capital privado para criar “novas centralidades” na cidade, onde uma nova arquitetura surge cristalizada nos megaprojetos imobiliários, modificando não só o meio ambiente urbano como a sociabilidade daqueles que moram, usam e experimentam esses espaços.

## **CAPÍTULO 2: AS ESCALAS DA METRÓPOLE E SUAS CATEGORIAS SOCIOLOGICAS**

No estágio atual de urbanização do mundo, cada vez mais cidades alcançam o patamar de metrópole, o crescimento e desenvolvimento de grandes centros urbanos são baseados nas forças e influências da globalização, das novas tecnologias e, principalmente, da revolução das comunicações.

Tentamos esboçar um pouco dessa discussão no primeiro capítulo, com a análise da metrópole como objeto de estudo, enquadrando São Paulo como uma metrópole pós-industrial de periferia, a fim de facilitar a compreensão da relação das transformações do espaço com as questões da sociabilidade.

Não é demais lembrarmos que essa relação afeta diretamente as relações sociais dos indivíduos que vivem e transformam o espaço urbano. Conforme observamos, a impessoalidade, a individualidade (contraposta à noção de coletividade), a indiferença e o distanciamento são características da vida metropolitana, em constante transformação.

Neste capítulo, tentaremos abrir espaço a partir das teorias sobre cidade para mergulhar nas dimensões ou escalas da metrópole, no intuito de contribuir para uma maior compreensão acerca da relação do indivíduo com o espaço em que habita. Esta análise é de grande valia para fundamentar a pesquisa sobre as sociabilidades realizada no bairro da Vila Olímpia, abordada no terceiro capítulo desta tese.

Para dar maior consistência à discussão, associamos as escalas com as diferentes modalidades de sociabilidades na metrópole, com o objetivo de aprofundar a ideia de transição na natureza dessas sociabilidades – fundamental nesta tese – relacionando com as questões de identidade e comunidade.

Desse modo, partimos do conceito de escala como construção social, e como aproximação ao nosso objeto de estudo, abordamos o conceito de sociabilidade no meio urbano, uma vez que o objetivo maior desta tese é analisar as sociabilidades na metrópole de São Paulo, através da pesquisa no bairro da Vila Olímpia.

Assim, a discussão das sociabilidades respalda-se em duas categorias sociológicas, quais sejam: identidade e comunidade. O escopo, portanto, é compreender como se dá o processo de sociação nas diferentes escalas, ou seja, como as diferentes modalidades de sociabilidades se efetivam dentro de cada escala, e se as mesmas são

condicionadas por tais categorias, e nesse sentido, em que medida as categorias identidade e comunidade determinam a intensidade das relações sociais nas escalas?

Em seguida, ponderamos as escalas da metrópole propriamente ditas, iniciando com a escala residencial, abordando a escala do bairro, e finalizando com a escala do urbano. Para esta última, levantamos a discussão do local e do global na metrópole, demonstrando que nem sempre o local une e o global separa, e que em tempos de urbanização do globo e de globalização do urbano, o local não desapareceu, pelo contrário, vem ganhando força, sendo palco para vozes, comunidades ou bairros de resistência, onde novas oralidades se formam e novas relações sociais se criam.

Cabe mencionar que as mediações da cidade impregnam a sociedade, a capacidade relacional das pessoas, as relações de produção, o lugar de moradia, o bairro, o pedaço e as relações culturais (etnia, cor, profissão) do e no urbano. Dessa forma, para além da noção de dimensão territorial, oriunda dos urbanistas e geógrafos, entendemos que a escala deve ser percebida e enquadrada como uma construção social (Marston, 2000), isto é, como um resultado contingente das tensões que existem entre as forças estruturais e as práticas dos agentes humanos.

Acerca desse conceito, Ribeiro e Milani (2008) entendem que a construção social do espaço urbano e do território perpassa pela noção de escala enquanto categoria da prática, campo e lutas sociais, perfazendo o caráter de processo político, apoiado na luta social como controle do espaço, através de alianças e confrontos.

É o que defende Castro (1995) ao afirmar que a escala espacial é socialmente produzida, pois além de se apreender os fenômenos sociais produzidos no território, ela revela a natureza dos processos socioespaciais, ou seja, as dimensões concretas do real. Ainda assim, a escala espacial relata a estrutura e a dinâmica do desenvolvimento capitalista no território, motivo pelo qual não são fixas, podendo ser perpetuamente reestruturadas, redefinidas e contestadas (Swyngedouw, 1997). Com ela, observa-se, dimensiona-se e mensura-se o fenômeno socioterritorial.

Portanto, são nas escalas metropolitanas que os indivíduos constroem suas relações sociais, cenário onde se desenvolvem os processos de interação social. Essas escalas dialogam com as diferentes modalidades de sociabilidades, alcançando temas intimamente ligados ao estudo sociológico do espaço, principalmente, com a noção de identidade e comunidade.

Para perceber a questão da escala, é necessário relacioná-la com as três dimensões sugeridas para aprofundar a compreensão das relações de interação social em

cada uma delas, e então contribuir para um possível alargamento na teoria sociológica das cidades.

## **2.1. ACERCA DO CONCEITO DE SOCIABILIDADE**

Diversos são os autores que analisam o tema da sociabilidade urbana no mundo atual, como: Tavares dos Santos (2000), Katzman e Ribeiro (2008), Frúgoli Jr. (1995, 2007), Waizbort (2002), dentre outros.

Para esses autores, as relações sociais passaram por profundas transformações nos últimos anos, vinculadas a processos simultâneos de integração comunitária e fragmentação social, de massificação e de individualização, de seleção e de exclusão.

Tais transformações oriundas, sobretudo, de um capitalismo tardio, como no Brasil, intensificam-se na sociedade global destruindo por completo as premissas e promessas da Modernidade, materializadas hoje nas ideias de desigualdade, não liberdade e individualidade.

A coesão social torna-se um desafio para as sociedades contemporâneas, em que a qualidade das relações sociais está totalmente dependente do grau de desigualdade na distribuição da riqueza, da renda, do poder e também dos recursos que fundamentam o prestígio, a honra e o reconhecimento sociais. Assim, “(...) a sociabilidade nas grandes cidades deixa de ter como substrato (objetivo e subjetivo) os mecanismos e os valores promotores da solidariedade, da integração e da igualdade sociais” (Katzman e Ribeiro, 2008: 244).

Isso parece ser mais visível na escala urbana e em metrópoles como São Paulo, onde a natureza das sociabilidades vem se alterando ao longo do tempo, principalmente, com as influências de um modelo urbano neoliberal que transforma o espaço/tempo das relações sociais.

Essas contribuições acerca da sociabilidade são válidas para a teoria sociológica atual, entretanto, preferimos resgatar as ideias de George Simmel sobre assunto, por melhor expressarem a relação do indivíduo com a metrópole moderna, foco deste trabalho.

Em seu texto denominado *Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal* Simmel (1983) aborda o tema afirmando que o alicerce da sociedade está na interação dos indivíduos e que esta interação surge com base em certos impulsos ou em função de certos propósitos que fazem com que o homem viva com outros homens.



A relevância dessas interações reside no fato de obrigar os indivíduos a formar uma unidade, uma comunidade, uma sociedade. Essas interações são materializadas no que Simmel chama de “sociação”, sendo “(...) a forma pela qual os indivíduos se agrupam em unidade que satisfazem seus interesses. Esses interesses quer sejam sensuais ou ideais, temporários ou duradouros, conscientes ou inconscientes, casuais ou teleológicos, formam a base das sociedades humanas” (*idem, ibidem*: 166).

O autor remete a interação como base da sociedade e condiciona a sociabilidade com a noção de comunidade, isto é, com algo em comum entre indivíduos que se agrupam com impulsos e/ou propósitos para justificar a vida em sociedade. Esta sociabilidade é mais visível na escala do bairro, entretanto, será que conseguimos detectá-la em bairros como a Vila Olímpia?

Para Simmel (*idem, ibidem*: 168):

(...) “sociedade” propriamente dita é o estar com o outro, para um outro, contra um outro que, através do veículo dos impulsos ou dos propósitos, forma e desenvolve os conteúdos e os interesses materiais ou individuais. As formas nas quais resulta esse processo ganham vida própria. São liberadas de todos os laços com os conteúdos; existem por si mesmas e pelo fascínio que difundem pela própria liberação destes laços. É isto precisamente o fenômeno que chamamos sociabilidade.

O autor classifica, portanto, a sociabilidade como categoria sociológica, ou seja, uma categoria lúdica de sociação. O “princípio de sociabilidade”, formulado por ele, tem como fundamento o “axioma de que cada indivíduo deveria oferecer o máximo de valores sociais compatível com o máximo de valores que o próprio indivíduo recebe” (*idem, ibidem*: 172).

Esse princípio demonstra a estrutura democrática de toda a sociabilidade, posto que este caráter só se realiza no interior de um determinado estrato social, uma vez que a sociabilidade entre membros de classes sociais muito diferentes é amiúde inconsistente e dolorosa. Assim, “a sociabilidade demanda o mais puro, o mais transparente, o mais eventualmente atraente tipo de interação, a interação entre iguais” (*idem, ibidem*: 173).

É importante destacar certa discordância com a posição adotada pelo sociólogo acima. É claro que condições e características semelhantes entre indivíduos facilitam o processo de interação social, porém, apenas as diferenças entre os mesmos não definem a existência ou não de interação social. Logo, acreditamos que o que determina esse processo, entre indivíduos iguais ou não, nos dias de hoje, dentre outros fatores, é o

excesso de interesse de cada um com o objetivo de se alcançar a satisfação pessoal, aprofundada pela individualidade, o que exclui o contato com o outro, anulando a existência do estranho, sem se preocupar com o próximo, alterando as modalidades de sociabilidade nas escalas metropolitanas.

Assim, “a sociabilidade é o jogo no qual se ‘faz de conta’ que são todos iguais e, ao mesmo tempo, se faz de conta que cada um é reverenciado em particular; e ‘fazer de conta’ não é mentira mais do que o jogo ou a arte são mentiras devido ao seu desvio da realidade” (*idem, ibidem*).

A sociabilidade entre iguais, formada por valores sociais compatíveis entre semelhantes e que dão consistência às relações sociais, aproxima-se da ideia da cidade que padroniza a construção do espaço urbano, fazendo de conta que todos os habitantes são iguais e que, portanto, possuem relações sociais mais intensas.

Porém, não é o que vemos na escala urbana, já que essa padronização é contraditória, uma vez que ao mesmo tempo que comprova a existência do outro, nega o diferente, o estranho. Deste modo, questionamos: a riqueza da cidade não está na diversidade? Por que a sociabilidade metropolitana é consistente apenas entre iguais? O que une e o que separa os indivíduos nas diferentes escalas da metrópole? Esses e outros questionamentos devem ser levantados para aprofundar a discussão aqui travada.

Retomando o conceito de sociabilidade, Frúgoli Jr. (2007), em seu livro intitulado *Sociabilidade Urbana*, compreende o caráter relacional e situacional de atores e grupos sociais na cidade. Para tanto, analisa a figura do cidadão, como sendo aquele que ocupa espaços urbanos, desloca-se por seus diversos territórios e estabelece relações de proximidade e distância com os outros, em contextos específicos e situados na cidade, sendo, portanto, diferente do transeunte, não se confundindo com o cidadão.

Esse antropólogo se baseia em Simmel para compreender a sociedade como sendo algo continuamente constituído (e dissolvido) pelos indivíduos, através de interações recíprocas, formando o que denomina de “cidade relacional”.

Logo, defende que a sociedade é uma modalidade de interação entre indivíduos e que nasce com processos microsociológicos que constituem associações (sociações), pois além da interação, estes processos formam uma unidade, uma sociedade, estando os indivíduos conscientes disso (Simmel, 1917, *apud* Frúgoli Jr., 2007: 8-9).

A sociabilidade, portanto, seria a compreensão do modo como se organiza a sociedade através da associação básica; e a conversação seria uma forma de modalidade básica de sociabilidade, cujo conteúdo não é o propósito, mas o meio pelo qual o

vínculo social se mantém enquanto forma. “Assim, através das trocas de palavras, os participantes zelam pela relação em curso, por meio de regras de amabilidade e etiqueta voltadas à circunscrição de qualquer exacerbação das individualidades” (Frúgoli Jr., 2007: 10).

Ainda, para o autor, a trajetória do conceito de sociabilidade permeia duas tipologias básicas: a primeira, como sendo aquela baseada no “interacionismo simbólico” de Goffman (1985), demonstrada nas formas de sociabilidades enquanto possibilidades de construção temporária do próprio social entre estranhos ou atores sociais de condições diversas, em que a interação em si constituiria o principal intuito; e a segunda, em que a sociabilidade adviria da qualidade “intraclassista” de Simmel, ligada à ideia de que tais relações seriam praticadas entre iguais (bairros residenciais marcados por determinada homogeneidade, com certa identidade, onde haveria uma significativa articulação entre sociabilidade e vizinhança ou comunidade).

Vale ressaltar também que Agier (1999) apresenta o conceito de “sociabilidades alargadas” para compreender o modo como os indivíduos constroem redes mais amplas de relação, com base em vínculos de parentesco, vizinhança, lazer ou associativismo, nas quais se estabelecem níveis intermediários de vida social, situados entre o mundo doméstico de tais cidadãos e as instituições ou macroestruturas mais abrangentes.

Na mesma linha, Bauman (2000) defende que a sociabilidade é uma forma de socialização compreendida a partir da interação com a estrutura social, porém se referindo a processos distintos, sendo observada uma multidão em que os indivíduos compartilham ações baseadas no instante em que se vive e nas condições semelhantes às quais se encontram, não configurando, assim, um processo abstrato.

Esta sociabilidade, por sua vez, exercida em um espaço urbano de intensa aglomeração, valoriza a vida no anonimato. O anonimato, de certa forma, protege as pessoas, pois fazem aquilo que bem entendem na cidade (Sennett, 1997).

Adicionalmente, Elias (1999) entende sociabilidade como uma rede ou teia de interdependências e pertencimentos de interações sociais de indivíduos que formam uma coletividade. Para ele, a sociabilidade é expressa por “redes de indivíduos” orientadas umas para as outras e unidas umas às outras das mais diversas maneiras, implicando numa dinâmica relacional de interdependência entre adversários e aliados, tendo em vista que:

A interdependência é o aspecto elementar e universal de todas as configurações humanas. Não há ninguém que nunca tenha estado inserido numa teia de pessoas (...) um dos aspectos elementares e universais de todas as configurações humanas é o de que cada ser é interdependente – cada um se pode referir a si mesmo como ‘eu’ e aos outros como ‘tu’, ‘ele’, ‘nós’, ‘eles’ (Elias, 1999: 139-145).

Essas interpretações sobre as sociabilidades nos ajudam a fundamentar a discussão acerca das escalas da metrópole, alicerce para a compreensão das noções de identidade e comunidade que permeiam a casa, o bairro e o urbano. Entretanto, o tipo de sociabilidade que mais interessa para este trabalho é aquele que retrata as atuais interações entre indivíduos que experimentam o bairro, a rua, a vizinhança, servindo como base para a pesquisa apresentada no próximo capítulo. Desse modo, a escala mais pertinente e maior argumentada é a escala de bairro.

Para melhor compreensão desta forma de sociabilidade, destacamos duas modalidades de interação social que caracterizam dois tempos distintos da sociedade brasileira, quais sejam: a sociabilidade ampla, no início do século XIX, e a sociabilidade restrita, com o advento da modernidade tardia, no fim do século XIX e início do século XX.

D’Incao (1992a; 1992b) delinea bem esses dois tipos de sociabilidades. Para a autora, na rede social aberta, a rua faz parte da casa, e não se verifica resistência a interações sociais. Já na sociabilidade restrita, o sentimento de privacidade e de estranhamento à rua se impõe.

Por sua vez, na sociabilidade ampla, “todos se relacionam entre si por um motivo ou outro e todo mundo acaba conhecendo tudo sobre a vida de todos” (D’Incao, 1992a: 67). Isto porque, nas famílias brasileiras pré-burguesas, o sentimento familiar dependia da rede de sociabilidade na qual os indivíduos estavam inseridos.

Assim, as características desse tipo de sociabilidade não eram outras, senão: intensas relações de amizade entre as pessoas; ajuda mútua sem nada em troca; confiança mesmo entre desconhecidos. A casa, cenário da escala residencial, não era considerada um espaço privado, e sim um espaço aberto, onde todos circulavam inclusive os de fora. Nesse período, família e comunidade não estão separadas, pois verificamos fortes laços e vínculos de comunidade entre todas as classes sociais, consideradas pessoas comuns.

O momento também era outro, de uma época não capitalista, onde se tinha tempo para fazer tudo, ou não fazer nada. Em meio à ausência de grandes barreiras

sociais entre ricos e pobres, a família não era fechada em si mesma, a casa delimitava a rua, sendo esta os limites do passeio, uma extensão da sociabilidade (D’Incao, 1992b).

A sociabilidade ampla parece ser aquela entre iguais, defendida por Simmel, como a mais pura e intensa forma de interação social. Na medida das suas especificidades, a sociedade brasileira experimentou este tipo de sociabilidade num momento em que a segurança e a tolerância preponderavam entre os indivíduos, contudo os vínculos de comunidade já estavam alicerçados na ideia de desigualdade.

Por outro lado, a sociabilidade restrita<sup>50</sup>, característica da família burguesa<sup>51</sup> brasileira em meados século XX, é aquela em que verificamos o cultivo da domesticidade, da privacidade doméstica, dos espaços domésticos, onde valores como individualismo e impessoalidade prevalecem.

Logo, destacamos certa oposição entre indivíduo e comunidade num mundo burguês identificado pela ausência de laços comunitários com os diferentes, com os estranhos. A família, núcleo da sociedade, é considerada como um mundo em si mesmo, e passa a experimentar mudanças que evidenciam o individualismo em sua constituição (transformações na estrutura arquitetônica, surgimento de edifícios, verticalização, mobilidade urbana etc.).

Sendo assim, como característica primordial desta sociabilidade urbana, ressaltamos o processo de individualização, considerando que vivemos em uma aglomeração, mas somos/estamos individualizados (paradoxo da modernidade). Nesse sentido, a multiplicidade, a fragmentação, a segregação e as relações de alteridade permeiam as sociabilidades urbana.

Essas características são exacerbadas com a influência das novas tecnologias, o que repercute, dentre outras formas, em processos de segregação, na maximização da individualidade e na perda da identidade.

Vivemos, portanto, em um paradoxo: apesar da aglomeração urbana, muitas vezes o isolamento impera, através da solidão em meio à multidão, o contato com o outro se dissipa, e o cumprimento não tem resposta. Isso também é reflexo da

---

<sup>50</sup> Mello e Novais (2010: 560) ressaltam de forma pontual a sociabilidade moderna em meados do século XX, numa sociedade de capitalismo tardio como a brasileira, demonstrando, principalmente, “as relações entre as transformações econômicas e as mutações na sociabilidade, manifestas na dura vida cotidiana e na precária privacidade”.

<sup>51</sup> Sobre a família burguesa em geral, aponta Sennett (1992a) que a mesma se transformou numa cerrada fortaleza contra a esfera pública, promovendo uma separação clara e inusitada entre o público e o privado, especialmente na cidade.

tecnologia, em que os indivíduos encontram-se conectados virtualmente, mas, distantes socialmente.

Além disso, o avanço tecnológico, sobretudo, nas comunicações tem revolucionado o modo como as pessoas se relacionam entre si, caracterizando uma forma coesa de sociabilidade no âmbito virtual, entretanto, mais ou menos efêmera que a sociabilidade no mundo real. Portanto, apesar de considerarmos a importância da tecnologia, percebemos barreiras que devem ser superadas, tendo em vista que ao mesmo tempo em que ela une, desune, que agrega, dispersa, que aproxima, distancia.

Por outro lado, acreditamos que a interação social não pressupõe apenas um contato positivo entre semelhantes. Estão surgindo diferentes formas de sociabilidades que justificam outras maneiras de interagir em sociedade. A distância e o isolamento intensificados pela era informacional, por exemplo, podem representar características de novos tipos de sociabilidades, em que os indivíduos estão ao mesmo tempo mais conectados e mais distantes, praticando sociabilidades híbridas, tanto amplas quanto restritas. Este efeito retrata a dinâmica da sociabilidade urbana, pois as diferentes formas de interação social não morrem, dão origem a outras, transformam-se.

Vale ressaltar que com o avanço da industrialização, da urbanização e da globalização, as noções de sociabilidade, identidade e comunidade se transformaram rapidamente. Manifestações desse processo são detectadas no crescimento sistemático das cidades, no declínio da importância da família, na ampliação do poder da burocracia, no enfraquecimento das tradições, na diminuição do papel da religião na vida cotidiana e no surgimento de novas ferramentas interativas de comunicação, conforme apontamos. Tais mudanças conduzem, de um lado, ao conflito, à instabilidade, à ansiedade e às tensões psicológicas; de outro, à liberação dos sistemas de controle e de coerção, e às novas oportunidades para o desenvolvimento e relacionamento humano.

## **2.2 IDENTIDADE E COMUNIDADE COMO CATEGORIAS SOCIOLÓGICAS**

Sabemos que as relações sociais tornaram-se mais complexas no contexto da globalização, pois, atualmente, as agregações são efetivadas com base em novas lógicas de tempo, de espaço e de interação social. O lado positivo deste fenômeno é a liberdade individual, oriunda da atitude mental das pessoas, umas com as outras, empregando uma atitude de reserva.

No entanto, este modelo emancipador de cidade moderna que liberta está em crise, e a preocupação é justamente com o seu fracasso enquanto projeto de libertação individual e de livre organização da vida coletiva. Isso altera as abordagens e os modos de ver a cidade na escala global (Fortuna, 2008).

O cidadão da metrópole, segundo Simmel (2001), só é livre se escapar das trivialidades e dos preconceitos típicos das pequenas localidades. Na metrópole, não é necessário que a liberdade dos indivíduos esteja refletida em sua vida emocional como experiência agradável. Por oposição a esta liberdade e, naturalmente, em determinadas condições, será por isso que nunca nos sentimos tão solitários e isolados como no bulício das grandes cidades?

Em contrapartida, percebemos um claro afastamento da rua e dos vizinhos, e a casa passa a ser isolada, sem relação com o mundo de fora, atributo da privacidade dos corpos e das mentes, uma vez que as pessoas estão fisicamente separadas, contudo, virtualmente juntas, principalmente, com as novas redes virtuais que facilitam a interação social. Desse modo, o “estar junto” permite uma intimidade das mentes a partir da valorização das relações afetuosas familiares (Sennett, 1992a).

Com base nessas premissas, vislumbramos uma interface entre o conceito de sociabilidade e a noção de identidade e comunidade, posto que a importância da identidade está na ideia de pertinência do indivíduo que habita determinado espaço.

Identidade e cultura caminham juntas, e a cultura de bairro está intimamente relacionada com a identidade do lugar, isto é, da residência, do bairro, do urbano. Esta construção também é possível mediante uma relação de reciprocidade, entre aqueles que se reconhecem como iguais. Isso se realiza na comunidade por meio das interações sociais, da sociabilidade.

Mas quando o indivíduo não se identifica com o grupo ou não se sente inserido na comunidade, busca novas formas de interação social através das modernas tecnologias de comunicação. Essas novas formas de se relacionar entre si e com o espaço, aparentemente são mais efêmeras e voláteis, contudo, não deixam de ser menos transformadoras.

O sentimento de pertinência ainda é ressaltado quando os indivíduos participam de muitos grupos e sentem necessidade de pertencer a um deles, sendo, portanto, um forte componente da sua identificação. A auto-identidade pode ser detectada de diversas maneiras: com as relações de parentesco (mãe e filho), na família, na casa, na comunidade (onde é hábito criar uma identidade comum). A socialização

depende de alguma referência, e o lugar condiciona a constituição de uma identidade, porém, atualmente, a criação de certa identidade local garante uma coesão social?

Os aspectos internos experimentais da conduta humana estão em constante movimento e influenciam a interação social, os sentimentos, e as atitudes das pessoas, tendo em vista serem produto social e criativo.

Segundo Woodward (2000), a identidade é relacional; a sua construção é tanto simbólica como social, e a luta para afirmar uma ou outra identidade ou as diferenças que as cercam têm causas e consequências materiais.

Para dialogar com a noção de sociabilidade defendida por Simmel, nos filiamos ao conceito de identidade moderna desenvolvido por Taylor (1997), pois entende que a identidade está diretamente ligada com o advento da Modernidade, sendo um conjunto de compreensões do que é ser um agente humano. Desse modo, a identidade<sup>52</sup> é uma compreensão renovada da Modernidade, representando, assim, o papel de orientar o indivíduo, de fazer com que tudo tenha sentido, de definir o que é ou não importante na vida.

A identidade moderna está relacionada com o horizonte dentro do qual se pode tomar uma posição sobre alguma coisa. É definida por um compromisso moral ou espiritual, ou pela nação ou tradição a que se pertence. Essas características da identidade determinam a posição que se defende sobre o que é bom, válido, admirável ou de valor.

Logo, quando perdemos essa noção, perdemos também o sentido das coisas. Isso se traduz na “crise de identidade” (Taylor, 1997) pela qual perpassam as sociedades contemporâneas, haja vista que os indivíduos encontram-se desorientados, sem saber quem são, sem rumo, sem saber que posição tomar perante as coisas e o mundo. Por outro lado, essa crise é válida para que se possa redefinir aquilo que se quer, para se escolher diante da orientação básica o que é melhor pra si, aquilo com que o indivíduo se identifica ou não.

Além disso, entendemos que essa crise de identidade é positiva para o atual processo de indeterminação e de desconstrução da realidade, considerando que não acreditamos apenas em uma forma específica de interação social, uma vez que, assim sendo, excluem-se novas modalidades de sociabilidade. O momento atual, portanto, vai

---

<sup>52</sup> Para Santos (2004: 120), “(...) a preocupação da identidade não é relativamente nova. Podemos até dizer que a modernidade nasce dela e com ela”.



contra o determinismo das coisas, não que elas estejam erradas, mas que possam ser desconstruídas para se construir algo novo. O indeterminismo aguça a criatividade.

Ainda não se sabe ao certo, mas novas formas de sociabilidade estão surgindo e devemos olhar para elas sem preconceito, procurando entendê-las e aproveitá-las no que oferecem de significativo para engrossar o universo da interação social. Assim poderemos experimentar novas relações e novas formas de viver a cidade.

Por outro lado, o aprofundamento dessa crise se dá pela exacerbação da individualidade (como uma aspiração moderna), pois além de neutralizar as relações de interação social, desorienta o indivíduo na busca pelo sentido das coisas dentro de si mesmo. Individualismo e indeterminismo se confundem.

É perceptível que a identidade<sup>53</sup> unifica e estabiliza a sociedade. É constituída por um conjunto de concepções individuais vinculadas à compreensão do próprio indivíduo sobre a sociedade. A existência da interação social é influenciada pelas características psicológicas e socioculturais de cada um. Dessa forma, a socialização – ou até mesmo a sociabilidade – é a base da construção da identidade<sup>54</sup>.

De acordo com Bauman (2005), a possibilidade de diferentes identidades hoje é muito maior, se levarmos em consideração a diversidade e o multiculturalismo que caracterizam a sociedade globalizada. Esse sociólogo não define o que é identidade, todavia mostra o seu contexto e o processo de sua construção. Assevera que a busca da identidade nasce com a crise do pertencimento, pois com a modernidade o indivíduo passa a questionar sobre si mesmo, sobre a sua própria existência.

Assim, não há apenas uma única identidade, posto que as identidades são mutáveis, baseadas na crise do pertencimento. O conceito de identidade é a chave para se entender os problemas sociais do mundo moderno, as transformações sociais contemporâneas.

Ela é uma convenção socialmente necessária; o ser humano constrói suas identificações e estas, por sua vez, se modificam. Essa convenção diz respeito à opressão e libertação, características da noção de pertencimento. A ideia de pertencimento, contudo, está na base do indivíduo que não vive isolado, e sim em sociedade.

---

<sup>53</sup> Ainda sobre o conceito de identidade, ver: Oliveira (2000; 2006).

<sup>54</sup> Para Ferreira (2004), a identidade é uma referência em torno da qual o indivíduo se auto-reconhece e se constitui, e está em constante transformação, sendo construída a partir de sua relação com o outro. Essa concepção nos relembra a teoria de Bourdieu (1984) sobre o *habitus*, ao afirmar ser este um produto da socialização ligado à trajetória social do indivíduo, pois auxilia a pensar nas características de uma identidade social, a pensar o processo de constituição das identidades sociais.

A identidade sustenta a questão da segurança e da liberdade, atributos nitidamente observados em uma comunidade, por exemplo. A noção de pertencimento ao local facilita a coesão social. Por conseguinte, “a identidade é uma luta simultânea contra a dissolução e a fragmentação; uma intenção de devorar e ao mesmo tempo uma recusa resolvida a ser devorado” (Bauman, 2005: 84). Na cidade, a dinâmica das várias formas de vida está em permanente construção e desconstrução, assim como as identidades.

Em contrapartida, atualmente, percebemos uma alteração no conceito de identidade, vinculado ao fato de que as sociedades modernas estão sofrendo uma mudança estrutural em suas configurações, considerando os efeitos da globalização. Essas transformações influenciam na perda de um “sentido de si” e na instabilidade do indivíduo, pois perdemos a concepção de nós próprios como sujeitos integrados.

Anthony Giddens (1991; 2002) ao analisar a modernidade enquanto entidade estabelecida alerta para a complexidade dos riscos impostos aos indivíduos, como perturbações e ansiedades generalizadas, o que repercute na criação de novas formas de identidades para se lidar com essas perspectivas da modernidade.

Esse sociólogo ressalta que é preciso analisar as questões fundamentais da identidade, a percepção do “eu” e do “outro” para se compreender as inseguranças e incertezas, as transformações nos espaços da intimidade, e as experiências cotidianas do mundo globalizado.

Para Fortuna (1995; 1999), a cidade moderna favorece a construção de novas identidades, visto que o despontar da modernidade, atrelado às transformações civilizacionais, acarretaram na transfiguração identitária. Assim, baseia suas ideias na lógica da destruição criadora de Schumpeter (1982) para afirmar que hoje vivemos num tempo contingente de destruição criadora das identidades.

Neste aspecto, podemos dizer que a influência da modernidade está no indivíduo, no sujeito, na transformação da identidade. O indivíduo se reformula, busca novos estilos de vida para se enquadrar na sociedade. Na atualidade, ele talvez nem saiba como agir ante as alterações e as novas formas de identidade.

Isto porque, segundo Hall (1998), as “velhas identidades” estão em declínio, haja vista a não coesão social e a instabilidade do mundo atual. Vivemos, portanto, numa “crise de identidade”, em que novas identidades estão se formando, repercutindo ainda mais na transformação do indivíduo, por serem mutantes e transitórias. Assim, ela não é mais fixa, una, e passa a ser formada e transformada.

Hoje, as mudanças são constantes, rápidas e permanentes, ditadas pelos impactos da globalização. Dessa forma, várias identidades, até mesmo contraditórias, formam o sujeito “pós-moderno”. Nesse sentido, é necessário não só o resgate da identidade, do que foi perdido, mas também compreender o efêmero, o passageiro para o fortalecimento das diversas formas de identidade.

Verificamos, então, que a identidade é construída pelo indivíduo por meio das suas identificações e que, atrelada a uma sociedade global multicultural, tende a se modificar constantemente gerando novas identidades cada vez mais mutáveis. Sendo assim, o pertencimento ao local já não é suficiente para produzir coesão social, visto que atualmente o espaço/tempo das interações sociais é mais indeterminado e instável.

A identidade também está intimamente ligada à questão da comunidade, sobretudo, pela noção de pertencimento, uma vez que o reconhecimento de gostos, atitudes e experiências comuns a determinadas pessoas que vivem em um espaço contribui para a formação do caráter identitário da comunidade. Dessa maneira, faz-se necessária a análise dessa categoria sociológica.

Tendo como foco o conceito de comunidade para as Ciências Sociais, e mais precisamente para a Sociologia Urbana, analisamos a noção de comunidade como uma construção sociológica, uma organização social de pessoas que partilham de um interesse comum no meio urbano<sup>55</sup>.

A teia de interações sociais praticadas numa comunidade de indivíduos, no espaço urbano, que partilham de um sistema de interesses, ideias e valores comuns – oriundos da identidade – formam o que chamamos de sociabilidade urbana. Assim, a noção de comunidade também está diretamente atrelada ao conceito de sociabilidade, posto que aquela passa a existir com uma nítida interação entre os indivíduos em um dado espaço.

Para sociólogos clássicos como Tönnies e Weber, a vida comunitária, de uma forma geral, estaria baseada na comunhão de pensamentos e de ideais. A comunidade é formada por um conjunto de interações e comportamentos humanos, baseado na partilha de elementos comuns aos seus membros como, por exemplo, crenças, valores, ideias e

---

<sup>55</sup> Para Gusfield (1975), comunidade pode ser compreendida em termos territoriais ou geográficos, ou seja, aquela que possui um lugar físico com fronteiras bem definidas onde a noção de pertença de seus membros se estabelece a partir do espaço territorial; e em termos relacionais, isto é, com base na noção de redes sociais que partilham de laços comuns através da interação social. Para se aprofundar no assunto, ver: MacIver e Page (1973); Park e Burgess (1973).

significados. Isso, portanto, é o que forma a identidade de uma comunidade, de um grupo.

Ao processo de interações humanas, Tönnies (1973; 2002) acrescenta o termo *vontade*, caracterizado por instintos e reações motivados por funções orgânicas do corpo aos quais ele denominou de *vontade natural*. Para esse sociólogo alemão, a *vontade natural* é um dos elementos mais importantes para determinar a configuração das relações sociais.

As relações comunitárias como um dos tipos de relações sociais são íntimas, interiores e exclusivas, onde se observa uma relação primária, pessoal e afetiva, diferentemente das relações societárias, constituídas por laços de convivência involuntária, por contatos secundários, frios ou por interesse, frequentemente presente no estilo de vida metropolitano. Entretanto, será que a comunidade é formada apenas por princípios de convivialidade, isto é, por laços afetivos, em que há consenso para ordenar uma vida em comum? Será que novas formas estão surgindo? O bairro da Vila Olímpia se encaixa nesse conceito de comunidade?

Weber (1973: 142) compreende que os pilares de uma comunidade são os fundamentos afetivos, emotivos e tradicionais, formadores de uma relação social baseada num sentimento subjetivo comum. Assim, “comunidade só existe propriamente quando, sobre a base desse sentimento, a ação está reciprocamente referida – não bastando a ação de todos e de cada um deles frente à mesma circunstância – e na medida em que esta referência traduz o sentimento de formar um todo”.

Ascher (2004) argumenta que uma comunidade pode ser caracterizada por laços sociais não numerosos, curtos, pouco diversificados ou mediatizados, estáveis, fortes e multifuncionais. Para esse urbanista e sociólogo, o tipo de solidariedade que se verifica na comunidade é a solidariedade mecânica, (oriunda de Durkheim), em que os indivíduos são dependentes entre si, formando um clã, uma coesão social própria das sociedades ditas primitivas ou tribais – semelhante àquela sociabilidade ampla descrita por D’Incao (1992a).

Além disso, o espaço das relações sociais (territórios sociais) é fortemente autárquico e fechado, localmente centrado. As ações dos membros da comunidade são repetitivas e rotineiras, e as regulações principais são os costumes e a autoridade. A cultura é de domínio local; o tipo urbano predominante é a cidade-mercado, e as instituições são a paróquia, o distrito e o Estado-nação.

Sobre comunidade no meio urbano, afirmam Elias e Scotson (2000: 165) que:

As pessoas estabelecem relações quando negociam, trabalham, rezam ou se divertem juntas, e essas relações podem ou não ser altamente especializadas e organizadas. Mas elas também estabelecem relações quando moram juntas num mesmo lugar, quando constroem seus lares num mesmo local. As interdependências que se estabelecem entre elas como criadoras de lares, nos quais dormem, comem e criam suas famílias, são especificamente comunitárias. Em essência, as comunidades são organizações de criadores de lares, são unidades residenciais como os bairros urbanos, os vilarejos, as aldeias, os conjuntos habitacionais ou os grupos de barracas de acampamento.

A citação acima nos remete à escala do bairro, geralmente formada por um conjunto de unidades residenciais em que os indivíduos exercem relações comunitárias interdependentes, onde a pertença ao grupo é um fator preponderante para o fortalecimento da identidade. Ocorre que, atualmente, novas formas e concepções de família estão surgindo, além das avançadas ferramentas tecnológicas de interação social, o que altera os estilos de vida, e a conseqüente relação do indivíduo com a casa, com o bairro e com o urbano.

Assim, destacamos a importância de analisar a sociabilidade urbana<sup>56</sup>, que por sua vez fundamenta a ideia de comunidade e de identidade nas diversas escalas da metrópole. Essa interação remete ao sentido mais tradicional que se conhece, em que os laços por proximidade local, parentesco, solidariedade e de vizinhança seriam a base dos relacionamentos consistentes. Como já dizia Buber (1987: 123), é na comunidade “onde existe uma vitalidade da coexistência espacial, funcional, emocional e espiritual”.

Mas, de fato, o que seria uma relação consistente? Como medir a intensidade das interações sociais? Será que apenas a duração destas relações é suficiente para mensurá-las? Essas reflexões são importantes para compreendermos que ao mesmo tempo em que há relações duradouras vazias, existem relações efêmeras que produzem profundas transformações nos estilos de vida. A ideia de união, de comunidade muitas vezes é sustentada por uma fantasia de que as relações duradouras são estáveis e boas e de que as relações efêmeras são inconsistentes e inadequadas.

As interações sociais pontuais, específicas e breves, sendo aquelas que ocorrem em tempo determinado, com início, meio e fim, para um propósito único, qual seja, a

---

<sup>56</sup> Para Stone (1954), a interação social das populações urbanas está diretamente relacionada com as instituições econômicas. Já Jacobs (2000) entende que ao analisar porções do espaço público das cidades, como ruas e parques, não se encontrará um vácuo social, mas sim atos ricos e complexos, ações e interações, redes sociais. Sant’anna (2000) acredita que as inter-relações entre cidade, família e moradia revelam aspectos da realidade social e que as transformações econômicas das grandes metrópoles produzem impactos diretos na estrutura socioespacial das mesmas.

busca pela satisfação pessoal, geralmente se propagam em redes virtuais de relacionamento e, via de regra, não se materializam num contato face a face. Quando se materializam podem ou não assumir certas características de um relacionamento consistente, entretanto, nascem diferentes.

Isto porque os laços por proximidade local não são mais essenciais para configurar a vitalidade da coexistência humana, pois atualmente é mais fácil e comum conhecermos e nos relacionarmos com alguém na internet do que trocar alguma ideia com o nosso vizinho de porta. Assim, a vizinhança também passa a ser mais um elemento e não uma condição para a existência da interação, diferentemente como apontado por Buber (1987).

Estas transformações sociais estão ocorrendo agora, no presente, durante a escrita desta tese, motivo pelo qual é um grande desafio analisá-las. O que sabemos é que tais transformações produzem novas formas de interação social experimentadas no espaço urbano, fruto da evolução tecnológica e do processo de globalização que altera a relação entre os indivíduos e destes com as diferentes escalas metropolitanas.

Ainda quanto à noção de comunidade, entende Fortuna (2006: 129) como um “espaço social de proximidade relacional”, ou seja, aquele espaço onde se identificam contextos socioespaciais públicos, em que se exprime a diversidade cultural e se pratica a negociação intergrupos. A cidade é o palco para a representação de um espaço relacional de grande densidade de contatos, muitas vezes fechados e individualistas, e de “solidão comunicativa”.

Para Bauman (2000: 09), a palavra comunidade evoca tudo aquilo de que sentimos falta e de que precisamos para viver seguros e confiantes. Em uma comunidade, as pessoas se ajudam simplesmente por ajudar, sem obter algo em troca, ou seja, “é o tipo de mundo que não está lamentavelmente ao nosso alcance – mas no qual gostaríamos de viver e esperamos vir a possuir”.

Enquanto isso, a noção de comunidade no mundo atual demonstra a liquidez das relações sociais, classificada pela volatilidade, brevidade, e incerteza inerentes às mesmas. Por sua vez, estas são efêmeras, fluidas, não se estruturam, perpassam. A vida líquida é caracterizada como a vida de consumo, breve, com compromissos transitórios, revogáveis, influenciada pelas novas tecnologias. As relações são pragmáticas, existem, mas não se consolidam (Bauman, 2007).

Vivemos em um mundo pós-moderno onde a vida é baseada em uma condição de incerteza que é permanente e irredutível. Uma das dimensões desta incerteza é a

“indeterminação e a maleabilidade do mundo”, posto que “(...) os laços são dissimulados em encontros sucessivos, as identidades em máscaras sucessivamente usadas, a história da vida numa série de episódios cuja única consequência duradoura é a sua igualmente efêmera memória” (Bauman, 1998: 36).

A figura essencial para entender esse panorama é a do “estranho” como sendo um ser viscoso, segundo Bauman, isto é, algo que gruda, não permite a rapidez ou fluidez das relações, incomoda, provoca insegurança, repercutindo em um desconforto de não se sentir à vontade – o mal-estar da pós-modernidade (*idem, ibidem*).

Este mal-estar caracteriza a sociedade contemporânea em que a incerteza, a ausência de memória, a brevidade das coisas e a insegurança contribuem para o distanciamento social das pessoas no espaço urbano, materializado, por exemplo, nos enclaves fortificados. As pessoas cada vez mais se isolam da vida na cidade, e não percebem que esta atitude fortalece a segregação espacial, enfraquece as relações face a face e fortalece outras formas de interações como as virtuais.

A diversidade é a base da existência humana em sociedade, e na cidade caracteriza a vida urbana. Nas sociedades contemporâneas, impera a intolerância frente ao diferente, ao outro, ao estranho. Dessa forma, o grande desafio é saber conviver com as diferenças, desenvolvendo sentimentos de alteridade, através do reconhecimento do outro, para que se combata o isolamento e se produza novas modalidades de sociabilidade na cidade.

Na metrópole, a característica cotidiana da vida social entre estranhos reveste-se na proximidade corporal *versus* o distanciamento espiritual. A figura do estranho, do estrangeiro sintetiza bem esta forma específica de interação baseada na proximidade e distância, sendo fenômenos sociais que são exacerbados ou potencializados na aglomeração (Arantes, 2000).

Os estranhos são agradáveis para aqueles que moram em seus condomínios fechados, trabalham em escritórios edificadas, e dirigem carros blindados utilizando todas as ferramentas de segurança existentes no mundo de hoje, isolando-se da vida na cidade. Até porque, como discorre Bauman (2000), “numa comunidade não há estranhos”.

Para esse pensador, a questão não é como se livrar dos estranhos e do diferente, de uma vez por todas, ou declarar a diversidade humana apenas uma inconveniência momentânea, mas como viver com a alteridade diária e permanente na sociedade atual como um fenômeno urbano (Bauman, 1998).

A respeito da concepção atual de comunidade, Bauman assevera que:

As pessoas que acreditam que não há nada a fazer para suavizar o tom, e menos ainda para exorcizar o espectro da insegurança, se ocupam em comprar alarmes contra ladrões e arame farpado. O que eles procuram é o equivalente do abrigo nuclear pessoal; o abrigo que procuram chamar de “comunidade”. A “comunidade” que procuram é um “ambiente seguro” sem ladrões e à prova de intrusos. “Comunidade” quer dizer isolamento, separação, muros protetores e portões vigiados. (...) O bairro seguro concebido com guardas armados controlando a entrada; o gatuno e suas variantes substituindo os primeiros bichos-papões modernos do móbile *vulgus*, e juntamente promovidos à posição de inimigos públicos número-um; uma equiparação das áreas públicas a enclaves “defensáveis” com acesso seletivo; a separação em lugar da negociação da vida em comum; a criminalização da diferença residual – essas são as principais evoluções da atual evolução da vida urbana. E é na moldura cognitiva dessa evolução que a nova concepção de “comunidade” se forma (Bauman, 2000: 103-104).

Segundo essa concepção, entendemos que comunidade parece ser sinônimo de mesmice, pois configura a ausência do outro, do diferente, do estranho. A vida urbana torna-se a vida no gueto, ou seja, uma vida sem interação social. Um gueto não é um viveiro de sentimentos comunitários, é, pois, um laboratório de desintegração social, de atomização e de anomia, quer dizer, uma verdadeira impossibilidade de comunidade<sup>57</sup>.

A relação aqui travada entre identidade e comunidade deve perpassar a ideia de que os interesses, os ideais e os valores comuns que identificam as pessoas de um grupo não são mais tão comuns assim, tampouco partilhados entre eles. São interesses diversos, múltiplas ideias e diferentes valores que rodeiam os indivíduos no espaço urbano. Isto nos mostra que a sociabilidade não está vinculada apenas à noção de comunidade, pois as relações passam a se consolidar a sua maneira de ser e acontecer numa sociedade global multicultural. Assim, o interesse comum não é mais suficiente para caracterizar a comunidade, ao contrário do que pensa Bauman.

A respeito da interação social no meio urbano, Lofland (1998) destaca três esferas para a sua compreensão, quais sejam: a esfera privada, a esfera paroquial e a esfera pública – relativas à escala residencial, de bairro e urbana, respectivamente.

A primeira diz respeito às redes de amizade e de familiaridade; a segunda é caracterizada por um senso de comunhão entre conhecidos e vizinhos que são envolvidos em redes interpessoais, seria o mundo dos vizinhos, do lugar de trabalho, de redes de conhecimento; e a terceira esfera seria o mundo dos estranhos na rua. Aponta

---

<sup>57</sup> Sobre o assunto, ver Tereza Caldeira (2000) e Frúgoli Jr. (1995).



ainda que a cidade é a forma mais complexa de aglomeração, pois reúne as três esferas (ou escalas).

São as interações sociais na esfera paroquial, portanto, que permeiam a noção de “comunidade” que pretendemos (des)construir nesta tese, posto que essas interações, quando presentes nas cidades, formam uma sociabilidade através da capacidade relacional do sujeito de entrar em contato com o seu semelhante.

Notamos, contudo, certa dificuldade da Sociologia Urbana em demonstrar a construção de um espírito de comunidade numa civilização que é profundamente urbana à escala global (Fortuna, 2006). O tamanho, a densidade e a heterogeneidade das cidades contemporâneas têm alimentado laços superficiais, transitórios, especializados e desconectados nas vizinhanças e ruas (Costa, 2005). Nesse sentido: “a cidade produz uma cultura de estranhamento e anonimato que, todavia, se pode revelar paradoxalmente libertadora. Se, por um lado, torna o cotidiano menos previsível, por outro lado, torna-o também mais permissivo às escolhas e opções individuais” (Fortuna, 1995: 08).

Baudrillard (1989: 22) ao discorrer sobre Nova York, em sua obra *América*, já enfocava essas transformações nas interações sociais, ao destacar que naquela cidade “(...) o número de pessoas que pensam sozinhas, que cantam sozinhas, que comem e falam sozinhas nas ruas é espantoso. E, no entanto, não podem ser somadas. Pelo contrário, subtraem-se uma às outras, e a sua semelhança é incerta”. Veremos que qualquer semelhança com o bairro da Vila Olímpia não é mera coincidência.

Dessa forma, ressalta-se uma nítida perda dos laços sociais, sobretudo, nas relações de amizade, de parentesco, de pais, filhos e netos, desestruturando relações comunitárias, dando margem a novas formas de relacionamento, novas associações, outro tipo de organização social.

Vislumbramos, assim, rupturas sociais nas relações comunitárias, aprofundadas pelo mal-estar urbano como sofrimento psicológico na metrópole<sup>58</sup>, onde as pessoas tomadas por um processo de isolamento vivem no anonimato, fechando-se em si próprias, experimentando outro tipo de relação social como tipicamente um fenômeno metropolitano urbano. Isto porque a vida urbana provoca o estranhamento, tendo em vista nos avaliarmos pelo olhar do outro. Assim, o diferente – o não reconhecimento do outro que é igual a mim – leva à solidão e ao estranhamento.

---

<sup>58</sup> Sobre o sofrimento psicológico na metrópole ver: Birman (1999) e Vilhena (2005; 2009).

Essa concepção é bem mais nítida quando se olha a metrópole através de suas escalas, isto é, sob o ponto de vista da microanálise, observando um bairro, uma comunidade, por exemplo. As alterações no conceito de identidade, comunidade e sociabilidade discutidas aqui são corriqueiras em grandes metrópoles como São Paulo, em que a vida urbana vem demonstrando fortes sinais de transformação.

### **2.3 A ESCALA RESIDENCIAL**

A menor escala da metrópole que consideramos é a escala residencial, a casa, o lugar onde moramos, que representa um sinal de identificação socialmente construído, por revelar modos de viver e habitar a cidade. Para a análise desta escala, pontuamos uma sucinta contextualização a respeito da casa e da família<sup>59</sup> na sociedade brasileira, por ser este o foco principal da escala residencial, a fim de facilitar a compreensão dos aspectos de sua estrutura sociocultural.

Da Matta (1991) analisa a constituição da casa (como escala residencial da metrópole) em oposição à rua demonstrando significativa dualidade decorrente da oposição entre indivíduo e pessoa, representada na dimensão espacial do dilema brasileiro.

Conforme esse autor, a casa e a rua são categorias sociológicas, entidades morais, representando esferas de ação social, pois indicam espaços privilegiados de realização dessas modalidades de relações sociais. São, contudo, construções sociais possíveis num mundo moderno e diferenciado de sociedades complexas e dinâmicas.

Demonstra ainda o antropólogo que a sociedade brasileira se baseia em dois princípios antagônicos, quais sejam: aquele do indivíduo das relações impessoais, o qual seria o mundo da rua, hostil, das regras gerais e impessoais, da competição capitalista e do aparelho repressivo do Estado; e aquele outro da pessoa das relações de compadrio e amizade, sendo o mundo da casa, das relações afetivas, da família, do “sentir-se”, da cordialidade.

Por outro lado, argumenta que a rua é o palco da dimensão da vida cotidiana, representando as espacialidades das relações sociais, e por isso está em constante

---

<sup>59</sup> Sobre a constituição da família na sociedade brasileira, importante é a contribuição de Freyre (1992) acerca do assunto, onde destaca as origens da família patriarcal que habitava as Casas-grande na época da colonização portuguesa. Dentre outras análises, o autor também aponta a participação significativa da estrutura até mesmo arquitetônica da Casa-grande na constituição desta sociedade, e de suas determinações culturais, enquadrando essas moradias como um núcleo sociopolítico.

movimento, por ser local de manifestação da vida em sociedade<sup>60</sup>.

De qualquer modo, importa ressaltar na discussão da escala residencial os impactos que as transformações urbanas e econômicas produzem nas estruturas social e espacial das grandes metrópoles, isto é, as transformações e mudanças originárias de uma sociedade urbana e globalizada e em crescente processo de desenvolvimento, como a metrópole de São Paulo.

Essa questão pontua a inter-relação aqui travada entre cidade, família e moradia, pois revela aspectos importantes da realidade social. Assim, surgem novas necessidades de habitação em razão da nova realidade familiar, uma vez que a industrialização, a urbanização e a revolução tecnológica também contribuem para a transformação das relações sociais ao destacar o encolhimento da célula familiar.

A respeito das mudanças na família urbana contemporânea, elenca Sant'anna (2000) a diminuição constante de seu tamanho médio, de seu processo de nuclearização, ou seja, restringe-se cada vez mais ao núcleo pai/mãe/filhos sem a incorporação de parentes ou agregados; a diversificação de sua composição; a emergência e a coexistência de uma pluralidade de modelos familiares, distintos do modelo conjugal; participação da mulher-cônjuge no mercado de trabalho; declínio das taxas de nupcialidade; aumento das uniões livres e/ou homoafetivas; retardamento da idade de casamento e do nascimento do primeiro filho; aumento do número de mães solteiras; e aumento dos divórcios e separações.

Adicionalmente, Tramontano (1993, 1998, 2003) entende que vivenciamos hoje um novo padrão social: o viver só. Quanto a isso, relata algumas mudanças nos hábitos sociais que repercutem na habitação, tais como: a diminuição da taxa de fecundidade, a nova postura feminina oriunda da cultura dos anos de 1960, a sucessão da mecanização pela informática, o aumento das pessoas solteiras, e o surgimento de novos grupos domésticos menores, diversos e diferentes da família tradicional.

Em contrapartida, novos estilos de vida emergem, principalmente entre jovens e idosos que optam por morar e viver só<sup>61</sup>, sobretudo em habitação do tipo vertical, edificada, que favorece ao isolamento social ante a ausência de contato até mesmo com

---

<sup>60</sup> Muitos são os estudos sociológicos e antropológicos que possuem a rua como tema ou personagem, como no caso da clássica obra de Jacobs (2000). Entretanto, discussões mais recentes devem ser destacadas, como a de Frehse (2009) que emprega a expressão “usos da rua” para sintetizar comportamentos corporais e formas de sociabilidade na rua, ou seja, a relação dos indivíduos com esses espaços; além dos debates, não menos importantes, realizados por Cordeiro e Vidal (2008) na obra *A Rua: espaço, tempo e sociabilidades*.

<sup>61</sup> Partilhamos da ideia de que morar sozinho como opção não significa solidão e sim ausência de relação social. Sobre o assunto, ver: Mauritti (2011).

a vizinhança local<sup>62</sup>.

Nesse mesmo viés, a tendência das recentes moradias, principalmente em metrópoles como São Paulo, tem como característica primordial a individualização e privatização dos modos de vida, manifestada através do isolamento das famílias e do fechamento dentro dos espaços domésticos, enfraquecendo as relações de vizinhança (Cachado, 2008).

Essa tendência vem sendo profundamente alimentada pelo mercado imobiliário na capital paulista, sobretudo, em bairros como a Vila Olímpia, nos últimos anos, onde o número de novas unidades habitacionais de tipo *studio* ou *flat*, para uma pessoa, em condomínios verticais de luxo aumentou consideravelmente, o que configura uma crescente busca por este novo estilo de vida<sup>63</sup>. Além disso, devido à elevada demanda, a valorização no preço dessas unidades cresceu significativamente.

Geralmente, o morador dessas residências é o empresário recém-formado que acabou de ingressar no mercado de trabalho, os recém-casados sem filhos, aqueles que vieram de outra cidade, sem família, por transferência de trabalho ou em busca de um novo emprego, o idoso que vendeu sua casa térrea para uma construtora em troca de um apartamento no empreendimento que será construído no local, e até mesmo, o estudante de famílias abastadas que vem estudar em São Paulo e opta por moradias pequenas e modernas para morar.

O conseqüente isolamento social, verificado como um “efeito de concha” está relacionado com o “duplo fechamento espacial e societal num espaço vital com fronteiras bem definidas e bem mais restrito” (Freitas, 1994: 30).

Dessa forma, e como parte da escala residencial, não se pode deixar de mencionar um tipo de habitação bem característico do modelo urbano adotado pelo Brasil desde a década de 1970 e que, nos últimos anos, vem se consolidando como moradia ideal, representando a face segregadora do espaço urbano, nesse sentido, os condomínios residenciais fechados<sup>64</sup>.

---

<sup>62</sup> Sobre este aspecto, ressalta Lamas (1992: 317) que: “(...) as unidades habitacionais deveriam ser controladas no número de habitantes e extensão territorial, tendo equipamentos e serviços dispostos de tal modo que a população estabelecesse espontaneamente relações sociais e comunitárias”. Esta poderia ser uma das formas de se evitar características perversas do isolamento que assolam a escala residencial.

<sup>63</sup> Atualmente, a região sudoeste da capital paulista apresenta a maior concentração de domicílios com um morador (IBGE, 2010; Emplasa, 2012). Disponível em: [http://www.emplasa.gov.br/uits/municipioSP/UITs\\_MSP2.pdf](http://www.emplasa.gov.br/uits/municipioSP/UITs_MSP2.pdf). Acesso em: 10.08.2013.

<sup>64</sup> Vasta é a literatura a respeito dos *gated communities*. Quanto a sua origem, partilha-se da ideia de Frúgoli Jr. (1995: 87), ao afirmar que os mesmos são oriundos do “(...) planejamento do pós-guerra, inicialmente [realizado] em subúrbios norte-americanos, com uma espécie de ‘desenvolvimento urbano de função única’, que resultou numa ‘atomização’ da cidade e em espaços marcados pela ausência de uma

De acordo com Choay (2003), essas habitações são exemplo de um modelo racionalista-progressista, e ao mesmo tempo culturalista, primeiro porque têm como escopo a criação de um ambiente urbano dissociado dos elementos da cidade e da vida real, posto que são totalitários e visam à eficiência, sendo o espaço planejado para um homem ideal, objetivando o cumprimento de suas funções básicas. Segundo, porque pretendem criar um mundo fechado, com restrições para a população de fora de seus muros, impedindo a expansão das relações e dos movimentos sociais, gerando, desse modo, graves problemas para a vida urbana.

Em países de capitalismo tardio como o Brasil, um forte motivo para a propagação dos condomínios fechados verticais e horizontais não é outro senão a disposição para o medo e a obsessão pela segurança aliados à supervalorização do indivíduo, aprofundando a sua fragilidade e vulnerabilidade. De acordo com Bauman (2006), esses condomínios são reflexos da mixofobia (aversão ou medo da diversidade) e da conseqüente homogeneização social do espaço (redução do modo de vida a atos e gestos repetitivos), além de contribuírem para o aumento dos perigos da vida urbana, tornando-a mais carregada de ansiedade, em vez de mais agradável e fácil de viver.

Os moradores desse tipo de habitação, sob a justificativa da segurança em face da violência urbana, e em busca da cidade ideal (imaginária e “faz de conta”) subjazem ao processo de deterioração da qualidade de vida, afastando-se da cidade real, o que acarreta o enfraquecimento da relação entre cidadão e cidade, na perda da identidade e das várias dimensões da vida urbana: diversidade, alteridade, diferença, tolerância (Tramontano, 2001).

Esses indivíduos possuem uma relação superficial, contingente e frágil com o espaço da cidade, pois não há interação social, as relações sociais são perenes e o que prevalece é a dimensão privada como estilo de vida<sup>65</sup>.

É sob esse prisma que Caldeira (2000) denomina condomínios fechados como enclaves fortificados ou arquitetura da segurança, ou mesmo estética da violência, tendo como pressuposto a generalização do crime, do medo e da violência, combinando em

---

vitalidade de relações sociais públicas, como aquelas encontradas nos centros urbanos”. Na mesma linha, Raposo (2008) entende que os condomínios fechados se consolidaram apenas com o advento da modernidade, com o avanço do capitalismo e o com surgimento do fenômeno de segregação, típico da cidade moderna.

<sup>65</sup> “O estilo de vida que se articula através de grupos sociais de maior poder aquisitivo, marcado pela mobilidade urbana, pela permanência preferencial em espaços privatizados e por constantes demarcações de distinção, pode ser visto como que ligado a uma certa ‘cultura dos espaços privatizados’, onde a noção de espaço público torna-se secundária, contanto que esteja garantida uma utilização excludente e seletiva da cidade”. (Frúgoli Jr., 1995: 106). Abordaremos mais sobre o assunto na análise da escala do urbano.

transformações urbanas que vêm produzindo um padrão de segregação espacial e social, nas últimas décadas. Assim, justificam-se as novas tecnologias de exclusão social, oriundas da privatização da segurança, sobrepondo-se aos serviços e autoridades públicas, deslegitimando-os.

Percebemos, assim, uma forma de segregação e de espacialização das desigualdades sociais, considerando que:

Entre outros aspectos, os CFs: associam-se a fenômenos de globalização, a processos de reestruturação econômica, a uma nova estrutura social e a uma nova relação entre classes ou grupos sociais; assinalam a crescente preocupação com a questão da segurança; reflectem mudanças culturais e o advento de novos estilos de vida; são signos do avanço da mercantilização e da racionalização da vida social; ilustram algumas das mais importantes transformações das esferas ideológica e política; constituem, por último, eles próprios, uma das múltiplas (novas) paisagens que compõem o panorama cada vez mais fragmentado da metrópole contemporânea (Raposo, 2008:110).

Várias são as denominações para a nova configuração do espaço urbano, como: “espaços públicos mortos” (Sennett, 1992b), “desertificação dos espaços públicos” (Jacobs, 2000), “redução considerável da diversidade e heterogeneidade dos espaços de interação social interclasses” (Abrahão, 2008), “espaço residual entre edifícios e vias” (Borja e Muxi, 2003), dentre outros. Tais concepções remetem à perda da essência do espaço urbano das cidades, qual seja, a função de mesclar pessoas e diversificar atividades.

Toda essa discussão conduz à dinâmica do processo de reprodução do espaço urbano pelo capital, produto da mundialização da sociedade urbana e da fragmentação do espaço e do indivíduo, uma vez que a cidade torna-se condição/produto da acumulação, o que afeta profundamente a estrutura urbana por completo, produzindo novas centralidades, redimensionando o fluxo de pessoas nesse espaço, através de seus diferentes usos. São Paulo é produto dessa dinâmica, onde o bairro da Vila Olímpia figura como um caso exemplar.

Segundo Vainer (2000), a mercantilização do solo de propriedade privada remete à ideia de cidade-mercadoria a qual contribui, dentre outras questões, para o esvaziamento das relações sociais, visto que, hoje se vive num “tempo efêmero” e num “espaço amnésico”, como o lugar da vida na metrópole fragmentada (Carlos, 2001).

Portanto, o habitante da metrópole do século XXI tende a se limitar à escala residencial, pois é um indivíduo que vive sozinho, que se agrupa eventualmente em

formatos familiares diversos, que se comunica à distância, que trabalha em casa e que busca a sua identidade através do contato com a informação.

#### 2.4. A ESCALA DO BAIRRO

Como ponto de partida para análise da segunda escala da metrópole, ressaltamos a influência da teoria francesa do ordenamento do território para o estudo e a concepção de bairro. Em seguida, introduzimos um sucinto conceito de bairro, vinculado à Sociologia do Cotidiano, classificando-o como unidade de vizinhança onde se organiza toda a vida e se estabelecem redes de interações sociais.

Esta discussão é válida para compreendermos como se dá, atualmente, a questão da identidade, da noção de pertencimento, enquanto identificação cultural para a construção do espaço em uma cidade fragmentada como São Paulo. Não podemos deixar de falar, assim, da cultura de bairro, do sentir-se no bairro. Além disso, essa reflexão é de suma importância para subsidiar a pesquisa realizada no bairro da Vila Olímpia apresentada no terceiro capítulo deste trabalho. Por fim, para aprofundar a discussão sobre cultura de bairro na atualidade, apontamos alguns impactos do processo de globalização, destacando as profundas transformações sociais e urbanas ocasionadas na própria existência do bairro como escala.

Para além da visão simpática e romântica do bairro como comunidade, tentaremos demonstrar que com essas transformações, o morador vem perdendo a visão nostálgica do espaço em que vive, apresentando novas formas de se relacionar com o bairro e com os outros, tendo em vista a crise do pertencimento e as mutações no processo de (des)construção das identidades.

O ordenamento do território<sup>66</sup> ou *L'Aménagement du Territoire* surge como expressão na França, após a Segunda Grande Guerra, através do Ministério Francês da Reconstrução e do Urbanismo, como resposta à necessidade de reorganização e reconstrução das cidades, sob a influência das disparidades regionais em termos econômicos e sociais existentes naquele país (Lacaze, 1995).

O modelo francês de ordenamento do território, concebido pelo Estado como uma política pública, teve sua origem na planificação econômica, e objetivava

---

<sup>66</sup> Vale ressaltar que o conceito de território é anterior ao de ordenamento, devendo ser entendido como uma extensão territorial apropriada e usada, onde as relações sociais se concretizam. Para aprofundar o assunto, ver: Santos (1994, 2000).

responder aos desafios impostos pelas transformações oriundas do pós-guerra, suprindo determinados desequilíbrios (demográfico, industrial e cultural) regionais, conforme preceitua Oliveira (2002).

A valorização do território para almejar o desenvolvimento foi, num primeiro momento, baseada na atratividade econômica, incluindo aspectos geográficos e físicos. Posteriormente, o conceito de ordenamento<sup>67</sup> tornou-se vasto e dinâmico, englobando o viés ambiental e social, influenciando de forma direta na qualidade de vida dos indivíduos.

Não é nosso objetivo teorizar a respeito do ordenamento do território, entretanto, é importante mencionarmos que este assunto permeia a organização e a urbanização das cidades e de seus bairros; é contínuo no tempo, pois seus resultados são vistos a médio e longo prazo, e configura-se na forma voluntária de valorização do espaço, sendo uma política pública multiescalar, devendo ser aplicado em diferentes escalas do urbano (nacional, regional e local).

Desse modo, é pertinente a discussão da escala do bairro para compreender as atuais relações sociais nesse espaço. Logo, entendemos que o bairro deve ser apropriado como uma eventual escala intermediária entre o espaço da moradia e da cidade como um todo, sendo também uma escala socialmente construída.

A literatura acadêmica (sociológica, geográfica, urbanística e antropológica) sobre o estudo de bairro é vasta pois transita por diversas áreas do conhecimento, motivo pelo qual devemos direcioná-la ao encontro da contribuição sociológica acerca do tema. Assim, consideramos como bairro, para este estudo, a unidade de vizinhança onde se organiza toda a vida e se estabelecem redes de interações sociais, ou seja, a unidade natural da vida social como forma concreta do espaço e do tempo na cidade, ideia esta defendida por Lefebvre (1975).

Também é o que entende Chaskin (1995) ao afirmar que o bairro é um lugar intermediário, pois não é tão conhecido como a casa e nem tão estranho como a cidade, sendo um misto de individualidade e coletividade. Para Noschis (1984), representa a menor unidade administrativa da cidade, uma simples divisão territorial, uma área

---

<sup>67</sup> De acordo com a Carta Europeia de Ordenamento do Território (1988), “o ordenamento do território é a tradução espacial das políticas econômica, social, cultural e ecológica da sociedade; (...) é, simultaneamente, uma disciplina científica, uma técnica administrativa e uma política que se desenvolve numa perspectiva interdisciplinar e integrada tendente ao desenvolvimento equilibrado das regiões e à organização física do espaço segundo uma estratégia de conjunto”. Para um conceito mais aprofundado do tema, consultar: Frade (1999); Merlin (2002); Tewdwr-Jones e Allmendinger (2006), dentre outros.



demarcada e delimitada, mas também é a unidade de base da vida urbana, visto que é onde o indivíduo organiza a sua vida pública.

Nesse sentido, o bairro é o espaço social das práticas e percepções da sociedade, isto é, o espaço vivido, o local onde se situam todas as relações sociais, além de ser o lugar da residência, da casa, e das relações de vizinhança. De acordo com Castells (1983), os bairros são uma construção social, pois as relações sociais determinam os processos que chegam à estruturação ou à desestruturação dos grupos sociais no seu modo de habitar.

Percebemos, assim, que a identidade de bairro está intrinsecamente ligada à noção de comunidade, como um corpo social homogêneo, um conjunto organizado de moradores, um “espaço de construção da cidadania” que, para Mattos (2012), é produzido por “identidades coletivas”.

A importância do estudo do bairro está na relação de subjetividade daqueles que vivem (n) o bairro, isto é, na ideia de identidade, de reconhecimento do bairro como seu, de um lugar familiar, de uma comunidade, caracterizada pela noção de pertinência.

O esforço de conceituação do bairro associou-se a uma estipulação da escala espacial a que se vinculam certas relações sociais, que preenchem e animam (“anima”: alma) o Espaço-bairro. Quer dizer, a individualidade de um bairro no seio da urbe seria definida por certa coesão social e pela abrangência de uma vida de relações orgânicas e associada ao Espaço particular do bairro, à sua escala (Souza, 1989: 144).

O bairro é um referencial direto e decisivo, pois define territorialmente a base social de uma organização, aglutinando grupos e classes diferentes. Para a Sociologia Urbana, a realidade do bairro está diretamente relacionada à qualidade de seus habitantes e às relações que eles mantêm no bairro. Desse modo, será que o único fator que sustenta tais relações é a coesão social entre os habitantes do local? Ou melhor, ainda há coesão social nas relações de bairro?

É certo que o conceito de bairro se modificou, sobretudo, em consideração à reconfiguração da metrópole contemporânea pelos efeitos da globalização. Este fenômeno, dentre outros resultados, reterritorializa as práticas cotidianas dos habitantes de grandes cidades, fazendo com que o bairro enfraqueça seu caráter de unidade básica da vida cotidiana em favor da dilatação da zona metropolitana. Isto porque, conforme Ascher (1998), as relações sociais de vizinhança e as atividades de proximidade perdem sua importância permanecendo divididas entre a escala da moradia e da cidade, ficando obsoleta a noção de bairro.

Dessa forma, os interesses em comum de uma vida compartilhada que fortalecem os sentidos de pertença não passam imunes com essas transformações. Uma das consequências é a produção de resistências do lugar em face do processo de globalização, tendo em vista a sintonia com as mudanças derivadas da expansão das práticas capitalistas.

Observamos, portanto, que as transformações na cidade acarretam mudanças nos bairros, adequando-os a novas realidades, incorporando novos estilos de vida, comprometendo as práticas sociais locais. Segundo Halley (2008), quanto mais complexas as relações capitalistas na cidade, mais se acelera o declínio da cultura de bairro.

Isto porque, para o morador, o bairro deixa de ser o meio único para satisfazer suas necessidades básicas como lazer, trabalho e consumo, passando a transitar por outros lugares, separando o espaço da moradia daquele do trabalho, redefinindo-o como o locus de construção das relações interpessoais de seus habitantes. É por isso que a noção de comunidade muda.

Paralelamente, a vivência mais superficial do lugar que contribui para a diluição das relações de vizinhança, dos encontros e das festas comunitárias, verificamos o surgimento de novas formas de relações e experiências em um espaço complexo, imbuído de variadas significações que, segundo Silva (1999), são conferidas pela própria dialética do cotidiano, alterando a referência que o usuário tem de pertencimento ao lugar – seu ponto de partida e chegada.

Sobre o assunto, Carlos (1999: 79-80) entende que:

É inegável que vivemos um momento da história da humanidade, quando a construção do urbano, como novo modo de vida, novas formas de organização do tempo, novo modo de consumo, um modelo de comportamento, uma mudança cultural generalizada — que privilegia as coisas em detrimento do homem —, que construiu novas formas provisórias, aparentemente, acabadas que se expressam como um movimento em constituição abrindo como perspectiva a discussão sobre o mundial. O processo se expande mundialmente contaminando todos os pontos do planeta, trazendo profundas mudanças nas relações tradicionais, forjando um novo tipo de identidade baseada numa indiferença dividida por indivíduos atomizados.

Assim como o indivíduo, o bairro passa a ser o espaço do “novo”, não só quanto às novas relações sociais, mas também quanto às manifestações culturais, à paisagem, à arquitetura que se modifica a partir de ações externas aos bairros, instrumentalizadas pela lógica do capitalismo, conforme aponta Serpa (2005).

A interação dos indivíduos com o espaço e com o mundo social se transforma na medida em que as relações sociais são concretizadas em espaços desterritorializados, ou seja, nos dizeres de Authier (2002, 2007), em espaços sem referência, espaços incertos, espaços sem identidade ou sem reconhecimento, o que vislumbramos, principalmente, em zonas mais abastadas dos grandes centros urbanos, considerando que:

Sob o sistema moderno de vida social, todos os laços de união entre os habitantes de uma mesma rua ou 'vizinhança' desaparecem. Nos bairros ricos das grandes cidades, os homens vivem juntos sem saber sequer quem é seu vizinho. Mas nas ruas e becos densamente povoados dessas mesmas cidades todos se reconhecem bem e se encontram em contato contínuo. Naturalmente, nos becos, como em todas as partes, as pequenas rixas são inevitáveis, mas também se desenvolvem relações segundo as inclinações pessoais, e dentro destas relações se pratica a ajuda mútua em tais proporções que as classes mais ricas não têm ideia (Souza, 1989: 139).

Em contrapartida, o “bairro clássico” como algo coeso e agregado de unidades de vizinhança, apresentando uma vida de relações consistentes e um tanto fechada, tende a desaparecer no contexto das metrópoles capitalistas. Os bairros passam a ser “lugares imaginados”, espaços internalizados mentalmente pelos indivíduos de uma coletividade, que os têm como espaços vividos e sentidos (*idem, ibidem*).

Percebemos, no entanto, que a cultura de bairro vem perdendo força, principalmente, diante dos processos de transformação do espaço urbano pelo fenômeno da globalização econômica. Como resposta, a sociabilidade praticada e as referências identitárias adquiridas do e no bairro, pelos seus habitantes, são enfraquecidas frente a um novo estilo de vida.

Isto porque, antigamente, as relações de vizinhança nos bairros eram marcadas por um caráter comunitário, com tradições históricas próprias, segundo Frúgoli Jr. (2007). Hoje, o espírito de sociabilidade está se transformando, posto que as pessoas tornam-se individualmente estrangeiras no próprio bairro, enfraquecendo o caráter de localidade, de espaço de partilha.

Essa tendência vem se intensificando nos últimos anos, em grandes metrópoles de países em desenvolvimento como São Paulo, e pode ser observada em bairros como a Vila Olímpia que representa uma nova centralidade na cidade, alvo de transformações urbanísticas mediante o processo denominado de gentrificação ou *gentrification*<sup>68</sup>.

---

<sup>68</sup> Processo que ocorre em áreas urbanas cuja desvalorização e falta de infraestrutura propiciam oportunidades para um novo desenvolvimento mais rentável, onde as necessidades das elites são

Esse processo, se por um lado tenta reurbanizar a cidade, por outro, enfraquece a noção de identidade, tendo em vista acarretar a perda da memória, da cultura e da história do urbano, alterando a relação do habitante com o seu bairro, com o espaço vivido e experimentado.

A modificação do espaço urbano pela gentrificação visa à melhoria da qualidade de vida da população, entretanto, vem sendo maquiada pelo discurso da transformação do espaço construído para a garantia da valorização do território e da especulação imobiliária sob a égide da elitização e do enobrecimento, tratando-se de uma intervenção de caráter eminentemente político, cujos efeitos não são outros, senão a intensificação da segregação e da fragmentação em metrópoles, sobretudo, tão desiguais como São Paulo e em bairros recentemente transformados como a Vila Olímpia.

O bairro é um território de referência para o indivíduo, pois as representações territoriais que este indivíduo tem do seu bairro permitem compreender o senso e a significação política e territorial do mesmo. Assim, a escala de bairro é formada por um tecido de relações sociais (Ledrut, 1979), configurando o núcleo da vida local de uma cidade (Barkowsky, 2002).

O bairro também não existe sem as relações de interação social entre seus habitantes, ou seja, sem uma determinada sociabilidade local, em que os indivíduos interagem entre si contribuindo para a construção do espaço vivido. Nesse aspecto, vale ressaltar que os espaços de sociabilidade são de suma importância para qualificar a cultura de bairro, o sentir-se nele e o estilo de vida que prevalece no local.

O fato de gostar ou não do bairro, de frequentar espaços de sociabilidade, e a análise das razões e do motivo de tais sentimentos é uma forma de saber como o indivíduo se sente no seu bairro, e questionar a intensidade de seu sentimento de pertença (Gumuchian, 1989).

O reconhecimento e a sensação do bairro, que advêm do fato de ser ele o Espaço onde se encontra a casa de um indivíduo, e onde ele talvez tenha nascido, onde se acham igualmente as casas de amigos, a praça que ele frequenta aos domingos pela manhã é, entretanto aqui, colocado em termos ideais. É certo que um fragmento urbano, por mais que encerre unidade de composição material e social, se não desperta o menor afeto, a menor empatia, ou simplesmente como referencial para o dia-a-dia, não é um bairro,

---

satisfeitas e atendidas em detrimento de uma grande parcela da população afetada pela instabilidade do trabalho, desemprego e estigmatização (Slater, 2011). Sobre o conceito e os efeitos do processo de *gentrification*, ver: Glass (1964); Ley (1994); Smith (1979, 1996); e Shaw (2008).

mas tão somente uma parcela da cidade singularizável por este ou aquele critério (Souza, 1989: 149).

Dessa forma, para que o indivíduo se sinta pertencente ao bairro é fundamental que ele desenvolva uma relação de empatia com o espaço, de cultura de bairro, despertando a sensação de fazer parte do lugar que é a base da identidade do mesmo. A empatia, assim, configura-se como simples reconhecimento de uma identidade.

Sobre o sentimento de pertença, Koury (2010) afirma que a confiança e a confiabilidade garantem a pertença, a sociabilidade e a coesão social. Por confiança, entende ser uma categoria analítica de duas vias: a interna, representada pela solidariedade e irmandade de um grupo; e a externa, representada pela visibilidade de ações e comportamentos sociais.

Nesse sentido, o ato de confiar gera proteção, segurança, e fundamenta o sentido de estar protegido, sendo um elemento de suma importância para a definição da pertença, uma vez que caracteriza o lugar de familiaridade, o lugar da semelhança, onde a identificação com os demais habitantes e com o espaço habitado cria um sentido único concretizado nos laços afetivos intensos, que por sua vez são possíveis mediante a confiança e a confiabilidade. A quebra da segurança, portanto, enfraquece a coesão social e a noção de bairro, gerando uma “morte simbólica”, ou até mesmo a perda do sentido de pertença (*idem, ibidem*: 39).

A pertença significaria, assim:

(...) um espaço de mediação cujos símbolos, normas e vivências permitem reconhecer as pessoas diferenciando-as, o que termina por atribuir-lhes uma identidade que pouco tem a ver com a produzida pela interpelação da sociedade mais ampla e suas instituições (Magnani, 1998: 117).

Essa discussão remete à Sociologia do Cotidiano, sendo aquele estudo que se ocupa com as questões do dia a dia, com as práticas rotineiras que compõem os acontecimentos diários da vida, relevantes para a compreensão do espaço vivido e das práticas sociais nele existentes.

Da abordagem marxista, de alienação da vida cotidiana, representada por Heller (1977, 1979) e Lefebvre (2000), à abordagem de resistência assumida por De Certeau, Giard e Mayol (1994, 2003), os quais estudam o cotidiano como uma dimensão em que os indivíduos utilizam “táticas de resistência” para atenuar os problemas da vida social, o que importa para a Sociologia do Cotidiano é entender a

perspectiva subjetiva<sup>69</sup> do indivíduo no espaço vivido ao nível do sensível, analisando os sentidos que são usados para estabelecer uma aproximação com a realidade.

Esta análise engrandece o tema em questão quando discorremos sobre cultura de bairro, da noção de sentir-se no bairro, de reconhecer este território como um espaço familiar. Sobre cultura, entendemos ser aquilo que constitui, caracteriza e identifica o indivíduo, sendo, portanto, não uma ciência experimental em busca de leis, mas uma ciência interpretativa à procura do significado (Geertz, 1978). Logo, a cultura se insere num contexto em que os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições e os processos são descritos com densidade.

Segundo Costa (1999; 2001), as identidades culturais são sempre socialmente construídas, múltiplas e mutáveis, pois as práticas sociais e as formas simbólicas compõem a identidade do lugar, do local, do bairro.

Dessa forma, a identidade cultural de bairro é formada por experiências de episódios de interação diariamente repetidos, por redes sociais que atravessam o bairro, caracterizados pelos modos de vida nele estabelecidos, pelas socializações localmente experimentadas e pelas práticas culturais produzidas e compartilhadas (*idem*: 2002).

Entretanto, atualmente, a simples experimentação e vivência da cultura de bairro não se resume apenas em fazer parte da vida cotidiana desta escala, e identificar-se com o espaço, sentindo-se pertencente ao mesmo. As práticas e interações sociais já não mais fortalecem o sentido de bairro como coesão social, tendo em vista a transformação da identidade cultural e do sentido da comunidade, mergulhando-os na tendência homogeneizante do processo socioespacial da metrópole.

Nesse sentido, concordamos com Carlos (2007) ao assinalar que “a nova territorialidade caracteriza também o desenraizamento, o anonimato e o individualismo (...) sendo impossível ignorar que, cada vez mais na metrópole as formas de morar se constituem em exacerbação de individualidades, pelo fato de o cotidiano estar impregnado por um ritmo que impede a construção de sociabilidades”.

Hoje em dia, estes sentimentos estão ameaçados, principalmente pelo processo de globalização do urbano, em que a dilatação da zona metropolitana desconfigura a escala do bairro criando, dentre outros fatores, espaços desterritorializados, com

---

<sup>69</sup> Kevin Lynch (1982) resgata esta dimensão subjetiva e investiga a cidade enquanto espaço sentido e vivido a partir das imagens mentais que os habitantes fazem do mesmo. O bairro, em sua pesquisa, é considerado um dos referenciais básicos dos cidadãos.

sociabilidades específicas e restritas, com outra forma de coesão social e sentimento de pertença, colocando à prova a própria existência do bairro.

## 2.5. A ESCALA URBANA: DO LOCAL AO GLOBAL

A terceira e última escala analisada é abordada para compreender as práticas, ações e relações sociais construídas pelos atores que vivenciam o espaço urbano como um todo, seja no âmbito local ou no âmbito global.

Partindo da ideia de que a escala do urbano é composta pelas escalas residencial e do bairro, torna-se relevante focar e contrapor a relação metrópole *versus* bairro. Para argumentar este assunto, abordamos o conceito de ambiente construído e de espaço social.

Esta análise é importante para compreender que, em metrópoles devoradoras como São Paulo, sob a égide da globalização, é inevitável não se deparar com transformações na sociabilidade, considerando a desintegração da noção de comunidade e a crise das identidades aprofundada pela perda da noção de pertencimento ao local.

Por outro lado, tentamos aprofundar a discussão entre local/global, demonstrando que nem sempre o global separa ou desintegra a comunidade e o local une. Nesse sentido, será que o local também desintegra ou separa, assim como o global? Ou mesmo: será que o global também une, assim como o local? Como isso ocorre nesses planos? Em quais circunstâncias? Quais os atores, recursos e efeitos desse processo?

Essa problematização é necessária para nos aproximarmos do objeto de estudo, qual seja, o bairro da Vila Olímpia, e compreender de que forma isso vem ocorrendo nas escalas metropolitanas em um momento de intensa transformação social e urbana.

O modelo urbano brasileiro é caracterizado pela fragmentação, precariedade e exclusão socioterritorial, acentuado pelo crescimento desordenado das periferias. Portanto, transformar o urbano significa exceder a soma da capacidade de todos os níveis de governo, exigindo a colaboração de toda a sociedade, em todas as escalas<sup>70</sup>.

---

<sup>70</sup> Para maior compreensão da dinâmica do processo de desenvolvimento e suas escalas espaciais, ver: Brandão (2007).

As cidades<sup>71</sup> de hoje, como São Paulo, estabelecem seus objetivos exclusivamente sobre perspectivas econômicas, gerando, dentre outros fatores, um abismo no espaço urbano entre dois mundos, o dos ricos e o dos pobres.

Esse processo, acentuado pelo empreendedorismo do espaço como padrão de intervenção urbana global, baseia-se na aliança do Capital (Financeiro, Imobiliário e Fundiário) com o Estado, perfazendo a ideia de mercantilização da cidade, de privatização dos espaços públicos, enfim, de subordinação da cidade à lógica do capital.

Tal cenário, como já explanamos, é aprofundado pelo complexo fenômeno da globalização econômica<sup>72</sup>, de suma importância para a compreensão das transformações na teoria sociológica urbana, mais precisamente, nas questões atuais da sociabilidade urbana.

O crescimento econômico durante o processo de urbanização intensificou iniquidades sociais e econômicas contribuindo para o aparecimento de cidades mais heterogêneas, econômica, social e culturalmente. O avanço da pobreza como fenômeno global é entendido por Castells (2003) como reflexo do modelo de desenvolvimento que propicia a desigualdade, a inclusão e a exclusão simultâneas, a polarização de grupos sociais.

Logo, a pobreza urbana se dá pelo crescimento concentrado da economia e do poder político, em que a globalização do urbano gira em torno da enorme expansão das favelas (Soja e Kanai, 2007).

Assim, há um processo simultâneo de urbanização do globo e de globalização do urbano, tendo em vista que os espaços urbanos globalizaram-se, tudo é urbano de certa maneira, posto que hoje já não se consegue definir o que é urbano. Assim, ao mesmo tempo em que o mundo está cada vez mais urbano, o urbano está cada vez mais neoliberal.

A escala do urbano não designa mais somente a cidade ou a vida na cidade, mas passa a designar a sociedade que constitui uma realidade que engloba e transcende a cidade enquanto lugar, pois tudo que existe entra em contato com o mundo todo,

---

<sup>71</sup> Souza (1999) faz uma distinção entre cidade e urbano, afirmando que aquela representa o concreto, onde vivem cidadãos, sendo o material, o conjunto das infraestruturas, dos equipamentos, enfim, de toda a materialidade de que permite a vida coletiva em conjunto cada vez maior de cidadãos coabitando; e o urbano como sendo a expressão espacial do modo de produção – é mundial, abstrato. O mundo capitalista hoje é urbano.

<sup>72</sup> A literatura sobre o assunto é vasta. Interessante é a obra de Featherstone, Lash e Robertson (1995) sobre globalização e modernidade.



ligando pontos isolados do planeta (Carlos, 2006). Nesse sentido, entendemos que o global une a sociedade, formando uma aldeia global.

Entretanto, sob o viés político, destacamos a compreensão da economia mundial como um espaço de rivalidade, como um conjunto de relações de dominação e de dependência política entre Estados, uma vez que a configuração espacial, política e econômica internacional se modifica<sup>73</sup>.

A urbanização como modo de vida, a sociabilidade e a cultura se generalizam e se intensificam com a globalização, aprofundando a secularização e a individualização. A urbanização do mundo torna-se desigual, contraditória e articulada, em uma sociedade global que, para Ianni (2007), é permeada de diversidades, desigualdades, heterogeneidades, tensões e contradições.

Quanto à análise dos efeitos desse processo nas relações sociais, Tavares dos Santos aponta que:

As relações de sociabilidade passam por uma nova mutação, mediante processos simultâneos de integração comunitária e de fragmentação social, de massificação e de individualização, de ocidentalização e de desterritorialização. Como efeito dos processos de exclusão social e econômica, inserem-se as práticas de violência como norma social particular de amplos grupos da sociedade, presentes em múltiplas dimensões da violência social e política contemporânea (Tavares dos Santos, 2000: 16).

Com a globalização, todas as relações entre escalas e agentes concretos, coletivos e individuais são transcendidas, ou seja, as dimensões dessas relações são transescalares, isto é, ultrapassam as escalas. Isso também altera os laços de solidariedade social existentes no plano global e local.

Nesse sentido, a ideia de que o “local une e o global separa” é atualmente relativa, considerando os reflexos da globalização, mais precisamente, com o avanço das comunicações, e o conseqüente desaparecimento de fronteiras e redução de espaços.

Isto porque, o momento atual não mais prioriza as tradicionais formas de relações sociais, pois a sociedade está altamente tecnológica e as relações mais virtuais. Nunca nos comunicamos tanto e tão rapidamente como hoje. Contudo, ao mesmo tempo em que não conhecemos os vizinhos da nossa rua, fazemos amizades com diferentes

---

<sup>73</sup> Para Harvey (2009: 219): “À medida que o espaço parece encolher numa ‘aldeia global’ de telecomunicações e numa ‘espaçonave terra’ de interdependências ecológicas e econômicas — para usar apenas duas imagens conhecidas e corriqueiras — e que os horizontes temporais se reduzem a um ponto em que só existe o presente (o mundo do esquizofrênico), temos de aprender a lidar com um avassalador sentido de *compressão* dos nossos mundos espacial e temporal”. Sobre o tempo e o espaço nas cidades globais ver: Sassen (2002).

pessoas ao redor do mundo, nas regiões mais longínquas, graças ao advento das redes sociais existentes na internet. Assim, o uso da tecnologia facilita o processo de construção de novas relações sociais no global.

Percebemos, portanto, que o sentido de comunidade vem se reconfigurando com a nova noção de tempo e espaço inculcada pelo processo de globalização, pois ao ocasionar, como efeito, a fragmentação do espaço e das relações sociais no local, permite a aproximação e homogeneidade no plano global. Logo, o global também une, e o local também separa.

Sabemos que no local a união ocorre através das experiências e trocas por proximidade relacional com os indivíduos que vivenciam o mesmo espaço físico. Esses são os atores sociais que permitem a formação da noção de comunidade, de bairro. Já no plano global, as ferramentas tecnológicas de comunicação e internet promovem a união dos atores, seja para a construção de novas relações sociais, como para transações comerciais e financeiras, movimentando a sociedade internacional.

Por outro lado, Fortuna (2008) entende que a ideia de comunidade e a espacialização dos seus atributos não resultam apenas das relações de proximidade ou da copresença nos espaços públicos da escala urbana, por exemplo. Essa lógica desestabiliza a união no plano local, e intensifica-a no âmbito global.

Ainda em relação às mútuas influências do local e do global, podemos dizer que com a nova ordem econômica, a disputa pelo poder também se torna complexa, pois não se sabe quem deve deter a ação política: se a esfera global, ou as identidades locais, o patriotismo da cidade, o regionalismo.

De todo o modo, a questão da ação política entre o local e o global suscita mais uma influência entre estes dois planos, no que diz respeito à construção da cidadania<sup>74</sup>. A cidade não é apenas o reflexo da sociedade, mas sim um universo social, econômico e político, sendo um complexo de relações sociais. A cidade, além de herdar desigualdades na estrutura social, acaba por aprofundá-las.

Vainer (2001) defende que a luta contra essas desigualdades deve se iniciar na esfera local para que se possa usufruir de forma global. Entretanto, ultimamente, temos observado que essa luta, como processo emancipador, vem se fortalecendo ao redor do

---

<sup>74</sup> Segundo Vainer (2001), existem três tipos de escalas de construção da cidadania: os globalistas, que propõem a cidadania globalizada como sendo a única e derradeira trincheira contra a fragmentação, sendo resultado de um processo de democratização das agências multilaterais e internacionais; os nacionalistas, que acionam o conceito tradicional de cidadania, referindo-se ao Estado Nacional para desqualificar o projeto de cidadania global; e os localistas, que defendem o local como a escala mais pertinente para o exercício da cidadania pela razão de que o cidadão vive no local, na cidade, no município.

mundo, sobretudo em verdadeiras plataformas de construção política como as redes sociais *Facebook* e *Twitter*, onde vozes dissonantes ganham escala, articulando a sociedade global na luta contra o poder hegemônico por melhores condições de vida<sup>75</sup>.

Portanto, observamos o surgimento de uma “cidadania global”, frente ao declínio do Estado Nacional, como reflexo da globalização econômica, da mundialização do capital. Assim, a desintegração parcial do nacional através da inserção do global no nacional provoca uma reestruturação das antigas hierarquias que vão do nível local, regional, nacional até o global.

Além disso, a desregulamentação envolve uma perda parcial de soberania, pois reduz o papel do processo democrático nas tomadas das decisões política, social e economicamente relevantes. Por globalização e desregulamentação entendemos que a tomada de decisão privatizada é despolitizada, ou seja, não precisa da legitimação do cidadão. Assim, a pressão da globalização econômica afeta o Estado Nacional.

Por outro lado, as trocas de natureza política, material e simbólica, oriundas da globalização e realizadas na escala urbana, também refletem a inter-relação das esferas global e local, dado que as trocas materiais (mercadorias e comércio) tendem para a localização – todavia, já se verifica a exportação de uma empresa de um lugar para outro, por exemplo; já as trocas políticas (força, coerção, vigilância) tendem para a internacionalização – apesar da ação política também tender para o local; e as trocas simbólicas (a língua predominante, a cultura) tendem para a globalização – o que pode ser relativo, considerando o desenvolvimento de várias culturas ao mesmo tempo, fazendo perder o caráter hegemônico da cultura global.

Segundo Sassen (2011), o âmbito global interatua diretamente com o local, posto que aquele se instala neste, e por sua vez, o global se constitui mediante uma multiplicidade de âmbitos locais. Assim, percebe-se a interpenetração do local no global e vice-versa, tendo em vista que estes planos tornam-se inseparáveis, combinam entre si.

No passado, a relação global/local<sup>76</sup> era hierarquizada, pois funcionava do centro para a periferia, ou de cima pra baixo. Atualmente, o local vem sendo valorizado

---

<sup>75</sup> Como exemplo deste processo, recentemente, em junho de 2013, em todo o Brasil e especialmente na cidade de São Paulo a população saiu às ruas para manifestar por melhores condições de vida. Sobre o assunto, ver: Maricato [et. al.], 2013.

<sup>76</sup> “A dimensão relacional deste binómio global/local torna possível ajuizar do grau e da espessura com que cada cidade pode reforçar as especificidades locais, alargar ou reconstruir a base da sua legitimação política e cultural, fazendo aumentar o seu próprio sentido de lugar e sua própria identidade, ao mesmo

com a globalização, sendo mais fixo, radicado e seguro do que o global (volátil, incerto, inseguro).

De todo o modo, o local não deixou de existir, não desapareceu com o global, uma vez que adquire traços e movimentos herdados da sociedade global sem perder elementos locais, provincianos e nacionais. Ilustraremos esse processo quando analisarmos a sociabilidade no bairro da Vila Olímpia, nova centralidade em São Paulo, oriunda das transformações sociais e urbanas que articulam a relação local/global na escala urbana.

Ao mesmo tempo, a identidade local e o sentido de lugar ganham força através de uma cultura local, como processo particular que se impõe ao global. Observamos, assim, a cultura de espaços relativamente limitados, com estreitas relações interpessoais, caracterizados por um sentimento de pertença e de experiências vividas (Featherstone, 2001).

Esses espaços são assinalados por novas formas de interação social, pois à medida que as relações sociais se modificam pela cultura global, novos espaços vão surgindo para abrigar tais relações no local.

Isto porque, com a globalização do urbano o espaço se modifica, as fronteiras são quebradas, e outras acabam surgindo, como forma de separar ou selecionar uma parcela da população que é beneficiada pelo desenvolvimento econômico. Esses espaços, portanto, são reflexo da fragmentação e segregação urbana não planejada.

Além disso, esses novos espaços são em sua maioria privados, oriundos da especulação imobiliária e do capital financeiro, acarretando uma nítida redução dos espaços públicos nas cidades<sup>77</sup>, como lugar, por excelência, em que as relações sociais se concretizam.

Assim, é evidente a escassez dos espaços públicos<sup>78</sup> como centros de lazer para a comunidade, praças, lugares de convivência ou de sociabilidade, considerando que

---

tempo em que se insinua no plano internacional. Mas tal sucederá sempre de modo desigual.” Ainda assim, esta relação local-global só funciona no plano da translocalidade (Fortuna, 1997: 16).

<sup>77</sup> Ressaltamos aqui o conceito de “desertificação do espaço público” adotado por Jane Jacobs ao defender a “(...) vitalidade das ruas modernas, definidas pela convivência envolvendo justamente uma grande diversidade de tipos humanos, tornada possível por certo sentido comunitário existente, o que faria com que uma ‘sucessão de olhares’ zelasse pela liberdade, mas também por certa ordem e segurança, instauradas informalmente, não institucionalmente”. (Jacobs, 2003, *apud* Frúgoli Jr., 2007: 27). Sobre este tema há uma rica contribuição de Sennett (1992b) acerca da morte do espaço público com a queda do homem público.

<sup>78</sup> Adota-se aqui a noção de Leite (2009: 199-200) a respeito de espaço público, que o define “(...) a partir das interfaces entre os conceitos de esfera pública, (da qual retira a categoria de ação) e de espaço urbano (do qual retém a sua referência espacial). Essa noção de espaço público, em distinção aos conceitos de

estes são cada vez mais cercados por muros, limitando a circulação das pessoas, sendo lugares fechados ao público, com restrições de segurança intensa, a exemplo do bairro da Vila Olímpia. Os moradores do bairro se comunicam muito mais com outros bairros, cidades ou países, do que com os seus vizinhos. Da mesma forma, as multinacionais ali presentes transacionam muito mais com outras multinacionais do mundo todo do que com as empresas da grande São Paulo.

Para Leite, as cidades hoje vivenciam uma:

(...) relativa perda de importância dos espaços públicos urbanos tradicionais (praças, ruas, parques, galerias) para os emergentes espaços virtuais de comunicabilidade em rede (chats, blogs, reality shows, TVs interativas); acrescidos dos processos contemporâneos de higienização estética dos espaços urbanos históricos (gentrificação, disneyficação, patrimonialização) e a crescente proliferação de espaços fechados de moradia, consumo e lazer (condomínios fechados, shopping malls, parques temáticos) e temos em todos esses processos uma visível atitude defensiva em relação ao outro, ao estranho (Leite, 2009: 192).

Segundo Vêras (1999), a cidade reflete as relações humanas, como lugares de encontro e desencontro. Além das funções econômicas, sobretudo, de produção e circulação, a cidade precisa do encontro: a pausa, o espaço para olhar, a pausa para a intimidade do café e do banco da praça, por exemplo.

Entretanto, com a globalização, a competitividade, a conectividade, a velocidade, e a pausterização, a cidade torna-se o lugar do não encontro, do não lugar (Augé, 1994), da reflexão individual, do isolamento. Todavia, a preocupação com seus sujeitos, o direito ao território, suas identidades, suas almas, são também garantia de cidadania. O caminho é ser competitivo internacionalmente sem abandonar os interesses locais, ou seja, conseguir fazer a gestão da metrópole global sem exclusão social. Se assim feito, entendemos que o processo de globalização pode contribuir para um maior desenvolvimento humano e social na esfera global, sem perder o vínculo com o local.

Para travar esta discussão na escala urbana, necessário se faz relacionar o ambiente construído com espaço social, tendo em vista que o ambiente construído é produzido no e com o espaço social.

---

esfera pública e espaço urbano, contempla as relações de reciprocidade causal entre a construção social do espaço e a espacialização das ações sociais. (...) As zonas de deslocamento entre as abstenções e os lugares identitários são os espaços públicos intersticiais. Inevitáveis e trazem a marca da cidade contemporânea: caótico, desordenado, marcado por *contra-usos*. Nestes espaços intervalares, muitas vezes marcados pela efemeridade, a negociação sócio-espacial é fundamental, a violência é latente, o conflito é inevitável: mas neles estão possibilidades concretas da experimentação do imprevisível. São neles que ocorre a vida cotidiana e nele ainda persiste a rica possibilidade do encontro com o estranho na experiência urbana contemporânea”.

Partilhamos da ideia de que o espaço social não pode ser compreendido somente como receptáculo (ou palco) das atividades humanas, pois esta noção o reduz a mera localização, representando unicamente o local onde ocorrem as relações sociais e, assim, algo estático.

A natureza do espaço social é multifacetada e dinâmica, porque ao mesmo tempo em que é suporte das atividades humanas, é também um produto social e histórico, um ininterrupto processo de reprodução, além de ser, ainda, condição e meio da reprodução das atividades humanas (Carlos, 1994).

Produto de relações ligadas intrinsecamente à produção de riqueza e à circulação do capital, o espaço social é produzido para dar condições necessárias à reprodução ampliada do capital e é, dessa forma, produzido como mercadoria, onde o espaço de consumo e o consumo do espaço apresentam uma relação dialética.

Quanto ao ambiente construído, Santos (1996) ressalta que os objetos fixados no espaço social são influenciados pela dinâmica da produção e reprodução social, o que corrobora a máxima de Harvey (2009) de que nós somos determinados pelo ambiente construído – fundamento da discussão aqui travada.

Gottdiener assinala (1993: 133) que “(...) exatamente como outras mercadorias, [o espaço] representa ao mesmo tempo um objeto material e um processo que envolve relações sociais. Ao contrário de outras mercadorias, ele recria continuamente relações sociais ou ajuda a reproduzi-las”.

Nesse sentido, o espaço social, assim como o ambiente construído, sofrem interferências da atuação do Estado, do capital globalizado e da sociedade. Tem-se, no espaço, a ação do poder público, as necessidades de reprodução ampliada do capital e a própria realização da vida humana embutida no processo de produção e consumo do espaço. É, principalmente, na escala urbana que ocorrem concretamente as metamorfoses visíveis desse processo.

Sobre essa questão, ressaltamos que:

Mudanças espaciais na metrópole sempre ocorrem de forma violenta, em ritmo acelerado, como a tendência à mudança constante das direções de fluxos, do traçado ou do alargamento de ruas e avenidas, necessidade imposta pelo escoamento do trânsito, das tendências do mercado imobiliário, das mudanças da lei de zoneamento, notadamente em decorrência das mudanças dos usos e funções dos lugares. Com isso, redefinem-se constantemente os lugares dentro da metrópole (Carlos, 2001: 28).

Metrópoles como São Paulo, por exemplo, são palco de velozes e efêmeras relações sociais no espaço, caracterizadas pelas transformações do ambiente construído, oriundas, sobretudo, da força do capital. Quanto a esse tema, Massey (2000: 179) compreende que “(...) a aceleração atual talvez esteja fortemente determinada pelas forças econômicas, mas não é só a economia que determina nossa experiência de espaço e lugar. Em outras palavras e dito de forma simples, há muito mais coisas determinando nossa vivência no espaço do que o ‘capital’”.

O espaço como realização da vida humana, segundo Carlos (2001), é apropriado pelos seus diferentes atores sociais de forma heterogênea e desigual, considerando que a capacidade de dominá-lo depende do capital que possuímos<sup>79</sup>.

Observamos, portanto, que a força do capital é decisiva na apropriação do espaço e de seus diferentes bens. Uma apropriação heterogênea e desnivelada do espaço é reflexo da intensa desigualdade socioeconômica entre os atores que vivenciam a escala urbana.

Nessa mesma linha de raciocínio, concordamos com Harvey (2009) quando aponta que o meio ambiente construído tem íntima relação com o espaço físico e a economia, sendo aquele um sistema de recursos dotado de valor e criado pelo homem, assumindo uma forma de mercadoria.

Assim como o espaço social, o ambiente construído também é social e historicamente determinado. Vivemos num mundo capitalista global em que o valor é agregado aos recursos que se produz e se constrói no meio físico. Nessa dinâmica, a produção está intimamente ligada com a noção de espaço, pois no momento em que as relações sociais se tornam contraditórias em um sistema capitalista, estas acabam moldando o ambiente construído.

Por fim, o capital globalizado também é responsável pelas transformações ocorridas no ambiente construído das cidades, que por sua vez, influenciam na relação dos indivíduos com o espaço social que constroem e habitam.

Contudo, todo esse processo socioespacial repercute em alterações nas diferentes escalas da metrópole, sendo mais visíveis na escala do bairro, onde se

---

<sup>79</sup> Para Bourdieu (1997: 163-164): “O capital permite manter à distância as pessoas e as coisas indesejáveis, ao mesmo tempo em que aproxima-se de pessoas e coisas desejáveis (por causa, entre outras coisas, de sua riqueza em capital), minimizando, assim, o gasto necessário (principalmente em tempo) para apropriar-se deles (...). Inversamente, os que não possuem capital são mantidos à distância, seja física, seja simbolicamente, dos bens socialmente mais raros e condenados a estar ao lado das pessoas ou dos bens mais indesejáveis e menos raros. A falta de capital intensifica a experiência da finitude: ela prende a um lugar”.

percebe intensas transformações no sentimento de pertença e identidade com o espaço vivido, o que desestrutura a coesão e as interações sociais entre os indivíduos.

Segundo Fortuna (2008), devemos pensar uma noção mais fluida, diversa e múltipla de comunidade, incorporando as inúmeras experiências, processos e ferramentas para proporcionar a construção de novas relações sociais e novos espaços urbanos.

Diante de toda esta análise das escalas da metrópole com suas categorias sociológicas, constatamos uma nítida influência entre as relações sociais desenvolvidas pelos indivíduos e o espaço urbano em que habitam. Além disso, percebemos que as escalas possuem diferentes níveis de sociabilidade atrelados a uma forte ou fraca noção de identidade e/ou comunidade.

Isto porque, nas diferentes escalas analisadas, notamos transformações nas interações sociais. Ao mesmo tempo em que as pessoas se isolam em suas casas, por não vivenciarem a rua e os espaços públicos, não experimentarem os bairros que habitam, sem se importarem com o encontro, com o outro, procuram construir novas relações sociais através das tecnologias de comunicação que contribuem para a construção e reconstrução da realidade, posto que, ao atuarmos através dessas redes, não estamos apenas reportando, mas também inventando, articulando e mudando nossas relações sociais.





### **CAPÍTULO 3: O BAIRRO DA VILA OLÍMPIA**

Em primeiro lugar, cabe mencionar que o estudo sobre as sociabilidades no Bairro da Vila Olímpia, apresentado neste capítulo, é fruto de uma transição, de uma mudança, de um acelerado processo de transformação socioespacial.

Isto porque, a Vila Olímpia vem presenciando diariamente uma forte, intensa e rápida remodelação de sua paisagem urbana, ocasionada, sobretudo, pela força do capital imobiliário e financeiro, acarretando profundas alterações na estrutura do bairro e na vida dos que ali habitam e trabalham.

Como forma de (re)pensar e compreender esta nova realidade social, tentamos demonstrar, em tempo real, as circunstâncias em que a Vila Olímpia pode sucumbir ou resistir a todo este processo de transformação.

Portanto, com o intuito de fundamentar a transição na natureza das sociabilidades, partimos de uma breve contextualização da área em estudo, apontando os aspectos socioeconômicos, políticos e demográficos para, em seguida, analisar a formação e o desenvolvimento do bairro da Vila Olímpia, embasada nas dezesseis entrevistas em profundidade realizadas, com o intuito de compreender melhor onde se insere a transição das sociabilidades.

Para tanto, pontuamos três sociabilidades presentes no bairro: a Sociabilidade I, de uma vida calma e tranquila; a Sociabilidade II, de uma vida moderna e dinâmica; e a Sociabilidade III, da vida contemporânea na nova centralidade, com o objetivo de compreender como se efetivaram as interações sociais na área, marcada atualmente por forte transição nas questões de sociabilidade.

Essas sociabilidades são dinâmicas, variam no tempo e no espaço, transformam-se, e são melhores compreendidos quando associados à ideia das escalas residencial, de bairro e urbana, além das categorias sociológicas como comunidade e identidade analisadas no segundo capítulo desta tese.

Para caracterizar o campo pesquisado, pontuamos, brevemente, o surgimento do bairro, reescrevendo sua formação e seu desenvolvimento, pautando-nos em registros documentais, fotográficos e cartográficos sobre o aspecto histórico, social e econômico do local, e ainda, abordando a antiga e a nova arquitetura.

A discussão foi fundamentada na análise de trechos das entrevistas em profundidade realizadas com antigos e novos moradores do bairro, que revelam as sociabilidades de ontem e de hoje exercidas no terreno em estudo.

As entrevistas apresentadas neste capítulo corroboram a transição na natureza das sociabilidades, e demonstram de forma genuína como era o modo de vida na Vila Olímpia em cada momento, ou seja, através dos relatos que colecionamos no decorrer da pesquisa, tentamos recompor as sociabilidades entre os moradores do bairro em cada época.

Além disso, as entrevistas dão um rumo próprio ao investigador, resultante do método de pesquisa escolhido, qual seja, o estudo exploratório, além dos fundamentos teóricos e das hipóteses desta tese, motivo pelo qual, primeiramente, faz-se necessário tecermos as impressões sobre o bairro para então fundamentarmos as falas dos entrevistados.

Por fim, apresentamos uma síntese dos resultados obtidos com a pesquisa, através de categorias analíticas que possibilitaram compreender a relação dos moradores com o bairro, a dinâmica existente entre esses atores sociais e, sobretudo, a transição na natureza das sociabilidades.

A área em estudo foi escolhida por representar um bairro cuja formação histórica, social e geográfica é de suma importância para compreender as atuais tendências das relações sociais no espaço urbano paulistano.

Ao longo do século XX, o processo de constituição (Sociabilidade I), consolidação (Sociabilidade II) e transformação (Sociabilidade III) do bairro remonta à dinâmica da produção social do espaço, que no passado, era estritamente residencial, e hoje representa uma nova centralidade na metrópole de São Paulo.

Portanto, esta é uma região estratégica para compreendermos a expansão e o desenvolvimento da zona sudoeste da capital paulista, anteriormente sem importância para a cidade e, hoje, sendo um dos mais assinaláveis centros do poder econômico e financeiro Latino-americano.

Atualmente, apresenta-se como um bairro de contrastes, um mosaico de situações e realidades distintas, próprias de uma metrópole periférica de países em desenvolvimento. O bairro enfrenta a questão do desaparecimento da sua história, da sua memória, da sua antiga arquitetura, e das suas tradicionais formas de relações sociais, frente a um crescimento urbano descontrolado e imperfeito, guiado por forças e interesses, principalmente do capital financeiro e imobiliário.

### 3.1 CONTEXTUALIZANDO A ÁREA DE ESTUDO

Para facilitar a compreensão da transição na natureza das sociabilidades do campo pesquisado, faremos uma breve contextualização do bairro ressaltando a sua formação, desenvolvimento e atual panorama urbano, além dos aspectos socioeconômicos, políticos e demográficos da Vila Olímpia.

No final do século XIX, São Paulo vivenciava sintomas de fortes mudanças que estavam por vir, responsáveis por transformar significativamente a paisagem urbana, alterando seu *status* de província para uma metrópole locomotiva nacional (Souza, 1999). Essas mudanças, originárias da atividade cafeeira e intensificadas com o processo de industrialização, proporcionaram a transição de um espaço predominantemente agrário para uma cidade industrial com inspiração nas metrópoles europeias.

Nesse momento, o crescimento e a urbanização de São Paulo, portanto, passam da área central, já bastante desenvolvida, para a zona sudoeste da cidade, região ainda rural formada por chácaras localizadas próximas ao Rio Pinheiros. Ao mesmo tempo, as áreas industriais a leste misturavam-se com as residências operárias (Somekh, 1997).

Em 1900, ano em que foi realizado o último censo do século XIX, São Paulo vivia um crescimento vertiginoso, com mais de 240.000 habitantes. As antigas chácaras ao redor do centro histórico da cidade foram loteadas impulsionando a contínua expansão da área urbana. São Paulo, então, se firmava como o mais dinâmico centro comercial e financeiro da Província (SMDU, 2007).

A origem da Vila Olímpia remonta a esse cenário, pois no final do século XIX, com a formação da Chácara Ithaim<sup>80</sup>, no número 9 da Rua Iguatemi de hoje, se localizava o casarão que era a sede da fazenda de 120 alqueires do general José Vieira Couto de Magalhães (Prefeitura de São Paulo, 2004).

A família Couto de Magalhães foi responsável pela formação do distrito do Itaim Bibi, pois nesse período era proprietária de terras próximas ao Rio Pinheiros e à Estrada de Santo Amaro, local onde se formou a Chácara Ithaim.

(...) herdada pelo Sr. José Couto de Magalhães, filho do General José Vieira Couto de Magalhães, amigo de D. Pedro II (...). Por volta de 1907, o irmão do General, Sr. Leopoldo Couto de Magalhães – que tinha o apelido de Bibi –

---

<sup>80</sup> Em Tupi, Ithaim significa Pedra Pequena.

comprou a Chácara Ithaim pela bagatela de 30 contos de réis. Naquela ocasião a fazenda possuía 148 alqueires. A extensão da área era limitada pelos Córregos do Sapateiro, Uberabinha e Traição (...). Já no início do século XX, as terras do Itaim começaram a ser desmembradas. Após tomar conhecimento da venda da sede da fazenda, o Sr. Arnaldo Couto de Magalhães – filho de Bibi – separou a área e colocou-a à venda em pequenos lotes de 10 mts X 50 mts. As terras localizadas do lado de cima do córrego do Sapateiro (local onde hoje se encontra a Avenida JK) foram compradas por imigrantes sicilianos que moravam no Bexiga. Quanto às terras do lado de baixo do córrego, não despertaram tanto interesse por conta das condições físicas a que estavam submetidas: a presença de vários córregos e a leve depressão tornavam a maioria das terras alagadiças. No entanto, várias famílias de portugueses se interessaram pelas terras. (Conceição, 2003: 10-11).

A região onde hoje é a Vila Olímpia foi, durante muito tempo, uma área de fraco interesse econômico, formada por várzeas sujeitas a inundações do Rio Pinheiros e dos córregos que o demandavam. Os primeiros arruamentos de caráter popular, a partir de 1910 e 1920, deram origem às primeiras ruas do bairro, antigas passagens entre as chácaras que o formaram.

Esse local, marcado por condições físicas específicas, dividiu-se em Alta Vila Olímpia (centro do bairro em direção à Avenida Santo Amaro) e Baixa Vila Olímpia (centro do bairro em direção à Avenida das Nações Unidas, atual Marginal do Rio Pinheiros), demonstrando que a história de vida dos moradores esteve intimamente ligada ao processo de formação das chácaras convertidas em bairros, relatando a ocupação e urbanização dos mesmos.

Longe do grande e moderno centro urbano paulistano, as Chácaras de Flores, de Rosas, de Peras, de Verduras, Chácara do Japão, Chácara do Alemão, dentre tantas outras, eram separadas com simples caminhos de terra batida ladeadas de mato alto, e foram gradativamente loteadas, conforme se verifica na figura 1.



**Figura 1. Planta do levantamento judicial do Sítio Itaim, 1914 (Lopes e Toledo, 1988: 20).**

Esta figura representa a planta da Fazenda Ithaim, de 1914, que pertencia a Leopoldo do Couto de Magalhães, o qual partilhou a área em diversos lotes para várias famílias, dando origem às primeiras quadras e ruas dos tímidos bairros em formação.

Com o crescimento da capital paulista e a saturação das áreas centrais da cidade, a Chácara das Flores, região que deu origem ao bairro da Vila Olímpia, começa a se transformar: torna-se ponto de passagem entre outros bairros e o Centro, exigindo a abertura de várias vias de ligação (Conceição, 2003: 09), como a futura Avenida Juscelino Kubitschek, conforme figura 2:



**Figura 2. Moradores do Itaim. Ao fundo o córrego do Sapateiro, atual Av. Juscelino Kubitschek, 1940 (Governo do Estado de São Paulo, 2002: 45).**

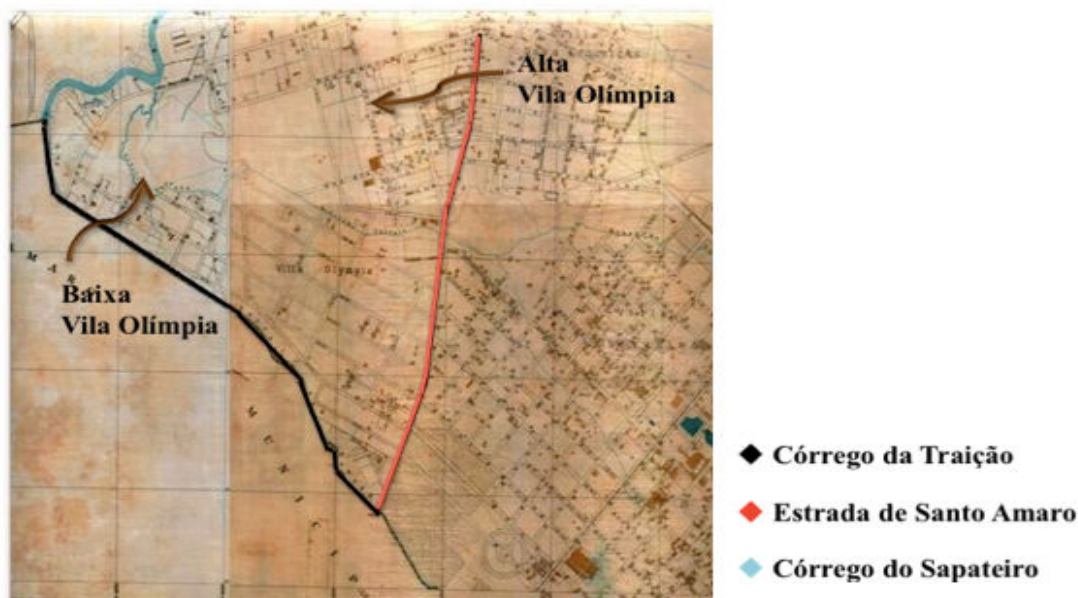
Nesta figura percebemos a sensação de usufruto dos moradores – em poses de lazer e descontração – com o ambiente natural do bairro, passeando por um local ainda desprovido de infra-estruturas urbanas. Ao fundo, visualizamos o Córrego do Sapateiro, em 1940, caracterizando um bairro predominantemente rural, onde as famílias se deslocavam por meio de carroças ou transporte de tração animal em ruas ou estradas de terra batida.

O processo de expansão urbana da cidade de São Paulo, até meados do século XX, desprezou as áreas de várzea ao longo do Rio Pinheiros, pois além de inundáveis, não eram salubres, dificilmente eram fonte de água potável, sendo forçoso conviver com a lama, quando não com o charco.

Em 1929, houve uma grande enchente no Rio Pinheiros que afetou drasticamente a região, o que impulsionou a retificação do mesmo em meados da década de 1930, passando a se tornar uma área mais atraente (Lopes e Toledo, 1988).

Até os anos 30, a ocupação da área se restringiu ao quadrilátero formado pelas Av. Nove de Julho, Juscelino Kubitschek (Córrego do Sapateiro), Av. São Gabriel e Rio Pinheiros (antes da retificação). Vila Olímpia (...) teve desenvolvimento mais lento, dado a sua localização distante da zona de passagem representada pelo Itaim. Vila Funchal só surgiu após a retificação do Rio Pinheiros, com o aproveitamento das águas ocupadas pelos meandros do rio. A ocupação da parte da várzea próxima ao Rio Pinheiros, vai se prender às atividades exercidas pelos barqueiros, pelos portos de areia e pelas olarias (Conceição, 2003: 23).

A figura 3, demonstra a nova cartografia do bairro após a retificação do Rio Pinheiros, sendo margeado pelo Córrego do Sapateiro (atual Avenida Juscelino Kubitschek) e pelo Córrego da Traição (atual Avenida dos Bandeirantes), além da Estrada de Santo Amaro e do Rio Pinheiros, aproximando-se da atual constituição do bairro.



**Figura 3. Bairro da Vila Olímpia, 1930. (Coleção Sara Brasil. Acervo FAU-USP).**

Esta figura ilustra a formação de extensas quadras com arruamentos oriundos do loteamento das chácaras da região. A Alta Vila Olímpia já demonstrava maior adensamento populacional devido às terras serem menos alagadas e mais distantes da margem do Rio Pinheiros, e por isso mais favoráveis à construção de residências, ao contrário da Baixa Vila Olímpia (atualmente Vila Funchal), área mais alagada e, nesse momento, sem interesse pela população local por estar às margens do Rio (atual Marginal do Rio Pinheiros).

A valorização imobiliária dos terrenos nos bairros centrais da capital paulistana, a proliferação das indústrias na cidade, juntamente com o forte crescimento urbano descontrolado, aliado ao intenso processo de imigração e êxodo rural no período, também contribuíram para que os terrenos nesta região se tornassem atrativos para os novos moradores; são fatores que determinaram a procura do local como bairro residencial popular, sobretudo a partir de 1940-1950.

Vale ressaltar que, em 1934, foi efetivada a doação das terras da região do Itaim Bibi à prefeitura de São Paulo, oficializando as ruas abertas na região através do



ato nº 562 de 12.01.1934. Em seguida, criou-se o subdistrito do Itaim Bibi pela Lei nº 6.731 de 04 de outubro de 1934, acelerando a urbanização do bairro.

Nesse momento, os primeiros serviços públicos começaram a chegar, como a luz elétrica, os bondes, o arruamento, a água encanada, a pavimentação de alguns logradouros com paralelepípedos, impulsionando o comércio, o adensamento populacional e a industrialização. Ao longo do tempo, as chácaras foram sendo substituídas por grandes lotes, dando origem às casas e aos estabelecimentos comerciais, sobretudo, com o deslocamento de algumas atividades antigamente estabelecidas no centro da cidade (Conceição, 2003).

Foi o caso da atividade de tecelagem de Michel Milan, importante empresário desse ramo, que também resolveu mudar a sua fábrica do industrial bairro da Mooca para a Vila Olímpia sob a justificativa de que neste bairro os terrenos eram desvalorizados e, portanto, mais baratos. Na década de 1950, Michel Milan se instala na região onde hoje é o *Shopping Vila Olímpia*, constrói galpões e adquire terrenos para comercialização, sendo um dos pioneiros a estimular a urbanização no bairro<sup>81</sup>.

Em 1960, a cidade de São Paulo com 3.667.899 habitantes (SMDU, 2007) apresentava-se como uma metrópole moderna, verticalizada e economicamente dinâmica, reflexos do aumento populacional provocado pelo movimento de expansão do setor industrial e das correntes migratórias, principalmente da Região Nordeste do país. Nessa época, a Vila Olímpia ainda em transição de chacara para bairro foi atraída por algumas indústrias como a Phebo, a dos sorvetes Gelato, e a loja de departamentos Mappin, dentre outras.

Os efeitos desta acelerada industrialização e rápida urbanização surgiram como resultado de um capitalismo tardio em uma metrópole periférica subdesenvolvida, onde as desigualdades e as transformações no espaço urbano caminhavam juntas.

O processo de favelização, desde então, assolou a metrópole de São Paulo como um todo, e na Vila Olímpia não foi diferente. Ao mesmo tempo em que passou a abrigar indústrias, as favelas eram procuradas pelos trabalhadores e operários dessas indústrias, principalmente nordestinos, que migravam para a capital paulista em busca de melhores condições de emprego, e procuravam o bairro, tendo em vista a desvalorização do terreno, além de estarem próximo ao trabalho. Assim surgiu a favela

---

<sup>81</sup> Informações obtidas através da conversa com Ronaldo Milan, em 14.08.2013, filho de Michel Milan, importante empresário que impulsionou a urbanização no bairro da Vila Olímpia.

Coliseu, por exemplo, formada por famílias de nordestinos, que ainda moram até hoje no bairro.

Esse processo de desigualdade socioeconômica latente pode ser observado na figura 4, onde percebemos que a tendência à valorização dos terrenos da Vila Olímpia facilitou a “expulsão” dos moradores das favelas com a chegada de algumas empresas que contribuíram para o “progresso” da região.



**Figura 4. Área onde hoje se encontra o Edifício sede da Construtora Camargo Corrêa, 1960-1970. (Acervo CDMCC).**

Esta figura da baixa Vila Olímpia, próximo à Rua Funchal, retrata a área onde hoje se localiza a sede da Construtora Camargo Corrêa, uma das primeiras empresas do ramo a se instalarem no local, próximo ao Rio Pinheiros e à Avenida Juscelino Kubitschek. Para a construção do edifício sede, foi necessária a retirada de parte da favela para dar lugar ao progresso, ao novo e à modernidade.

O bairro só vai adquirir uma nova paisagem de fato em meados da década de 1970, quando “através da instalação de indústrias, faculdades, bancos além de outros tipos de comércio a vila se expandiu e começou a deixar para trás o aspecto de ‘vila’, tornando-se cada vez mais um bairro” (Gonçalves, 2003: 23).

A partir de então, com a canalização dos córregos na região, as transformações urbanas possibilitaram uma intensa valorização nos terrenos do bairro, o que provocou a verticalização com o estímulo do mercado imobiliário.

Esse novo cenário, alterado pela expansão industrial e imobiliária, remodelou de forma significativamente segregadora o espaço urbano do bairro e, como consequência, vem forçando a “expulsão” dos antigos moradores que habitavam suas casas térreas, para dar lugar a torres de luxo, comerciais e residenciais, abrigando cada vez mais novos moradores que são seduzidos pelo bairro por desejarem morar próximo ao local de trabalho.

Além disso, o fato do bairro vizinho, Itaim Bibi, estar saturado comercialmente fez com que investidores imobiliários voltassem os olhos ainda mais para a Vila Olímpia. A prefeitura através de alguns projetos ajudou a promover uma revolução na região da Vila, motivada pela abertura da Av. Nova Faria Lima e Av. Hélio Pellegrino, o que facilitou o acesso ao bairro e também à modernização da região.

Nos anos 1990, procedeu-se um processo de reestruturação urbana no bairro, através do instrumento urbanístico denominado Operações Urbanas<sup>82</sup>, em áreas contíguas e próximas ao bairro da Vila Olímpia, o que contribuiu de forma decisiva para o desenvolvimento da região e o surgimento de uma nova centralidade na cidade de São Paulo. Uma dessas transformações foi a Operação Urbana Faria Lima<sup>83</sup>.

Nesse sentido, Fix (2007) assinala que a transformação de uma região pantanosa na área mais valorizada da cidade foi e é, na verdade, um exemplo de criação da máquina imobiliária de crescimento. Por isso, a Vila Olímpia representa uma nova centralidade em São Paulo, centralidade que, em verdade, não é um fato, mas um processo social, uma imposição espacial do poder econômico e político, caracterizada por uma intensa intervenção do capital privado associada aos investimentos públicos de infraestrutura, nos últimos anos, como as operações urbanas em seu entorno.

Isto é retrato do espraiamento do processo de ocupação urbana na metrópole de São Paulo, fortalecido pela mudança no padrão de crescimento demográfico<sup>84</sup>, considerando-se alguns fatores como: a continuidade do processo de desconcentração industrial em direção a outros municípios da Região Metropolitana de São Paulo e interior do Estado; o alto custo de vida na capital (sobretudo no que se refere à

---

<sup>82</sup> De acordo o Estatuto da Cidade, Lei nº 10.257/2001, as Operações Urbanas Consorciadas são instrumentos da Política Urbana, sendo um conjunto de intervenções e medidas coordenadas pelo Poder Público municipal, com a participação dos proprietários, moradores, usuários permanentes e investidores privados, com o objetivo de alcançar em uma área transformações urbanísticas estruturais, melhorias sociais e a valorização ambiental.

<sup>83</sup> Sobre o assunto ver: Bógus (2008); Fix (2007); Frúgoli Jr. (2000); Alvim, Abascal e Moraes (2011), dentre outros.

<sup>84</sup> A população do Município de São Paulo em 1990 era de 9.646.185 pessoas e do distrito do Itaim Bibi de 107.497 habitantes (SMDU, 2007).

habitação); e a expansão de atividades terciárias nas áreas mais consolidadas do centro urbano, substituindo o uso residencial de muitas áreas pelo uso comercial e de serviços (SMDU, 2007).

São Paulo, a maior cidade do Brasil desde a década de 1960, é hoje o mais poderoso pólo de atividades terciárias do país e sua população ultrapassa a cifra dos 11 milhões de habitantes, distribuídos pelos 1.509 km<sup>2</sup> de seu município, que se divide em 31 subprefeituras e estas, em 96 distritos. São Paulo também é o centro da região metropolitana de mesmo nome, que, com seus mais de 20 milhões de habitantes, representa uma das maiores aglomerações urbanas do mundo. São 39 municípios, incluindo o da capital, 8.051 km<sup>2</sup> e uma mancha urbana contínua que, no sentido leste-oeste, apresenta cerca de 100 km de extensão (SMDU, 2007).

Cumprido esclarecer que, com base no art. 157 da Lei Orgânica do Município de São Paulo, a menor unidade administrativa oficialmente considerada é o distrito, ou seja, a divisão geográfica da área do município é instituída em distritos, a serem adotados como base para a organização da prestação dos diferentes serviços públicos, sendo de competência do prefeito a criação, a organização e a supressão dos mesmos.

A Lei nº 13.399/2002 criou 31 subprefeituras no Município de São Paulo, determinando quais distritos formam cada uma delas. A Subprefeitura de Pinheiros, localizada na zona oeste da cidade, é formada pelos seguintes distritos: Pinheiros, Alto de Pinheiros, Itaim Bibi e Jardim Paulista. Por sua vez, o distrito do Itaim Bibi, atualmente com 80.501 habitantes (IBGE, 2010), é formado pelos seguintes bairros: Itaim Bibi, Vila Olímpia, Vila Funchal, Cidade Monções, Brooklin, Vila Cordeiro, Vila Gertrudes, Jardim das Acácias e Jardim Novo Mundo.

Portanto, como não há uma delimitação geográfica oficial do bairro em estudo, nos baseamos em sua formação histórica e na identificação e reconhecimento dos seus moradores, para considerar como o bairro da Vila Olímpia a área formada pelas avenidas Santo Amaro, dos Bandeirantes, Nações Unidas e Juscelino Kubitschek, conforme figura 5.

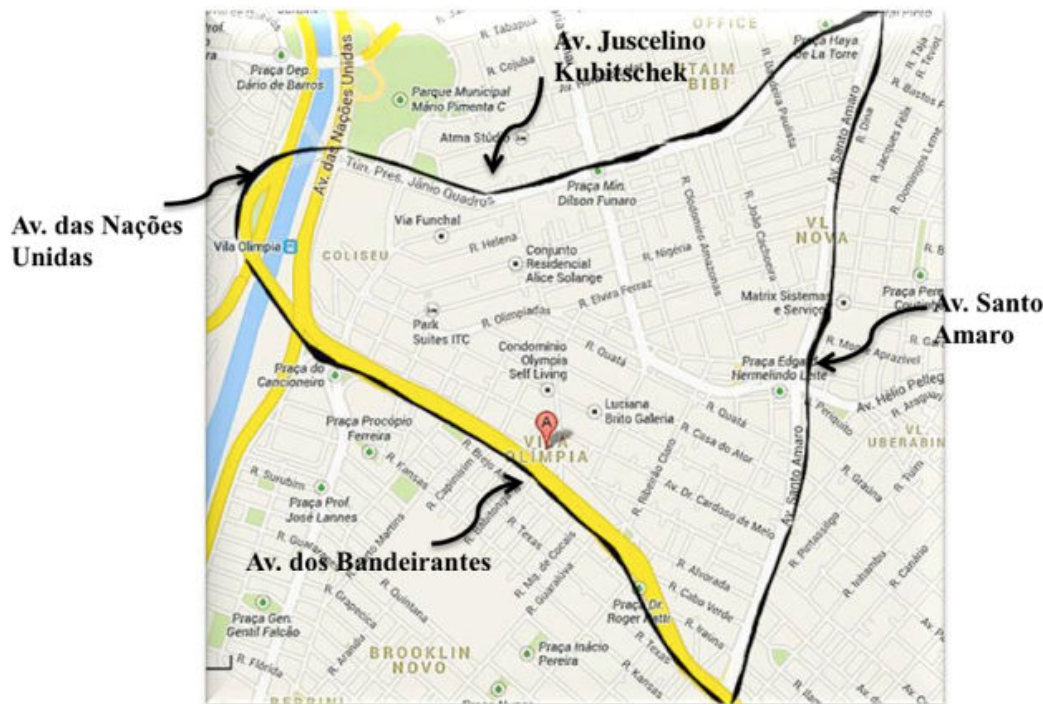


Figura 5. Mapa do bairro da Vila Olímpia (Google Maps, 2013).

Este mapa, extraído do Google Maps, representa a configuração geográfica e territorial atual do bairro da Vila Olímpia, delimitado pela Marginal do Rio Pinheiros a oeste, pelo bairro do Itaim Bibi ao norte, pelo bairro da Vila Nova Conceição a leste e pelo bairro do Brooklin Novo, ao sul.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE se baseia no setor censitário, menor unidade territorial, para coletar as operações censitárias, com limites físicos identificáveis em campo, e dimensão adequada à operação de pesquisas, cujo conjunto esgota a totalidade do Território Nacional, o que permite assegurar a plena cobertura do País. Os Setores Censitários são definidos de acordo com o número de domicílios. Na área urbana, cada setor censitário é composto, em sua maioria, de 250 a 350 domicílios (IBGE, 2010).

As informações desses setores são agregadas por distritos (conjunto de bairros), não apresentando dados específicos de cada bairro das unidades da federação, motivo pelo qual enfrentamos desde o início da pesquisa grande dificuldade para detectar os aspectos socioeconômicos e demográficos específicos do bairro da Vila Olímpia.

Dessa forma, tivemos que identificar dentro do distrito do Itaim Bibi quais os setores censitários que fazem parte do bairro da Vila Olímpia, e em seguida, somar os números de tipos de domicílios (apartamento ou casa), de moradores, da faixa etária, e

das famílias mais densas de cada setor censitário que compõe o bairro. Isto só foi possível porque o IBGE disponibiliza as informações digitalizadas na internet<sup>85</sup> por setor censitário em cada distrito das unidades da federação brasileira, permitindo o acesso a qualquer cidadão.

Neste sentido, conforme o Censo de 2010, o bairro da Vila Olímpia possui 24.490 habitantes. Do total de domicílios particulares permanentes, 9.245 são domicílios particulares do tipo apartamento e 1.618 são domicílios particulares do tipo casa. Os habitantes entre 25 e 49 anos (perfil do morador jovem), concentram-se mais na Baixa Vila Olímpia, e os habitantes entre 50 a 89 anos (perfil do morador antigo), concentram-se mais na Alta Vila Olímpia. (IBGE, 2010).

Estes dados nos demonstram a intensa verticalização do bairro, com a predominância de domicílios particulares permanentes do tipo apartamento, os quais estão cada vez mais dominando a região da Alta Vila Olímpia, tendo em vista ser a zona que ainda possui área para edificação, onde os domicílios particulares do tipo casa dão lugar aos edifícios residenciais.

O jovem morador habita mais na Baixa Vila Olímpia, pois é a região formada por empresas multinacionais, próxima da Rua Funchal e da Marginal do Rio Pinheiros, sendo assim uma zona bastante valorizada. Já o morador antigo reside na Alta Vila Olímpia, pois é a zona que concentra o maior número de domicílios particulares permanentes do tipo casa, demonstrando que quem mora em casa são os antigos moradores, pois os novos preferem morar nos condomínios residenciais verticais de luxo.

Desta forma, percebemos que a verticalização vem tomando conta da Alta Vila Olímpia que ainda preserva antigas casas, com uma paisagem tipicamente residencial, as quais estão sendo gradativamente substituídas pelas luxuosas torres de edifícios do tipo *loft* ou *studio*, em regra, para uma pessoa, com objetivo de atingir o novo morador, alterando a configuração do bairro.

A Vila Olímpia, portanto, considerado um bairro de localização estratégica, vem sendo constantemente transformado nos últimos anos, sob as forças do capital imobiliário, transformações estas que repercutem não só em seu espaço urbano mas, sobretudo, no espaço social, nas relações de interação produzidas pelos moradores do bairro, motivo pelo qual faz-se necessário a análise do fenômeno sociabilidade.

---

<sup>85</sup> Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/painel/>. Acesso em: 07.11.2013.

## 3.2. AS SOCIABILIDADES DO BAIRRO DA VILA OLÍMPIA

### 3.2.1 Sociabilidade I: vida calma e tranquila

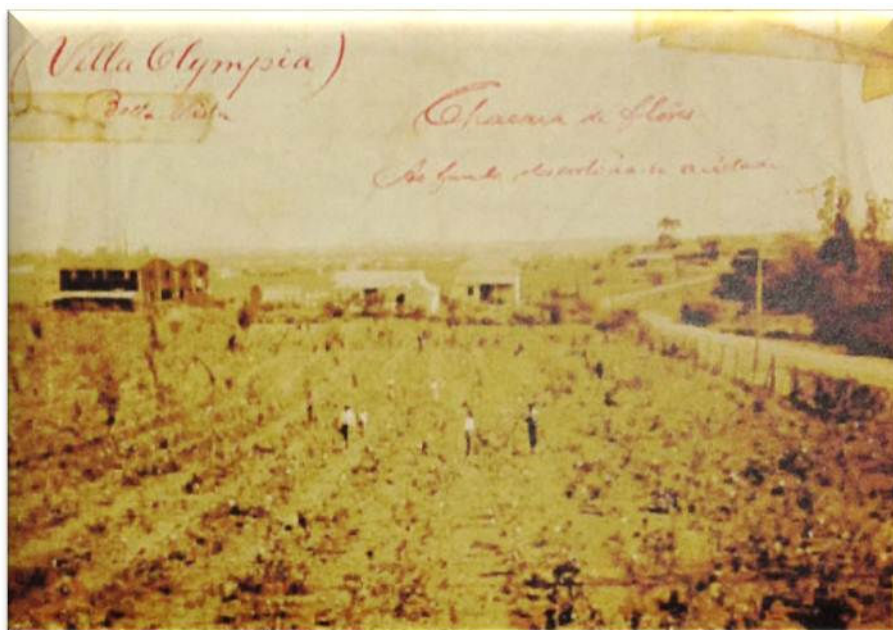
Tardes recheadas de preguiça e conversas à beira da calçada  
Tardes recheadas de tranquilidade e paz  
Uma modorra agradável  
Um tempo que passava devagar, quase parando  
Sem pressa  
Sem correria  
Uma tarde ao balanço da rede  
Uma tarde para se olhar as nuvens desenhando o céu  
Ou simplesmente conversar  
Sim, podíamos conversar nas calçadas a frente das casas  
Trocar histórias  
Comentar casos  
Rir e brincar  
O velho Itahim nos permitia ser comunidade  
Ainda não existia a televisão e a individualidade  
Existia sim a participação e a convivência.  
(Schilaro, 2010: 23)

Esses versos simples e reveladores nos remetem ao modo de vida existente na Vila Olímpia no início do século XX. É nesse cenário bucólico, com esses personagens calmos e tranquilos, que tentamos desvendar a Sociabilidade I, predominante entre os moradores da época. O bairro da Vila Olímpia, que hoje pertence ao distrito do Itaim Bibi, localizado na zona sudoeste da capital paulista, em seus primórdios, foi uma área essencialmente residencial, e surgiu como um aglomerado de chácaras formadas em sua maioria por portugueses e seus descendentes.

Nesse período, verificamos a predominância da escala residencial refletida nas conversas de calçada à frente das casas, onde o tempo era outro, a sociabilidade era mais íntima, interior e exclusiva, caracterizando forte noção de comunidade e identidade.

A constituição do distrito do Itaim Bibi e, por conseguinte, do bairro da Vila Olímpia, confunde-se com a história de vários imigrantes, sobretudo portugueses e italianos que vieram para São Paulo, no início do século passado, em busca de trabalho e melhores condições de vida. Um deles, Policarpo Corrêa, português natural da Ilha da Madeira, chegou a São Paulo no final do século XIX, com o objetivo de tentar a vida na cidade que já se consagrava como ponto de referência para muitas famílias de imigrantes de diversas nacionalidades (Conceição, 2003).

Estabeleceu-se na Rua Augusta, centro da cidade na época, e trabalhava como carroceiro, motivo pelo qual, percorrendo essa via expressa de terra até a zona sul, conheceu e fez amizade com a família Couto de Magalhães. No início do século XX, com a vinda de sua família da Ilha da Madeira, Policarpo comprou uma chácara de Arnaldo Couto de Magalhães, dando-lhe o nome de “Chácara das Flores”, região que também foi ocupada por outras famílias portuguesas no mesmo período.



**Figura 6.** Chácara das Flores (1920). À direita a Avenida Santo Amaro (Conceição, 2003: 12).

Nesta figura, obtida do livro de Conceição (2003), temos uma pequena ideia do que era o bairro da Vila Olímpia nos anos de 1920. Na imagem, notamos algumas pessoas colhendo e cultivando flores num lugar vasto, sem urbanização, com características rurais e campestres, em que a atividade que prevalecia era a agricultura. Percebemos um bairro ainda em formação, sem o traçado das ruas, o que só veio ocorrer com o loteamento da área anos mais tarde.

Esta figura é de uma área localizada abaixo do Córrego do Sapateiro, que foi “povoada por diversas chácaras de floristas que trabalhavam para fornecer suas flores não só para os cemitérios da cidade, como também para as famílias mais abastadas que habitavam os bairros mais próximos...” (*idem, ibidem*: 11).

A história do bairro é relembrada por antigos moradores, como o Luiz, que nasceu no bairro e reside há oitenta e dois anos no local. Ao descrever seu passado ainda se lembra de Policarpo:



[Ele] foi amigo do meu pai. Eu conheci ele pessoalmente, eu sei a história dele (...). E então, sabe o que acontece, ele era cego de um olho, porque um menino caçando passarinho aqui pra baixo, tava caçando passarinho e foi matar um passarinho, e pegou nos olhos desse Policarpo. Então, ele ficou cego de um olho. Ele era amigo do meu pai, eu conheci ele, ele veio muitas vezes aqui conversar com o meu pai. Ele trabalhava, era português, e tinha a Chácara das Flores aqui em cima. Aqui na Avenida Santo Amaro era a Chácara das Flores, uma casa antiga (...), eu conheci essa casa. Era na Estrada de Santo Amaro, bem do lado, e todo mundo ia comprar flor lá, ele vendia flores. E esse Policarpo, ele era tão... que ele levava lanche, ele levava lanche no bolso e comia na hora do almoço pra não gastar dinheiro. Ele não gastava, ele tinha casa em todo o lugar (...). Então eu conheci muita gente assim.<sup>86</sup>

A fala acima aborda o cenário campestre, característico do bairro no início do século passado, propício para atividades como a caça para lazer e a agricultura para subsistência, com relações sociais tradicionais, onde a figura de Policarpo representava um homem importante, com poder, sendo conhecido por todos, e que possuía certa influência local por conta de suas propriedades.

A popularidade de Policarpo era tamanha que a sua história remete à origem do nome Vila Olímpia dado ao bairro, conforme relato do antigo morador Helcias:

O Policarpo era um carroceiro, e como todo o imigrante pobre, né, que veio aqui pra trabalhar, juntou um dinheirinho e comprou essa parte daqui da Vila Olímpia dos Couto de Magalhães, até porque era desvalorizada. Então ele comprou, porque inundava. E próximo a Av. Santo Amaro, ele montou uma chácara, ele cultivava flores, né. Era chamada Chácara das Flores. É bem na esquina... Sabe onde é... Pra você ter uma referência, né, porque era uma área muito grande... Sabe onde é a FMU, uma faculdade? Então, do lado de cá era a Chácara das Flores, toda essa área que vinha até o Rio Pinheiros. Só que ele chamou o irmão dele, lá da Ilha da Madeira, de Funchal, [ai você vai começar a entender, né...] e falou; “Oh, cê fica lá embaixo que eu fico aqui em cima” [risos]. E aí o irmão dele montou uma outra chácara que plantava batata, vendia leite, plantava verdura, ali na parte mais baixa, que é a parte baixa da Vila Olímpia. E a mulher dele se chamava Olímpia, a mulher do irmão dele, do irmão do Policarpo. Os dois irmãos eram da Ilha da Madeira, de Funchal [não sei se você tá ligando, né...]. E aí o pessoal perguntava: “Você vai na Chácara das Flores? Não, eu vou na Chácara da Dona Olímpia”. E aí a Chácara da Dona Olímpia que é a parte mais baixa virou a Vila, né. O local da Vila, que agora é Vila Olímpia. Por isso que tem Vila Olímpia e Funchal, porque eles eram de Funchal. E tem uma área da Vila Olímpia que se chama Funchal.<sup>87</sup>

A vida de Policarpo se confunde com a de tantos outros imigrantes que ocuparam a região onde hoje se situa o distrito do Itaim Bibi, no início do século XX, por ser uma área pouco habitada, afastada do centro da cidade, sem urbanização, lugar ideal para exercerem o vínculo tradicional com a terra, atividade típica de sua cultura em seus países de origem.

<sup>86</sup> Luiz (2011) São Paulo: 22 de outubro.

<sup>87</sup> Helcias (2011) São Paulo: 19 de agosto.

Por esta razão, muitos imigrantes, sobretudo portugueses, habitaram a região identificando alguns sítios, ruas e zonas com nomes de procedência lusófona, o que remete à construção da noção espacializada de identidade e pertencimento, permeando o modo de vida do bairro nesse período.

Outro personagem é o Acácio Manoel Venâncio, de Trás-os-Montes, que veio para São Paulo, no mesmo período, em busca de novos caminhos para trabalhar e progredir. Sua vida se confunde com as origens das chácaras da Fazenda Itahim, onde se estabeleceu para fixar residência com sua família desde 1925, construindo uma casa para ali morar, como podemos perceber na citação abaixo:

Meu pai adquiria o leite nas fazendas da periferia de São Paulo. E foi em uma dessas andanças que conheceu o Sr. Jacinto Barbosa, próspero português, dono de uma pequena fazenda na Chácara Itahim. Além de ser seu fornecedor mais assíduo, ele tornou-se seu amigo. Fazer compras na Chácara Itahim era um verdadeiro prazer para o meu pai. Ia de carroça, e aproveitava para se recordar dos campos portugueses que havia deixado para trás, em Trás-os-Montes. Era como andar nos campos verdes, sentir a brisa fresca das plantas, ver a terra cultivada, os animais pastando e as árvores frondosas. E foi assim, sentindo na pele e no coração as lembranças e a saudade da terra portuguesa, que meu pai resolveu se desfazer das leiterias e construir sua pequena chácara, um pedaço de chão que tinha um significado especial para ele: a conquista da terra, a conquista de um espaço seu, onde fincaria raízes profundas e duradouras (Schilaro, 2010: 12-14).

A vida de Acácio é relatada de forma fiel pela sua filha, Guiomar (antiga moradora a quem tivemos a honra de entrevistar), residente há oitenta e sete anos na mesma casa, e que presenciou a formação do bairro da Vila Olímpia. Nascida na Rua Augusta, em 1918, centro da cidade na época, a moradora lembra quando sua família se mudou para a região em 1925 e que sentiu muita diferença, mas logo se encantou pela área, como se percebe nos trechos da entrevista abaixo:

Eu, minha mãe e meus irmãos estranhámos muito o lugar, mas era lindo porque tinham as vacas, tinham os cavalos, tinham os boiadeiros que passavam as vacas assim rente... Era uma vida... era uma vida gostosa de se viver. (...) A Vila Olímpia tinha uma casa que era um que tinha muitos porcos. Era até um... tem até uma casinha velha ali beirando a Juscelino que ainda era dele. Ele cortava os porcos e vendia os pedacinhos na mesa. Como é que ele chamava? Era um baixinho assim, antigo daqui (...). Na Vila Olímpia tinha uma taberna, me lembro como se fosse hoje, tinha uma taberna onde era o córrego. Não tinha mais nada, era tudo mato virgem, mato alto, alto, não tinha nada na Vila Olímpia, era um charco.<sup>88</sup>

Essa descrição nos remete às características físicas do bairro em formação que, apesar de favorecer a ocupação, impulsionou tantas outras famílias a habitar essa região

---

<sup>88</sup> Guiomar (2011) São Paulo: 23 de agosto.

da cidade de São Paulo, ainda pouco explorada, sem recursos, sem progresso ou desenvolvimento.

A escala residencial preponderante, no início do século XX, retratava uma sociabilidade mais tradicional, mais aberta, onde a rua fazia parte da casa, sem haver resistência às interações sociais, o que se verifica na sociabilidade ampla descrita por D'Incao (1992a; 1992b).

Isto remonta à formação das famílias brasileiras pré-burguesas, em que o sentimento familiar dependia da rede de sociabilidade na qual os indivíduos estavam inseridos. Vale ressaltar que as Chácaras do Itaim e das Flores, que deram origem ao bairro da Vila Olímpia, foram originariamente demarcadas e habitadas por famílias portuguesas, em sua maioria, o que também facilitava a interação social entre os habitantes do local, sobretudo, tendo em vista a identidade e o reconhecimento que possuíam entre si, por conta da terra, da nacionalidade, da cultura, dos costumes e das tradições.

Assim, intensas amizades se formaram entre os moradores iniciais, pois se ajudavam mutuamente, conheciam-se e cumprimentavam-se, frequentavam um a casa do outro, e possuíam relações de confiança, mesmo sem intimidade.

Eram fortes os laços e vínculos de comunidade entre moradores, considerados pessoas comuns, que viviam num tempo onde se podia fazer tudo ou não fazer nada. Os habitantes não eram fechados em si mesmos, e as chácaras eram delimitadas pelas primeiras ruas, consideradas limites do passeio, uma extensão da sociabilidade.

A vida calma e tranquila, portanto, traduz a Sociabilidade I, com características de experiência comunitária, de comunhão de pensamentos e ideias, da partilha de crenças, valores e significados comuns. Desse modo, as relações sociais eram íntimas, interiores e exclusivas, guiadas pela personalidade e afetividade, formadas por princípios de convivialidade, como dizia Tönnies (1973, 2002).

O processo de transição de chácara para bairro é essencial para percebermos a materialidade da vida das pessoas com o meio, posto que neste momento existe um equilíbrio entre o lado material da vida e o lado social/cultural. Há um certo vínculo entre cultura e estrutura, proporcionado por um espaço estritamente residencial e relacional.

Tudo isso é perceptível nas narrativas abaixo, que descrevem como era a vida no bairro nessa época. Através de sons e imagens, a autora narra com saudosismo a sua infância:

(...) certos sons se tornaram inesquecíveis. Sons antigos de nosso bairro. Sons de um tempo em que carroças cruzavam nossas ruas, de um tempo que as crianças brincavam livremente e as donas de casa conversavam entre as cercas dos quintais.

Éramos, simplesmente, moradores, livres e felizes, de um espaço ainda cru e rústico, raízes de nosso sonho, mas que, mesmo assim, nos permitia imaginar um futuro o qual sempre acreditamos ser de felicidade (Schilaro, 2010: 25-27).

E continua:

Morando entre chácaras e flores, tínhamos a sensação de ser livres. Podíamos explorar os caminhos, frequentar as casas e os quintais dos amigos e vizinhos, brincar na rua, subir em árvores, descobrir a imaginação e o faz de conta. Brincávamos com tocos de madeira e pedras e eles se transformavam em carruagens e princesas. Não existiam brinquedos industrializados ou se havia, não nos era possível adquirir. Nós mesmos construíamos nossas brincadeiras. (...) As rodas, os cantos infantis, pular corda na qual eu era uma especialista, apostar corridas pelas ruas de terra, pular sela, jogar bola, pião e bolinhas de gude. Enfim, brinquedos e brincadeiras de quem tinha liberdade de ação. Não havia perigos imediatos, violência. Nossas mães estavam sempre por perto nos orientando e guardando, porém podíamos explorar o ambiente e conviver com os amigos (Schilaro, 2003: 33).

A moradora descreve um espaço familiar, caracterizado por vínculos afetivos que demonstram interações sociais mais sólidas, representadas por conversas de quintal entre vizinhos, por crianças que brincavam à vontade na porta de casa, num espaço cru e rústico, em que construir a própria vida era sinônimo de liberdade, de convivência e de felicidade.

Essas eram as peculiaridades de um tempo em que o ritmo de vida era calmo e tranquilo, em que a segurança permeava o sentido de liberdade, onde o encontro, mesmo que inusitado, era proveitoso e satisfatório, uma época em que as relações eram reais fortalecendo o sentido de comunidade, de convivência e amizade, conforme se verifica na relação entre moradores vizinhos ilustrada na figura 7:



**Figura 7. Moradores e vizinhos da Vila Olímpia. Esquina da Rua João Cachoeira com a Rua Leopoldo Couto de Magalhães Júnior, 1942 (Schilaro, 2010: 28).**

Esta figura nos remete ao estilo de vida preponderante de um tempo em que os moradores sentavam-se à beira da calçada, à frente das casas, com seus filhos, para conversar, bater papo, trocar ideias, e ver a vida passar. Um tempo em que a escola era o espaço de encontros, confraternizações e amizades dos mais jovens. De uma época em que, no mês de Junho, as festas religiosas proporcionavam participação e alegria da comunidade.

Desfiles de cores e imagens. Charretes enfeitadas com fitas coloridas e flores. Cavaleiros com capas longas, chapéus de abas largas, selas e botas enfeitadas com prata e couro. (...) Íamos com um grande grupo, barulhento, com vários vizinhos, caminhando alegres pelas ruas da Chácara do Japão. (...) Mesmo com a falta de transporte e ruas de terra, a alegria dos meses juninos nos contagiava. Mas tínhamos nossas próprias comemorações, organizadas pela vizinhança e comunidade. As festas juninas em nosso bairro sempre foram pontos de união e participação de todos (Schilaro, 2010: 49).

Muitas quermesses foram impulsionadas com a construção da Igreja do Divino Salvador da Vila Olímpia<sup>89</sup> que estimulou a realização de torneios esportivos, e atividades comunitárias como teatro e dança. Cortejos, bailes de carnaval, brincadeiras de rua, e a prática de soltar balão de fogo em festas de São João eram corriqueiros entre

---

<sup>89</sup> A história da igreja remonta a 25 de Outubro de 1942, quando, num terreno doado pelo Sr. João Medeiros, foi colocada a Pedra Fundamental para a construção da primeira capela, construída pelos Padres Salvatorianos. No final de 1955, o Cardeal Dom Carlos Carmelo criou canonicamente e erigiu a Paróquia do Divino Salvador da Vila Olímpia. Já no início de 1956 foi aberto o 1º Livro Tombo com as rubricas de Dom Paulo Rolim Loureiro e Pe. Matheus Garcez. Disponível em: <http://www.divinosalvador.com.br/Internas.aspx?pid=12>. Acesso em: 15.08.2013.

os moradores da região, traduzindo o clima de comunidade, de sociabilidade, e de festividade como podemos constatar no relato de Luiz, abaixo:

Em junho eram aquelas festas... A coisa mais linda! Todos se reuniam, era uma festa só. Todos vestidos de chita, e tudo... Ai faziam brincadeiras... Uma coisa folclórica mesmo, né. Muito bonito! Época de São João... Soltávamos balão... Nossa, eu chegava a contar, sem exagero, eu chegava a contar oitocentos balões no alto, oitocentos balões! Era aquele mundo, aquela coisa. Parecia um mosquitinho, e era um balão, aí eu contava, contava, contava... Aí eu falava: “Meu Deus!” Me perdia. À noite então a gente confundia com as estrelas que era muito balão.<sup>90</sup>

É perceptível que as festividades de São João, introduzidas pelos imigrantes portugueses e seus descendentes, tinham forte relação com os moradores locais, pois mobilizavam toda a comunidade, reunindo as pessoas em homenagem ao santo católico, vestindo roupas típicas, soltando balão de São João, símbolo da festa, além das brincadeiras, da música, da comida, dos costumes e tradições que fortaleciam a noção de pertença da comunidade.

Dentre as festas populares mais esperadas, destacava-se o carnaval, considerado um festejo familiar no bairro, como podemos verificar na figura 8. Todos participavam fantasiados. A confecção das roupas das crianças demandava meses de antecedência, e envolvia toda a comunidade. Conforme Schilaro (2010), nos dias de carnaval, as famílias colocavam suas cadeiras na porta de casa “pra ver a banda passar”. Entre *Pierrots* e *Colombinas*, era um momento especial de alegria.



**Figura 8. Família Schilaro e amigos fantasiados para o Carnaval, 1940 (Schilaro, 2010: 52).**

---

<sup>90</sup> Luiz (2011) São Paulo: 22 de outubro.

Nesta figura de 1940 visualizamos uma reunião de familiares e amigos fantasiados na época do Carnaval, importante festividade popular intensamente praticada em todo o Brasil até hoje, introduzida pela cultura portuguesa desde a época da colonização, sendo uma manifestação folclórica adaptada à realidade local com influências africanas, italianas, dentre outras.

O Carnaval logo tomou conta do bairro, onde as ruas eram o palco para as festas ao ar livre, desfiles e marchas, fortalecendo os laços de amizade, de convivência entre a população local, adquirindo na esfera popular formas genuinamente autênticas e brasileiras através da música, dos costumes, das vestimentas e das danças.

Outra importante forma de lazer no bairro era a prática do futebol entre a pequena população que ali vivia. Os jovens se encontravam nos campos de futebol improvisados espalhados pelo bairro. Todos se uniam em prol do desporto. E assim se formaram diversos times de futebol como o “Marítimo F. C.”, o “Vila Olímpia”, o “Flor do Itaim Futebol Clube”, os “Onze Florianos”, e outros.



**Figura 9. Moradores da Vila Olímpia no campo de futebol do Marítimo, 1936 (Schilaro, 2010:65).**

A importância do futebol como prática social resulta ser um elo condutor de sociabilidade no bairro, pois através do esporte os moradores se relacionavam entre si. A tradição do futebol de várzea, desde sempre muito comum na Vila Olímpia, espelha uma prática coletiva, representando uma das modalidades esportivas mais difundidas no país, exercida praticamente por todas as esferas da sociedade brasileira.

O futebol de várzea, de caráter não profissional, foi preponderante na cidade de São Paulo, tendo em vista as áreas de várzea ao longo dos diversos rios que cortavam a capital. Os primeiros campos de futebol foram formados próximos a rios como Tamanduateí, Tietê e Glicério, áreas de alagamentos e inundações circunvizinhas às chácaras existentes nestas regiões. Com o crescimento da cidade, os campos foram empurrados para fora da malha urbana mais densa, onde os times varzeanos passaram a ocupar locais menos ocupados, como os campos às margens do Rio Pinheiros, na Vila Olímpia (Witter, 1994).

Dentre os clubes de futebol da região, destacamos o Marítimo Futebol Clube, conforme figura 9. Este clube é o mais antigo e o primeiro a se instalar no Parque do Povo<sup>91</sup>. Fundado em 13 de dezembro de 1928 por barqueiros portugueses que retiravam areia do leito do Rio Pinheiros, seu nome é uma homenagem ao Clube Marítimo da Ilha da Madeira, local de origem dos seus fundadores. O clube tornou-se uma referência na várzea paulistana, garantindo um vínculo histórico entre o Parque do Povo, o futebol e as origens de seus fundadores (CONDEPHAAT, 1994).

Schilaro (2010) demonstra um pouco da relação dos moradores do bairro com a prática deste esporte:

Passados alguns anos, em 1936, o envolvimento dos moradores era tão grande que até mesmo a minha casa se transformou em sede de clube de futebol. Nesse tempo, eu já tinha dezoito anos. Nós tínhamos vários amigos, e eu já estava namorando Nicola, que viria a se tornar meu marido. Imaginem que a turma toda resolveu fundar o clube “Os Onze Florianos”. Eu fui eleita, por unanimidade, é claro, como madrinha e tive a incumbência de bordar a bandeira do Clube. Alberto e Nicola desenharam o símbolo e até conseguimos comprar os uniformes. Foram anos alegres e divertidos. Inventávamos sempre atividades para que todos participassem. Bailes, festas, serenatas, grupos de cantores e o time de futebol. O espírito de união, o desafio e a competição saudável, esses eram os pensamentos que empolgavam os jovens do meu tempo (*idem, ibidem*: 64).

Neste depoimento, observamos forte interação entre os jovens da época, uma vez que através de sentimentos de união e solidariedade, característicos de um grupo ou comunidade, construíam laços intensos de amizade entre si, experimentando relações sociais mais concretas e duradouras, por meio de uma sociabilidade ampla oriunda das diversas práticas sociais latentes no bairro.

---

<sup>91</sup> Os antigos campos de futebol nesta região localizavam-se onde hoje encontramos o Parque do Povo, importante área de lazer que abrigava mais de oito clubes de futebol; um grupo de teatro; uma escola circense; uma área para feira livre; a bocha; além de quadras e edificações (CONDEPHAAT, 1994).



A rua era a extensão da casa por onde os moradores circulavam livremente com intimidade. O futebol promovia a participação, a integração, a identidade e a união de todos, com a realização de atividades voltadas para o lazer, contribuindo assim para o fortalecimento das relações sociais.

Outro esporte também praticado pelos moradores da região era a Bocha, originário da Itália, provavelmente introduzido com a vinda dos imigrantes italianos ao Brasil no início do século XX, e adotado pelos portugueses moradores do bairro.

Isto porque, era grande a influência entre os costumes do imigrante estrangeiro na população brasileira, época em que muitos italianos e portugueses, dentre outros, vieram ao Brasil em busca de melhores condições de vida, destacando-se a Bocha como um dos esportes trazidos por eles.

Sobre a origem deste esporte, vale transcrever a fala de Idilio, morador da Vila Olímpia há trinta e cinco anos, e frequentador assíduo do Clube de Bocha, um dos poucos espaços de lazer e sociabilidade ainda existentes no bairro:

Pra mim, a primeira vez que jogaram um esporte mais ou menos conhecido, foi na Grécia, como tudo. Mas quem adotou foi a Itália. A Itália que é o criador mesmo da bocha. Não sei quem foi que introduziu isto no Brasil, naturalmente foram os descendentes de italianos, não sei a história, mas só pode ser. São Paulo é uma cidade da Itália. A quantidade de italianos que tem aqui é maior do que qualquer cidade da Itália, então, naturalmente, esses italianos que vieram como imigrantes pra cá há sessenta, setenta anos, vieram, e o que eles iam fazer? Jogar bocha (risos). Como forma de lazer, né!<sup>92</sup>

Percebemos neste trecho novamente a influência italiana e portuguesa nas atividades de esporte e lazer entre os moradores do bairro, o que demonstra a origem dos costumes e tradições desenvolvidos entre estes. Podemos afirmar, portanto, que a bocha, como elemento de identificação destes moradores, é uma referência ao caráter relacional do processo de socialização dos mesmos.

Ainda quanto às formas de lazer existentes na época, o cinema e o circo foram importantes atividades responsáveis por aglutinar os moradores, proporcionando convívio em comunidade. Schilaro ressalta bem isso quando relembra a chegada do Circo e do Cinema no bairro:

Quando o clube Flor do Itaim fechou, uma outra opção de lazer chegou ao nosso bairro. Começaram a aparecer os circos que se estabeleceram por aqui. Ficavam algum tempo se apresentando para os moradores. Ouvíamos lá de

---

<sup>92</sup> Idilio (2011) São Paulo: 03 de fevereiro.

nossa casa a bandinha tocando e anunciando a função (...). Serenatas, bailes, futebol, circos, até que a nossa vida era “agitada”, não é? Algum tempo depois, em meados de 1933 e 1934, chegou o cinema. O primeiro cinema do nosso bairro foi o Cine Itahim. Só funcionava nos finais de semana passando seriados. Era um sucesso (...). As sessões de cinema eram esperadas com comentários e muita agitação. As crianças e os adultos se divertiam a valer, torcendo pelos heróis e vaiando os bandidos em pleno cinema (...). Era um momento mágico (Schilaro, 2003: 69).

A declaração acima demonstra que o cinema era responsável por reunir em um único local muitos moradores do bairro que interagiam entre si, revelando intensa sociabilidade. As sessões eram esperadas por todos e bastante agitadas, frequentadas por adultos e crianças, evidenciando o caráter familiar desta importante atividade cultural. Entre as décadas de 1940 e 1950, o cinema foi plenamente incorporado à vida urbana, sendo que em 1951 foram construídos os estúdios da Companhia Cinematográfica Vera Cruz, a *Hollywood paulista* (Mattos, 2002: 20).

Da mesma forma, o circo que passava nas ruas do bairro, com festividades comunitárias e locais também fortalecia o elo entre os moradores da Vila Olímpia, que esperavam ansiosos pela festa dos artistas que ocorria uma vez por ano. No discurso de Wilson, percebemos a importância do circo:

Na Rua Casa do Ator, na rua que eu moro desde criança, antigamente tinha a casa dos artistas, por isso o nome da rua, e uma vez por ano tinha uma festa dos artistas que fechava a rua, passava um circo, com leões, e animais, era muito legal. Hoje em dia, a Casa não está mais aí, e a gente nem sabe pra onde foi. A Universidade Anhembi Morumbi comprou o térreo onde era a casa e agora é da universidade.<sup>93</sup>

Este trecho, além de demonstrar a riqueza e importância do circo e da festa dos artistas como memória e história cultural e social do bairro, retrata a indignação do morador frente ao processo de desenvolvimento da Vila Olímpia, que a partir de meados do século XX começou a se expandir e se urbanizar de forma mais intensa, sem levar em consideração as noções de identidade, sociabilidade e comunidade existentes no bairro.

Portanto, as práticas sociais como a festa de São João, o futebol, o carnaval, o circo, o cinema, a bocha, os bailes e as serenatas foram a base para a construção e solidificação da sociabilidade dos moradores do bairro, pois exprimiam os seus modos de viver e experimentar a cidade.

Estas eram as práticas que formavam o cenário do rico e intenso espaço social existente na Vila Olímpia no início do século XX, composto pelas práticas e percepções

---

<sup>93</sup> Wilson (2011) São Paulo: 03 de fevereiro.

dos moradores, pelo espaço vivido, local onde se situavam todas as relações sociais, além de ser o lugar da residência, da casa, e das relações de vizinhança, demonstrando, portanto, que o bairro é uma construção social, conforme Castells (1983).

Vale ressaltar que tais práticas sociais sempre existiram e algumas resistem até hoje, entretanto, precisamos compreender de que forma e em que medida elas ainda são importantes no fortalecimento da sociabilidade dos moradores do bairro. Ou será que existem outras práticas que realizam esta função? Compreender o processo de transição das sociabilidades pode nos ajudar nestas questões.

Ainda assim, observamos que nesse primeiro momento, havia uma nítida identidade de bairro como unidade de vizinhança onde se organizava toda a vida e se estabeleciam redes de interações sociais entre os moradores. O bairro representava a unidade base da vida urbana, onde os moradores organizavam sua vida pública. A Vila Olímpia era vivida e presenciada pelos seus habitantes, seja por relações de vizinhança, amizade e lazer ou por laços de urbanidade entre os moradores do local.

Portanto, a Sociabilidade I é caracterizada por uma verdadeira noção de identidade vinculada à ideia de pertencimento dos moradores com o bairro. A Vila Olímpia era uma comunidade, um lugar familiar, com nítida coesão social entre seus habitantes, pois Havaí um equilíbrio entre lado material e o lado cultural/social da vida. Entretanto, à medida que o bairro ia crescendo e se desenvolvendo, a vida calma e tranquila do início do século XX transformava-se, juntamente com a memória, a história, a antiga arquitetura, a identidade, os moradores e, principalmente, a sociabilidade.

### **3.2.2. Sociabilidade II: Vida moderna e dinâmica**

Balões no céu, confundindo com as estrelas  
Fogueiras e quentão na noite de São João  
Era tudo festa e muita alegria  
Vestido de chita era a fantasia  
Mas a selva de pedras depressa aqui chegou  
Ninguém mais se conhecia, foi tudo se acabando  
Os poucos moradores que ainda estão  
contam com saudade à nova geração  
No Itaim...<sup>94</sup>

---

<sup>94</sup> Estrofe do Hino do distrito do Itaim Bibi escrito pelo entrevistado Luiz.

Esta estrofe do Hino do Itaim, escrito por um morador, representa claramente a transição de uma vida até então calma e tranquila, para uma vida moderna e dinâmica, sobretudo, em bairros como a Vila Olímpia.

O progresso altera não só a paisagem do bairro como também o estilo de vida de seus moradores, e, fundamentalmente, as relações de interação social, com a acentuação da individualidade, impondo uma significativa impessoalidade nas relações humanas, proporcionada pelo dinheiro (Simmel, 1998a), através do consumo. Inicia-se, assim, uma ruptura ou um desequilíbrio entre o lado material da vida com o cultural/social, onde a estrutura econômica influencia diretamente as relações sociais.

O dinamismo da vida moderna, pautado no progresso, trazido pelo asfalto, pela urbanização, e pela verticalização foi fundamental para que os moradores sentissem uma nítida alteração não só no espaço urbano do bairro, mas, sobretudo, com o enfraquecimento da noção de pertença, e a gradativa perda da identidade com o bairro.

Os bailes de carnaval cada vez mais escassos, os times de futebol desaparecendo, o circo menos atuante, e o cinema de rua fechando, demonstram que o progresso modifica as relações de sociabilidade dos moradores locais, alterando de forma significativa a vida dos mesmos, em que a noção de comunidade dá lugar à individualidade.

Segundo Carlos (2007), esse processo é acelerado pela fragmentação do espaço urbano paulistano, através da produção de múltiplos centros que dissiparam a consciência urbana na medida em que o habitar hoje na metrópole tem um sentido diverso, mudando hábitos e comportamentos, bem como formas de apropriação do espaço público, além da dissolução de antigos modos de vida e relações entre as pessoas. Assim, bairros inteiros foram descaracterizados ou mesmo destruídos pelas necessidades de expansão desenfreada proveniente da acumulação de capital que reproduz o espaço metropolitano mudando referenciais e comportamentos.

Luiz, antigo morador do bairro, vivenciou toda essa transformação:

Eu lembro quando eu era garoto e falava: “Puxa vida! Aqui era aquela rua assim e assim...” De repente começou a vim aqueles tratores, aquelas máquinas lá, e mudando tudo, aplainando, daqui a pouco vinha o asfalto. Pra mim era uma novidade o asfalto. Meu pai falava assim: “Ah, filho, não se admire que eu tive até vacas!” Ele tinha vaca sabe onde? Na Rua Canadá, conhece? Era o Jardim Paulista, ali. Ele tinha vaca lá, e começou a vim o progresso e ele teve que vim embora pra cá. Então ele veio embora pra Rua Heloisa... (...) era fora de sério esse bairro, não dá pra acreditar que terminou

uma coisa dessas, mas... Bom, teria que vir o progresso, não é mesmo? Mas era muito bonito, fora de sério. Era muito diferente do que é hoje.<sup>95</sup>

Este trecho, além de apontar a relação do progresso com a memória e a história do bairro, retrata a indignação do morador na maneira como o progresso se apoderou do bairro, transformando decisivamente o espaço construído, social, relacional, assim como os modos e estilos de vida, alterando as práticas sociais anteriormente existentes.

A partir da abertura de novas vias, com o loteamento da região – que se intensificou entre as décadas de 1940 e 1960 – e com o crescimento e desenvolvimento do bairro da Vila Olímpia, a sociabilidade se torna mais restrita, o sentimento de privacidade e de estranhamento à rua se impõe. É o que verificamos na figura 10, em que o carro passa a ser o transporte da modernidade, veículo preferido pelo morador da Metrópole, consagrado como o símbolo do desenvolvimento e do progresso.



**Figura 10. Rua Nova Cidade, 1966 (Revista Veja, 2010: 8-9).**

Esta figura da Rua Nova Cidade, de 1966, na região da alta Vila Olímpia, a mais residencialmente habitada, demonstra a abertura de novas vias no bairro para promover a circulação do automóvel como símbolo da modernidade. As ruas de paralelepípedo propícias para a circulação de bondes como meio coletivo de transporte, aos poucos possibilitaram a chegada do asfalto, facilitando o uso do carro como meio individual de locomoção, seguindo a tendência de toda a capital paulistana, qual seja, a substituição do transporte coletivo pelo individual.

---

<sup>95</sup> Luiz (2011) São Paulo: 22 de outubro.

Observamos ainda que o calçamento precário e o alagamento da rua, são características de um bairro residencial que crescia desordenadamente, sem planejamento, ainda com baixo índice de urbanização, sem completa infraestrutura adequada, em que a arquitetura predominante era de casas e sobrados habitados por operários ou trabalhadores, remodelando o espaço construído, alterando a paisagem de um lugar rural para um bairro mais “moderno”.

Isto porque, ao mesmo tempo em que o bairro apresentava sinais de modernidade, sobretudo, pela incipiente urbanização, ainda convivía com o tradicional como característica pré-urbana. O bairro, portanto, era o retrato de uma São Paulo que experimentava simultaneamente o moderno e o arcaico (Servcenko, 1992).

Guiomar pontua estas características, conforme relato abaixo:

O tempo passava, a vida se transformava... Envolvidos no cotidiano dos dias, nem percebíamos que passávamos de criança a jovem, que evoluíamos de bairro-chácara para bairro-urbano com novas e bonitas casas, jardins e ruas arborizadas, comércio tranquilo, restrito às necessidades básicas dos moradores (Schilaro, 2010: 69).

O loteamento na região foi responsável pela transformação de Chácara para Bairro com o surgimento das primeiras casas e sobrados, conforme verificamos na figura 11, entretanto, sem nenhum planejamento urbano específico. Os sinais de modernidade iam aparecendo. Com a chegada da luz elétrica, os moradores buscavam melhor qualidade de vida, passando de chacareiros a trabalhadores e empregados.



**Figura 11. Arquitetura das casas no final da década de 1940, na Vila Olímpia. A casa da esquerda era localizada na Rua Alvorada, 153 e a casa da direita na Av. Santo Amaro com a Rua Antonio Pontes Câmara (CONCEIÇÃO, 2003: 13-17).**

Percebemos, na figura 11, que a arquitetura das casas, ainda baseada no estilo colonial, de casarões e sobrados portugueses, aos poucos apresentava um aspecto mais moderno, representado por ladrilhos e tijolos e com traçados mais geométricos.

O estilo de vida moderno também passa a influenciar a arquitetura no bairro com novas ideias de conforto habitacional e de urbanismo, por novos conceitos de higiene e novos hábitos de socialização.

A casa como local de encontro, reuniões e eventos continuava a ser o centro da existência social. “Apenas a vida em família não é mais governada pelo passado, pela tradição, senão que pelo futuro, pela aspiração à ascensão individual, traduzida antes de tudo pela corrida ao consumo” (Mello e Novais, 2010: 605).

Esta análise é importante para facilitar a compreensão das relações com a casa, dos seus usos, dos hábitos de seus moradores e da paisagem, revistas a partir dela e do seu período como tal.

A vida mais dinâmica passa a reconstruir o cotidiano do bairro, suprimindo certos costumes e profissões, como a do mascate que “vendia qualquer coisa, desde linhas, tecidos e até móveis”; a do tripeiro que passava na porta das casas, tocando um chifre de boi, com uma carroça cheia de tripas penduradas; a do peixeiro; batateiro; carvoeiro; vendedor de palha; tropeiros que usavam as antigas chácaras como rota para passar as tropas de boi; barqueiros do Rio Pinheiros; e das lavadeiras, dentre outros (Schilaro, 2010).

Assim como os costumes, o espaço ia se modificando. Os antigos campos viraram trilhas, ruelas, ruas e avenidas. As chácaras passaram a residências que necessitavam de pequenos comércios, dando origem às lojas e supermercados, tendo em vista que:

As famílias se estabeleciam e abriam pequenos negócios. Geralmente construía casas térreas na beirada da Rua e ao lado um espaço servia para abrir um pequeno comércio. Assim era o empório da D. Maria e do Seu Rafael na esquina da João Cachoeira com a Joaquim Floriano. Lá se vendiam cereais de todos os tipos, grãos, mantimentos, enfim um mini “supermercado”. Logo ali, bem pertinho, a família Lepera morava também em uma casa térrea. O comércio deles era uma espécie de padaria e eu digo espécie, pois era diferente das padarias como hoje conhecemos (Schilaro, 2010: 86-89).

O comércio de bairro passa a se desenvolver aparecendo novos personagens como o barbeiro, o enfermeiro, o farmacêutico, o padeiro, a parteira, a cabeleireira, assim como a “loja de tecido do Seu Alfredo”, a “loja de móveis do Seu Alberto”, a

“farmácia do Seu Brandão”, a “fábrica de chocolates Kopenhagen”, o “bar do Sorbello”, a “Casa de Móveis do Seu Carlos”, dentre outros (*idem, ibidem*).

Interessante é o depoimento de uma das entrevistadas sobre o desenvolvimento do comércio de roupas na Av. João Cachoeira, a partir da década de 1960, a qual hoje representa um *shopping* a céu aberto, sendo um forte polo de confecções de referência para todo o país.

O comércio no bairro começou a se intensificar na década de 60, aqui na João Cachoeira. Porque, inicialmente, aqui era um consumo para o povo daqui, local. Então tinha mercearia, tinha loja de... de... comércio, móveis. Mas assim, voltado para os moradores. Aí surgiu uma loja de camisas aqui na década de 1960, Franita, aqui na João Cachoeira. Esse senhor que fundou a Franita, se eu não me engano, ele chamava Francisco e a mulher chamava Anita, e virou Franita, que era uma loja de camisas. Foi uma novidade porque era uma camisa mais popular, né, voltada para o público jovem, que começou a frequentar aqui a escola que abriram, o Costa Manso. Aí, dessa fábrica, que começou um interesse dessa novidade, de ser uma camisa diferenciada, manga curta, xadrez, mais esporte, que ainda não havia isso no mercado, e tinham bastante jovens que passavam pra ir pra escola, e isso houve uma procura maior e começou a trazer outras pessoas de outros bairros para comprar aí. Daí começou o comércio a se expandir na João Cachoeira, que hoje é uma grande referência.<sup>96</sup>

Assim, o comércio no bairro surgiu de acordo com a necessidade de seus moradores. As padarias impulsionadas pelos portugueses, a atividade de vacaria, as cocheiras de cavalo, e a produção de verduras, legumes e frutas, deram origem às primeiras “vendinhas” e mercearias que foram de suma importância para o fomento do comércio local.

Tanto o bairro quanto os moradores foram gradativamente adotando uma postura mais moderna, mais burguesa, mais individual, impelida pelo consumo, pelos modos de se vestir, pelo desenvolvimento tecnológico, consagrando um novo estilo de vida em uma nova paisagem urbana, uma nova forma de sociabilidade.

Sob a justificativa da praticidade, eletrodomésticos e alimentos industrializados passam a fazer parte da vida das famílias mais abastadas. Com o *fast-food* e o *self-service*, o hábito de “comer fora” torna-se comum entre executivos, empresários e políticos estimulando a abertura de restaurantes elegantes, cafés e lanchonetes em toda a Metrópole de São Paulo (Mello e Novais, 2010).

Em nome da segurança, da facilidade de encontrar tudo no mesmo lugar, e atrelado à noção de modernidade e progresso, surgem os Supermercados e *Shopping*

---

<sup>96</sup> Nereide (2011) São Paulo: 23 de agosto.



*centers* que alteram o sistema de comercialização dos produtos como um lugar privilegiado para compras e lazer<sup>97</sup>, homogeneizando as relações sociais, melhor concretizadas em ambientes fechados, privados, longe das ruas e da urbanidade.

Em contrapartida, algumas favelas começaram a aparecer no bairro, principalmente na região onde hoje se encontra o Parque do Povo, a Rua Helena, a Rua do Rocio, isto é, na baixa Vila Olímpia, por ser uma zona alagada e aparentemente sem interesse ou valor econômico, próximo à Rua Funchal, como se percebe no depoimento abaixo.

E nessa rua [do Rocio], no final dessa, rua tinha uma favela. Ela ainda existe, mas ela tá camuflada, com uma base comunitária da polícia na esquina, e dos barracos você não vê mais nada. Ela já pegou fogo várias vezes. Foram tirando, diminuindo... Mas um pouquinho ainda ficou. Então, essa rua era tida como a rua perigosa, porque o pessoal que morava lá pro lado da Ana falava: “Ih, nossa! A Rua do Rocio, Deus me livre!” Porque era a rua que dava na favela. Então o pessoal tinha medo de vim pra cá. Era uma rua que ficava meio deserta, então era uma coisa que ficava bem assim... Mas isso foi mudando, foi mudando... E hoje em dia, em termos de comércio, isso aqui parece que é a área da informática. Eu lembro de algumas casas que havia aqui, e é engraçado porque quando você passa nos lugares em que aquilo... aquela arquitetura não tá mais lá, a hora que eu passo, eu olho: “Nossa, tinha aquele casarão aqui!” Eu achava lindo os casarões, e quando eu passava eu falava: “Nossa!”<sup>98</sup>

Este testemunho (de memória nostálgica) corrobora inúmeras transformações do bairro, motivadas pela fragmentação do espaço tanto físico quanto social. Segundo Carlos (2007), esse processo produz um constante movimento de atração-expulsão da população do centro para a periferia e vice-versa, representada por uma ambivalência que, conforme Rolnik (1994, 1997, 2000), se observa entre a zona rica e a zona pobre, a cidade legal e a cidade ilegal.

Nesse sentido, a força do capital imobiliário e do processo de urbanização, corporificados por “incidentes” como incêndios para expulsar a comunidade local, são essenciais para transformar o bairro e abrigar empresas transnacionais e multinacionais do terceiro setor, sobretudo, do ramo da informática e das telecomunicações, representando o “vale do silício” brasileiro.

---

<sup>97</sup> “No Brasil, a implantação dos *shopping centers* nos anos 1960 seguiu o padrão norte-americano: é a referência estrangeira como imagem de inovação. Os eventos urbanos marcados pelas construções de *shopping centers* criaram um novo tempo social e um novo universo de fantasia e consumo. Assim, padronizam-se no Brasil como ‘símbolos onipresentes de poder’. (...) O primeiro *shopping center* instalou-se em 1966, em São Paulo e permaneceu único até a instalação de um *shopping center* no Distrito Federal e outro no Paraná.” (Padilha, 2006: 68-69).

<sup>98</sup> Cristina (2011) São Paulo: 23 de setembro.

Assim, percebemos que é inevitável a substituição da antiga pela nova arquitetura, condicionada pela perda da memória e da história, o que verificamos no discurso emocionado e triste da moradora.

Nesse momento, o estranhamento com a transformação do espaço acentuava o enfraquecimento da noção de pertença ao bairro, deixando de ser considerado pelos moradores como uma unidade de vizinhança, lugar onde organizavam suas vidas através de redes de interações sociais.

O bairro deixa de ser uma referência para os moradores, tendo em vista a perda da identidade com o espaço, representado pelo desaparecimento dos casarões antigos em detrimento da nova arquitetura. Portanto, o bairro deixa de ser a base da vida urbana, local até então vivido e experimentado, pois a perda da identificação com o espaço ocasiona o que Bauman (2005) determina de crise da noção de pertinência.

Estas características são relativas ao processo de transição inerente à Sociabilidade II, em que representa a transição entre a vida calma e tranquila para a vida contemporânea na nova centralidade. Esta transição é pautada pelo desaparecimento da relação espacial das pessoas com o espaço, representando o fim do tradicional espírito de bairro, onde o desequilíbrio do lado material com o lado social/cultura da vida é latente e passa a ser conduzido pela estrutura econômica do espaço.

A comunhão de pensamentos e ideias, pautadas em relações íntimas, interiores e exclusivas, e em laços estáveis fortes e multifuncionais, dava lugar à diversidade de pessoas, de estilos de vida e de costumes modernos com diferentes identidades.

A sociabilidade II, típica de uma sociedade burguesa moderna da época, confundia-se com o cultivo da domesticidade, da privacidade doméstica, dos espaços domésticos, onde valores como individualismo e impessoalidade começavam a se fortalecer. É evidente que está presente a relação entre as transformações econômicas de um capitalismo tardio e as mudanças na sociabilidade. Nessa época, São Paulo já figurava como uma metrópole, onde a noção de indivíduo se opunha à noção de comunidade.

A individualidade passa a deteriorar sentimentos de familiaridade e solidariedade, acentuando a impessoalidade e o anonimato. O dinheiro exacerba essas características construindo verdadeiras barreiras para as pessoas se relacionarem entre si, repercutindo na banalização da diferença, personificada na atitude *blasé* (Simmel, 1987).

Nesse sentido, o modo de vida urbano, também impulsionado pelo transporte e pelo comércio que produzem novas formas de organização social, altera as relações entre os moradores do bairro, pois as interações passam a ser fragilizadas também pela modificação do espaço urbano. Isto porque ele é socialmente produzido, criado por diferentes práticas humanas, formado por processos sociais, sendo resultado das próprias relações existentes no espaço vivido e experimentado.

As transformações urbanas mais significativas no bairro ocorreram a partir de 1970, com a canalização dos Córregos da Traição, do Sapateiro e Uberaba e Uberabinha, que deram lugar, respectivamente, às Avenidas dos Bandeirantes<sup>99</sup> (antiga Estrada da Traição), Presidente Juscelino Kubitschek<sup>100</sup> e Hélio Pellegrino<sup>101</sup>. O objetivo foi solucionar os frequentes alagamentos que desvalorizavam os terrenos do bairro. A antiga Estrada de Santo Amaro, que ligava o Centro da capital paulista com o município de Santo Amaro, passou a ser importante via de acesso ao bairro da Vila Olímpia. Tais transformações são bem perceptíveis nos depoimentos abaixo:

É a partir da construção... da canalização do Córrego do Sapateiro e a construção da Avenida Juscelino Kubitschek e com os outros encanamentos dos outros rios, que houve esse *boom*, essa transformação da Vila Olímpia.<sup>102</sup>

A valorização do bairro teve muito a ver com a abertura da Juscelino Kubitschek, por causa do Maluf. Tem toda uma questão política, entendeu, da expansão... Ele tinha realmente interesse que a extensão da Faria Lima se tornasse um grande polo que nem a Paulista, o que está acontecendo agora. Quando o Jânio queria fazer o Boulevard por baixo, a Juscelino por baixo, já era um indício de que a urbanização ia mudar, a questão da valorização comercial, né, dos espaços, dos terrenos. Aí veio a Erundina e barrou e afundou o que ele tinha iniciado, que era um túnel por baixo da Juscelino. Quando veio, se eu não me engano, o Maluf, que retoma isso, retoma a Juscelino Kubitschek e abre a Faria Lima. Isso teve uma grande briga com os moradores da Vila Olímpia. A Vila Olímpia não queria, os moradores fizeram vários movimentos, entraram na justiça, porque não queriam que abrisse a Faria Lima e que houvesse toda essa especulação imobiliária, entendeu? Então, foi um *boom* criado pelo governo, pela prefeitura que permitiu... E até hoje é assim, eles permitem (...) eles permitem uns arranjos... eles chamam isso de... tem um nome de... compensação. Você faz alguma coisa em prol da cidade, e aí consegue construir mesmo em espaços pequenos, quer dizer, são caminhos aí, que a prefeitura... alternativas... E isso começou a surgir dessa operação que eles chamaram de Operação Faria Lima

---

<sup>99</sup> “Onde hoje se situa a Avenida dos Bandeirantes – aberta em 1970 –, que vai da ponte Ary Torres sobre o rio Pinheiros até a rodovia dos Imigrantes, tem esse nome de “Traição” porque, em uma de suas andanças rumo ao interior do Estado, o bandeirante Borba Gato teria sofrido uma emboscada armada pelo próprio filho adotivo. A cilada aconteceu às margens de um córrego que desaguava no rio Pinheiros, que a partir daí ficou conhecido como córrego da traição” (Lopomo, 2006).

<sup>100</sup> Esta Avenida foi construída em 1976 com o objetivo de ligar a Marginal Pinheiros com o distrito do Itaim Bibi.

<sup>101</sup> Esta Avenida começou a ser construída na década de 1980 durante o mandato do Prefeito Jânio Quadros, coincidindo com a canalização do córrego Uberaba e Uberabinha.

<sup>102</sup> Helcias (2011) São Paulo: 19 de agosto.

que é o início desse *boom*, que parece que não acaba nunca porque cada vez tá mais... Porque a gente vê cada vez empreendimentos maiores e que vão trazer mais trânsito, mais confusão...<sup>103</sup>

Nestes trechos, os entrevistados se referem às reais consequências do processo de urbanização desenfreado no espaço e na vida dos moradores do bairro. Sob a prerrogativa das parcerias do poder público com a iniciativa privada, muitos empreendimentos de infraestrutura foram realizados na região, o que gerou uma intensa especulação imobiliária, segregando e fragmentando o bairro, mesmo sob protestos dos moradores locais que temiam os efeitos negativos de todo este processo.

Pequenas e médias fábricas começaram a se instalar na região, como a fábrica dos sabonetes Phebo, e a dos sorvetes Gelato na Rua Olimpíadas, e a grande loja de departamentos Mappin, na Rua João Cachoeira.

As obras de alargamento dos córregos Uberaba e Uberabinha (já subterrâneos) provocaram um surto de desenvolvimento instantâneo. Sem a preocupação com os alagamentos que eram frequentes na região, o setor imobiliário começou a agir rápido junto aos proprietários numa tentativa de agilizar a construção de imóveis de pequeno e grande porte, que pudesse comportar não só áreas residenciais como também comerciais e culturais.

Todos esses fatos, atrelados ao processo de crescimento e expansão urbana desordenado da metrópole de São Paulo, cristalizado na forte especulação imobiliária de regiões rápida e intensamente valorizadas como a Vila Olímpia, culminou não só na verticalização do local, como também na alteração do estilo de vida daqueles que ali viviam, propício para a chegada dos novos moradores que passaram a habitar o espaço construído e modificado, e que foram responsáveis por provocar a Sociabilidade III.

E, assim, a Sociabilidade II, de uma vida moderna e dinâmica desenvolveu-se no bairro, afetando a interação social entre antigos e novos moradores, os quais hoje sofrem com a complexa exacerbação da individualidade e do dinheiro, respaldados na força do capital financeiro e imobiliário.

---

<sup>103</sup> Nereide (2011) São Paulo: 23 de agosto.

### 3.2.3. Sociabilidade III: Vida Contemporânea e Nova Centralidade

Depois essa evolução toda, esse crescimento, né. Eu acho que fizeram bem e fizeram mal, não sei. O bairro era uma coisa e hoje é outra, né. Hoje ninguém se conhece mais, ninguém... Não se tem mais amigos, não se tem mais nada!

É uma vida inteira! Como é que eu vou destruir por causa de milhões? Não compensa. A minha casa tá sempre cheia de gente, de netos, bisnetos... Como é que eu quero destruir por causa de dinheiro? (...) Tudo são coisas que ficaram na minha lembrança, não há dinheiro que pague! Eu sou assim! Não devo nada a ninguém! Hoje eu tou meio entrevada com as pernas, mas ainda tenho a memória boa, né. (...) São coisas antigas que eu tenho, como é que eu vou me desfazer por causa de dinheiro? O dinheiro é... é bom, mas... não precisa de ganância, não precisa de nada! Dá pra ir modelando a vida com os filhos, com os netos... Gostoso, né, e à moda, mesmo, antiga. Tou aqui há noventa anos, a bem dizer, né! [risos].  
Aqui é o meu lugarzinho!<sup>104</sup>

Estes trechos emocionados de uma das personagens mais importantes da pesquisa aqui apresentada demonstram as reais e brutais consequências na vida dos antigos moradores que ainda restam na Vila Olímpia.

Guiomar é uma testemunha viva de todo o processo de transformação social e urbano do bairro que tenta resistir à imposição do modelo predatório de urbanização. Não parece ser contra o progresso, o crescimento e o desenvolvimento do bairro, mas sim, demonstra insatisfação com o modo como isso se instaurou na região, agregando efeitos positivos para uns e negativos para muitos.

Hoje, a antiga moradora desconhece o bairro em que vive, assim como as pessoas, os vizinhos, o espaço, a paisagem, o urbano, pois não se identifica mais com o mesmo. Apesar disso, tenta não ceder às pressões do mercado imobiliário, discordando em vender a sua casa, construída em 1924, pelo próprio pai, para dar espaço a mais um empreendimento de luxo no bairro, pois ainda acredita que ali é o seu lugar.

Isto é uma atitude pouco comum nos dias de hoje, principalmente para aqueles que não dão valor às lembranças, histórias e memórias de uma vida feliz, como a dessa personagem, importando-se apenas com as tentadoras ofertas das construtoras e incorporadoras.

---

<sup>104</sup> Guiomar (2011) São Paulo: 23 de agosto.

Guimar é de um tempo em que valores como amizade, familiaridade e solidariedade eram mais importantes que o dinheiro e a ganância. Atualmente, estes últimos prevalecem na cultura de bairro, mas, mesmo assim, a moradora acredita não valer a pena destruir sua vida por qualquer quantia, por ser incomensurável.

Este é um ponto chave para compreender as sociabilidades de uma metrópole como São Paulo, onde a Vila Olímpia é um caso exemplar, pois a vida dos indivíduos se resume cada vez mais em trabalho e dinheiro, em dinheiro e trabalho.

Não queremos aqui reproduzir a análise Simmeliana da vida moderna (Simmel, 1987, 1998a, 1998b), mas, com base nela, tentar compreender que as recentes transformações da realidade urbana ocasionam a exacerbação da atitude *blasé*, materializada na impessoalidade, calculabilidade e anonimato, o que aprofunda cada vez mais a individualidade.

A vida em cápsulas, como bem ressaltou Kurokawa (1977), materializada pelo automóvel ou pelo apartamento tipo *loft* ou *studio*, por exemplo, é característica deste estilo de vida moderno, em que o indivíduo busca cada vez mais individualidade e isolamento, reduzindo o campo de interação social com o outro.

Isto porque, vivemos numa sociedade na qual as modernas condições de produção acumulam espetáculos, fazendo com que tudo o que é experimentado diretamente torne-se uma representação. Esta é a sociedade do espetáculo (Debord, 1997) onde as possibilidades de reinvenção dos sujeitos e do mundo são silenciadas pelas consequências dos conflitos entre o mundo pulsional e o mundo social, em decorrência da volatilização da solidariedade intensificada pelo enfraquecimento das trocas inter-humanas (Birman, 1999).

Sabemos que as transformações, respaldadas na força do capital imobiliário, interferem e modificam as sociabilidades entre os moradores do bairro. Entretanto, interessa-nos compreender este processo para analisar a transição na natureza das sociabilidades sentidas e experimentadas por estes sujeitos.

A globalização acentua essa interferência relativizando o espaço da casa e da rua, e o conceito de público e privado. A Vila Olímpia passa ser o lugar de velocidade, de entretenimento do anonimato, de uma sociabilidade mais restrita, metropolitana e cosmopolita, imperando o medo da cidade, do mundo lá fora, dos outros, em que a individualidade prevalece sobre a noção de comunidade.

As bases da reprodução da ordem social se fragilizam. “A competição exacerbada, selvagem, (...) se manifesta no trânsito infernal das nossas grandes cidades

poluídas, servas do automóvel, atravessa as relações de trabalho, permeia os mecanismos de carreira, deforma a vida familiar, chega até ao assassinato” (Mello e Novais, 2010: 652).

A metrópole cada vez mais fragmentada e complexa reproduz novas formas e padrões de vida urbana que não se sustentam, por serem mais líquidos, efêmeros, voláteis e breves (Bauman, 2007b). Observamos o aumento de separações e divórcios<sup>105</sup>, da violência familiar, do excesso de canais de televisão a cabo, da falta de comunicação, da falta de desejo, da apatia e depressão, dos suicídios, das neuroses, dos ataques de pânico, da obesidade, da tensão muscular, da insegurança, da hipocondria, do estresse e do sedentarismo. Os problemas de relacionamento são constantes, prevalecendo a solidão e a angústia.

Questionados sobre a sua relação com os moradores do bairro da Vila Olímpia, um dos entrevistados responde:

Sim, a minha relação com eles é boa, mas não tenho amizade. Isso em São Paulo não existe, isso não existe aqui. Amizade com vizinho, com morador... isso não existe aqui (...) A relação que você tem com o morador é de bom dia, é uma relação que não é de amizade nem de rejeição. Não é amigo, é um conhecido que você pode conversar, discutir, mas não é um amigo... é outra relação. Infelizmente numa cidade como São Paulo é assim... amigo é teu amigo não porque é teu vizinho, mas porque você tem amigo de outros lugares... mas no bairro é muito difícil. Isso existia há cinquenta anos atrás, quando todo mundo te conhecia... Eu andava por aí... Hoje não é mais assim. Hoje... ninguém se conhece mais. Só velho que se conhece [risos]. Os novos moradores ninguém se conhece. Se forem amigos são amigos de faculdade, do trabalho, que às vezes nem moram no mesmo bairro, moram longe. A vida é assim!<sup>106</sup>

Neste trecho percebemos a ausência de relação entre os diferentes moradores do bairro, impulsionada pelo novo estilo de vida que põe em risco as relações sociais e a consequente sociabilidade local. Ninguém mais se conhece na Vila Olímpia, tendo em vista a fragilidade das relações e a transformação da sociabilidade, onde o estranho e o desconhecido prevalecem em meio a valores como incivilidade, intolerância, e segregação.

Estas características se fortalecem quando os novos moradores se instalam no bairro e provocam a Sociabilidade III, a qual representa a falta de equilíbrio entre o lado cultural/social e lado material da vida, pois perde-se o vínculo entre cultura e

---

<sup>105</sup> A taxa de nupcialidade na cidade de São Paulo entre os anos de 1991 e 2000 caiu de 5,43 para 4,61, demonstrando que a família cada vez mais vem se nuclearizando e se reduzindo, crescendo o número de solteiros que optam por morar só (SMDU, 2007).

<sup>106</sup> Idílio (2011) São Paulo: 03 de fevereiro.

materialidade, e a estrutura econômica corresponde ao tipo de sociabilidade, em um momento onde tudo é possível.

Da mesma forma, a fala abaixo também confirma mais uma característica do processo de transição das sociabilidades:

Eu me relaciono com os vizinhos, mas hoje muito pouco, eu conto nos dedos de uma mão quem são meus vizinhos antigos. Muitos já saíram daqui, porque hoje a Vila Olímpia é um lugar muito caro pra morar. Antigamente, eu tinha que dizer que morava no Itaim Bibi, porque ninguém conhecia Vila Olímpia, hoje quando eu falo que moro na Vila Olímpia, “Nossa, você mora bem, hein!”. Um pãozinho aqui custa quase um real, é tudo muito caro aqui, não dá pra viver mais aqui, a gente tá pensando em se mudar pra outro lugar em que a qualidade de vida seja melhor. A Vila Olímpia não é mais como era antigamente, eu falo com os vizinhos, mas eu falo quando me cumprimentam, quando não me cumprimentam, por exemplo, eu não falo porque é chato você dar bom dia e não ser correspondido, né!<sup>107</sup>

Fica nítido que a urbanização desenfreada transformou a Vila Olímpia de um bairro desconhecido em uma das regiões mais valorizadas e cobiçadas da capital paulistana, alterando de forma significativa o espaço, a qualidade e o estilo de vida dos moradores, sobretudo, em relação à “expulsão” dos antigos vizinhos para a chegada dos recentes moradores.

Percebemos, portanto, que a constituição das relações sociais desloca-se do ambiente familiar, da casa, da rua e da vida pública – vivenciada nos dois primeiros momentos de transição da sociabilidade – para dentro dos escritórios de grandes empresas multinacionais, restrita ao ambiente de trabalho, e para *shopping centers* como áreas de lazer, consagrando a natureza da sociabilidade, caracterizada pela vida na nova centralidade. Um aliado para esta tendência é a tecnologia, que por um lado aprofunda e altera essa aparente superficialidade nas relações, pois o contato passa a ser virtual, mas por outro, facilita a comunicação social permitindo novas formas de se relacionar e interagir.

Entretanto, a falta de profundidade nas relações sociais e as intensidades emocionais são reflexos de uma realidade não real e imaginária.

Numa sociedade em que as raízes da sociabilidade e da dominação estão encobertas por uma aparência de naturalidade – ou seja, cada um faz, tem ou deseja aquilo que lhe permite a divisão do trabalho e os valores dominantes –, o ‘realismo’ duplica a mistificação que a ‘realidade’ já impõe. E a fantasia, o *happy end*, funciona como uma promessa de felicidade (Mello e Novais, 2010: 642).

---

<sup>107</sup> Wilson (2011) São Paulo: 03 de fevereiro.



Para compreender essa transição na natureza das sociabilidades entre os moradores do bairro, devemos entender a Vila Olímpia como uma nova centralidade, um novo perfil de espaço urbano, que empresta para São Paulo características de uma cidade global (Ianni, 2007), de uma sociedade do espetáculo pautada na ausência de urbanidade, onde a insatisfação com a vida real é cada vez mais comum, menos real e mais virtual e representada.

A relação entre as transformações econômicas de um capitalismo tardio ocasionam mutações na sociabilidade, contrapondo indivíduo e comunidade, imperando a ausência de laços comunitários com os diferentes. O crescimento da metrópole enfraquece as tradições e os costumes, e as relações sociais se tornam mais complexas, destruindo processos identitários, tornando-se mais pragmáticas, sem se consolidarem.

No caso da Vila Olímpia, essas transformações são reflexo dos “(...) interesses privados do mercado imobiliário, fundiário e financeiro, atuando, primordialmente em benefício das elites dominantes e do capital, levando à perda do valor de uso da terra, à expulsão da população de baixa renda para a periferia e à consolidação de enclaves sociais” (Bógus, 2008: 126). É como se a falta de planejamento urbano refletisse na desordem e na fragilidade da vida humana.

Atualmente, um efeito bastante comum no bairro é a substituição da arquitetura antiga pela pós-moderna, em que as poucas casas e sobrados residenciais que ainda restam, se não são alugados para fins comerciais, foram e estão sendo substituídos por condomínios residenciais de luxo, como verificamos na figura 12 em decorrência do acentuado processo de verticalização atrelado ao aumento da violência.



**Figura 12. Da esquerda para a direita e de cima para baixo: Casa antiga na Rua Casa do Ator; Casas para alugar e vender na Av. Juscelino Kubitschek; Condomínio Residencial na Rua São Tomé, e Condomínio Residencial na Rua Helena. Acervo do autor (2011).**

As antigas casas, que contam um pouco da história e da memória do bairro, de uma remanescente arquitetura que se confunde com o processo de formação sociourbano do local em meados do século XX, estão sendo rapidamente substituídas por suntuosos condomínios verticais para um público abastado, que geralmente procura a Vila Olímpia para morar próximo do local de trabalho, ou mesmo para investir em imóveis, considerando-se a elevada especulação imobiliária nos últimos anos. Faz parte deste público o novo morador do bairro.

Além disso, a Vila Olímpia é considerado um bairro de localização estratégica para este novo morador, pois está próximo do Parque do Ibirapuera; possui dois *shopping centers*, o Vila Olímpia e o JK Iguatemi; tem fácil acesso à Marginal do Rio Pinheiros, uma das principais vias de entrada e saída da capital paulista; está do lado da Avenida Faria Lima, do *Shopping Iguatemi*, e do Aeroporto de Congonhas; perto da Avenida Cidade Jardim, do *Shopping Cidade Jardim* e do Jockey Clube. O valor do metro quadrado<sup>108</sup> ainda é inferior se comparado com os valorizados bairros vizinhos do

<sup>108</sup> De acordo com o índice FipeZap de preços de imóveis anunciados, desenvolvido pela Fundação Institutos de Pesquisas Econômicas com base nos anúncios publicados no site Zap Imóveis, o valor médio do metro quadrado para apartamentos tipo flat, no mês de outubro de 2013, no bairro da Vila Olímpia em São Paulo é de R\$ 11.259,00 (onze mil duzentos e cinquenta e nove reais), sendo um dos dez bairros mais valorizados da metrópole paulistana. Disponível em: <http://www.zap.com.br/imoveis/fipe-zap/>; <http://www.fipe.org.br/web/index.asp>. Acesso em: 20.10.2013.

Itaim Bibi e da Vila Nova Conceição ou Moema, motivo pelo qual a Vila Olímpia vem sofrendo uma intensa especulação imobiliária e cada vez mais preferida pelo novo morador.

Este fenômeno vem acontecendo com maior força na área onde antigamente se denominava de alta Vila Olímpia, ou seja, do centro do bairro em direção à Av. Santo Amaro, onde se localizavam as antigas chácaras que deram origem às primeiras casas e sobrados da região, sendo por isso a mais residencial. A baixa Vila Olímpia, próxima do Rio Pinheiros, atualmente denominada de Vila Funchal, ao longo do século passado não era atrativa por possuir terrenos alagados, de várzea, impróprios para construção de residências térreas, vindo a se modificar com a chegada das indústrias e fábricas que deram lugar aos megaempreendimentos imobiliários de comércios e serviços.

Essa substituição modifica não só o espaço físico como também o espaço social, alterando a forma de morar, o modo de vida e as relações de interação social entre os antigos moradores que ainda residem em casas térreas, e com os novos moradores que passam a habitar nesses enclaves fortificados. No depoimento abaixo, observamos a tímida relação entre o antigo e o novo morador do bairro:

O cumprimento é um ponto muito positivo nas residências, nas casas, porque em apartamento – recentemente meu marido até comentou – o vizinho, uma pessoa acaba subindo no elevador, quando ela vê a outra, ela deixa o elevador subir pra não ter que encontrar. Uma vez um outro subiu e ele falou: “Nossa, um mora do lado do outro, mas nenhum olha na cara do outro?” E tá porta a porta com o vizinho e não tem essa liberdade, né. É muito diferente da casa. Você sai no portão, mesmo que você não tenha intimidade diz oi, é outra coisa. Lá em casa acontece muito isso. Aí o que acontece às vezes, você vai num local, e diz: “Ah, você também mora aqui? Ah, mas eu também moro naquele prédio, mas a gente nunca se encontrou!”. Por isso que eu falo, apartamento não serve pra mim, tem que ser casa.<sup>109</sup>

Antes existiam muitas casas térreas, hoje o bairro subiu, ele tá na vertical, tem muito prédio aqui. No lugar de uma casa mora... quer dizer, no meu terreno moravam ali duas famílias (...) hoje tem um prédio que moram dezoito famílias. Eu acho que não é negativo a construção, e sim negativo o relacionamento, o relacionamento do ser humano hoje que está muito a desejar. Cada um tá encontrando só a si mesmo, só olha pra baixo, ninguém olha pro seu próximo, mesmo tendo religião não olha pro próximo, é muito difícil (...) tá muito frio o relacionamento do ser humano, muito, muito frio.<sup>110</sup>

Nos trechos acima, percebemos a relação entre o espaço físico e social materializada na (re)construção do bairro e na (re)organização da vida dos que nele

---

<sup>109</sup> Ana (2010) São Paulo: 08 de julho.

<sup>110</sup> Norma (2012) São Paulo: 21 de outubro.

residem, pois está claro para a moradora que o tipo de habitação pode favorecer ou não a interação social.

Notamos, assim, a relação da arquitetura com a sociabilidade entre os moradores do bairro, pois aqueles mais antigos que ainda residem em casas térreas, segundo as entrevistadas, têm mais facilidade de se relacionarem com os outros, e com o próprio bairro, diferentemente dos novos moradores, pois habitam em condomínios verticais fechados e não vivenciam o bairro, são frios, não cumprimentam o vizinho e fazem questão de não construir intimidades, fecham-se cada vez mais em suas cápsulas, e vivem profundamente a sua individualidade.

Outra consequência não menos relevante deste processo é a perda da memória e da história do bairro, tendo em vista que os vestígios da antiga arquitetura estão sendo apagados pelos megaempreendimentos imobiliários, alterando a paisagem urbana familiar conhecida entre os habitantes de uma época em que a vida no bairro era calma e tranquila.

Este também é um ponto importante a ser destacado com pesquisa, pois além de apontarmos as mudanças na sociabilidade do bairro, tentamos reconstituir através destas transformações a memória e a história da Vila Olímpia, mesmo sabendo que o brasileiro não tem o hábito e a tradição de preservação.

Os contextos sociais servem de baliza à reconstrução do que chamamos de memória, facilitando a elucidação da realidade existencial. Portanto, a memória é uma reconstrução dos dados fornecidos pelo presente da vida social e projetada sobre o passado reinventado (Halbwachs, 2003).

O meio urbano afasta as pessoas que já não se visitam; aqueles que sustentavam as lembranças já se dispersaram. Daí a importância da coletividade no suporte da memória, pois nas histórias de vida das pessoas podemos acompanhar as transformações do espaço urbano. Tais transformações materializam-se na ruptura da fisionomia do bairro, por exemplo, impulsionada pelo mercado imobiliário. Isto porque “o bairro é uma totalidade estruturada, comum a todos, que se vai percebendo pouco a pouco, e que nos traz um sentido de identidade” (Bosi, 2003: 74-75).

Assim, entendemos que a memória é um importante instrumento da identidade, e a urbanização não prioriza as experiências de vida dos moradores da cidade, não está aberta às suas lembranças, à memória de cada rua e de cada bairro. Devemos recuperar a dimensão humana do espaço, pois “a sobrevida de um grupo se liga estreitamente à

morfologia da cidade; esta ligação se desarticula quando a especulação urbana causa um grau intolerável de desenraizamento” (Bosi, 2003: 76).

Observamos assim contradições da vida moderna preconizadas na urbanização do bairro da Vila Olímpia, pois ao mesmo tempo em que constrói, destrói, em que une, desune, ocasionando certa transformação e resistência. Eis o paradoxo da modernidade (Berman, 1986; Schumpeter, 1982; Beck, Guiddens, Lash, 1997; Dupuy, 1980).

O depoimento a seguir retrata claramente como se dá este processo:

Eu acho que todos os bairros deveriam manter um pouco da sua tradição original. Então, assim, você tem um crescimento hoje baseado na tecnologia, em que o pessoal tá jogando concreto, jogando ferro em cima das casas antigas. A gente tem casas em bairros, que antigamente... Algumas são pouquíssimas, que ainda tem a data de sua construção, na beira, né, eles construíam e colocavam, os portugueses, né, colocavam azulejo, e embaixo, a data, mil e oitocentos, mil e novecentos... Então, eu acho assim, cada bairro tem a sua história de criação de quando foi fundado, mas deveria manter, cada bairro, preservar um pouco das raízes pra não se perder. Porque quando a gente vai estudar a origem do bairro, você não tem mais nada pra mostrar. Hoje tem poucas casas antigas aqui, tipo... “Olha, essa casinha aqui foi construída em mil e setecentos, olha a estrutura dela, olha o material, até mesmo pra arquitetura”. Então eu acho que isso aí é uma forma de... acho que todo o bairro deveria manter ainda o padrão original da construção da época, a preservação. [A Vila Olímpia] não tá mantendo, pelo contrário, tá passando a máquina em cima e dane-se a história, o negócio é o progresso, só que o progresso, pra chegar no progresso, tem que ter uma história, né. Numa faculdade, você vai ter que estudar o porquê, e aí já vai saber que aqui era assim, né.<sup>111</sup>

A fala da entrevistada é clara ao descrever as tendências da atual paisagem urbana da Vila Olímpia, onde a força do capital imobiliário passa por cima da história, da origem, da memória e das raízes do bairro, remetendo à crise do pertencimento, tendo em vista a destruição criadora das identidades.

A importância da preservação da memória do bairro também contribui para a sua unificação através da manutenção da coesão social perante a instabilidade do indivíduo cada vez mais anônimo, estranho, sem referências, sem rumo, vazio, frio. Isto porque em uma sociedade globalizada, não só o indivíduo se dissolve e se fragmenta diante destas transformações, como também a família contemporânea, uma vez que:

Estamos diante de uma família sitiada, que não conta com o auxílio construtivo da escola. Sitiada pela vida cada vez mais competitiva, ameaçada pelo desemprego, pela mobilidade social descendente, pelo rebaixamento do consumo, enfim, pela falta de perspectivas de futuro. Sitiada pelos falsos valores que brotam tanto do mercado desregulado e selvagem como dos meios de comunicação de massas – o êxito a qualquer custo, o consumismo

---

<sup>111</sup> Ana (2010) São Paulo: 08 de agosto.

exacerbado, a liberdade “negativa”. Sitiada finalmente, pela difusão crescente das drogas, um meio cada vez mais empregado para escapar de um mundo sem sentido, sem futuro, insuportável. Esta é a origem social das patologias da vida privada (Mello e Novais, 2010: 654).

O momento atual é cercado por incertezas, pelo medo do sofrimento e aversão ao risco. A previsibilidade do futuro não existe e assola as sociedades inseridas no contexto cada vez mais do “faz de conta”, como o da Vila Olímpia. Parece que construímos uma vida sem saber como queremos que ela seja, vivemos como se estivéssemos de passagem.

Isto reflete na noção de comunidade que se vive hoje, traduzida pelo isolamento, pela separação, por muros protetores e portões vigiados, onde o indivíduo não experimenta o espaço urbano, levando uma vida de interação virtual e não mais social.

Este é o estilo de vida do novo morador do bairro, que habita em enclaves fortificados, relaciona-se nas redes sociais, comunica-se virtualmente, e realiza todos os afazeres da sua vida cotidiana pela internet, como constatamos no depoimento a seguir:

Aqui não tem, na Vila Olímpia, não tem supermercado nenhum. Tem dois mercadinhos pequeninhos carésimos, então, normalmente, eu faço compra pela internet como eu sempre fiz. Eu compro quase tudo pela internet. Vou na padaria às vezes, ontem mesmo eu fui na padaria comprar pão, mas o meu padrão é... é... comprar tudo pela internet (...) porque normalmente eu chego em casa só às oito e meia da noite, porque eu saio do trabalho direto pra academia, então não tenho muito tempo de ficar durante a semana saindo...<sup>112</sup>

A nova moradora, residente há quase quatro anos na Vila Olímpia, experimenta ou vivencia o bairro de forma diferente, pois evita se relacionar com as pessoas na rua, como se evitasse a urbanidade; às vezes, quando tem tempo, vai à padaria, mas não sai de casa, pois compra tudo pela internet.

Esse modo de vida predominante entre os novos moradores do bairro é delimitado pelo ritmo acelerado, por intensas horas de trabalho e por uma superindividualidade, em que não se tem tempo de se relacionar com o outro, com o próximo, com o vizinho, com a rua, esvaziando as redes sociais reais e fortalecendo as redes sociais virtuais, outras formas de sociabilidade propiciadas pela a internet que de certa forma aproxima e distancia a vida das pessoas.

Isto modifica profundamente a relação com a casa, com o lugar onde se mora, com o bairro, com as formas de interagir com o outro, de experimentar a cidade e o

---

<sup>112</sup> Ines (2010) São Paulo: 29 de setembro.

urbano apresentando um desprendimento com o espaço. Nos trechos abaixo observamos claramente estas consequências:

(...) as pessoas não tão nem aí com nada, todo mundo muito jovem, casado, sai de manhã e volta muito tarde da noite, não estão preocupados com... sabe? Com a sua... A casa parece que é o lugar de dormir, só! É um dormitório, as pessoas saem de manhã, vão pro trabalho, almoçam fora, emendam, vão pra academia... Eu não tou dizendo que é cem por cento assim, mas a grande maioria dos jovens que, quando chega na sexta-feira já sai do trabalho e já vai direto pra praia ou viajam, entendeu. Aquilo ali é um apartamento bom e tal, mas é uma coisa assim, é um lugar pra colocar as coisas e tá indo embora.<sup>113</sup>

Não conheço o pessoal da rua. Eu conheço algumas pessoas no meu prédio, até porque eu mudei há pouco tempo, né, faz um ano. E conheço duas pessoas no prédio, mas assim, conheço porque às vezes a gente se fala. Um deles é o síndico e a gente se fala por MSN pra ficar a par do prédio, do que está acontecendo...<sup>114</sup>

A sensação que temos é que a sociedade se nucleariza cada vez mais ao redor do indivíduo, como se cada pessoa fosse parte de um todo isoladamente, ou seja, sem se relacionar com esse todo, enfraquecendo a base do tecido social.

Isto tem a ver com a noção de desprendimento ou desligamento com o lugar, com o bairro, com o território, e das pessoas uma com as outras. A base da vida se atrela à estrutura econômica que corresponde ao tipo de sociabilidade mais efêmero, mais volátil, breve.

A relação com a casa é um importante símbolo para a compreensão deste processo, uma vez que o atual estilo de vida do novo morador considera a casa como um dormitório, um espaço privado, isolado da rua, sem relação com o mundo de fora, aprofundando o distanciamento entre as pessoas, e facilitando o contato virtual, sobretudo, através das redes sociais que inauguram novas formas de sociabilidade. Parece que a casa, como sinal de identificação socialmente construído (Da Matta, 1991), passa a revelar novos modos de viver e habitar o urbano.

Vale ressaltar que as ferramentas tecnológicas, como a internet, contribuíram de forma decisiva para alterar as relações sociais (Negroponte, 1995; Fdida, 1997), principalmente com o advento das comunidades virtuais, estudadas como geradoras de novas formas de sociabilidade no ciberespaço. Isto porque a tecnologia redefine os valores da racionalidade que fundamentam a experiência moderna (Rodrigues, 1994) transformando, assim, a realidade social.

---

<sup>113</sup> Cecília (2011) São Paulo: 27 de janeiro.

<sup>114</sup> Caio (2011) São Paulo: 10 de agosto.

Voltando à questão da atual arquitetura do bairro com a interação social de seus novos moradores, constatamos uma padronização da forma dos edifícios, assim como dos estilos de vida das pessoas que ali residem ou trabalham.

Esta nova arquitetura é reflexo de uma sociedade do espetáculo, representada pelos coloridos de uma cidade cinza, como São Paulo. Esta estranha forma arquitetônica importada reproduz uma falsa beleza do luxo, formada por múltiplas peles de vidro que (des)integram o homem com o mundo. Esta nova arquitetura (pós)moderna espelha imagens e interações padronizadas refletindo a vida na cidade, demonstrando também contradições da modernidade.

Essa pausterização da vida provocada, sobretudo, pela globalização do urbano (Silva, 2008) interfere no modo como os indivíduos se relacionam entre si, construindo processos de mútua influência, relações interindividuais que se estabelecem entre a força de interesses privados e pessoais.

O ser urbano é como se fosse um desses megaempreendimentos imobiliários que não se comunicam e não interagem entre si, relacionando-se constantemente consigo mesmo, como se tivesse sido colocado ali à força, sem compreender, vivenciar e experimentar o espaço, sem sentir-se parte do mesmo.

A vida passa a ser reproduzida por igual, da mesma forma como o reflexo projetado nos espelhos dos prédios, em que a própria pessoa se enxerga, e onde quase sempre a mesma paisagem é refletida (figura 13). Assim, a arquitetura dos espelhos transparece a mesmice da vida urbana, pois nos refletimos a nós mesmos, sem olhar o outro, sem se ver no outro, e só conhecendo a si próprio. Esta talvez seja a intensificação da atitude *blasé* apresentada por Simmel. A cidade parece ser uma vitrine, um lugar perdido, abstrato, onde os indivíduos são os manequins, imóveis, silenciosos e frios, pessoas sem alma que não estão dentro nem fora da cidade.





**Figura 13. Da esquerda para a direita e de cima para baixo: Torre do Santander na Av. JK; Complexos Empresarias na Av. JK; na Rua Gomes de Carvalho; na Av. JK; na Rua Helena, e na Rua Gomes de Carvalho, respectivamente. Acervo do autor (2011).**

A figura 13 reflete essa arquitetura dos espelhos e mostra a cidade do imediato, reflexo impensado do progresso, da vida de aparências, das velozes mudanças favoráveis à observação sem tempo para reflexão da verdadeira distorção da imagem diante da realidade. Os espelhos destas construções servem para ampliá-las, iluminá-las e harmonizá-las com o meio, integrando o ambiente interno com o externo. Entretanto, estas obras parecem fazer do movimento das ruas o cenário do interior monótono, como aquela paisagem turva e desalinhada, fragmentada em pedaços, da cidade de Paris descrita por Benjamin (1987).

Atualmente, a intensa verticalização da Vila Olímpia é impulsionada pelo crescimento de bairros vizinhos como a Vila Nova Conceição e o Itaim Bibi, tendo em vista a saturação dos mesmos, o que tem provocado fortes investimentos do mercado imobiliário no bairro, alterando a paisagem urbana, baseada em uma arquitetura de

megaprojetos imobiliários para fins comerciais e edifícios corporativos, caracterizando o mais recente eixo de negócios da cidade<sup>115</sup>, como se observa na fala abaixo:

O progresso trouxe o asfalto, iluminação, prédios, não tem jeito mesmo, tá tendo um enxame de prédios agora que a gente não sabe como controlar por aqui. Vão comprando tudo e vira prédio. O bairro é muito valorizado hoje, o preço do metro quadrado aqui é 12.000, 15.000 reais. Agora é caro, Vila Olímpia é um bairro caro, caro pra morar, pra tudo, até pra pagar o aluguel de apartamento aqui, não é barato, tudo é caro.<sup>116</sup>

Este depoimento nos mostra os efeitos nefastos da especulação imobiliária em um espaço urbano profundamente fragmentado e segregado como a Vila Olímpia, onde só quem pode morar é quem tem alto poder aquisitivo, considerando-se a elevada qualidade de vida, medida pela valorização da terra em um bairro que ainda enfrenta a falta de infraestrutura urbana simbolizada pelos constantes alagamentos, pelo trânsito intenso, pelos arruamentos inadequados, pela falta de energia, configurando uma profunda ausência de planejamento.

Assim, a fragmentação do espaço e a falta de planejamento urbano transformam o bairro em um lugar desconhecido para os moradores. Estes, por sua vez, passam a não se identificar com o local onde moram, perdendo, portanto, a identidade com espaço vivido e experimentado, como verificamos na figura 14.

---

<sup>115</sup> A Vila Olímpia comporta, dentre outros empreendimentos: o prédio da antiga Villa Daslu (atualmente reformado para dar lugar a um novo empreendimento de alto luxo), o *Shopping* Vila Olímpia, o *Shopping* JK Iguatemi, a famosa casa de shows Via Funchal, a Faculdade Anhembí Morumbi e a Faculdade IBMEC, mais de cinco hotéis de luxo, mais de 120 restaurantes de diversas especialidades e nacionalidades, mais de 10 grandes imobiliárias, incorporadoras e construtoras, dentre elas o Centro Empresarial Camargo Corrêa, mais de 45 *pubs* e discotecas, mais de 40 bares, sede de bancos como Santander, e de empresas de diversos ramos. É também conhecida como a Vila do Silício brasileira em analogia ao *Silicon Valley* americano, pois abriga empresas multinacionais como Unilever, Google, Yahoo, Buscapé, Intel, Symantec, Microsoft, Facebook e muitas outras (Encontra SP, 2011).

<sup>116</sup> Irineu (2012) São Paulo: 21 de outubro.



**Figura 14. Da esquerda para a direita e de cima para baixo: Shopping JK em construção na Rua Funchal; Hotel Caesar Park na Rua Olímpíadas; Complexos Empresariais na Rua Fidêncio Ramos e Shopping Vila Olímpia na Rua São Tomé. Acervo do Autor (2011).**

Estas imagens da cidade nos remetem à relação entre a fragmentação do espaço urbano e a fragmentação das relações sociais sustentada por Salgueiro (1998), uma vez que a Vila Olímpia se apresenta como um dos microespaços segregados da metrópole paulistana, tanto pela lógica do capital imobiliário como por fragmentos urbanos de convivência social.

Percebemos que a transição na natureza das sociabilidades está intimamente ligada com o processo de globalização do urbano, respaldada no advento das tecnologias da informação, pois assim como o espaço, a vida hoje é essencialmente urbana traduzindo-se em um emaranhado de relações sociais complexas e cada vez mais virtuais.

As consequências deste processo aprofundam as desigualdades na estrutura social da metrópole paulistana refletida na perda do espaço público pelos emergentes espaços privados, em que os “não-lugares” (Augé, 1994) conduzem cada vez mais encontros movidos pelo acaso, demonstrando a falta de conectividade das pessoas com

o espaço, em que a cultura se distancia das relações sociais e a economia se aproxima das mesmas.

Esta reconfiguração do espaço reduz essencialmente a urbanidade, pois os lugares segregados e fragmentados são frequentados por grupos homogêneos de pessoas que praticam as mesmas atividades. São neles que se desenrola a vida cotidiana, resistindo à rica possibilidade do encontro com o estranho na experiência urbana contemporânea (Leite, 2009).

Jane Jacobs (2000) defendeu que é no espaço público que se formam as redes sociais, as interações entre os indivíduos, sustentando atos ricos e complexos que alimentam a ideia de urbanidade. Para a autora, esses espaços deixarão de ser menos desertos se for garantida maior vitalidade ao experimentar a cidade, através da convivência entre diversos tipos de pessoas, tornada possível por certo sentido comunitário existente, sendo que a liberdade e a segurança devem ser instauradas informalmente e não institucionalmente.

Em cidades como São Paulo, e em bairros como a Vila Olímpia, a noção de espaço público torna-se cada vez mais secundária perante a “cultura dos espaços privatizados” (Frúgoli Jr., 1995), pois, sob a justificativa da violência, as pessoas se sentem inseguras na rua, têm medo da cidade, não se relacionam com o outro, não toleram o estranho. Porém, é no espaço público que se contemplam as relações de reciprocidade causal entre a construção social do espaço e a espacialização das ações sociais (Leite, 2009).

Para Sennett (1992b), a morte do espaço público se dá pelo paradoxo de seu isolamento, uma vez que são espaços vazios, abandonados, e em alguns casos representando apenas áreas de passagem e não de uso. Com esta análise, defende três razões para compreender o isolamento destes espaços: o sentimento inibido dos habitantes em se relacionarem com o meio social; o isolamento para liberdade de locomoção; e o isolamento diretamente produzido pela visibilidade de um para com o outro.

Esse sociólogo atribui as mudanças no domínio público à formação de uma nova cultura urbana, secular e capitalista, em que a hipervalorização da intimidade, da privacidade, do retraimento e do silêncio imperam, como frutos da metrópole moderna. Entende que as pessoas podem ser estranhas umas às outras, mas devem saber conviver com essa diversidade, tendo os códigos simbólicos a função de reforçar os laços sociais em um fenômeno benigno à sociedade e às interações interpessoais (Sennett, 1992b).

De forma sistemática, a perda do espaço público na Vila Olímpia está relacionada à apropriação privada do patrimônio público, impulsionada pela força do capital imobiliário e pelo segregador processo de urbanização, formando um bairro sem praças, sem calçadas, sem parques, sem feiras livres, sem cinemas de rua, sem festividades populares, sem circo, sem bailes de carnaval ou jogos de futebol, mas com uma intensa vida noturna, voltada para um grupo restrito de pessoas com alto poder aquisitivo, que de dia frequentam os luxuosos restaurantes e cafés, e de noite os modernos pubs, bares e boates<sup>117</sup>.

O antigo morador não se insere neste frenético ritmo de vida, mas, sim, o novo morador, que em geral vive ali por residir próximo ao emprego, assim como as inúmeras pessoas que trabalham no bairro e que o usufruem tão somente para um *happy hour* após o expediente.

Além disso, os antigos pontos de encontro da vizinhança local, como a lanchonete Lanches Amazonenses, na figura 15, passam a disputar o espaço com os novos *gathering places* mais específicos para o público empresarial em centros comerciais fechados, restritos àqueles que nem conhecem ou pertencem ao bairro.



**Figura 15. Lanchonete Lanches Amazonenses localizada na Rua Clodomiro Amazonas, 1393, Vila Olímpia. Acervo do autor (2011).**

---

<sup>117</sup> Atualmente, casas noturnas, bares e danceterias dividem espaços com os poucos sobradinhos ou casas que ainda resistem à modernização da vila. Essa modernização não permite mais aos moradores andarem pelas ruas da vila sem encontrar um empreendimento, seja ele comercial, residencial ou cultural. (Gonçalves, 2003: 23-24).



Essa lanchonete representa um importante ponto de encontro entre os antigos moradores do bairro, resistindo até o momento às forças do capital imobiliário. Durante a semana, a lanchonete é frequentada por pessoas que trabalham na região e que fazem suas refeições no local. Nos finais de semana, é mais frequentada pelos antigos moradores do bairro que se reúnem para almoçar, jogar cartas, fazer churrasco ou degustar uma boa feijoada.

Para Oldenburg (1989, 1991) esses *gathering places* são espaços informais de encontro onde as pessoas da comunidade os frequentam para exercer a vida pública. Tais lugares como bares, *coffeshops*, *general stores*, e outros *third places* elencados pelo autor são o centro da democracia local e da vida em comunidade, pois são espaços que caracterizam o lugar de encontro, de interação social.

Por *third place*<sup>118</sup> entende Oldenburg (2000) como sendo aqueles espaços públicos neutros onde as pessoas se encontram e interagem, permitindo que esqueçam suas preocupações diárias e simplesmente desfrutem de outras companhias e conversas em torno deles. São, portanto, o coração da vitalidade social de um bairro, considerados lugares públicos informais de encontro de pessoas que promovem o equilíbrio social.

Por outro lado, os espaços privados nos remetem às “comunidades destrutivas” de Sennett (1992b), em que se constroem relações sociais enclausuradas em microcírculos sociais fechados, pois esses empreendimentos imobiliários são equipados com academia de ginástica, restaurantes, lojas de conveniência, *coffee-shops*, revistaria e área de fumantes, funcionando como uma minicidade, sem que o usuário precise sair do edifício para fazer qualquer atividade, e sem que o estranho possa entrar, conforme verificamos na figura 16.

---

<sup>118</sup> Entendido aqui como espaços de resistência em uma sociedade híbrida, ou como um lugar onde novas identidades podem ser forjadas e vozes marginalizadas podem falar mais alto. Para melhor entendimento, ver: Bahbha, 1994; e Soja, 1996.



**Figura 16. Café situado na Rua Helena, em um importante Complexo Empresarial. Acervo do autor (2011).**

Esse café faz parte de um megaempreendimento imobiliário que abriga diversas empresas de comércio e serviços em um ambiente de passagem que interliga um prédio comercial a outro, fazendo as vezes de uma “via pública”, entretanto, acaba por ser frequentado mais pelos empresários e trabalhadores locais do que pelo próprio morador, pois é aberto conforme o horário comercial dos escritórios.

Nesses lugares, é como se a sociabilidade restrita de D’Incao (1192a, 1992b) predominasse sobre a sociabilidade ampla, fazendo com que a cidade deixasse de ser relacional para ser o lugar do não encontro, da não convivência, limitando a circulação das pessoas, impulsionado pelas cadeiras dos *shopping centers* e não pelos bancos das praças.

Até mesmo os “novos espaços públicos” como o Parque do Povo, na figura 17, são projetados para esse novo morador, marcado por um enobrecido estilo de vida, em que o poder aquisitivo e a individualidade são mais importantes, sendo um exemplo concreto da apropriação privada do patrimônio público no bairro.

Esses novos parques públicos geralmente são construídos em zonas valorizadas, representando “elementos emblemáticos das operações de urbanismo, que substituem áreas de perfil operário e popular por novos bairros onde os escritórios e os complexos residenciais de alto padrão passam a dominar a paisagem” (Debié, 1992 *apud* Serpa, 2007: 43).

A intenção com a construção desses parques, que apesar de públicos não aglutinam uma diversidade significativa de usuários, é tão somente multiplicar o

consumo e a valorização do solo urbano. A pesquisa na área em estudo revelou que o Parque do Povo é utilizado predominantemente por profissionais liberais, trabalhadores qualificados e com nível elevado de estudos, em detrimento dos pequenos comerciantes, artesãos, operários e empregados com baixo nível de escolaridade, demonstrando assim um modo diferenciado de apropriação do espaço público pelos diferentes usuários.

O Parque tem horário de funcionamento e é cercado por muros e grades de isolamento simbolizando um enclave fortificado. Durante a semana, é literalmente deserto, pois é raro alguém encontrar tempo para dar uma volta por lá. Aos finais de semana, é frequentado pelas famílias abastadas que moram em seu entorno, para a prática de lazer e esportes.

Portanto, são lugares modificados pela ação do homem para fins estéticos “mediadores da cultura oficial hegemônica, nivelando as diferenças para deixar emergir uma representação congelada, folclorizada e simplificada da natureza no contexto urbano” (Serpa, 2007: 45).



**Figura 17. Parque do Povo, Rua Henrique Chamma, 590. Acervo do autor (2011).**

A figura mostra uma pessoa isolada num local que deveria ser propício ao encontro, aos relacionamentos e interações sociais. O parque, cercado de cimento, demonstra que a “nova vista” da Sociabilidade III é marcada por edifícios de alto padrão e por megaempreendimentos imobiliários que caracterizam a inospitalidade do lugar, inapropriado para o convívio social entre diferentes, frequentado principalmente pela elite local, que padroniza o perfil dos usuários que muitas vezes se vêm sozinhos no



bulício da metrópole, como seres perdidos na multidão que vivenciam certa angústia existencial bem particular.

Esses seres representam o cidadão narciso de Sennett (1992a), pois o outro só é importante na medida em que reflete a sua própria personalidade, repercutindo no esvaziamento do conteúdo das relações sociais. Isto porque as pessoas passam a se defender dos estranhos, pois qualquer contato feito agora passa a ser íntimo, característico de uma “sociedade intimista”.

Essas características são visíveis quando analisamos o lazer no bairro. Sobre o assunto, uma das entrevistadas argumenta que:

Lazer no Bairro não há. Mas tem a bicicleta né, que a gente anda pelo bairro, até mesmo porque o bairro é sossegado nos finais de semana, mas a gente tem cautela porque os carros vêm com tudo, né. Então, a relação com o bairro, no caso o lazer, é a ciclo faixa, e também o trem, né, que você pode passear pela Marginal Pinheiros, pela Estação Vila Olímpia, ela tem acesso, dá acesso para a ciclovia, e você pode ir até a região de Interlagos. Não tem uma praça, um ponto de encontro, nada. A relação também é com o *Shopping*, recentemente inaugurado, que é mais uma coisa, mas é muito vago, não tem atração social, pras crianças, deixa a desejar (...). Não é assim muito convidativo pro perfil das pessoas que residem no bairro, de uma determinada faixa etária.<sup>119</sup>

É clara, no discurso dessa antiga moradora, a insatisfação perante as tendências do mercado imobiliário que não priorizam o lazer no espaço urbano, pois admite não haver um ponto de encontro no bairro, praças, lugares de sociabilidade que sejam atrativos para os antigos moradores que ainda restam na Vila Olímpia, uma vez que esses atuais enclaves fechados, como os *shopping centers*, são predominantes para o estilo de vida dos novos moradores, em geral do jovem empresário que reside próximo do trabalho.

Este processo de urbanização ameaça as escassas formas de lazer que ainda existem no bairro, como a prática da bocha, esporte trazido pelos italianos é até hoje perpetuado pelos moradores da Vila Olímpia, sobretudo, por idosos que se reúnem todas as manhãs, e com mais intensidade aos finais de semana, para jogar no Clube de Bocha, localizado no Centro Desportivo Municipal da Vila Olímpia, na Rua Helion Póvoa, 126, sendo um importante ponto de encontro para a sociabilidade do bairro, conforme se verifica nas palavras do presidente do Clube, abaixo:

---

<sup>119</sup> Ana (2010) São Paulo: 08 de julho.

O lazer nosso aqui seria a bocha. Eu não tenho outro lazer aqui no bairro a não ser a bocha. Eu viajo, vou pra praia, mas no bairro é a bocha. O clube de bocha é um seguinte, rapaz... é antigo isso aqui. Nós tamos aqui desde 88, mas ele veio lá de baixo... ele veio dá... pra cá, ele veio da Nova Cidade. Lá tinha um clube de bocha que já era este, mas por causa da avenida, da Hélio Pellegrino, então eles tomaram o nosso espaço lá e deram esse espaço aqui, aí, esse aqui pertence à Prefeitura, e aquele nosso espaço lá também é da Prefeitura, eles nos tiraram de lá e puseram pra cá. Isso daqui era uma favela antigamente. Então... colocaram nós aqui, e nós tamo aqui desde 88, quando foi inaugurado esse bocha aqui. Esse clube de bocha é muito antigo, não é do meu tempo, o de lá da Nova Cidade é muito antigo, já não é do meu tempo, é de outra cara, entende...<sup>120</sup>

No depoimento acima, percebemos que, atualmente, o lazer é escasso na região, consequência dos efeitos negativos do processo de urbanização, como no caso da construção da Av. Hélio Pellegrino, que ocasionou a mudança do antigo Clube de Bocha para um novo espaço, extinguindo a favela que ali existia. Isto é reflexo dos interesses do capital privado que, sob o discurso do desenvolvimento, altera a identidade do bairro, apagando a memória e a história do espaço que passa a ser desconhecido e não mais vivenciado pelos moradores.

As antigas práticas sociais de lazer existentes no bairro são modalidades simples e tradicionais que não têm o brilho e a sofisticação das últimas novidades da indústria do lazer, mas estão profundamente vinculadas ao modo de vida e tradição do antigo morador local. Isto porque, segundo Magnani (1998), a dinâmica das formas de lazer vai muito além da mera necessidade de reposição das forças despendidas durante a jornada de trabalho: representa, antes, uma oportunidade de, através de antigas e novas formas de entretenimento e encontro, estabelecer, revigorar e exercitar aquelas regras de reconhecimento e lealdade que garantem a rede básica de sociabilidade.

Todas as vivências plurais e formas de sociabilidade encontradas no decorrer desta pesquisa, e que caracterizam os três momentos de constituição do bairro, são vitais para a compreensão e dimensão do seu meio urbano, uma vez que as expressões culturais ressaltadas acima demonstram o modo de vida dos moradores da Vila Olímpia, desde o início do século passado até os dias atuais, o que reflete a busca de padrões culturais e representações do social e do político, expressas na linguagem simbólica dos agentes. Segundo Magnani (1998), essas práticas sociais conferem significado e resignificam o uso do espaço. Daí a necessidade de se conhecer o cotidiano, a sociabilidade e os percursos das pessoas que entram e saem do bairro.

---

<sup>120</sup> Enio (2011) São Paulo: 03 de fevereiro.

A atual dinâmica das diferentes modalidades de sociabilidade metropolitana detectadas no bairro da Vila Olímpia é resultante do caráter excludente do desenvolvimento urbano e da conseqüente desigualdade da distribuição dos equipamentos, privilegiando alguns setores em detrimento da grande maioria. Para harmonizar a transição na natureza dessas sociabilidades deve-se respeitar os modos de vida, tradições e hábitos dos diferentes atores sociais, no intuito de fortalecer a diversidade como característica fundamental da experiência urbana.

Assim, o velho sobrado deve conviver com a arquitetura dos espelhos, os espaços culturais tradicionais, como o Clube de Bocha, devem figurar ao lado de centros voltados para o experimentalismo e a vanguarda, o *shopping center* e os *gathering places* devem compartilhar do seu conforto e segurança com os espaços públicos e, sobretudo, as novas formas de sociabilidade devem dar espaço para que as tradicionais formas de interação não sucumbam e deixem de existir, pois estes contrastes caracterizam a riqueza dessa experiência urbana.

Isto porque a heterogeneidade e complexidade das práticas sociais existentes no meio urbano impõe ao espaço uma dinâmica própria e constante de ocupação, uso, fruição, desfrute e conformação de variadas formas de sociabilidade.

O espaço social e o ambiente construído influenciam-se mutuamente afetando a sociabilidade dos indivíduos que ali habitam. A força do capital imobiliário que transforma o espaço urbano também modifica as relações sociais nele produzidas, alterando a vida no e do bairro, assim como, a noção de comunidade e identidade nas diferentes escalas da cidade.

### **3.3. ANÁLISE DOS RESULTADOS DAS ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE**

Nos tópicos anteriores analisamos as formas de sociabilidades encontradas na Vila Olímpia, com base nas falas dos moradores do bairro atreladas às teorias que norteiam o assunto, para então chegarmos aos resultados da pesquisa aqui apresentados. O caminho percorrido para compreender a transição na natureza das sociabilidades do bairro, para comprovar minhas hipóteses e dar validade à pesquisa foi o método científico do estudo de caso.

Este método foi escolhido considerando-se que, para a sociologia, é o mais apropriado para o estudo de bairro, não sendo meramente um guia para coleta de dados, pois deve conter uma interpretação completa e acurada, e se preocupar com a

apresentação justa e rigorosa dos dados empíricos, contribuindo assim para a compreensão dos fenômenos individuais, organizacionais, sociais e políticos (Yin, 2001).

Este estudo configura uma estratégia comum de pesquisa, e não só de ensino, uma vez que sua necessidade surge do desejo de se compreender fenômenos sociais complexos, como a questão da sociabilidade, permitindo preservar as características holísticas e significativas dos eventos da vida real, por exemplo, mudanças ocorridas em regiões urbanas como a Vila Olímpia.

Segundo o autor acima, o estudo de caso é utilizado para traçar sequência de eventos interpessoais ao longo do tempo, descrever uma subcultura ainda não estudada, descobrir seus fenômenos-chave e generalizar valores que lidam com o desempenho individual, a estrutura de grupo e a estrutura social do espaço. Desta forma, vai além de um simples estudo descritivo de bairro, pois abre espaço na teoria para a interpretação de diferentes visões da realidade.

Este é o maior objetivo da pesquisa social, observar de maneira mais aberta possível para que possamos questionar sobre o que, por que e como são os fenômenos sociais, aproximando-se da tão almejada generalização científica. Isto porque, os Estudos de Caso são generalizáveis a proposições teóricas e não a populações ou universos, pois visam expandir e generalizar teorias (generalização analítica) e não apenas enumerar frequências (generalização estática), visto que a análise deve ser generalizante e não particularizante (Yin, 2001).

A precisão, a objetividade e o rigor do estudo de caso são suficientes para a obtenção dos resultados, demonstrando que a pesquisa científica avança quando passa a acompanhar o pensamento lógico, afastando-se do esforço mecanicista (*idem, ibidem*). Por esta razão que as observações devem ser sensíveis, mensuráveis e passíveis de repetição (Richardson, 1999).

Os procedimentos e técnicas de pesquisa, ou seja, a metodologia utilizada nesta investigação foi definida partindo da necessidade de observar, de formular hipóteses, e da elaboração de instrumentos. Assim, para elucidar as estratégias de pesquisa, elaboramos questões do tipo “como” e “por que” sobre um conjunto contemporâneo de acontecimentos dos quais tínhamos pouco ou nenhum controle. Paralelamente, fizemos uma revisão da literatura para determinar as respostas sobre o que se sabia a respeito do problema.

As técnicas de pesquisa histórica (Yin, 2001), a observação direta (Jaccoud; Mayer, 2008) e a utilização de entrevistas (Poupart, 2008) foram fundamentais nesta investigação, pois nos permitiu lidar com uma ampla variedade de evidências encontradas no campo estudado, impedindo visões tendenciosas que pudessem influenciar as descobertas e as conclusões, pois trabalhamos com afincamento para expor todas as informações de forma justa. Utilizamos também a técnica do levantamento, pois através da análise de dados, arquivos e documentos podemos focar nos acontecimentos contemporâneos que influenciaram as evidências encontradas.

Alguns procedimentos da observação participante (Whyte, 2005) foram essenciais para a elaboração da incursão no campo, pois “o observador participante coleta dados através de sua participação na vida cotidiana do grupo ou organização que estuda” (Becker, 1999). Desta forma, o processo investigativo foi longo, perdurando por dois anos, com estudos sobre o comportamento e ação dos antigos e novos moradores do bairro.

Por fim, o estudo de caso é uma investigação empírica, uma estratégia de pesquisa abrangente, que investiga um fenômeno contemporâneo com base no contexto da realidade, quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos. Por este motivo, beneficia-se do desenvolvimento prévio de proposições teóricas para conduzir a coleta e análise de dados, produzindo resultados baseados em várias fontes de evidência consubstanciadas em dados coletados.

Com base no exposto acima, o objetivo deste estudo foi compreender as sociabilidades dos moradores do bairro da Vila Olímpia, em São Paulo. Para tanto, questionamos: como se deu a transição na natureza das sociabilidades entre os moradores do bairro, cujo modelo neoliberal de urbanização, característico de uma metrópole periférica como São Paulo, interfere na produção das relações sociais no espaço urbano? Como se dá, atualmente, a interação social entre esses atores? O que mudou nesta interação? Há um conflito entre os antigos e os novos moradores habitando o mesmo espaço e praticando diferentes formas de sociabilidade? Essas foram as principais inquietações que impulsionaram o desenvolvimento da pesquisa.

Para clarear a investigação, realizamos entrevistas em profundidade com moradores do bairro, com o intuito de obter fontes essenciais de informação de forma espontânea, para corroborar certos fatos que já acreditávamos terem sido estabelecidos. As entrevistas não estruturadas ou em profundidade são ferramentas úteis para saber como e por que algo ocorre, ao invés de determinar a frequência de certas ocorrências,

nas quais o pesquisador acredita. Portanto, tentamos obter informações dos entrevistados, seja de fato o que ele conhece ou conhecia do bairro, seja de suas relações com outros moradores e as formas de interação social, além de obter sua opinião sobre as transformações ocorridas no espaço urbano estudado.

Das dezesseis entrevistas, treze foram com antigos moradores e três com novos moradores, todos residentes no bairro da Vila Olímpia. Assim, selecionamos os entrevistados em dois grupos de moradores<sup>121</sup>, sendo o lapso temporal de residência na área o diferencial para a análise das referidas entrevistas. Dividimos os entrevistados entre antigos moradores (com no mínimo 10 anos de residência no bairro), e novos moradores (com no máximo cinco anos de residência no bairro).

O lapso temporal se justifica por um contexto histórico-social do bairro, pois percebemos que, a partir da década de 1980 (em que ainda havia a predominância de residências térreas horizontais), houve grandes intervenções urbanas na área – fruto de um modelo neoliberal de urbanização – presenciadas por moradores da época. Desta forma, estipulamos o prazo mínimo de dez anos de vivência na área para que o morador fosse considerado como antigo, tendo em vista que presenciou importantes mudanças no bairro, diferente do novo morador.

Atualmente, verificamos como reflexo dessas transformações a expulsão dos antigos moradores com a chegada dos novos moradores (em sua grande maioria vivendo em condomínios verticais de luxo), principalmente por motivos profissionais. Tudo isto acirrado pelo excludente modelo neoliberal de urbanização de uma metrópole periférica e segregadora como São Paulo.

A disparidade entre o número de entrevistas realizadas com moradores antigos e novos é um sinal a ser observado, pois foi mais fácil entrevistar os primeiros por estarem dispostos a contribuir com a pesquisa, demonstrando interesse e afeição ao bairro onde moram, identificando-se com o espaço e, principalmente, preocupados com as relações de vizinhança e amizade que ainda restam na área em estudo.

Quanto aos moradores novos, em sua maioria, não estavam dispostos a contribuir com a pesquisa por alegarem falta de tempo, por trabalharem bastante, e por não conhecerem ou demonstrarem interesse pelo bairro onde moram, uma vez que a sua

---

<sup>121</sup> A escolha desses moradores para analisar a sociabilidade na Vila Olímpia não exclui os demais atores sociais que direta ou indiretamente contribuem para este processo, sobretudo, os trabalhadores que transitam mas não residem no bairro.

relação com o mesmo é estritamente profissional, ou seja, optaram morar lá por estarem perto do trabalho.

Sabemos que para a técnica da entrevista o informante-chave é fundamental, porque não fornece apenas percepções e interpretações sobre o terreno em estudo, mas sugere fontes nas quais podemos buscar evidências corroborativas (Yin, 2001). Desta forma, o contato com os entrevistados, em um primeiro momento, partiu de uma informante e colaboradora da pesquisa. A Ana foi fundamental para que chegássemos até os demais entrevistados, visto que não conhecíamos nenhum morador do bairro. Através dela, nossa primeira colaboradora, entrevistamos mais duas pessoas, e essas pessoas forneceram mais alguns contatos, e assim, sucessivamente, conseguimos realizar as dezesseis entrevistas, sempre por intermédio de um entrevistado.

Através de *e-mails* enviados para as bibliotecas públicas da cidade de São Paulo com a finalidade de colher informações sobre o bairro da Vila Olímpia, no início da pesquisa, obtivemos resposta da diretora da Biblioteca Anne Frank, localizada no entorno do bairro, a qual nos colocou em contato com a Ana, que abriu as portas para nos aprofundarmos de fato na investigação.

O contato telefônico com cada entrevistado foi primordial para explicar a proposta da pesquisa e marcar uma data para a entrevista. Em seguida, o contato face a face permitiu maior proximidade com o entrevistado, pois além de mostrar sua opinião, também revelou sentimentos, anseios, desejos e angústias de viver num bairro como a Vila Olímpia.

As entrevistas foram importantes para facilitar a compreensão da realidade social no campo pesquisado, isto é, a transição na natureza das sociabilidades praticadas pelos seus moradores. Corroboradas pelas teorias utilizadas nesta tese, as falas dos entrevistados revelaram a transição das sociabilidades desde a formação do bairro até os dias atuais, contribuindo para a riqueza da pesquisa, ou seja, evidenciar um estudo em transição, uma mudança que está acontecendo hoje, capaz de demonstrar em tempo real as circunstâncias em que o bairro pode sucumbir ou resistir a estas transformações.

Para tanto, elaboramos um roteiro com cinco perguntas como guia para as entrevistas em profundidade, facilitando, assim, o processo investigativo, pois é extremamente importante ao pesquisador saber o que perguntar e a hora de questionar o que se pesquisa. Assim, tentamos nos colocar na situação do entrevistado para garantir certa neutralidade na formulação das perguntas.

As perguntas foram elaboradas com base no meu objeto de estudo, qual seja, analisar a sociabilidade na metrópole de São Paulo, e em particular, no bairro da Vila Olímpia como um fenômeno social que vem sendo remodelado pelas transformações oriundas do acelerado processo de urbanização neoliberal. Para tanto, não tivemos a intenção de conduzir a resposta dos entrevistados a uma conclusão desejável, respeitando o rigor do estudo de caso. Neste sentido, as noções de identidade e comunidade permearam as perguntas e foram essenciais para evidenciarmos a intensidade das interações sociais entre os moradores do bairro durante as entrevistas.

Portanto, as perguntas referentes à trajetória e experiências de vida dos entrevistados, quem são eles, onde moraram antes de chegar ao bairro, por que resolveram morar na Vila Olímpia, se nasceram no local e de onde vieram, qual a sua relação com o bairro, o que eles fazem lá, como eles utilizam o espaço urbano em que moram, quais suas atividades de lazer, onde e o que estudam ou trabalham, permitiram avaliar a magnitude da identidade dos moradores com o bairro.

Ainda para perceber esta identidade, questionamos quais os aspectos positivos e negativos observados no bairro, bem como, o que existe de mais importante, na opinião do entrevistado, na Vila Olímpia de hoje, ou seja, o que ele mais gosta no bairro, se ele concorda com o modelo de urbanização neoliberal. Especificamente para os antigos moradores, solicitamos que relembassem um pouco da história de como era viver no bairro antigamente, para compreendermos o que mudou, como mudou, o que deixou de existir, o que mais sente falta em relação à forma antiga de vida no bairro. Assim, pudemos perceber a transição na natureza das sociabilidades.

Para entender a noção de comunidade existente estes moradores, perguntamos se eles se relacionam com os vizinhos ou outros moradores, e se se relacionam, de que forma isso acontece, como acontece, com que frequência, se caminham ou cumprimentam as pessoas na rua, se participam de festas de bairro, se frequentam espaços públicos, se fazem parte de alguma comunidade de bairro, qual o estilo e ritmo de vida que possuem, a rotina, o cotidiano.

No mais, os entrevistados contribuíram de forma significativa para o desenvolvimento da investigação, respondendo com seriedade e coerência às perguntas elaboradas. Ainda assim, a pesquisa ficou restrita aos moradores apenas, pois o objetivo foi compreender as sociabilidades entre os atores sociais do cotidiano, aqueles que vivem e dão vida ao bairro, capazes de produzir alguma forma de relação ou não entre si.



Com base nas entrevistas, percebemos a relação entre sociabilidade, identidade e comunidade, categorias analíticas sentidas e experimentadas de diferentes formas pelos moradores nas escalas do urbano, o que nos possibilitou a aproximação de aspectos observáveis relacionados aos fenômenos sociabilidade e urbanismo neoliberal, evidenciando variações ou diferenças em relação aos mesmos. Assim, com a construção das variáveis (Richardson, 1999) pudemos relacionar os fenômenos estudados.

Dessa forma, com base nas entrevistas, detectamos quatro variáveis: (i) cultura de bairro; (ii) interação social; (iii) espaços de sociabilidade; (iv) e transformações urbanas. A primeira variável está diretamente relacionada com as trajetórias e experiências de vida no bairro, se pratica algum tipo de lazer no bairro, se frequenta as festas de bairro. A segunda variável diz respeito ao meio prioritário de relação social vivenciado pelo morador, isto é, se prioriza as relações face a face com os vizinhos ou outros moradores, ou se prefere as relações produzidas no ambiente virtual. A terceira variável tem a ver se o morador frequenta ou não espaços de sociabilidade no bairro, isto é, espaços públicos ou mesmo os *gathering places*. A quarta variável retrata a opinião do morador frente às atuais transformações urbanas ocorridas no bairro, ou seja, no ponto de vista do entrevistado, são positivas ou negativas as transformações urbanas oriundas de um modelo neoliberal.

A conjugação dessas variáveis nos permitiu perceber e mensurar a noção de identidade e comunidade dos moradores do bairro da Vila Olímpia e relacioná-las com os fenômenos sociabilidade e urbanismo neoliberal.

Analisando a perfil dos entrevistados, percebemos que aqueles que moram há mais de dez anos no bairro, considerados antigos moradores para esta pesquisa, reconhecem que possuem uma cultura de bairro, através de suas trajetórias e experiências de vida, praticando certas formas de lazer no bairro, participando de festas ou encontros comunitários. Portanto, estes ainda não perderam sua identidade com o espaço, mesmo não estando de acordo com as recentes transformações urbanas ocorridas no local, posto que tentam frequentar os poucos espaços públicos e de sociabilidade que ainda restam, e priorizam as relações face a face entre vizinhos.

O novo morador recém-chegado ao bairro, que reside há pelo menos cinco anos, desconhece a cultura de bairro, não possui trajetórias ou experiências de vida com o espaço, não se relaciona com o local, e acredita ser positivo o atual modelo de urbanização da Vila Olímpia, pois é adequado ao seu estilo de vida. Evita a rua, os espaços públicos e prefere os espaços privados como os *gathering places*. Priorizam as

relações construídas no meio virtual, apresentando sinais de fraca identificação com o espaço.

Observamos que os poucos moradores antigos que ainda restam no bairro relacionam-se de forma mais intensa entre si, ressaltando que antigamente a interação social era muito mais pujante, pois todos se conheciam, se cumprimentavam mesmo sem ter intimidade. Hoje, ao contrário, ninguém mais se conhece no bairro, porque a maioria daqueles primeiros moradores não reside mais no local.

Constatamos que os novos moradores se relacionam mais facilmente com as pessoas do trabalho, independentemente se moram ou não no bairro, pois não interagem com os antigos moradores ou com o espaço habitado, possuem um perfil mais individualista, relacionando-se mais virtualmente por não terem amigos no bairro, e morarem em condomínios verticais de luxo, adequando-se ao atual padrão de urbanização segregador.

O estilo de vida dos novos moradores, portanto, favorece a individualidade, pois moram em enclaves fortificados, frequentam espaços privados e não se cumprimentam ou se falam, ao contrário dos antigos moradores que priorizam os bancos dos parques, as quermesses da Igreja e preferem morar em casas térreas porque facilita o relacionamento com a vizinhança, com a rua e com a comunidade.

Analisar estas variáveis nos permitiu mensurar se os moradores se identificam com o espaço em que vivem; se possuem certa cultura de bairro; se ainda alimentam a ideia de pertença ao bairro; quais os que concordam e os que não concordam com o modelo urbano neoliberal.

É importante ponderar que as transformações urbanas ocorridas na área em estudo não são específicas da Vila Olímpia, pois em outras metrópoles, bairros com áreas até então desvalorizadas estão se enobrecendo, sendo invadidos pelo modelo neoliberal de urbanização conduzido pelas forças do capital imobiliário e financeiro, característico de uma metrópole periférica e segregadora como São Paulo.

A pesquisa nos mostrou que este processo também é reflexo das atuais tendências do urbanismo globalizado que modificam as escalas metropolitanas, pois os indivíduos passam a construir relações sociais mais ou menos intensas com a casa, com o bairro ou com a cidade, dependendo da noção de comunidade ou identidade que possuem do espaço.

Podemos assim concluir que os antigos moradores representam uma forma de resistência às atuais tendências do modelo urbano neoliberal, porque não concordam

com as transformações impulsionadas pelo capital imobiliário que molda um estilo de vida mais individual e prioriza a apropriação privada do espaço urbano, materializada pelos enclaves fortificados e espaços privados de sociabilidade.

Esta resistência é simbolizada principalmente por aqueles que nasceram e moram até hoje no bairro, em sua maioria de ascendência portuguesa ou italiana, e que ainda sustentam alguns costumes tradicionais, como a prática da bocha, as padarias, as festas religiosas e as quermesses na Igreja do Divino Salvador da Vila Olímpia.

Além disso, esses moradores não concordam em vender suas velhas casas térreas para construtoras projetarem megaempreendimentos imobiliários no local, pois para eles é mais valioso a memória, a história e a noção de pertencimento ao bairro do que a valorização da terra e a especulação imobiliária. A perda da casa simboliza a perda de referência, da história de vida, do sentido de pertença ao espaço, aprofundando a crise da noção de identidade.

Em contrapartida, os novos moradores parecem não viver ou experimentar o local onde residem, moram ali por motivo de trabalho, não se preocupam com o bairro, usam-no como passagem; a casa é só o lugar de dormir, pois saem muito cedo e voltam tarde da noite e aos finais de semana viajam.

Atualmente, o estilo de vida predominante no bairro é desse novo morador, que em geral são jovens empresários, entre 25 e 40 anos, recém-formados ou em início de carreira, solteiros ou recém-casados, sem filhos, bem sucedidos, que trabalham em empresas multinacionais instaladas no bairro e desejam morar próximo do emprego. Também se inclui neste perfil os estudantes que resolvem morar próximo das universidades do bairro, como a Universidade Anhembi Morumbi e o Instituto Insper, que possuem cursos de graduação e pós-graduação voltados para as áreas de negócios e economia, atingindo o público alvo, ou seja, os novos moradores.

Assim, constatamos que os antigos moradores têm maior identidade com o bairro que vivem, possuem a noção de pertença, apesar das transformações que vêm ocorrendo no espaço urbano da Vila Olímpia que repercute no estilo de vida de todos. Já os novos moradores possuem fraca identidade com o bairro onde residem por não se sentirem parte integrante do espaço, não circulam na rua, vivem em ambientes fechados, reduzindo a capacidade de interação social com os diferentes.

Os novos moradores não procuram lazer no bairro, não interagem com ele, não participam da vivência social que constitui uma unidade, uma cultura de bairro, enfraquecendo a noção de comunidade. Quanto aos antigos moradores, muitos deles

ainda unidos pelas tradições, pela nacionalidade, e pelas histórias de vida vividas na Vila Olímpia, ainda tentam manter essa comunhão de crenças, ideias e pensamentos, relacionando-se com os seus vizinhos de rua, fortalecendo a noção de comunidade.

Todos os antigos moradores entrevistados, sem exceção, sentem falta de espaços de sociabilidade na Vila Olímpia, como praças, parques, ou espaços públicos de interação social. Muitos deles estudaram e trabalharam no bairro, entretanto, hoje sentem falta do lazer no local, apesar de caminharem pelas ruas de calçadas estreitas, de frequentarem alguns lugares que ainda resistem como ponto de encontro entre os moradores.

Esses atores sociais são aqueles que ainda compram pão na padaria do “portuga” da esquina, compram jornal na banca de revista mais próxima, frequentam clubes de terceira idade, e vão às poucas feiras e mercadinhos que ainda existem no bairro. Os novos moradores frequentam os *gathering places* sob a justificativa do conforto e da segurança e “espaços públicos” como o Parque do Povo, ou seja, espaços segregados que homogeneízam as relações de interação social entre semelhantes, reduzindo a noção de urbanidade. Esses moradores veem o bairro como um lugar de passagem, a rua como algo inóspito e a casa como um lugar de dormir, utilizam o carro para se locomover dentro do bairro, e realizam compras pela internet sem sair do seu apartamento, adotando um estilo mais individual, frio e solitário.

Para este novo morador é mais fácil construir novas relações sociais no meio virtual, sendo a internet o instrumento mais propício, sobretudo, através das redes sociais de relacionamento. O uso da tecnologia, portanto, interfere nas relações, pois o tempo e o espaço não são mais decisivos para que elas se tornem possíveis, aproximando pessoas distantes e distanciando pessoas próximas, substituindo o contato face a face pelo virtual.

No mais, os dois *shopping centers* existentes no bairro, o Vila Olímpia e o JK, atendem a um público de elevado poder aquisitivo como os novos moradores, que frequentam os inúmeros espaços privados de lazer, por exemplo, os restaurantes, o cinema e o café, não em busca de interação social, mas sim de maior privacidade, segurança e satisfação pessoal.

Tanto os antigos quanto os novos moradores confessaram que o bairro está crescendo, desenvolvendo-se, que a tecnologia está trazendo benefícios, que o comércio está cada vez mais se intensificando, que o bairro se tornou central por estar perto de tudo, por ser de fácil acesso, de boa localização etc.

Entretanto, ambos os atores também demonstraram algumas insatisfações com o bairro, sobretudo, com a forma desorganizada de crescimento urbano, gerando impacto na memória, na história, no trânsito e na vida das pessoas. Além disso, a falta de infraestrutura urbana é significativa, sem calçadas ou semáforos para pedestres, a existência de mais heliportos do que pontos de ônibus, sem metrô, com um elevado custo de vida, o desassossego noturno por conta das “baladas”, o aumento da violência, e a expulsão das casas térreas dos antigos moradores para a construção de torres de condomínios de luxo para os novos.

No quadro 1 demonstramos a síntese das variáveis e a posição dos atores sociais em cada uma delas:

<b>VARIÁVEIS</b>	<b>ANTIGOS MORADORES</b>	<b>NOVOS MORADORES</b>
<b>Cultura de Bairro</b>	Possui	Não possui
<b>Interação Social</b>	Face a Face	Virtual
<b>Espaços de Sociabilidade</b>	Frequenta	Não Frequenta
<b>Transformações Urbanas</b>	Negativa	Positiva

**Quadro 1. Relação das variáveis e dos atores sociais. Elaboração do autor (2013).**

Com estas variáveis pudemos mensurar a noção de identidade e de comunidade do antigo e do novo morador. Aquele possui cultura de bairro, prioriza as relações face a face, frequenta espaços de sociabilidade no bairro e não concorda com as transformações urbanas ocorridas. O novo morador não possui cultura de bairro, prioriza relações virtuais, não frequenta espaços de sociabilidade e concorda com as transformações que vêm acontecendo no bairro. Portanto, o antigo morador identifica-se mais com o bairro e possui maior noção de comunidade do que o novo morador.

Assim, o fenômeno sociabilidade associado à noção de identidade e comunidade pode variar conforme as transformações ocorridas no espaço urbano. A socialização como base da sociabilidade que há entre os antigos moradores é garantida pela unidade e estabilidade das interações sociais existentes entre os mesmos, o que aprofunda a ideia de identidade e a noção de pertencimento, caracterizando as redes sociais e os laços comuns, através da comunhão de ideias e pensamentos, em que a convivialidade e os laços fortes e multifuncionais simbolizam espaços de unidade, dão vida ao bairro, considerando-o como uma verdadeira comunidade.

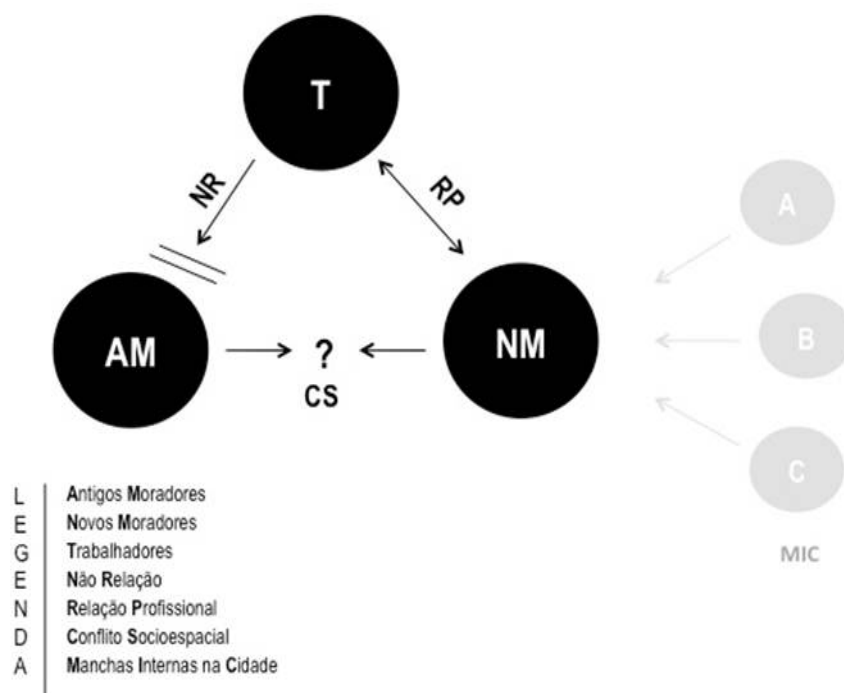
A importância da identidade está na ideia de pertinência do indivíduo que habita determinado espaço. A cultura de bairro está intimamente relacionada com identidade ao lugar, isto é, à residência, ao bairro, ao urbano. Esta construção também é possível mediante uma relação de reciprocidade entre aqueles que se reconhecem como iguais. Isto se realiza na comunidade por meio das interações sociais, da sociabilidade.

Sob esta perspectiva, as noções de identidade e comunidade figuram como formas de resistência perante a transição na natureza das sociabilidades, pois acreditamos que a cultura de bairro é fortalecida quando há profunda identidade dos moradores com o bairro, onde a ideia de comunidade é existente, não no sentido romântico e antigo de ser, mas num espaço mais urbano, mais globalizado, impulsionado pela tecnologia que passa a influenciar a sociabilidade no espaço urbano.

O atual modelo urbano neoliberal modifica a cultura de bairro segregando os espaços privados e homogeneizando as formas de sociabilidade produzidas pelos usuários, padronizando o uso e reduzindo a urbanidade. Este modelo urbano não prioriza os espaços públicos, dá mais importância aos carros do que às pessoas, fortalecendo a individualidade sob a justificativa de um estilo de vida moderno. Essas circunstâncias poderão levar a escala do bairro à sucumbir.

Diante de toda esta análise estabelecemos uma dinâmica a respeito da interação social dos moradores do bairro da Vila Olímpia. Vale ressaltar que os trabalhadores (que não residem na área) direta ou indiretamente influenciam esta dinâmica, razão pela qual não podemos deixar de destacá-los.

Conforme figura 18, tentamos esboçar uma dinâmica das relações sociais, determinando os atores, o tipo de relação e o conflito socioespacial existente entre os mesmos:



**Figura 18. Dinâmica entre os atores sociais na área em estudo. Elaboração do autor (2013).**

A figura nos mostra que entre os antigos moradores e os trabalhadores há uma não relação, ou uma ausência de relação social, tendo em vista não se cruzarem, não se relacionarem no espaço público, uma vez que o sujeito que trabalha na Vila Olímpia só utiliza a região para exercer sua atividade laboral. Para este ator, a Vila não passa de um Bairro Operário, local onde exerce sua força de trabalho.

Esta ausência de relação social demonstra uma relação de afastamento de diferença deliberada, em que as pessoas estão tão próximas mas não se comunicam, estão exprimidas no ônibus e no metrô mas nem se olham, acabam por desenvolver uma estratégia do não encontro, pois se evitam.

Já entre os novos moradores e os trabalhadores, percebemos uma relação profissional, uma vez que, em sua grande maioria, aqueles se mudaram para a Vila Olímpia para morarem perto do trabalho (comodidade considerada privilégio de poucos em uma cidade como São Paulo); logo, esses atores sociais muitas vezes acabam se relacionando com os trabalhadores, sobretudo, por motivos profissionais.

Conforme já observamos, entre os antigos moradores do bairro existe uma forte interação social, concretizada por laços de amizade, de cordialidade, por estímulos ou

interesses que se coadunam com a noção de urbanidade, com a vida cotidiana<sup>122</sup>, de comunidade, de identidade, de sociabilidade.

Além disso, é perceptível que os moradores que residem em casas térreas, em sua maioria, são os mais antigos no bairro, e os que residem em apartamentos ou condomínios verticais são os novos moradores, recém-chegados ao bairro. Logo, o tipo de residência também delimita o estilo de vida individualista entre esses moradores, tendo em vista que os novos cada vez mais se isolam, distanciam-se, tornam-se estranhos em seus enclaves fortificados, diferente dos antigos que ainda tentam preservar certa cordialidade para com os seus vizinhos<sup>123</sup>.

Os novos moradores, que vieram de outras manchas internas da cidade, com sua trajetória de vida formada, representam a classe dominante que detém o capital financeiro, e que, portanto, não têm vontade de circular em espaços públicos de sociabilidade, ou melhor, optam por espaços privados de sociabilidade, com áreas restritas, mais reservadas, em que a auto-segregação é a regra.

Estes recentes habitantes são vistos como anônimos, pois não participam da vida pública do bairro e não interagem com os antigos moradores que ainda restam no local. Estes ainda sentem a noção de pertença ao lugar, enquanto que os novos não se relacionam com o espaço em que habitam. “O homem só percebe o espaço em que vive quando participa ativamente de sua concepção” (Serpa, 2007: 134). O espaço público utilizável é aquele que pode ser usado na escala humana, assim, o lazer é uma forma de humanizar o espaço.

A dinâmica deste processo reflete em um conflito abstrato, subjetivo entre os antigos e os novos moradores. Um conflito indireto entre relações de interação social mediadas pelo capital. Seria mais ou menos a lógica das relações intergrupais entre os estabelecidos e os *outsiders* de Norbert Elias (2000).

Os antigos moradores ligam-se entre si por laços de intimidade emocional, que incluem antigas amizades e velhas aversões, por laços de vizinhança, por interações sociais recíprocas e conscientes. Já os novos moradores não se relacionam com os

---

<sup>122</sup> Para estes atores, o espaço público definido pela modernidade como um espaço cívico de encontro dos iguais não está morto, ao contrário do que afirma Leite (2009).

<sup>123</sup> Sobre o assunto, Proença Leite demonstra que nas megacidades contemporâneas as classes médias e altas manifestam abstenção social ao encontro, ou seja, possuem atitudes deliberadas de recusa ao encontro com o outro (estranho). Sendo assim, demonstram “suas abstenções pelo confinamento: no modo como habitam condomínios verticais ou horizontais com forte aparato de segurança, pela opção de consumo preferencialmente em *shopping centers* ou galerias de luxo, pelo uso corrente de carros com vidros fechados e, às vezes, blindados; pela opção já bastante acentuada de deslocamentos por helicópteros; pelo uso ainda corrente de elevadores 'social' e de 'serviços'” (2009: 198).



antigos moradores, não têm tempo de se relacionarem, ou se relacionam de forma fria, frágil, efêmera, sem substância, de forma virtual.

Observamos, assim, uma ausência de sociabilidade entre os antigos e novos moradores na Vila Olímpia. O conflito socioespacial entre esses atores é intensificado por uma visível redução dos espaços públicos de interação social, e por um aumento dos espaços privados oriundos do mercado imobiliário.

Nesse sentido, não observamos mais centros de lazer para a comunidade, praças, lugares de convivência ou de sociabilidade, tendo em vista que os espaços são cada vez mais cercados por muros, limitando a circulação das pessoas, são lugares cada vez mais fechados ao público, com restrições de segurança e circulação caracterizando uma vida urbana reduzida.

## CAPÍTULO 4: AS VOZES DA RESISTÊNCIA

A partir da análise das sociabilidades no bairro da Vila Olímpia, demonstrada no capítulo anterior, percebemos que as relações sociais sofrem influência das transformações urbanas, e atualmente são caracterizadas pela crise identitária que aprofunda a superindividualidade, tendo em vista o modelo urbano neoliberal que segrega e fragmenta o espaço e as relações nele produzidas.

Durante o século XX, observamos diferentes formas de sociabilidade na área em estudo, desde uma época em que a vida era calma e tranquila no bairro, passando para um estilo de vida moderno e dinâmico, até nos depararmos com a vida na nova centralidade. Muitas das práticas e experiências sociais produzidas pelos moradores no espaço urbano deixaram de existir, dando lugar a novas e diferentes formas de sociabilidade que hoje são acompanhadas pela tecnologia.

Essa construção e desconstrução da dinâmica das várias formas de vida nos remetem ao paradoxo da metrópole moderna, baseado num projeto de modernidade que une e desune a espécie humana, e que converge com as contradições do atual modelo de desenvolvimento urbano neoliberal que assola as cidades ao redor do mundo, aprofundando a impessoalidade das relações sociais no espaço urbano.

Os problemas urbanos – incluindo a dinâmica das sociabilidades – devem ser compreendidos como uma questão política, pois são fruto de uma relação social desigual (Castells, 1983) em que as novas formas e padrões pós-modernos de vida na cidade estão crescentemente desafiando o bem estabelecido modo de vida urbano.

Os espaços do neoliberalismo como as zonas empresariais ou novas centralidades nas metrópoles são impulsionados pela parceria público-privada, e alimentados por diversas forças, dentre elas o capital imobiliário. O bairro da Vila Olímpia, em São Paulo, é um caso exemplar da paisagem institucional do urbanismo neoliberal, agitado e dinâmico, proveniente da criatividade contraditória deste processo.

Assim, em tempos de urbanização do globo e de globalização do urbano, a relação global *versus* local se relativiza, pois na medida em que a escala urbana se fragmenta, o local se fortalece como forma de resistência a esse urbanismo segregador, porque é nele que a ação política tende a se materializar de forma mais articulada.

Isto porque, ao mesmo tempo em que alguns se sentem cada vez mais sozinhos e individualizados na metrópole, outros procuram evitar as consequências negativas de

todo este processo, resistindo ao enfraquecimento das relações sociais, tentando manter laços de família, de amizade, e de solidariedade.

Para perceber esta dinâmica, devemos levar em consideração que o mundo está se urbanizando, e o espaço urbano está frequentemente se neoliberalizando. Nesse sentido, faz-se necessário revisitar o *status* político e teórico do neoliberalismo para distinguir momentos destrutivos e criativos do processo neoliberal (Peck; Tickell, 2002) que repercutem nas cidades de todo o mundo, na medida de suas especificidades.

O neoliberalismo em suas formas de mudança desempenha um papel na reconstrução das relações extralocais, posto que, assim como novas formas de mercado livre estão surgindo na Ásia, na África e na América Latina, também novas experiências e práticas sociais contra-hegemônicas sobressaem para combater este modelo norte-americano e europeu.

O caráter criativamente destrutivo do neoliberalismo é fundamental para que possamos compreendê-lo como um processo de transformação socioespacial, considerando-se que ao mesmo tempo em que destrói a institucionalidade vigente, também cria novas infraestruturas no espaço urbano (Theodore; Peck; Brenner, 2009).

Isto porque, o neoliberalismo é um fenômeno multiescalar, pois reconstitui relações em distintas escalas (regionais, nacionais e internacionais) entre atores institucionais e econômicos, como os estados locais e o capital financeiro, substituindo as lógicas regulatórias redistributivas por lógicas competitivas, ao mesmo tempo em que transfere os riscos e responsabilidades às agências, aos atores e às jurisdições locais (*idem*).

Na América Latina, por exemplo, e particularmente no Brasil, os reflexos do neoliberalismo representam um regime de regras inflexíveis imposto por instituições globais e controlado por agentes locais. Este modelo decorrente da era Thatcher-Reagan, a partir da década de 1980, retrata um modo de regulação social desordenado e destrutivo, ou seja, um regime de articulações interlocais altamente competitivo que produz relações socioespaciais neoliberais (Peck; Tickell, 2002).

Se entendermos o neoliberalismo como um modelo que exerce significativa influência sobre a estrutura e a dinâmica de competição interurbana e desenvolvimento intraurbano, compreenderemos que a cidade é o cenário apropriado para o mesmo.

Harvey (1989) destaca alguns poderosos efeitos que regulam a competição intraurbana neste modelo: a reprodução em série de culturas do espetáculo, as formas privatizadas do governo local, a produção de zonas empresariais ou centralidades

urbanas, e o desenvolvimento marginalizado. Percebemos assim um sistema completamente entregue à lógica do capital e do mercado o que fundamenta a metrópole pós-industrial de periferia que é São Paulo.

A cidade neoliberal é uma cidade empreendedora que almeja o sucesso econômico para concorrer com outras cidades em investimentos e inovação. Os moradores dessa cidade são responsáveis pelo seu próprio sucesso ou fracasso com a obrigação social de contribuir apenas para o bem-estar econômico coletivo (Leitner, 1990).

Assim, a competição intraurbana transforma as cidades em cúmplices de sua própria subordinação, em um processo conduzido pela fantasia de uma transformação local e em um renascimento urbano, por pequenas vitórias e conquistas fugazes e pela escassez aparente de alternativas locais realistas. As parcerias com as elites, os megaeventos e a sedução corporativa tornam-se, com efeito, os únicos processos na cidade e a base da subjugação urbana (Peck; Tickell, 2002).

O neoliberalismo torna comum a lógica do individualismo e do empreendedorismo, igualando a liberdade individual com as escolhas egoístas, fazendo com que o indivíduo se responsabilize pelo seu próprio bem-estar, redefinindo os cidadãos como consumidores e clientes. Ao resignificar a liberdade individual e a capacidade de autorrealização, o neoliberalismo reconceitualiza o comportamento humano em bases econômicas (Leitner; Sheppard; Sziarto; Maringati, 2007).

É nesse âmbito que a resistência emerge pela face criativamente construtiva deste modelo, com o objetivo de fomentar o discurso político para a comunidade, no local, estimulando o pensamento comunitário como forma de contestar o neoliberalismo.

A dialética do cotidiano passa a ser (des)estruturada pela ameaça de coesão social imposta pelo modelo neoliberal que, ao transformar o espaço urbano, enfraquece a noção de identidade e comunidade, fazendo com que os indivíduos percam a referência com o local, aprofundando a crise do pertencimento.

Neste capítulo, tentaremos demonstrar formas ainda esparsas de resistência a este modelo, pautadas em estratégias coletivas como fenômeno político no sentido de se articular para resistir, lutando contra a ameaça de destruição e desaparecimento da sociabilidade urbana gerada pelo urbanismo neoliberal. Essas estratégias coletivas devem ser entendidas como uma iniciativa de base local resultante da construção coletiva da ação por parte dos seus participantes.

A resistência combate o sistema quando os moradores da cidade a encaram através de iniciativas particulares buscando imaginários de uma vida em comunidade, fazendo da cidade o lócus que agrega uma ampla gama de práticas e imaginários alternativos.

Esses imaginários sociais alternativos podem reforçar a identidade e a prática como resistência ao mundo neoliberal, não apenas em nível local, na comunidade, no bairro, mas também em nível transnacional, materializados pelo Fórum Social Mundial, pelos Movimentos Ambientais Globais, pelas redes dos povos indígenas, dentre outros. A resistência deve, portanto, envolver não apenas iniciativas localizadas, mas também conexões intra e interurbanas, local-global, norte-sul, urbano-rural (*idem*).

O fortalecimento desses imaginários sociais ou das estratégias coletivas ocorre pelo fato de emergir de espaços, tempos e contextos particulares, de origens locais, do bairro, através de experiências cotidianas individuais de diferentes grupos sociais que, segundo Featherstone (2003), devem ser compartilhadas para produzir novas formas de resistência ao neoliberalismo e à opressão.

Assim, entendemos que a resistência neoliberal é socioespacial, visto que o espaço é simultaneamente um objeto de resistência e parte da estratégia política. O caráter político da resistência ao urbanismo neoliberal é baseado em ações coletivas, como os inúmeros protestos em massa ocorridos nas ruas e praças de Istambul, dos países Árabes, dos Estados Unidos, do Brasil, e mais recentemente da Ucrânia, pois:

Esses movimentos transformaram da praça de Tahir, no Egito, à praça do Sol, em Madri, da praça Syntagma, na Grécia, ao parque Zuccotti, nos Estados Unidos, passando pela praça Taksim, na Turquia [e por diversas avenidas de mais de cem cidades brasileiras] em palcos de protestos majoritariamente compostos por jovens, convocados por meio de redes sociais, sem a presença de partidos, sindicatos e organizações de massa tradicionais. (Rolnik, 2013: 11).

Tais movimentos fazem das ruas seus legítimos espaços de resistência antineoliberal (Wainwright, 2007) e a forma se dá pelas mobilizações, passeatas, protestos, onde instrumentos como a internet passam a ser uma importante ferramenta para articular a resistência, com capacidade de organizar uma rede radicalmente democrática e não hierárquica de grupos ativistas disciplinados (Leitner; Sheppard; Sziarto; Maringati, 2007), propondo decisões horizontais, sem personificação de lideranças nem comando de partidos ou comitês centrais.

Destacamos, então, como objetivo e método da ação política a retomada do espaço público por movimentos sociais e estratégias coletivas, já que eles determinam

diretamente os fluxos e os usos da cidade, tomando a ocupação desse espaço como agenda e prática.

A ação política, portanto, se respalda no conceito alargado de cidadania e de espaço político de Arendt, sendo aquele que considera a ‘polis’ como “a organização das pessoas tal como ela resulta do agir e do falar em conjunto, e o seu verdadeiro espaço situa-se entre as pessoas que vivem juntas com tal propósito, não importa onde estejam” (2010: 248).

As práticas sociais efetivadas por meio da resistência dão significado e resignificam o uso do espaço (Magnani, 1998) e das relações que nele ocorrem, tendo em vista a manipulação estratégica, a subversão e transgressão dos espaços cotidianos e as relações sociais no meio urbano. Nesse sentido, os movimentos e os espaços sociais (o lugar, a mobilidade, as redes através do espaço, as escalas) podem desempenhar um papel fundamental na mobilização, práticas e eficácia da resistência (Leitner; Sheppard; Sziarto; Maringati, 2007).

Assim, percebemos que a natureza da resistência, particularmente na cidade, depende do que se entende por neoliberalismo contemporâneo. Conforme Sites (2007), o conjunto de reivindicações politicamente inclinadas ou discursos que reconfiguram os conceitos liberais de mercado, liberdade e individualidade em poderosas representações do capitalismo contemporâneo repercutem no neoliberalismo como ideologia.

As cidades representam espaços cruciais para a reprodução de uma ordem neoliberal, pois são motores de acumulação mais amplos e rede de regulamentação sistêmica. As estratégias corporativas neoliberais aprofundam as mudanças na paisagem incendiando resistências políticas locais. Assim, a resistência deve oferecer potencialmente uma mudança transparente e direta para as tendências político-econômicas do neoliberalismo contemporâneo (Wainwright, 2007).

O modelo de desenvolvimento urbano neoliberal e a forma de fazer política voltada única e exclusivamente para facilitar a ação do mercado e abrir frentes de expansão do capital financeirizado estão postos em xeque por mobilizações que transformam as cidades em um caldeirão de experiências sociais autônomas.

A ação direta desses atores sociais no espaço urbano, no cotidiano da cidade e nas suas próprias vidas não pode ser apenas uma meta distante a ser atingida, mas uma construção diária nas atividades e estratégias, nos debates e discussões. Isto porque, segundo Vainer (2013), a convulsão social em que as cidades foram lançadas abre extraordinárias possibilidades de interpelação e transformação.

Portanto, a resistência que queremos destacar nesta tese não é apenas sinônimo de permanência ao local, isto é, aquela que resiste a desaparecer, mas sim, sinônimo político, como luta contra as raízes de um sistema que preconiza o individualismo competitivo e rechaça a solidariedade social.

A simples ideia de permanecer a um lugar para ser equivalente à noção de resistência política ao modelo urbano neoliberal deve ser feita de estratégias coletivas, mobilizações de capitais sociais diversos, transformação do “encontro” e da “festa” como as da “Turma do Beira Rio” e a luta da favela Coliseu em recurso político.

Ao mesmo tempo em que as cidades se transformaram em lugares estrategicamente centrais para o avanço irregular dos projetos reestruturadores neoliberais, também são o cenário tendencioso para a constituição da resistência, pois condensam as fronteiras da formação de políticas neoliberais com lugares de resistência à neoliberalização.

Nas três últimas décadas, as cidades se converteram em espaços cada vez mais centrais para a reprodução, transmutação e contínua reconstituição deste processo. A mudança de paradigma pode abrir novas oportunidades para estratégias coletivas tanto reformistas como contra-hegemônicas. Entretanto, para a concretização da criação construtiva de um modelo coerente de cidade, as estratégias devem primar por alternativas progressistas almejando novas formas de solidariedade urbana.

Entendemos que a resistência também ressignifica as noções de identidade e comunidade nas diferentes escalas da metrópole, pois legitima a articulação de grupos sociais que passam a lutar pelo fortalecimento dos laços sociais, de amizade, de solidariedade e sociabilidade, consolidando e fortalecendo a escala do local face ao global, sendo palco para vozes, comunidades ou bairros de resistência, onde novas oralidades se formam e novas relações sociais se criam.

Essas são as vozes da resistência de um urbanismo neoliberal que desestrutura o espaço e as relações sociais em metrópoles como São Paulo. Tal desestruturação pode ser exemplificada pelas estratégias coletivas identificadas no decorrer da pesquisa no bairro da Vila Olímpia, quais sejam: a festa da “Turma do Beira Rio” simbolizando a luta contra a ameaça de desintegração das relações sociais entre os antigos moradores, e a “Comunidade Coliseu” que luta contra o urbanismo neoliberal que assola o bairro da Vila Olímpia.

Portanto, como ponto de partida, analisamos a “Turma do Beira Rio”, comunidade formada há trinta anos por antigos moradores do bairro que resiste até hoje

à fragilidade das relações sociais. E, por fim, a “Comunidade do Coliseu”, favela localizada na área mais valorizada e desenvolvida, no coração do centro financeiro e empresarial do bairro, que vem sendo reduzida ano a ano, mas ainda persiste perante a urbanização desigual do espaço. Por fim, apresentamos um sucinto apanhado geral sobre a previsão das relações sociais no futuro.

#### 4.1. A TURMA DO BEIRA RIO

“Nem mesmo a força do tempo irá destruir  
Somos verdade  
Nem mesmo esse samba de amor pode nos resumir  
Quero chorar o seu choro  
Quero sorrir seu sorriso  
Valeu por você existir,  
Amigo”,<sup>124</sup>.

Esses versos fazem parte do hino adotado pela “Turma do Beira Rio”, comunidade futebolística originariamente formada, há trinta anos, por antigos moradores da Vila Olímpia, mediante a articulação de um grupo de jovens amigos que jogavam futebol no bairro. Além do esporte, outras atividades de lazer e sociabilidade eram promovidas pela “Turma”, como a promoção de festas e eventos para a comunidade, a prática de soltar balões de fogo nas festas de São João, e os desfiles em época de carnaval.

A convite de uma das entrevistadas da pesquisa, tive a oportunidade de participar de uma festa da “Turma do Beira Rio”, que ocorreu no dia 03.10.2010, na oficina mecânica Manolo, com o objetivo de celebrar trinta anos de amizade.

Era um domingo nublado, primavera ainda fria em São Paulo. Cheguei ao local do evento de ônibus, às 15h. Andei um quarteirão do ponto de ônibus na Av. Nova Faria Lima até a oficina, localizada na Rua Professor Atílio Innocenti, 834. Foi fácil encontrar. Ao chegar, algumas pessoas já estavam conversando na porta da oficina. Pedi para falar com a Ana – pessoa que me fez o convite –, e gentilmente, sem me conhecerem, convidaram-me a entrar.

Fui muito bem recebido durante o evento, não me senti um estranho. Todos estavam muito simpáticos, alegres e felizes. Ana fez questão de me apresentar para todo mundo. Comecei então a conversar com algumas pessoas que moraram há muitos anos

---

<sup>124</sup> Hino adotado pela Turma do Beira Rio.



na Vila Olímpia, e que hoje não moram mais, dentre outros motivos, devido à supervalorização imobiliária que tornou inviável a vida desses moradores no bairro. Muitos reclamavam que a vida ali ficou muito cara e que hoje não se tem mais qualidade de vida.

O objetivo da festa foi comemorar trinta anos de amizade e, conforme a figura 19, o emblema, nas cores verde e branco, homenageava a camisa do time de futebol criada pelos integrantes da Turma. Chamamos atenção para o *slogan* da festa como símbolo de resistência à ameaça da força do tempo que poderá destruir a amizade, a solidariedade ou a sociabilidade entre esses atores sociais.



Figura 19. Convite da festa da Turma do Beira Rio. Acervo do autor (2010).

Na figura, destaca-se a cor verde, que podemos entendê-la como sinal de esperança. A palavra amizade é reiterada duas vezes no convite prezando o sentimento de união e numa das vezes a mesma palavra é escrita com fonte maior, novamente prezando a importância do sentimento. O tempo de duração da Turma também está presente apresentando aí um indicador de resistência, apesar de todas as modificações ocorridas no bairro. Um convite aparentemente simples, mas que implicitamente contém todos os elementos de resistência descritos acima.

Esta “força do tempo” representa as transformações sociais e urbanas ocorridas no bairro, sobretudo a partir da década de 1980, momento em que a Turma do Beira Rio se forma e que o bairro começa a sofrer inúmeras intervenções urbanas culminando na sua configuração atual respaldada por um urbanismo neoliberal dessa nova centralidade.

Isto porque, como vimos, é a partir desse momento que se lançam as bases para a formação do modelo de desenvolvimento urbano em que a liberdade individual e o comportamento humano são condicionados pelo capital. O sistema neoliberal aprofunda as relações sociais capitalistas produzindo consequências à integridade cultural e social (Harvey, 1997).

Durante o evento, não era propício realizar qualquer entrevista, pois todos estavam em momento de descontração com suas famílias e amigos. Havia muita comida, muita bebida, todos se conheciam e eram amigos, muitas risadas, muitos abraços e brincadeiras entre idosos, adultos, jovens e crianças.

Na figura 20 visualizamos alguns integrantes da Turma do Beira Rio com os seus filhos que também participam das festas, representando a nova geração de resistentes, tendo em vista que a identidade, a noção de pertencimento, e as diversas memórias e histórias do bairro são passadas dos pais para os filhos, com intuito de despertar valores comunitários de solidariedade e amizade, evitando o desaparecimento da sociabilidade como fenômeno de resistência política.



**Figura 20. Componentes da Turma do Beira Rio comemorando 30 anos de amizade. Acervo do autor (2010).**

Nesta figura, podemos presenciar a integração de crianças, jovens, adultos e idosos, homens e mulheres, envergando camisetas que reproduzem o convite da festa. O espaço ocupado pelos integrantes da Turma e, logo, da foto, não parece muito grande, mas é suficiente para acolher a todos. Outro fator interessante é que se posicionam, no momento da foto, como um time de futebol, alguns estão de pé e outros agachados. Todos sorriem e parecem transmitir um sentimento de pertencimento.

Na festa, parecia que os membros da Turma não se encontravam havia bastante tempo. Na verdade, Ana esclareceu que essa festa ocorre de dois em dois anos, propositalmente, no dia do primeiro turno das eleições do mês de outubro, como um incentivo para o reencontro entre amigos.

O encontro ocorre nesse período tendo em vista que a maioria dos componentes da Turma não mora mais no bairro, mas ainda vota na Vila Olímpia, motivo pelo qual mantém a mesma zona eleitoral para provocar o encontro dos antigos moradores.

Essa é uma estratégia coletiva que caracteriza a resistência política articulada por esses moradores numa data extraordinariamente significativa, em que para além do encontro que fortalece laços de amizade, de comunidade, de solidariedade, possuem a oportunidade de discutir sobre as eleições políticas e sobre o que se tem feito de melhoria no bairro.

Esse é o verdadeiro valor dessas festas que ocorrem de tempos em tempos, pois além de reverem os amigos e familiares – importante ação para a manutenção do exercício da sociabilidade – os moradores, impulsionados pelas atuais transformações que vêm ocorrendo no espaço, seguem lutando contra todas as ameaças de destruição e desaparecimento do bairro, respaldadas na memória, na história, na arquitetura, nas práticas sociais e nas novas relações.

É importante destacarmos a cooperação voluntária nessas festas, traduzida pela confiança que existe entre esses moradores, o que é essencial para a sustentação das relações sociais, realizadas através da mobilização de capitais sociais diversos. Isto nos remete ao conceito de capital social de Putnam (2001), segundo o qual as relações sociais produzidas na base da confiança geram reciprocidade, participação, solidariedade e tolerância, características de uma comunidade cívica, segundo o autor, e que podemos visualizar na Turma do Beira Rio.

Da mesma forma, Bourdieu (2004) assevera que o volume global de capital (econômico, social, cultural e simbólico) adquirido pelo indivíduo sob diferentes espécies reflete nas relações e no espaço social onde elas se concretizam. A visão que cada agente tem do espaço depende da sua posição no mesmo, pois somos nós que o construímos. O mundo social apresenta-se como uma realidade solidamente estruturada e o espaço social tende a funcionar como um espaço simbólico, caracterizados por diferentes estilos de vida, como no bairro da Vila Olímpia.

Durante a festa, fui apresentado para um grupo de senhoras que ajudou a fundar a Turma do Beira Rio e que bordaram o primeiro uniforme do time de futebol de seus filhos. As mães do Beira Rio (figura 21), conversavam entre si, relembrando a vida numa época em que todos se conheciam e moravam no bairro.



**Figura 21. As mães fundadoras da Turma do Beira Rio. Acervo do autor (2010).**

Essas senhoras representam a base da resistência, uma vez que deram suporte para o fortalecimento e solidificação da Turma como grupo social, seja bordando uniforme de futebol, seja valorizando a amizade e a sociabilidade entre seus filhos, seja simbolizando a história e a memória viva de uma época em que a vida no bairro era calma e tranquila, diferentemente do atual estilo de vida dos filhos dos integrantes da Turma, que se deparam com a nova centralidade.

Essa fotografia fala por si só, e as quatro senhoras que ocupam o primeiro plano da foto traduzem sabedoria, experiência e principalmente o ato da resistência. Se pensarmos a respeito, são trinta anos de encontros simbolizados principalmente pelo sentimento de amizade e de que é possível, apesar de um novo estilo de vida, congregar participação, amizade, solidariedade, valores muitas vezes considerados ultrapassados na atualidade.

O evento foi bem intimista, saudosista e emocionante. Entre encontros e desencontros, todos demonstravam intimidade e amizade. A média de idade dos componentes do Beira Rio é de quarenta a cinquenta anos. Os fundadores da Turma estavam vestidos com uma camisa verde em homenagem aos 30 anos de amizade. Muitas histórias lembradas, muitos casos contados.

Logo na entrada do evento, havia alguns cartazes com fotos e documentos relacionados à origem da “Turma do Beira Rio” fixados na parede. Dentre eles, os “Deveres dos Sócios da Turma”, que são: beber até o fígado não aguentar; ficar constantemente bêbado; não pegar as pequenas; sempre que encontrar alguém bebendo, filar a maior quantidade possível; e nunca deixar nada para o santo. Isso demonstra o grau de descontração e união da Turma do Beira, formada por amigos ao longo de três décadas.

Na figura 22 podemos perceber que esses mandamentos não se perderam e ainda caracterizam o grupo, tendo em vista a interação com a bebida, com a comida, o respeito ao próximo, e o clima de “família” existente entre seus membros.



**Figura 22. Festa da Turma do Beira Rio. Acervo do autor (2010).**

Essa imagem também nos remete a um clima de alegria e pertencimento. Podemos observar que o alimento principal é o churrasco, elemento considerado agregador e que na grande maioria das reuniões e confraternizações não pode faltar. Na atualidade, as novas edificações não valorizam este sentimento agregador que o churrasco proporciona, pela falta de espaço, por restrições ou limitações impostas pelos condomínios e pela falta de condições apropriadas. Já em ambientes como esse, visualizados, por exemplo, nessa fotografia, percebemos o alto grau de agregação social que ele proporciona. Outro elemento presente aqui é o verde, ou seja, há plantas presentes no ambiente, fator não muito comum ultimamente em grandes construções.

A festa tinha o intuito celebrar a amizade entre pessoas prestativas que se gostam muito. Foi perceptível o carinho pelo próximo, pelo outro. Ela foi improvisada e

todo mundo ajudava a organizar, trazer a comida, fazer o churrasco, arrumar, limpar, servir e se divertir, conforme verificamos na figura 22. Exemplo da mais genuína cooperação e solidariedade social.

Todos tiravam fotos de todos. Era uma alegria só. As pessoas faziam questão de registrar aquele momento com fotos em grupo, em que todos pudessem ser clicados e eternizados para a posteridade, simbolizando a união, o respeito e a amizade.

No momento de cantar parabéns para a Turma, havia um bolo bem grande e enfeitado com a seguinte frase: “Turma do Beira Rio 30 anos de Amizade”. Todos se reuniram em volta da mesa, e fizeram silêncio. O Moura, um dos membros fundadores, fez um discurso em homenagem a todos os integrantes do Beira Rio, aos seus familiares, e à amizade. Muitos se emocionaram. A mãe do Moura, uma das fundadoras, também discursou. Um amigo que morreu há pouco tempo foi lembrado e todos bateram palmas. Também comentaram sobre o aniversário de casamento de Ana, que comemorava 24 anos de união com o seu marido.

A primeira senhora que bordou o primeiro uniforme do time foi homenageada. No final do discurso, Moura alertou aos filhos e netos da Turma para darem continuidade a essa amizade tão especial e verdadeira. Após isto, cantaram os parabéns em homenagem aos 30 anos. Em seguida, todos bradaram o grito de guerra do Beira Rio, abraçaram-se, posaram para fotos e continuaram a festa, comendo e bebendo, terminando já de noite. Depois de ter presenciado algumas horas da mais pura demonstração de companheirismo e solidariedade, fui embora com a sensação de que a sociabilidade entre esta turma resiste.

Participar dessa experiência foi muito gratificante, pois durante toda a pesquisa na Vila Olímpia não vislumbrava a possibilidade desse tipo de solidariedade ainda existir no bairro. A Turma do Beira Rio é uma verdadeira comunidade e assim é denominada pelos integrantes do grupo, considerando-se a existência da forte noção de pertença entre eles.

Esse sentido de pertencimento caracteriza o grupo, fazendo com que seus membros sintam necessidade de sentir-se parte do mesmo, porque se identificam com os valores, crenças e hábitos sustentados. Esta é a verdadeira ideia de coesão social, característica que reveste a comunidade como uma organização social de pessoas que partilham um interesse comum. Assim, podemos encontrar convergência entre o que nos expõe Weber (1973) e o que foi percebido na festa da Turma do Beira Rio, sobre os

princípios de convivialidade e laços afetivos com consenso de ordenar uma vida em comum.

Curiosa foi a escolha do local onde ocorreu o evento, uma oficina mecânica de propriedade de um dos membros da Turma. Em virtude do número de componentes, era preciso um lugar amplo que abrigasse os convidados, propício para o clima do encontro, ou seja, celebrar a amizade entre pessoas que se conhecem há bastante tempo. Por este motivo, adotaram a oficina, um ambiente privado, como extensão de suas casas, para se sentirem à vontade, identificando-se com o espaço, que está localizado na Vila Olímpia.

A oficina mecânica simboliza mais uma forma de resistência política deste grupo, pois devido à ausência de espaços públicos no bairro, eles são obrigados a realizar a festa, o encontro e produzir sociabilidades em espaços privados, o que nos remete à noção de que esses moradores assumem coletivamente as rédeas da organização do seu próprio cotidiano, agindo diretamente sobre suas vidas, consagrando o que se entende por gestão popular (Nunes, 2006).

Esse processo nos leva a traçar algumas ideias: a solidariedade que integra o grupo, uma vez que o dono da oficina mecânica transformou seu espaço privado de trabalho em um espaço de sociabilidade; a carência de espaços públicos na Vila Olímpia, ou a existência de espaços públicos que não funcionam e desumanizam a cidade, pois são espaços utilizados por uma determinada classe social; além da ideia de pertencimento, porque a oficina está localizada no bairro onde os membros do Beira Rio se conheceram e cresceram.

De forma prática, a Turma do Beira Rio resiste de diversas formas: a) pelo local que realizam a festa, o que denota a ausência de espaço público no bairro; b) pela data das festas (no dia das eleições), simbolizando um encontro também político; c) pela discussão sobre questões cotidianas e políticas, visando a melhoria da qualidade de vida no bairro, mesmo não morando mais lá (indicando que ainda existe identidade com o lugar); e d) pelo “motivo” da festa em comemorar 30 anos de amizade (para celebrar a sociabilidade e evitar a desintegração social).

Podemos afirmar, portanto, que esses atores sociais formam um grupo, em que valores como liberdade e segurança são essenciais para garantir a manutenção das relações sociais em uma determinada comunidade diante das dinâmicas de convivências humanas em tempos de globalização (Bauman, 2000).

Apesar da maioria não morar mais no bairro, em razão das forças do capital imobiliário oriundos de um urbanismo neoliberal segregador, a Turma ainda consegue



sustentar redes sociais com laços comuns, fortalecidos pela comunhão de pensamentos e ideias e, sobretudo, pela livre e espontânea vontade dos antigos moradores em perpetuar os laços de amizade, através de uma relação íntima, interior e exclusiva.

Mesmo a convivialidade não sendo tão constante entre essas pessoas, ainda há forte interação social baseada na coesão, na identidade de grupo, revigorando o caráter de comunidade da Turma, o que caracteriza o espaço social de proximidade relacional apontado por Fortuna (2006), onde as pessoas se ajudam sem obter algo em troca.

A sociação, portanto, é a base da sociabilidade dessas pessoas que parecem fazer parte de um mesmo estrato social, o que tonifica a troca de valores de forma mais democrática entre os semelhantes. Nesse grupo, não há oposição entre indivíduo e comunidade, pois a individualidade não é o que prevalece, mesmo com a complexidade das relações sociais.

Desse modo, o crescimento urbano desordenado do bairro da Vila Olímpia, e da metrópole de São Paulo, faz emergir a resistência política em meio à sociabilidade, que apesar de ameaçada, vem se fortalecendo. Parece que a segregação do processo avassalador de desenvolvimento desse espaço cristaliza as vozes que resistem, que lutam por uma sociabilidade mais ampla e humana, em que não se sobreponha a liberdade individual à solidariedade social. É para isso que a Turma do Beira Rio resiste.

Esse caso nos demonstra que a tradicional noção de comunidade e identidade não desaparece com o crescimento da metrópole, mas é transformada por práticas e experiências produzidas no espaço urbano que se materializam em novas formas de sociabilidades, simbolizando a resistência de uma verdadeira cultura de bairro.

#### **4.2. A COMUNIDADE COLISEU**

A Comunidade Coliseu, assim denominada pelos seus moradores, é uma favela formada na região da baixa Vila Olímpia, próxima ao Rio Pinheiros, em uma área de várzea, antigamente conhecida como “Brejo Alegre”. Surgiu em meados da década de 1950, composta por quatro tipos de migrantes: pernambucanos, mineiros, baianos e alagoanos, que vieram para São Paulo e se estabeleceram nessa região, para tentar melhores condições de vida.

A partir da década de 1960, com a modernização do bairro atrelada ao processo de favelização brasileiro, a comunidade foi crescendo, tendo em vista que estava



localizada relativamente próxima de fábricas, pequenas indústrias e comércios, o que favorecia aos moradores da favela morarem próximo ao trabalho. Enquanto o bairro ia se desenvolvendo e se urbanizando, a favela ia se marginalizando, sem esgoto, água encanada, sem asfalto, ou luz elétrica.

Como sabemos, as transformações urbanas de mais impacto no bairro ocorreram a partir de 1970, com a canalização dos Córregos da Traição, do Sapateiro e Uberaba e Uberabinha, abrindo espaço para avenidas como a dos Bandeirantes (antiga Estrada da Traição), Presidente Juscelino Kubitschek e Hélio Pellegrino. O objetivo foi solucionar os frequentes alagamentos que desvalorizavam os terrenos do bairro. A antiga Estrada de Santo Amaro, que ligava o Centro da capital paulista com o município de Santo Amaro, passou a ser importante via de acesso ao bairro da Vila Olímpia. Todas estas transformações foram resultado das operações urbanas consorciadas que se proliferaram ao longo da década seguinte.

Já na década de 1990, com o *boom* do mercado imobiliário, o bairro se valorizou intensamente passando a ser uma das áreas mais caras da cidade de São Paulo, em decorrência do modelo de urbanização neoliberal. Ocorre que todas essas transformações não contribuíram para a melhoria da qualidade de vida da Comunidade Coliseu; pelo contrário, durante os anos que se passaram, a favela foi ficando cada vez menor, sem infraestrutura urbana, simbolizando uma verdadeira forma de resistência ao processo de urbanização excludente, e à deterioração das relações sociais.

Hoje, encontra-se cercada por arranha-céus espelhados, como o E-Tower, um dos prédios comerciais mais modernos de São Paulo; ao lado do maior templo de luxo da América Latina, o Shopping JK; cortada pela Rua Funchal, via arterial do mercado imobiliário, corporativo e financeiro; e limitada pela Marginal do Rio Pinheiros ao fundo, conforme verificamos na figura 23.



**Figura 23. Comunidade do Coliseu. Ao lado direito o E-Tower. (Google Maps, 2012).**

Nesta figura, podemos observar a Comunidade Coliseu ocupando uma estreita área e espremida por suntuosos edifícios. O tipo de casa e inclusive de veículos destoam completamente do que podemos visualizar no bairro da Vila Olímpia. A rua é estreita e não observamos nenhum tipo de espaço de convivência, ou mesmo de lazer. Outro objeto que verificamos na rua é uma carroça de materiais de reciclagem denotando o tipo de ocupação que exercem esses moradores. É como se os moradores desse lugar estivessem cada vez mais acudados.

A Comunidade Coliseu é um caso emblemático, símbolo de todas as formas de desigualdade existentes nas cidades brasileiras, pois apesar de estar inserida em uma zona onde o metro quadrado é um dos mais caros de São Paulo, seus terrenos sofrem a total falta de infraestrutura, saneamento básico, e condições dignas de moradia, não garantidas pelo poder público.

Para compreendermos o sentido de resistência política deste enclave, cumpre argumentarmos sucintamente algumas considerações sobre favela. Sabemos que as favelas ou aglomerados urbanos informais surgem, principalmente em cidades de países em desenvolvimento, dentre outros motivos, como reação das classes desprestigiadas pelo sistema capitalista.<sup>125</sup> Além disso, na maioria das vezes, as favelas são formadas por pessoas que migraram do campo para a cidade, ou que vêm de cidades do interior para a metrópole, em busca de melhores condições de vida, entretanto, se deparam com a imensa desigualdade social e de oportunidades.

---

<sup>125</sup> Para uma melhor compreensão sobre as contradições da cidade capitalista, ver Santos, 1982, 1983.

Dessa forma, o espaço urbano passa a ser aquele em que coexistem práticas sociais bastante diversificadas, o que acarreta determinadas distorções. Para Velho e Machado da Silva (1977), uma dessas distorções seria a favela, a qual é tradicionalmente encarada como uma zona geocológica “especial” da cidade.

A favela representa, portanto, uma categoria oprimida da população em que no meio urbano retrata uma determinada segregação social refletida por inúmeros fatores, tais como: renda, natureza do trabalho, características raciais, étnicas, *status* social, costumes, hábitos, gostos, preferências e preconceitos de acordo com os quais a população urbana é selecionada e distribuída em locais mais ou menos distintos<sup>126</sup>.

Essas desigualdades são reflexo da segregação territorial, base do sistema colonial-capitalista em que até hoje reina a ótica da apropriação/violência. Isto porque, apesar do fim do colonialismo político, a colonialidade do poder continua (o colonialismo social ou cultural) em cidades de países em desenvolvimento, motivo pelo qual ainda vivemos uma intensa exclusão social oriunda da relação Norte e Sul (Santos, 2006a, 2007).

Podemos afirmar, assim, que a Comunidade Coliseu é uma forma atual de opressão e exclusão da colonialidade do poder, fruto de uma segregação social e urbana proveniente de um processo histórico político da teoria colonial.

Sabemos que a luta urbana advém de problemas sociais provocados, principalmente, pelo crescimento acelerado e anárquico das cidades nas sociedades capitalistas, e para uma significativa emancipação social, é de suma importância que esses questionamentos venham à tona, para que então as ausências se tornem presenças, possibilitando, assim, uma reinvenção da teoria das cidades. Isto porque, as cidades e sociedades modernas não produzem soluções modernas para os problemas sociais, motivo pelo qual acreditamos ser necessária a reinvenção da emancipação social (Santos, 2006a).

Essa reinvenção deve levar em consideração, sobretudo, as práticas e experiências não consideradas válidas pela teoria social, isto é, deve evitar o “desperdício da riqueza da experiência” (Santos, 2006b), para delinear o caminho para a construção de uma contra-hegemonia emancipatória. A base desse processo está na Ecologia dos Saberes, onde uma Sociologia das Ausências ampliará e expandirá o domínio das experiências sociais já disponíveis, e a Sociologia das Emergências

---

<sup>126</sup> Sobre a constituição das populações dos bairros de periferia dos grandes centros urbanos, ver Oliven, 1980.

expandirá o domínio das experiências sociais possíveis. O instrumento utilizado para revelar essa imensa diversidade de experiências sociais será o trabalho de tradução, o qual aplicará a inteligibilidade mútua entre experiências possíveis e disponíveis sem destruir sua identidade (Santos, 2006b).

Considerando que a Comunidade Coliseu é um reflexo da cidade ilegal, e que nesse lado da cidade há espécies de relações sociais alternativas, ou seja, formas distintas de interação social, de sociabilidades específicas e próprias, muitas vezes diferentes da cidade legal, não podemos desperdiçar tais práticas sociais, pois poderão ser decisivas no processo de emancipação social. Assim, devemos olhar para as práticas urbanas e vê-las a partir da base, a partir das classes populares, através da lógica da razão cosmopolita (Santos, 2006b), caso contrário, permaneceremos indolentes à produção do conhecimento, e a uma conseqüente teoria emancipatória das cidades.

A resistência por parte de comunidades como a Coliseu demonstra o momento revolucionário atual, caracterizado pela busca incessante de cidadania. Por este motivo, devem surgir inovações institucionais importantes, novos movimentos sociais; novos sujeitos coletivos na cidade; novas subjetividades coletivas na cidade; movimentos urbanos extraordinários. Os movimentos de emancipação social devem ser pensados a partir do Sul, e a luta urbana deve ser contra-hegemônica em face do modelo urbano neoliberal.

Conhecida como a favela milionária da Zona Sul, a Comunidade Coliseu está localizada numa área de zoneamento misto com valor do metro quadrado elevado, e como está dentro da Operação Faria Lima, o coeficiente de aproveitamento pode chegar a quatro vezes a área do terreno, Com isso, considerando o limite superior de aproveitamento, o metro quadrado pode chegar a R\$ 10 mil (iG São Paulo, 2013).

Por este motivo, ao longo de todos esses anos, a favela vem sendo comprimida pela força do mercado imobiliário no seu entorno. Um exemplo desse processo foi a perda da área onde se localizava a quadra de esportes da Comunidade para um empreendimento comercial vizinho, o que prejudicou o lazer, a sociabilidade, a identidade e até a memória da favela, pois os moradores sempre se reuniam nesta quadra para praticar esportes, sendo um importante ponto de encontro local, uma vez que o bairro não agrega as pessoas da favela ao espaço, e sim exclui esses moradores.

Quanto às formas de sociabilidades da Comunidade, ressaltamos as antigas tradições religiosas herdadas do Nordeste, como a Folia de Reis, e a semana de oração, em que se levavam santos nas casas dos moradores aos domingos para rezar o terço.

Além disso, o folclore e o forró faziam parte da cultura dos mesmos, e ainda as tradicionais festas de fim de ano.

Hoje, a indiferença pelo próximo, pelo vizinho, prejudica a realização de atividades comunitárias entre os habitantes da favela, principalmente nos finais de semana, pois não têm um espaço de encontro para conversar, um espaço comunitário para praticar o lazer, para as crianças brincarem, para ouvir música, cortar o cabelo, fazer a unha ou simplesmente se reunir.

Durante a pesquisa na Comunidade, tive a oportunidade de entrevistar um antigo morador conhecido como Zezinho, que veio para São Paulo há trinta e quatro anos, como a maioria dos nordestinos em busca de melhores condições de vida, e mora na Comunidade desde então. Trabalhou em algumas fábricas e empresas da região, e atualmente é reciclador; caminha pelas ruas do bairro coletando o lixo reciclável, principalmente papelão.

Questionado sobre a sua relação com o bairro, o morador responde:

(...) gosto demais desse bairro, esse bairro é um pedaço da minha vida, foi aqui que os meus filhos nasceram, foi aqui que o meu netinho já nasceu, já faz dois meses que nasceu, então... Tem tudo a ver comigo, é a minha casa mesmo. Eu gosto de andar na Rua do Rocio, lá eu tenho várias pessoas que eu conheço. Na Rua Helena, na Gomes, Gomes de Carvalho, na Rua das Olimpíadas, é... Luiz Ferraz, na Faria Lima... Vou nas feiras, no corpo de bombeiro. Lá em cima tem um boliche que eu frequento, o bolichinho... As vezes eu vou lá no corpo de bombeiro que tenho um amigo policial do corpo de bombeiro que fala: “E aí, como é que é?” Aí, eles falam: “Entra aí, seu Zezinho, que nós vamos...” Então... nós temos contato, somos um pouco conhecidos no bairro também, assim, sabe.<sup>127</sup>

Nesse trecho, percebemos que a identidade com o bairro está relacionada com a história de vida do entrevistado que mora na região há trinta e quatro anos, local onde praticou suas experiências e construiu sua trajetória. Com o objetivo de se incluir no bairro, Zezinho procurou se adaptar às transformações urbanas ao longo dos anos, motivo pelo qual começou a exercer a função de catador de lixo, pois sempre se considerou articulado com as pessoas, cumprimentando todos com cordialidade, o que o levou a ficar conhecido nas suas andanças pelas ruas do bairro.

Vislumbramos um paradoxo nesta questão, pois ao mesmo tempo em que o entrevistado é residente no bairro, precisa criar artimanhas para se inserir e se identificar com o mesmo, uma vez que a transformação do espaço exclui o morador ao invés de incluí-lo.

---

<sup>127</sup> Zezinho (2011) São Paulo: 25 de agosto.

Quando questionado sobre o crescimento do bairro, o mesmo afirma:

Nós tamo no centro da... nós tamo no olho do furacão mesmo. Pra lhe falar, nós tamo aqui perto de empresa como E-Tower, essa empresa... O Grupo Millenium, empresa Via Funchal clube de show, a Daslu, aqui, as casa de show daqui da frente, tamo encostado na Faria Lima. Tamo a menos de dois quilômetro da “Rede Grobo” que é famosa, sabe... Tamo no centro de um dos mais importante de São Paulo, porque que num... nós num luta por essas coisa que é boa pra nós? (*idem, ibidem*).

O entrevistado, apesar de se identificar com o bairro, reconhece que não está inserido no mesmo, pois vive numa favela incrustada no coração de uma centralidade como a Vila Olímpia, pois o bairro, da forma como está crescendo, não engloba moradores como o Zezinho, pelo contrário, tende a “expulsar” progressivamente essas pessoas, posto que não é de responsabilidade ou interesse da iniciativa privada construir empreendimentos para a população de baixa renda nessa região.

Assim, o morador reconhece que vive em uma centralidade, em um bairro onde há forte concentração do capital financeiro e empresarial, entretanto, percebe que não participa, e não está incluído nessa centralidade, por ser morador da favela, ficando alheio aos benefícios do progresso, representando uma verdadeira forma de resistência o urbanismo neoliberal.

Zezinho, apesar de não ter estudo, procurou se informar e se inteirar com o mundo através do lixo que recolhe para reciclagem. Entre papéis, jornais, revistas, livros, discos e papelões, o catador sempre lê, ouve e procura informações cotidianas para tentar se enquadrar no estilo de vida cada vez mais distante da sua realidade. Apesar disso, ainda tem forças para reclamar, a sua maneira, empurrando uma carroça com dizeres de protesto contra o descaso do poder público para com os moradores da favela, simbolizando a resistência a um modelo excludente, como observamos na figura 24.



**Figura 24. Zezinho em um dia de trabalho. (Holitz, 2010).**

Essa fotografia novamente destaca a desigualdade social existente na Vila Olímpia. Principalmente por se tratar de um morador do próprio bairro. Muitas vezes, observamos pessoas de baixa renda como catadores de lixo que cruzam toda a cidade a fim de conseguirem objetos que valham mais no preço final da reciclagem. Saem das periferias, atravessam a cidade e fazem dessa “aventura” seu sustento. No cartaz colado na carroça de Zezinho, percebemos uma mensagem contundente no que diz respeito à exclusão social escancarada pelos quatro cantos do país. Interessante notar a consciência social e política de Zezinho no que diz respeito ao papel fundamental que ocupam os recicladores na cidade de São Paulo.

A desigualdade urbano-social no bairro remete o entrevistado ao Muro de Berlim, e ele se questiona:

(...) esse muro representa o que? Essas grandes empresa, tudo isso que tá sendo construído ao nosso redó, tudo isso, esses imposto que o governo tá dando, por exemplo, pro estádio de futebol, o governo tá dando quatrocentos milhões aí pra construí... qué dizê isso pra mim, eu vejo, Zezinho... eu vejo isso aí como o grande muro, sabe (...). Então eu posso pegar isso daqui e falar que isso é um Muro de Berlim, isso é uma verdadeira vergonha eu ver o meu dinheiro do imposto de renda sendo gasto, quatrocentos milhões em um estádio de futebol, sendo que nós tamo num bairro que sequer tem asfalto pra se andar, sequer você pode andar, porque na hora que chove empoça tudo (...). Essa é a visão do Muro. O Muro de Berlim pra mim é isso. Porque lá na Alemanha, os governante lá tiveram vergonha na cara... Eles falaram: “Vamo derrubar o Muro, vamo quebrar, vamo tirar esse muro da vergonha aqui, vamo desmanchar na martelada”. E nós aqui no Brasil não... Nós moramo na Vila Olímpia, num bairro que tem muro de cinco, de dez metro, tudo cercado, com cerca de arâme... Por que? Porque nós não temo coragem de dividir nessa... nessa... nesse... nessa história da comunidade, de gente. Você vê... um emprego é muito pouco. Num queremos nada, num queremos que as empresa aqui e o governo dê nada pra nós, nós queremos apenas uma coisa

que se chama dignidade e respeito (...). É como se eu tivesse dentro do Brasil e eu saísse de dentro do Brasil, na hora que eu saio da Rua Coliseu e entro na Rua Funchal, é como se eu tivesse saindo de dentro do Brasil e entrando nos Estados Unidos, é como se eu tivesse saindo de dentro do Paraguai e entrando dentro do Brasil (*ibidem, ibidem*).

Esta fala contundente de um morador que vive há mais de trinta anos na favela e que participou de todo esse processo segregador e de exclusão, fomentado pela urbanização e pelo mercado imobiliário, com a aquiescência do poder público, é extremamente relevante para compreendermos a Comunidade Coliseu como símbolo da desigualdade do desenvolvimento e de resistência à desestruturação das relações sociais.

Os muros físicos (materializados pelos enclaves fortificados) e simbólicos (cristalizados pela desigualdade urbano-social) ressaltados pelo entrevistado demonstram a face nua e crua da urbanização do bairro, em que a favela destoa completamente da realidade local, os moradores da comunidade não vivenciam o bairro, não frequentam os espaços privados por não se enquadrarem no perfil do morador, tampouco usam os espaços públicos por serem estes escassos, degradados ou sem função.

O entrevistado compara a Vila Olímpia com os Estados Unidos e a Comunidade Coliseu com o Brasil para demonstrar o abismo em que vive. Ao mesmo tempo em que o bairro está se desenvolvendo, habitado por empresários que dirigem Ferrari e usam Rolex, trabalhando em megaempreendimentos imobiliários representantes da mais moderna arquitetura, dotados da mais avançada infraestrutura, os membros da Comunidade Coliseu ainda resistem a todo este processo, morando num local desprovido de condições mínimas de vida, como água encanada, luz elétrica e saneamento básico, motivo pelo qual Zezinho menciona a falta de dignidade e respeito em face da inércia do poder público.

Atualmente, além de reciclador, o entrevistado é grafiteiro e tem vários grafites pintados no muro que divide a comunidade com o E-Tower, prédio empresarial de luxo, situado ao lado da Coliseu. Os desenhos começaram a mobilizar o espírito de solidariedade entre os moradores da comunidade, pois com a temática religiosa, chamou a atenção das pessoas que passaram a admirar sua arte (figura 25).





**Figura 25. Grafites do Zezinho. (Google Maps, 2012).**

Nessa outra figura, podemos observar toda a arte dos grafites e de Zezinho. Entre caçambas de lixo, precariedade, casas sem acabamento, automóveis antigos que ocupam indevidamente o espaço, podemos supor que o grafiteiro, através de sua arte quer ampliar esse espaço, criando ao mesmo tempo o efeito de uma estética que dê beleza ao lugar e também ocupe, novamente, o papel da resistência, já que a arte também pode ser encarada assim, mesmo que não queira ou não tenha a mínima intenção de ocupar esse papel. Isso só demonstra os mais diversos talentos abafados em espaços mínimos e muitas vezes sem voz.

É como se o grafite maquiasse o “muro da vergonha”, o muro da segregação, o “Muro de Berlim”, ressaltado pelo entrevistado. A arte, neste caso, foi um instrumento subjetivo desenvolvido pelo morador para minimizar o sofrimento de vidas desprovidas de um mínimo não garantido pelo Estado para a sobrevivência desses cidadãos.

Questionado sobre seu sonho para a comunidade, Zezinho afirma que o que mais deseja é ver as pessoas felizes, com casas de tijolo, com um alicerce, com comida na mesa, longe das drogas, ver as mães levando seus filhos para a escola, os pais cuidando de suas famílias com emprego para que possam viver com dignidade.

Esta é a natureza da resistência política no espaço urbano, onde a luta por um direito à cidade fortalece as relações de sociabilidade existentes, levando em consideração as práticas sociais, proporcionando verdadeira justiça social e equidade.

Segundo a líder comunitária da favela, Rosana Maria dos Santos, mais conhecida como Rosa pelos moradores – com a qual tivemos oportunidade de conversar durante algumas visitas à comunidade –, famílias que moram há mais de cinquenta anos

no local estão recebendo ordens de despejo da prefeitura tendo em vista a pressão do mercado imobiliário para a “transformação” do lugar.

Com a atuação da Defensoria Pública, Rosa conseguiu frear algumas ordens de despejo e as tentativas de remoção, pois para ela as intimações foram recebidas com surpresa. “Os empresários se incomodaram com nossa presença. Mas nós chegamos primeiro! A gente não incomoda, mas somos incomodados por esses prédios enormes que nos isolaram”, rebate Rosa a qualquer insinuação de que eles estariam no “lugar errado”.

Trata-se de uma forma nítida de resistência perante a ameaça de desaparecimento da favela, que vem sofrendo fortes pressões do mercado imobiliário e financeiro, com a ajuda da prefeitura, em razão da sua localização estratégica.

Vale ressaltar que, após inúmeras reivindicações dos moradores da favela para obter melhores condições de vida, o poder municipal, através da Secretaria Municipal de Habitação, aprovou em 2010 um Plano Municipal de Urbanização para a favela Coliseu.

Os barracos autoconstruídos darão lugar à arquitetura característica dos conjuntos habitacionais de baixa renda, com seus prédios baixos, os quais seguirão ladeados por espigões milionários. A área a ser desapropriada de 4.638 m<sup>2</sup> dará lugar a 252 unidades habitacionais com 47 m<sup>2</sup> cada, e no prazo de três anos abrigará prédios residenciais com dez pavimentos e dois térreos, destinados a equipamentos públicos e sociais de geração de renda como creche, salão de festas, restaurante-escola e oficinas de capacitação (Berman Jr., 2012).

Para a líder comunitária, o plano só fala em remoção e não em reurbanização. Caso haja a melhoria nas condições de moradia, resta saber se será eficaz e se de fato repercutirá positivamente para esses moradores, melhorando a tão sonhada qualidade de vida. Espera-se que a área não seja desocupada e sugada pelo mercado imobiliário, que mediante especulação, comercializará os terrenos em valores muito além da realidade, o que não será revertido para os moradores, por não deterem a propriedade de suas casas.

Na prática, os projetos de reurbanização de favelas em áreas de interesse para a iniciativa privada não são concretizados, uma vez que no momento da remoção dos moradores, os mesmos acabam não retornando para a sua área de origem, e a favela se desintegra, dando lugar a condomínios verticais de luxo e a megaprojetos arquitetônicos empresariais e residenciais, considerando-se a supervalorização dos terrenos da região.

Assim, podemos afirmar que a favela Coliseu resiste: a) ao destruidor modelo de urbanização neoliberal; b) com a luta para permanecer no espaço habitado há mais de cinquenta anos; c) por meio da luta por melhores condições de moradia e vida dignas; d) através de práticas sociais como as expressões artísticas de alguns moradores que empregam em sua arte ou profissão o desejo de mudança.

Percebemos, assim, a natureza política da resistência na luta contra a ameaça de destruição e desaparecimento da favela diante dos empreendimentos imobiliários em seu entorno. Isto compromete a memória, a história, a tradição e o costume de um grupo de indivíduos que construiu uma vida inteira no bairro, que participou da transformação do espaço, e atualmente sofre por não se sentir parte integrante do mesmo, tendo que, muitas vezes, ser expulso do próprio lar, do próprio bairro.

#### **4.3 O FUTURO DAS RELAÇÕES SOCIAIS NO ESPAÇO URBANO DA VILA OLÍMPIA**

Não pretendemos neste tópico aprofundar os rumos das relações sociais no espaço urbano da área em estudo, tema por si só abrangente e complexo, mas tão somente argumentar que a maneira como essas relações estão sendo construídas hoje ameaçam o tecido social, tendo em vista as consequências destrutivas da urbanização segregadora de grandes centros urbanos, vinculadas às forças do mercado imobiliário que transformam de forma significativa o espaço urbano e social dos habitantes das cidades.

No caso da Vila Olímpia, lócus da nossa pesquisa, novas relações sociais estão predominando em decorrência do surgimento de novos espaços, do novo urbanismo, dos novos moradores, perfazendo um bairro mais global, não relacional, onde as pessoas interagem cada vez menos entre si, derrubando um dos pressupostos essenciais para a vida urbana, qual seja a interação social.

Isto porque a sociedade atual é a do espetáculo, guiada por ferramentas que inibem a criação, o aprimoramento e o redescobrimto de laços sociais reais que fazem a diferença na vida e no cotidiano das pessoas. É certo que a internet, por exemplo, reduz as limitações de custo, espaço e tempo, aproximando as pessoas pelo compartilhamento de informações abertas em tempo real disponíveis na *web*. Tais informações, cada vez mais personalizadas, intensificam a interatividade do homem com a tecnologia, enfraquecendo a interação real entre as pessoas.

Portanto, estamos diante de uma nova realidade, uma realidade virtual, caracterizada pela globalização da cultura, da política, da economia, dos costumes, e de tudo o que seja suscetível de apreciação pelo homem. O mundo virtual passa a fazer parte da realidade como uma fantasia, totalmente criada e inventada para satisfazer os anseios e desejos humanos.

O potencial tecnológico passa a ser mais importante que o potencial humano na tentativa de se criar um novo mundo, através de outro olhar, de mudanças de hábitos. Entretanto, este novo mundo só será possível se acreditarmos na transformação do potencial humano (Bauman, 2009).

O homem é suscetível a processos adaptativos, em que novas formas de organização social surgem impulsionadas, sobretudo, pelos efeitos da globalização nas cidades. Assim, novos acordos contratuais, novas relações sociais e de interesse corroboram a lógica do mercado, mediada pela forte competição individual. Por conseguinte, surge um novo urbanismo, e atrelado a ele, novos estilos de vida urbana decorrentes de todo este processo.

Segundo Rybczynski (1998, *apud* Frúgoli Jr. 2002), este *New Urbanism*, recentemente surgido nos Estados Unidos, tem o propósito de criticar o modelo de suburbanização americano, embora também seja uma invenção com características antiurbanas, posto que tem a intenção de criar comunidades de pessoas, planejadas pelo capital imobiliário, por meio de um novo desenho urbano, capaz de conceber uma ‘minicidade’ completa.

Frúgoli Jr. (2002) ilustra bem esta análise ao argumentar a construção da *Celebration*, cidade planejada no estado da Flórida pela *Disney Corporation* para vinte mil habitantes, como experiência de “fuga da cidade moderna”, apartada dos problemas urbanos reais. *Celebration* é controlada por uma empresa que prima pela “cidade perfeita”, pautada em um código de regras inflexíveis que padroniza o comportamento dos moradores, o uso do espaço e a paisagem do meio ambiente. O município em que está localizada a área não interfere na administração, tendo em vista um acordo realizado entre a *Disney* e o governo da Flórida que transferiu para a empresa todos os direitos administrativos de suas propriedades.

Assim, um funcionário da empresa é designado para exercer a função administrativa e legislativa da cidade, planejando o espaço e a vida dos moradores, organizando festas de quarteirões com o objetivo de criar uma identidade homogênea

para os mesmos. A cidade é construída sem prefeitura ou qualquer outra forma de organização político-administrativa (Lara, 2001).

Esse exemplo nos remete a uma vida imaginária, faz de conta, em uma cidade planejada, que tenta concretizar fantasias irrealizáveis; uma vida não real em um enclave fortificado com suas peculiaridades e singularidades. Esse modelo de urbanismo, ao invés de incrementar a socialização entre vizinhos em uma ‘minicidade’ ou em bairros planejados (com todos os equipamentos necessários), aprofunda uma “realidade” de isolamento e alienação entre os indivíduos que partilham a mesma paisagem, onde a arquitetura das casas é igual e o estilo de vida é homogêneo.

Na medida de suas proporções e especificidades, o que está acontecendo na Vila Olímpia hoje é uma tentativa do mercado imobiliário de ‘planejar’ o bairro de forma que fique gradativamente mais atrativo para o novo morador, que busca a padronização de um estilo de vida materializado na verticalização de enclaves fortificados para uma população de alta renda.

Isto repercute em uma tentativa de pasteurização do estilo de vida personalizado por antigos moradores que ainda residem ali, modificando a paisagem, a arquitetura, e destruindo a história e a memória do bairro. Portanto, o que resta da Vila Olímpia tende a desaparecer, tanto em relação ao seu espaço físico, aquele ainda não verticalizado que será engolido em breve pela urbanização e especulação imobiliária, quanto às tradicionais formas de interação social que existem no bairro, as quais sucumbirão perante o estilo de vida gradualmente mais globalizado e individualizado.

Apesar disso, atrelada à noção de destruição e construção do processo neoliberal, destacamos as vozes da resistência representadas nesta tese pela Comunidade Coliseu e pela Turma do Beira Rio, ambas sediadas na Vila Olímpia e que tentam resistir a toda a ameaça de destruição do espaço urbano e de suas relações sociais, simbolizada, dentre outros motivos, pela prevalência dos espaços privados e pelo desrespeito generalizado ao espaço público, comum, coletivo.

Essas vozes tentam abrir espaço à resistência política para serem ouvidas, e combater uma política tendenciosamente neoliberal mesmo que seja através de formas limitadas de resistência dessa crescente (des)ordem. Isto porque o neoliberalismo não resulta na homogeneidade da cidade, mas em uma paisagem em constante mudança de experimentação, de reestruturação de um aprendizado (anti)social (Peck; Tickell, 2002).

Devemos possibilitar que um dinâmico e revolucionário sistema social como o capitalismo (re)descubra novas formas e modos de regulamentação política e social,

novas formas de resistência estrategicamente direcionadas para representar tanto um obstáculo ao neoliberalismo como um estímulo a sua contínua transformação.

Precisamos fazer da cidade um espaço compartilhado, observado, fruído de experiências e práticas sociais diversas. As estratégias coletivas indicam formas pontuais de intervenção política chamando atenção para outras experiências de vida em comum na cidade, reivindicando novas possibilidades de viver a cidade, promovendo novos estilos de vida, mais atentos às exigências de uma vida convivial (Duarte, Santos: 2012).

Essas novas formas de atuação política visam articular uma vida menos singular ou autoritária e mais plural e coletiva, experimentando outras formas de viver coletivamente na cidade que se materializam no plural. A resistência política no século XXI tenderá a politizar espaços e experiências que antes permaneciam silenciosos ou apolíticos para produzir pequenas perfurações no tecido urbano.

Neste aspecto, concordamos com Harvey (1989) quando assevera que refazer a cidade significa refazer a nós mesmos. Isto porque, a cidade tem sido por muito tempo um epicentro de criatividade destrutiva, devendo ser concebida pelo esforço coletivo e pela formação de direitos políticos coletivos ao redor de solidariedades sociais.

Como afirma Gehl (2012), “nós moldamos a cidade e elas nos moldam”, o que demonstra que a qualidade de vida de seus habitantes está inextricavelmente relacionada com o modelo de urbanização adotado. Tal modelo deve prioritariamente favorecer a arte do encontro em todos os momentos de convivência na cidade, construir espaços de trocas e compreender a estrutura desses espaços para que a dimensão humana não se perca.

Os espaços públicos seguros, bem infraestruturados e frequentados por diferentes habitantes podem ser um aliado para este modelo de cidade, pois é capaz de conectar dois elementos fundamentais à qualidade de vida urbana: a identidade e a coexistência (*idem, ibidem*).

Não é demais lembrarmos que a realidade atual está relacionada com o avanço da tecnologia que reconfigura os relacionamentos e os aspectos culturais da sociedade, questionando as atuais definições de amizade e privacidade, acentuando a diminuição do contato pessoal em detrimento do aumento das relações virtuais. Assim, as relações *face to face* são frequentemente complicadas e as relações virtuais mais fortes. O tempo real é diferente do tempo virtual, fomentando relações superficiais, expondo a privacidade e proliferando a intolerância (Anderson, 2010).

Isto configura a complexidade dos problemas sociais que, segundo Morin (2003), gerou uma crise de sociabilidade nas sociedades contemporâneas, potencializada pela ausência de valores baseados no amor e no afeto, e pela busca da compreensão do outro. Os laços sociais mais fracos não fazem muita diferença na vida das pessoas.

A fragilidade das relações sociais também tem a ver com a falta de confiança entre as pessoas, posto que configura a desorganização social, dificultando a cooperação e articulação entre os indivíduos, isto é, diminuindo o capital social dos mesmos. Para Putnam (1993), um capital social volumoso é aquele construído por uma forte relação de confiança entre os indivíduos, e isso ocorre através da sociabilidade, e das relações de interação social. Quando estas são ameaçadas, o capital social se enfraquece.

Portanto, não se deve ignorar o passado, já que na vida moderna ele se faz presente, mesmo que configurado sob outros aspectos e invisível aos olhos de muitos, mas sim entender o que é novo e diferente no presente para compreender que novas formas e padrões pós-modernos de vida estão surgindo em decorrência das transformações urbanas efetivamente mais presentes. Assim, é necessário abrir os olhos para a imaginária reestruturação urbana e a crescente hiper-realidade da vida diária para absorver e conduzir os desafios de uma sociedade do simulacro (Soja, 2002) caracterizada por um novo urbanismo como modo de vida.

O futuro das relações sociais no meio urbano é incerto. Nos próximos vinte ou trinta anos as relações sociais estarão diferentes, as mudanças serão muito mais intensas pela velocidade dos fatos e das coisas, o ser humano não apenas observará a tecnologia, mas, sobretudo, participará dela, através da interação tecnológica e não apenas social. De todo o modo, a partir de agora, as relações sociais no meio urbano serão pautadas no modelo de cidade que queremos construir e para quem essas cidades serão construídas.

Desse modo, precisamos olhar para o presente de forma a construir algo criativo para ser concretizado no futuro. A internet é fruto da ação humana e hoje em dia o homem é fruto do que se compartilha nas redes sociais, as quais produzem novas formas de relações que devem ser encaradas sem as lentes do preconceito. Apesar de ser apenas um instrumento, a tecnologia pode sim ser útil para fazer novas conexões e (re)inventar a realidade social no meio urbano.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta tese de doutoramento, analisei a sociabilidade na metrópole de São Paulo como um fenômeno social que vem sendo remodelado pelas constantes transformações urbanas oriundas do acelerado processo de urbanização neoliberal. Para tanto, foi importante revisitar as teorias sobre a metrópole moderna para compreender que a proposta da modernidade como fundamento da metrópole é contraditória em sua base.

Neste sentido, o diálogo com teóricos clássicos como Weber, Durkheim, Berman, Benjamin e, sobretudo, Simmel, além dos estudiosos da Escola Sociológica de Chicago, principalmente Park, Wirth e Burgess, ajudou-me a compreender que a metrópole moderna transformou as relações sociais no meio urbano, fazendo surgir novas formas de vida, de produção e interação social, trazendo um novo modo urbano de viver, morar, trabalhar e de se relacionar. Assim, não só a metrópole como o urbanismo molda e define o comportamento dos indivíduos.

Destaquei como relevante contributo a análise Simmeliana que aponta a impessoalidade e a individualidade como principais características da metrópole moderna que, baseadas no poder do dinheiro, do capital, atravessam as relações sociais, tornando o outro, a cidade e o urbano insignificantes. A insignificância da vida na metrópole encontra respaldo na atitude *blasé*, tendo em vista a preservação da autonomia e da individualidade, o que abala a estrutura do indivíduo como ser social.

Não menos importantes foram os estudos desenvolvidos pela Escola Francesa de Sociologia abordando nomes como Lefebvre, Castells e Lojkine, que influenciaram posteriormente as ideias de autores como Harvey, Soja, Dear e Zukin – representantes da Escola Sociológica de Los Angeles – essenciais para relacionar a questão do desenvolvimento e crescimento das cidades com o neoliberalismo e a globalização, o que facilitou a minha compreensão sobre as contradições urbanas uma vez que hoje o mundo é urbano e o urbano é neoliberal.

Assim, percebi que mesmo após um século, desde Simmel, as teorias sobre a metrópole ainda não conseguiram dar conta das transformações que influenciaram e influenciam o espaço urbano, em especial, àquelas que dizem respeito às relações sociais de indivíduos que integram este espaço em constante mutação.



Desta forma, compreendi que a realidade social, advinda da modernidade, revolucionou de maneira intensa as relações sociais, as interações entre os indivíduos, inaugurando novos e diferentes estilos de vida nas cidades, e continua a fazê-lo.

Para aprofundar a discussão, resolvi estudar a metrópole de São Paulo, considerando o seu avançado processo de metropolização, baseado em um modelo de desenvolvimento urbano neoliberal que, cada vez mais, acentua problemas sociais, comprometendo as relações entre as pessoas, em que o estranhamento, a imprevisibilidade e a exacerbação da individualidade, alteram a interação, as experiências e o modo de vida dos habitantes da cidade.

A metrópole de São Paulo, com seus problemas e peculiaridades, é um cenário instigante de análise que possibilitou identificar algumas consequências do projeto inacabado da Modernidade. A capital paulista do século XXI, ora considerada uma megacidade, ora com tímidas características de cidade global, ora com profundos sintomas de uma cidade periférica, também agrega vários bairros dormitórios ou satélites, pois apresenta várias cidades dentro de uma só, é ao mesmo tempo uma cidade pós-industrial e uma cidade pré-capitalista.

Esta conjuntura representada, dentre outros fatores, pelo desenvolvimento dos transportes, das comunicações e da tecnologia, pela proliferação dos condomínios fechados, pela cultura da supervalorização dos espaços privados em face dos públicos, e por uma urbanização exclusiva e não inclusiva, contribui para a transformação da interação social, acompanhada pelo aprofundamento da fragmentação urbana que transforma as cidades e as referências de sociabilidade. Nesta perspectiva, o modo de vida urbano se altera devido à individualidade, ao isolamento e à privacidade cada vez mais presentes na vida dos cidadãos que habitam a metrópole.

Portanto, entendo que os reflexos de um modelo econômico neoliberal para São Paulo não é apenas estrutural, mas, sobretudo, relacional, visto que além do espaço e do tempo se modificarem, o sujeito que habita o lugar transformado também sofre alterações, principalmente em questões de sociabilidade, o que ameaça as relações sociais no meio urbano.

Nesta mesma perspectiva, São Paulo apresenta-se atualmente como uma cidade em que os valores enfatizados são: a incivilidade, a intolerância, a insustentabilidade, a discriminação e a segregação, considerando-se a alteração da sociabilidade metropolitana acentuada, principalmente, pela violência e criminalidade, como reflexos da globalização.

A sociabilidade urbana atual é caracterizada pela indiferença e intolerância, características que formam a mentalidade metropolitana e que alteram a dinâmica do tecido social, a maneira como as pessoas se vêem umas às outras. Entendo que esta ausência de urbanidade é desenhada por enormes edifícios comerciais, por grandes avenidas, e condomínios fechados que disputam espaços com muitas favelas e inúmeros cortiços, formando uma enorme área periférica, desprovida de recursos urbanos essenciais. Este é o retrato da paisagem urbana paulistana, é a “nova vista” da cidade que contribui para um nítido sinal esmagador da vida pública na metrópole.

Toda esta discussão conduz à dinâmica do processo de reprodução do espaço urbano pelo capital, produto da mundialização da sociedade urbana e da fragmentação do espaço e do indivíduo, uma vez que a cidade torna-se condição/produto da acumulação, o que afeta profundamente a estrutura urbana por completo, produzindo novas centralidades, redimensionando o fluxo de pessoas no espaço, através de seus diferentes usos. É como se a fragmentação do espaço refletisse nas relações sociais.

Com o intuito de trazer a discussão para o plano internacional e atingir o grau de generalização da teoria aqui apresentada, confrontei a metrópole de São Paulo com Guangzhou, importante cidade em forte processo de metropolização, localizada na região sul da China, próxima a Hong Kong, que vem sendo profundamente transformada pelas políticas neoliberais que se reproduzem ao redor do mundo. Isto comprova que, na medida de suas especificidades, o avanço dessas políticas vem influenciando o fenômeno da sociabilidade.

Desta forma, após analisar a teoria das metrópoles, identifiquei que a cidade de São Paulo no século XXI figura como uma metrópole pós-industrial de periferia, em que os efeitos do urbanismo neoliberal segregam e fragmentam o espaço e as relações sociais nele produzidas, pois os efeitos da globalização abalam tanto a estrutura da cidade como, principalmente, as relações sociais que nela se estabelecem, o que comprova, portanto, a minha primeira hipótese desta tese.

Para nos aproximarmos um pouco mais desta relação, foi essencial compreender a sociabilidade nas diferentes escalas da metrópole vinculando-a às categorias sociológicas de identidade e comunidade.

Assim, o conceito de sociabilidade que abordamos se baseia na teoria Simmeliana, da construção dos grupos que identificar a interação como o alicerce da sociedade. Tais interações têm um objetivo básico: formar uma unidade, uma sociedade. Dialogando com outros autores como Bauman, por exemplo, percebi que, atualmente, a

maneira como a sociabilidade é exercitada no espaço urbano de intensa aglomeração valoriza a vida no anonimato e intensifica a impessoalidade das relações humanas, tendo em vista as transformações urbanas que criam espaços propícios a este novo modo de viver a cidade. Aqui reside a desvalorização do espírito de pertencimento e de comunidade tão celebrada pelos sociólogos contemporâneos de Simmel.

Além disso, o avanço tecnológico, sobretudo, nas comunicações tem revolucionado o modo como as pessoas se relacionam entre si, caracterizando uma forma coesa de sociabilidade no âmbito virtual, entretanto, mais ou menos efêmera que a sociabilidade no mundo real. Portanto, apesar de considerar a importância da tecnologia, percebo barreiras inerentes a esta ferramenta que devem ser superadas, pois ao mesmo tempo em que une, desune, que agrega, dispersa, que aproxima, distancia.

Acredito que a interação social não pressupõe apenas um contato positivo entre semelhantes. Estão surgindo diferentes formas de sociabilidades que justificam outras maneiras de interagir em sociedade. A distância e o isolamento intensificados pela era informacional, por exemplo, podem representar características de um novo tipo de sociabilidade, em que os indivíduos estão ao mesmo tempo mais conectados e mais distantes, uma sociabilidade híbrida, mais alargada, tanto ampla quanto restrita. Tais mudanças conduzem, de um lado, ao conflito, à instabilidade, à ansiedade e às tensões psicológicas; e de outro, à liberação dos sistemas de controle e de coerção, e às novas oportunidades para o desenvolvimento e relacionamento humano.

Hoje vivemos uma crise do pertencimento acentuada pela globalização que constrói e destrói identidades. A rapidez da mudança das coisas e do mundo contribui para a perda da identidade das pessoas, tendo em vista não mais se reconhecerem, não se identificarem com a vida e com o espaço em que vivem, intensificando a insegurança do indivíduo e a instabilidade social.

Entretanto, entendo que esta crise de identidade é positiva para o atual processo de indeterminação e de desconstrução da realidade, considerando que não acredito apenas em uma forma específica de interação social, uma vez que, assim sendo, excluem-se novas modalidades de sociabilidade. O momento atual, portanto, vai contra o determinismo das coisas, não que elas estejam erradas, mas que possam ser desconstruídas para se construir algo novo. O indeterminismo aguça a criatividade.

Ainda não se sabe ao certo, mas novas formas de sociabilidade estão surgindo e devemos olhar para elas sem preconceito, procurando entendê-las e aproveitá-las no que

oferecem de significativo para engrossar o universo da interação social. Assim poderemos experimentar novas relações e novas formas de viver a cidade.

É certo que a identidade unifica e estabiliza a sociedade, pois é constituída por um conjunto de concepções individuais vinculadas à compreensão do próprio indivíduo sobre a sociedade. A existência da interação social é influenciada pelas características psicológicas e socioculturais de cada um. Logo, a sociabilidade é a base da construção da identidade.

Entretanto, não é apenas a interação entre iguais que molda a sociabilidade, como afirmava Simmel. Assim, acredito que o que determina o processo entre indivíduos iguais ou não, nos dias de hoje, dentre outros fatores, é o excesso de interesse de cada um com o objetivo de alcançar a satisfação pessoal, aprofundada pela individualidade, pela liberdade individual em detrimento da solidariedade social, o que exclui o contato com o outro, anulando a existência do estranho, sem se preocupar com o próximo, alterando as modalidades de sociabilidade nas escalas metropolitanas.

Por esta razão percebo uma alteração no conceito de identidade, vinculado ao fato de que as sociedades modernas estão sofrendo uma mudança estrutural em suas configurações, considerando as consequências da globalização. Essas transformações influenciam na perda de um “sentido de si” e na instabilidade do indivíduo, pois perdemos a concepção de nós próprios como sujeitos integrados, visto que hoje vivemos em um tempo contingente de destruição criadora das identidades.

O conjunto de interações sociais e comportamentos humanos baseado na partilha de elementos como crença, valores e ideias que são comuns aos seus membros, os quais se unem mediante vontade própria para formar um grupo coeso é o que se entendia por comunidade, pois os laços por proximidade local, parentesco, solidariedade e vizinhança eram a base dos relacionamentos consistentes nitidamente encontrados na comunidade.

Ocorre que atualmente novas formas e concepções de família estão surgindo, além das avançadas ferramentas tecnológicas de interação social, o que altera os estilos de vida, e a relação do indivíduo com a casa, com o bairro e com o urbano. Portanto, ao mesmo tempo em que há relações duradouras vazias, existem relações efêmeras que produzem profundas transformações nos estilos de vida. A ideia de união, de comunidade muitas vezes é sustentada por uma fantasia de que as relações duradouras são estáveis e boas e de que as relações efêmeras são inconsistentes e inadequadas.

As interações sociais pontuais, específicas e breves, sendo aquelas que ocorrem em tempo determinado, com início, meio e fim, para um propósito único, qual seja, a busca pela satisfação pessoal, geralmente se propagam em redes virtuais de relacionamento e, via de regra, não se materializam em um contato face a face. Quando se materializam podem ou não assumir certas características de um relacionamento consistente, entretanto, nascem diferentes.

Isto porque os laços por proximidade local não são mais essenciais para configurar a vitalidade da coexistência humana, pois atualmente é mais fácil e comum conhecer e se relacionar com alguém na internet do que trocar alguma ideia com o vizinho. Assim, a noção de comunidade também passa a ser mais um elemento e não uma condição para a existência da interação social.

As escalas residencial, de bairro e do urbano são uma construção social, pois assim como o espaço, são socialmente produzidas e influenciam a dinâmica da relação entre os indivíduos. Cada uma em particular representa, hoje em dia, traços característicos de uma sociedade em constante movimento e transformação, onde alterações de ordem familiar na escala residencial repercutem no modo de morar, de se relacionar com os vizinhos, e de vivenciar o bairro e o espaço urbano. É neste sentido particular que identifiquei as expressões históricas de sociabilidade urbana que designo por sociabilidade de tipo 1, 2 e 3.

Os atuais estilos de vida têm como característica primordial a superindividualização e privatização dos modos de vida, manifestada pelo isolamento das famílias e pelo fechamento dentro dos espaços domésticos, enfraquecendo as relações de vizinhança, repercutindo na escala do bairro. Eles são, por natureza, um obstáculo à memória coletiva e ao seu uso como ferramenta da construção do espírito de lugar e do ideal de bairro. Tudo isto é exacerbado por políticas neoliberais que dificultam as relações sociais na cidade priorizando o individual em face do coletivo.

Foi, especificamente por esta razão, que a principal escala analisada nesta tese e que subsidiou a pesquisa realizada, foi a escala do bairro, entendida como uma escala intermediária entre a casa e a cidade, entre a individualidade e a coletividade, representando uma unidade de vizinhança onde se organiza toda a vida e se estabelecem redes de interações sociais. Foram estas redes que me comprometi a analisar no bairro da Vila Olímpia, *locus* da minha pesquisa.

Entendo o bairro como o espaço vivido e experimentado, o espaço social das práticas e percepções da sociedade, onde se situam grande parte das relações sociais

históricas, sobretudo, as de vizinhança, definindo a base social de uma organização, de um grupo.

É bem verdade que em face da reconfiguração da metrópole contemporânea sobre os efeitos da globalização, o conceito de bairro se modificou. Assim, a reterritorialização das práticas cotidianas dos habitantes de grandes cidades ameaça o caráter de unidade básica da vida cotidiana do bairro, em favor da dilatação da zona metropolitana. Isto porque as relações sociais de vizinhança e as atividades de proximidade perdem sua importância permanecendo divididas entre a escala da moradia e da cidade, ficando obsoleta a noção de bairro.

Logo, a cultura de bairro vem perdendo força diante dos processos de transformação do espaço urbano pelo fenômeno da globalização. Como consequência, as sociabilidades praticadas, as memórias e as referências identitárias adquiridas no e sobre o bairro, pelos seus habitantes, são transformadas com novos estilos de vida.

A globalização, a competitividade, a conectividade, a velocidade, e a pasteurização torna a cidade o lugar do não encontro, da reflexão individual, do isolamento. Entretanto, a preocupação com seus sujeitos, o direito ao território, suas identidades, suas almas, são também garantia de cidadania. Portanto, o caminho é ser competitivo internacionalmente sem abandonar os interesses locais, ou seja, conseguir fazer a gestão da metrópole global sem exclusão social.

Mas ao contrário do que se pensa, em tempos de urbanização do globo e de globalização do urbano, o local não desapareceu, mas vem ganhando força, tendo em vista que a globalização não apenas separa, mas também une as pessoas tanto no plano global quanto no plano local, da mesma forma que o local também une e separa.

Portanto, a ideia de que o “local une e o global separa” é atualmente relativa, considerando os reflexos da globalização, mais precisamente, com o avanço das comunicações, e o consequente desaparecimento de fronteiras e redução de espaços.

Isto porque, o momento atual não mais prioriza as tradicionais formas de relações sociais, pois a sociedade está altamente tecnológica e as relações mais virtuais. Nunca nos comunicamos tanto e tão rapidamente como hoje. Contudo, ao mesmo tempo em que não se conhece os vizinhos, faz-se amizades com diferentes pessoas ao redor do mundo, nas regiões mais longínquas, graças ao advento das redes sociais existentes na internet. Assim, o uso da tecnologia facilita o processo de construção de novas relações sociais no global.

As diferentes expressões de sociabilidade urbana se constituem em espaços cada vez mais segregados e não coesos, onde as tradicionais formas de interação social tentam resistir ao complexo sentimento devorador da metrópole, configurando uma profunda instabilidade/ambiguidade nas relações sociais, cujo lado mais evidente é a exacerbação da violência. Esse é o essencial do questionamento que o trabalho produz acerca da pesquisa sobre o bairro da Vila Olímpia. A pesquisa teve como principal objetivo demonstrar a transição na natureza das sociabilidades para compreender a atual realidade social entre os moradores do bairro.

Diante de toda a análise, entendo que a sociabilidade é um fenômeno social condicionado ao grau de pertencimento dos indivíduos a um determinado grupo, porém defendo que devido à crise do pertencimento, intensificada por um urbanismo neoliberal, novas formas de sociabilidade estão surgindo pautadas na lógica da construção destrutiva da realidade que altera as noções de identidade e comunidade, o que se verifica em diferentes intensidades nas escalas da metrópole, podendo na menor escala metropolitana a sociabilidade ser mais fraca e na maior escala o fenômeno ser mais forte.

Esta constatação comprova em parte a segunda hipótese desta tese, uma vez que a intensidade das sociabilidades é proporcional à noção de identidade e comunidade, entretanto, esta intensidade pode ocorrer de diferentes formas nas diversas escalas metropolitanas independentemente do espaço/tempo em que elas se concretizam.

A necessidade de produzir uma contextualização e reconstrução da memória e da história do bairro, autorizou avançar com a hipótese explicativa da presença de três sociabilidades particulares situadas no tempo desta Vila Olímpia, as quais representam a transição na natureza do fenômeno sociabilidade, quais sejam: (i) a sociabilidade I, pela qual procuro significar um conjunto de relações sociais dominantes, caracterizadas pelo decurso de uma vida calma e tranquila; (ii) a sociabilidade II, correspondente aos primeiros e mais sérios desafios da moderna urbanização paulista e que se revela em expressões de uma vida moderna e dinâmica; (iii) por fim, a sociabilidade III, da contemporaneidade, pautada pela agressiva investida do individualismo e da lógica de mercado na vida coletiva que se vê convertida em expressão quase a-social típica das novas centralidades urbanas das grandes cidades de hoje.

Os diferentes momentos do processo de formação do bairro da Vila Olímpia desde a época de uma vida calma e tranquila, passando pela transição de um estilo

moderno e dinâmico, representando, atualmente, o símbolo de uma nova centralidade na metrópole de São Paulo, possibilitou-me perceber profundas transições no espaço urbano do bairro e nas relações sociais nele produzidas.

Além disso, esta estratégica região facilitou a compreensão da expansão e do desenvolvimento da zona sudoeste da capital paulista, anteriormente de fraca importância para a cidade e, hoje, sendo um dos mais notáveis centros do poder econômico e financeiro da América do Sul, fruto das atuais políticas urbanas neoliberais, em que o capital imobiliário expressa sua maior força.

A pesquisa mostrou que o bairro analisado representa inúmeras contradições inerentes às cidades de capitalismo periférico, pois seu processo de favelização é consequência do modelo de urbanização desigual; ao mesmo tempo em que concentra grande parte das empresas multinacionais que sustentam a economia global, não oferece infraestrutura urbana adequada para quem ali vive ou trabalha; convive, simultaneamente com a ausência de espaços públicos perante a “cultura dos espaços privatizados”.

A escolha por uma área que representasse essas configurações, uma nova centralidade na metrópole, constituída pelos interesses do capital privado, cristalizada pelo mercado imobiliário e sustentada pelo poder público, possibilitou-me perceber uma complexa relação entre os moradores locais e destes com o espaço que habitam, compreendendo a dinâmica entre o espaço social e o ambiente construído.

Portanto, o bairro figura como uma área em contrastes, um mosaico de situações e realidades distintas detectadas, sobretudo, em metrópoles periféricas de países em desenvolvimento que tendem a sucumbir diante do crescimento urbano descontrolado e imperfeito, guiado por forças e interesses, principalmente do capital financeiro e imobiliário.

É inegável que os estilos de vida dos moradores do bairro e suas consequentes formas de interação social fiquem ilesos em meio às transformações urbanas ocorridas na área em estudo. Assim, compreendo que tais transformações alteram as sociabilidades, contrapondo indivíduo e comunidade, onde o que impera é a ausência de laços comunitários com os diferentes.

A pesquisa possibilitou identificar as tendências dos atuais estilos de vida que preponderam no bairro, pautados na crise identitária, impulsionados pela superindividualidade, guiados pelas forças do capital imobiliário, em que a ausência de



planejamento urbano segrega e fragmenta não só o espaço, mas, sobretudo, as relações de interação social entre os moradores locais.

Valores como amizade, familiaridade e solidariedade subjazem ao dinheiro e à ganância, enfraquecendo a cultura de bairro, a noção de identidade e de comunidade. As pessoas, os vizinhos, o espaço, a paisagem e o urbano tornam-se desconhecidos e despercebidos para os moradores que não mais experimentam ou vivenciam o bairro. Esta atitude, materializada na impessoalidade, aprofunda o sentimento de isolamento e privacidade através da individualidade.

A Vila Olímpia é hoje um lugar de velocidade, de entretenimento do anonimato onde impera o confronto constante com um outro que não é mais o vizinho de outrora. A incerteza da vida breve e efêmera, traduzida em insegurança e ausência de memória coletiva fazem parte cada vez mais da vida dos moradores que ainda residem (e resistem) no bairro.

Assim, o crescimento do bairro e da metrópole parece que enfraquece as tradições e os costumes, e as relações sociais se tornam mais complexas, destruindo processos identitários, tornando-se mais pragmáticas, sem se consolidarem.

O método de pesquisa utilizado nesta tese foi o estudo de caso que, baseado nas estratégias metodológicas como a pesquisa histórica, o levantamento e a análise de dados e a observação participante, possibilitou-nos a observação mais aberta possível para que pudéssemos questionar sobre o que, por que e como se relacionam fenômenos como sociabilidade e urbanismo neoliberal, aproximando-se da tão almejada generalização científica.

Para clarear as evidências da pesquisa, realizei dezesseis entrevistas em profundidade com moradores do bairro, com o intuito de obter fontes essenciais de informação de forma espontânea, para corroborar certos fatos que já acreditava terem sido estabelecidos. As entrevistas não estruturadas ou em profundidade são ferramentas úteis para saber como e por que algo ocorre, ao invés de determinar a frequência de certas ocorrências, nas quais o pesquisador acredita. Portanto, obtive informações dos entrevistados, tanto do que eles conhecem ou conheciam do bairro, como das relações com outros moradores, as formas de interação social, além das suas opiniões sobre as transformações ocorridas no espaço urbano estudado.

As entrevistas também foram importantes para facilitar a compreensão da realidade social no campo pesquisado, isto é, a transição dos três tipos de sociabilidades praticados pelos moradores. Corroboradas pelas teorias utilizadas nesta tese, as falas dos

entrevistados revelaram as diferentes sociabilidades existentes ao longo do tempo no terreno em estudo, além da dinâmica existente entre os moradores locais, o que contribuiu para a riqueza da pesquisa, ou seja, evidenciar um estudo em transição, uma mudança que está acontecendo hoje, capaz de demonstrar em tempo real as circunstâncias em que o bairro pode sucumbir ou resistir a estas transformações. Entender a transformação do urbano em tempo real foi um desafio.

As entrevistas em profundidade realizadas revelaram que ao mesmo tempo em que os antigos moradores tentam manter suas tradicionais formas de relações sociais, o novo morador prioriza relações mais virtuais moldadas pela tecnologia sem fronteiras; a antiga arquitetura de casas e sobrados, a tradicional atividade comercial, e os clássicos meios de transporte coletivo como o bonde foram substituídos por uma arquitetura pós-moderna de edifícios espelhados, por uma atividade empresarial com fortes fluxos de capital transnacional, e pela predominância do transporte individual, em um espaço em que há mais heliportos do que pontos de ônibus, o que provoca a desintegração da história e da memória de um bairro que vem relativizando a relação com a casa e com rua, o conceito de público e privado, de espaço e tempo, sob um urbanismo neoliberal.

As entrevistas também foram essenciais, pois constatei, como reflexo das transformações urbanas no bairro, a expulsão dos antigos moradores com a chegada dos novos moradores (em sua maioria vivendo em condomínios verticais de luxo), principalmente por motivos profissionais, considerando-se o excludente modelo neoliberal de urbanização de uma metrópole periférica e segregadora como São Paulo.

As perguntas elaboradas possibilitaram enxergar uma forte relação entre sociabilidade, identidade e comunidade, experimentadas de diferentes formas pelos moradores na escala do bairro. Desta forma, com base nas entrevistas e para validar a pesquisa, procedi à elaboração de quatro variáveis: (i) cultura de bairro; (ii) interação social; (iii) espaços de sociabilidade; e (iv) transformações urbanas.

A primeira variável está diretamente relacionada com as trajetórias e experiências de vida no bairro; se é praticado algum tipo de lazer no bairro, se frequenta as festas de bairro. A segunda variável diz respeito ao meio prioritário de relação social vivenciado pelo morador, isto é, se prioriza as relações face a face com os vizinhos ou outros moradores, ou se prefere as relações produzidas no ambiente virtual. A terceira variável tem a ver se o morador frequenta ou não espaços de sociabilidade no bairro, isto é, espaços públicos ou mesmo os *gathering places*. A quarta variável retrata a opinião do morador frente às atuais transformações urbanas neoliberais ocorridas no

bairro, ou seja, se do ponto de vista do entrevistado, são positivas ou negativas tais transformações.

A conjugação dessas variáveis permitiu perceber e mensurar a noção de identidade e comunidade dos moradores do bairro da Vila Olímpia e relacioná-las com os fenômenos sociabilidade e urbanismo neoliberal.

Analisando as variáveis pude avaliar a noção de identidade e de comunidade do antigo e do novo morador. Aquele possui cultura de bairro, prioriza as relações face a face, frequenta espaços de sociabilidade no bairro e não concorda com as transformações urbanas ocorridas. O novo morador não possui cultura de bairro, prioriza relações virtuais, não frequenta espaços de sociabilidade e concorda com as transformações que vêm acontecendo no bairro. Portanto, o antigo morador identifica-se mais com o bairro e possui maior noção de comunidade do que o novo morador.

Percebi que o fenômeno sociabilidade está diretamente associado à noção de identidade e comunidade. A sociação como base da sociabilidade que há entre os antigos moradores é garantida pela unidade e estabilidade das interações sociais existentes entre os mesmos, o que aprofunda a ideia de identidade e a noção de pertencimento, caracterizando as redes sociais e os laços comuns, através da comunhão de ideias e pensamentos, em que a convivialidade e os laços fortes e multifuncionais simbolizam espaços de unidade, dão vida ao bairro, considerando-o como uma verdadeira comunidade.

A importância da identidade está na ideia de pertinência do indivíduo que habita determinado espaço. A cultura de bairro está intimamente relacionada com identidade ao lugar, isto é, à residência, ao bairro, ao urbano. Esta construção também é possível mediante uma relação de reciprocidade entre aqueles que se reconhecem como iguais. Isto se realiza na comunidade por meio das interações sociais, das sociabilidades.

Sob esta perspectiva, as noções de identidade e comunidade figuram como formas de resistência diante da transição na natureza das sociabilidades, pois acredito que a cultura de bairro é fortalecida quando há profunda identidade dos moradores com o bairro, onde a ideia de comunidade é existente, não no sentido romântico e antigo de ser, mas num espaço mais urbano, mais globalizado, impulsionado pela tecnologia que passa a influenciar os tipos de sociabilidades.

A partir destas constatações, construí uma dinâmica das relações sociais, determinando os atores, o tipo de relação e a conexão existente entre eles. Logo, percebi que esta dinâmica reflete um conflito socioespacial abstrato, subjetivo, que marca as

relações de interação social, justificando a ausência de sociabilidades entre os antigos e novos moradores, intensificada por uma visível redução de espaços públicos e de encontro (praças, clubes e associações, por exemplo) e pelo imperável aumento de espaços de usufruto privado impulsionados (shoppings, condomínio fechados, por exemplo), impulsionados pelo mercado imobiliário que caracteriza uma vida urbana reduzida.

Além disso, a dinâmica também demonstrou que entre os antigos e novos moradores há ritmos e usos diferenciados do espaço urbano, pois compreendem e experimentam o local de forma diversificada, cada um a seu modo, em horários diferentes, traçando seus caminhos a pé ou de carro, em residências térreas ou em apartamentos, praticando lazer nos escassos espaços de sociabilidades ou se trancafiando em seus condomínios fechados. Assim, percebi os vários ritmos existentes entre estes atores sociais, facilitando a compreensão da ausência ou não de relação social entre uns e outros.

Portanto, comprovamos a terceira hipótese desta tese, uma vez que a transição na natureza das sociabilidades no bairro da Vila Olímpia demonstra um conflito socioespacial entre os moradores, tendo em vista a crise identitária que prioriza a superindividualidade e enfraquece as relações sociais.

Entretanto, para além de todas essas considerações, ao longo da pesquisa, não deixei de registrar com certa surpresa, a existência de alguns grupos que, impulsionados pelos efeitos contraditórios do urbanismo neoliberal, respaldados na lógica da destruição criadora, procuram resistir a este modelo, buscando alternativas pautadas em estratégias coletivas como fenômeno político no sentido de se articular para resistir lutando contra a ameaça de destruição e desaparecimento das sociabilidades urbanas gerada pelo urbanismo neoliberal. Essas estratégias coletivas devem ser entendidas como uma iniciativa de base local resultante da construção coletiva da ação por parte dos seus participantes.

Isto porque, os espaços neoliberais como a criação de zonas empresariais ou novas centralidades nas metrópoles são impulsionados pela parceria público-privada, e alimentados por diversas forças, dentre elas o capital imobiliário. O bairro da Vila Olímpia, em São Paulo, é um caso exemplar da paisagem institucional do urbanismo neoliberal, agitado e dinâmico, fruto da criatividade contraditória deste processo.

A resistência emerge pela face criativamente construtiva deste modelo, com o objetivo de fomentar o discurso político para a comunidade, no local, estimulando o pensamento comunitário como forma de contestar o neoliberalismo.

Assim, a pesquisa nos revelou expressões de resistência sustentadas pela “Turma do Beira Rio” e pela Comunidade Coliseu que exemplificam uma forma de inconformismo perante o lento desfazer de uma cultura solidária de bairro e representam, respectivamente, uma resistência política à ameaça de enfraquecimento da sociabilidade, e ao modelo de urbanização neoliberal conduzido, sobretudo, pela força do capital imobiliário.

De certa forma, a “Turma do Beira Rio” resiste: a) pelo local que realizam a festa, o que denota a ausência de espaço público no bairro; b) pela data das festas (no dia das eleições), simbolizando um encontro também político; c) pela discussão sobre questões cotidianas e políticas, visando a melhoria da qualidade de vida no bairro, mesmo não morando mais lá (indicando que ainda existe identidade com o lugar); d) e pelo “motivo” da festa em comemorar 30 anos de amizade (para celebrar a sociabilidade e evitar a desintegração social).

Já a Comunidade Coliseu resiste: a) ao destruidor modelo de urbanização neoliberal; b) com a luta para permanecer no espaço habitado há mais de cinquenta anos; c) por meio da luta por melhores condições de moradia e vida dignas; d) através de práticas sociais como as expressões artísticas de alguns moradores que empregam em sua arte ou profissão o desejo de mudança.

Portanto, comprovando a quarta e última hipótese desta tese, defendo que ao mesmo tempo em que o bairro da Vila Olímpia e as relações sociais nele existentes tendem a sucumbir diante do modelo urbano neoliberal, verificam-se formas de resistência baseadas em estratégias coletivas como recurso político, representando o caráter criativamente contraditório deste modelo.

Estas vozes da resistência tentam dar espaço para a política, mesmo sendo uma política tendenciosamente neoliberal ou formas limitadas de resistência dessa crescente (des)ordem. Isto porque o neoliberalismo não resulta na homogeneidade da cidade, mas em uma paisagem em constante mudança de experimentação, de reestruturação de um aprendizado (anti)social.

As novas formas de atuação política visam articular uma vida menos singular ou autoritária e mais plural e coletiva, experimentando novas formas de viver coletivamente na cidade, novas formas de vida que se singularizam no plural. A

resistência política no século XXI tenderá a politizar espaços e experiências que antes permaneciam silenciosos ou apolíticos para produzir pequenas perfurações no tecido urbano.

Toda esta análise possibilitou responder ao problema de pesquisa que apresentamos nesta tese: ao mesmo tempo em que a sociabilidade na metrópole de São Paulo, e particularmente no bairro da Vila Olímpia, tende a sucumbir também demonstra sinais de resistência diante das transformações oriundas do acelerado processo de urbanização neoliberal.

Isto porque, o bairro estudado está passando por um processo de urbanização criativamente destruidor, marcado pelos interesses mais avassaladores do capital globalizado, sendo diariamente reconfigurado por megaprojetos imobiliários, em que a verticalização é a regra, modificando de forma intensa o espaço urbano e social dos moradores. Os muros são a tendência em um bairro onde o que resta do espaço público sequer é utilizado para circulação, quanto menos como um lugar de suporte para as sociabilidades.

Para tentar superar este quadro, devemos olhar de forma mais profunda para as diferentes compreensões do que é o urbano e o que ele representa, pois é neste espaço em que ocorrem as complexas formas de interações sociais, demonstrando que este ambiente construído é criado por diferentes práticas e experiências sociais.

As cidades devem aprender a salvaguardar seus espaços urbanos, oferecendo bons serviços públicos em um meio ambiente equilibrado, preservando a paisagem natural e suas tradições históricas.

A cidade do século XXI tem que promover o uso misto do espaço urbano, evitando a criação de bairros especializados sob a égide do modelo neoliberal, usando da tecnologia como um verdadeiro aliado para buscar as saídas para os grandes desafios urbanos.

Neste momento podemos compreender que há uma íntima relação entre o modelo de urbanização neoliberal e o fenômeno da sociabilidade. O que os une é o espaço urbano, e o que os separa são as ameaças provocadas pelas transformações urbanas nas relações sociais.

Não se pode inferir que a sociabilidade se desestrutura, desintegra, deteriora, fragiliza ou se decompõe única e exclusivamente devido às transformações urbanas, entretanto, há estreita relação entre esses fenômenos. Não é a urbanização que exclui e

segrega, e sim o modelo de desenvolvimento urbano neoliberal, a tendência global deste capital que é segregador.

A terminar, é possível concluir que novas relações sociais estão se formando em decorrência do surgimento de novos espaços, do novo urbanismo, e da instalação de novos moradores. No seu conjunto, fazem da Vila Olímpia um bairro mais global, menos relacional, onde as pessoas interagem de diferentes formas entre si, ao mesmo tempo enfraquecendo e resistindo aos pressupostos essenciais para a vida urbana, qual seja, a interação social.

O futuro das relações sociais no meio urbano é incerto, mas o que se tem certeza é que da forma como elas estão sendo construídas hoje, continuarão afetando a qualidade de vida das pessoas de forma positiva ou negativa. Assim, esperamos que as vozes de resistência, todas ao seu modo, continuem a surgir e ganhem força para superar as consequências perversas que ameaçam as relações sociais.

Devemos trazer de volta a importância do coletivo em detrimento do individual. A noção de coletividade está perdida ante a superindividualidade do sistema posto. Alterando esta realidade urbana poderemos inverter o paradoxo de que a cidade é ao mesmo tempo o lugar onde nascem possibilidades de transformação da vida e de opressão extrema.

Talvez não tenhamos que ler a cidade a partir de um eixo classificatório único: é preciso variar os ângulos de forma a captar os diferentes padrões culturais que estão na base de formas de sociabilidades que existem, coexistem, contrapõem-se ou entram em confronto no espaço urbano.

Ao analisar a Vila Olímpia, portanto, compreendo que os bairros, as cidades, e as metrópoles ao redor do mundo atualmente estão refletindo uma dinâmica neoliberal dos atores sociais com o espaço, produzindo diferentes formas de sociabilidades, caracterizadas pela sujeição do desenvolvimento urbano à lógica do mercado.

Por fim, deve-se pensar a cidade do ponto de vista das novas formas de sociabilidades urbanas. Entender o que é sociabilidade e aplicar seu conceito nas cidades. Entender essa nova cultura metropolitana neoliberal que transforma as relações sociais. Fortalecer as vozes de resistência como forma de se garantir uma real e efetiva consistência para o futuro das relações humanas no espaço urbano.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abrahão, Sérgio Luís (2008) *Espaço Público: do urbano ao político*. São Paulo: Annablume; Fapesp.

Agier, Michel (1999) *L'Invention de la ville*. Paris: Archives Contemporaines.

Althusser, Louis (1967) *Análise crítica da teoria marxista*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

Alvim, Angélica A. T. Benatti; Abascal, Eunice Helena S.; Moraes, Luís Gustavo S. de (2011) “Projeto Urbano e Operação Urbana Consorciada em São Paulo: limites, desafios e perspectivas” *Cadernos Metrópole. Território e Região*. São Paulo: EDUC, 3(25), 213-233.

Amin, A.; Graham, S. (1997) “The Ordinary City” in *Transactions of the Institute British Geographers*. London: Royal Geographical Society, 22(4), 411-429.

Anderson, Janna Q. (2010) “The Future of Social Relations” *Pew Research Center's Internet & American Life Project*. Washington D.C: Elon University, 2.

Arantes, Antonio A. (2000) *O Espaço da diferença*. Campinas: Papirus.

Arendt, Hannah (2010) *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Ascher, François (1998) “La fin des quartier” in Haumont, Nicole (ed.) *L'urbain dans tous ses états: faire, vivre et dire la ville*. Paris: L'Harmattan, 183-201.

Ascher, François (2004) *Les nouveaux principes de L'Urbanisme*. Paris: l'Aube.

Augé, Marc (1994) *Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. São Paulo: Papirus.

Authier, Jean-Yves (2002) “Habiter son quartier et vivre en ville: les rapports résidentiels des habitants des centres anciens” *Espaces et Sociétés*. 108-109, 88-131.

Authier, Jean-Yves; Bacqué, Marie-Hélène; Guérin-Pace, France (2007) *Le quartier: enjeux scientifiques, actions politiques et pratiques sociales*. Paris: La Découverte, Collection Recherches.

Bhabha, Homi (1994) *The location of culture*. New York and London: Routledge.

Barkowsky, Thomas (2002) *Mental representation and processing of Geographic Knowledge. A computational approach*. Berlin: Springer.

Bauman, Zygmunt (1998) *O Mal-estar da Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.



Bauman, Zygmunt (1999) *Modernidade e Ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Bauman, Zygmunt (2000) *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Bauman, Zygmunt (2005) *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Bauman, Zygmunt (2006) *Confiança e medo na cidade*. Lisboa: Relógio D'água.

Bauman, Zygmunt (2007a) *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Bauman, Zygmunt (2007b) *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Bauman, Zygmunt (2009) “A utopia possível na sociedade líquida”. *Revista Cult*. São Paulo. 138, 14-18.

Baudelaire, Charles (1952) *Les fleurs du mal*. Paris: Calman Levy.

Baudrillard, Jean (1989) *América*. Viseu: João Azevedo Editor.

Beaujeu-Garnier, Jacqueline (1997) *Geografia Urbana*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Beck, Ulrich; Guiddens, Anthony; Lash, Scott (1997) *Modernização Reflexiva: política, tradição e estética na ordem social*. São Paulo: UNESP.

Becker, Howard S. (1999) *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Hucitec.

Benjamin, Walter (1975) *A modernidade e os modernos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

Benjamin, Walter (1987) “Paris, a cidade no espelho” in *Rua de Mão Única – Obras Escolhidas vol. II*. São Paulo: Brasiliense, 195-197.

Benjamin, Walter (1991) *Walter Benjamin, Sociologia*. São Paulo: Ática.

Berman, Marshall (1986) *Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Cia das Letras.

Berman Jr., Giba (2012) “Favela da Vila Olímpia será demolida para dar lugar a conjunto habitacional” *Folha de São Paulo*, <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1178036-favela-na-vila-olimpia-sera-demolida-para-dar-lugar-a-conjunto-habitacional.shtml> [01 de novembro de 2012].

- Birman, Joel (1999) *Mal-estar na atualidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Blumer, Herbert (1986) *Symbolic interactionism: perspective and method*. Berkeley: University of California Press.
- Bógus, Lucia M. M. (2009) “Segregações urbanas” in Fortuna, Carlos C. G.; Leite, Rogerio P. (orgs.) *Plural de cidades: novos léxicos urbanos*. Coimbra: Almedina, 115-126.
- Bógus, Lucia M. M.; Taschner, Suzana P. (2001) “São Paulo o caleidoscópio urbano” in *São Paulo em perspectiva*. 15(01), 31-44.
- Bógus, Lucia M. M.; Pessoa, Laura C. R. (2008) “Operações urbanas – nova forma de incorporação imobiliária: o caso das Operações Urbanas Consorciadas Faria Lima e Água Espraiada” in *Cadernos Metrópole. Território e Região*. São Paulo: EDUC, 20, 125-139.
- Borja, Jordi; Castells, Manuel (1997) *Local & global: management of cities in the information age*. Londres: UNCHS (Habitat/ONU); Earthscan Publications.
- Borja, Jordi; Muxi, Zaida (2003) *El espacio público: ciudad y ciudadanía*. Madrid: Sociedad Editorial Electa.
- Bosi, Ecléa (2003) *O tempo vivo da memória. Ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial.
- Bourdieu, Pierre (1994) “Gostos de Classe e Estilo de vida” in Ortiz, Renato (org.) *Pierre Bourdieu; Sociologia*. São Paulo: Ática, 82-121.
- Bourdieu, Pierre (1997) *A Miséria do Mundo*. Petrópolis: Vozes.
- Brandão, Carlos (2007) *Território e desenvolvimento: as múltiplas escalas entre o local e o global*. Campinas: Unicamp.
- Buber, Martin (1987) *Sobre Comunidade*. São Paulo: Perspectiva.
- Burns, Robert B. (1979) *The self concept: theory, measurement, development and behavior*. Harlow: Longman House.
- Cachado, Rita d’Ávila (2008) “Entre as casas e o templo, a rua: comunidade hindu e interações de bairro” in Cordeiro, Graça Índias; Vidal, Frédéric (orgs.) *A rua: espaço, tempo, sociabilidade*. Lisboa: Livros Horizonte, 129-142.
- Caldeira, Teresa Pires do Rio (2000) *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Edusp.
- Campos, Candido Malta (2002) *Os rumos da cidade. Urbanismo e Modernização em São Paulo*. São Paulo: Senac.

- Carlos, Ana Fani A. (1994) *A (re)produção do espaço urbano*. São Paulo: Edusp.
- Carlos, Ana Fani A. (2001) *Espaço-tempo na vida cotidiana da metrópole*. São Paulo: Contexto.
- Carlos, Ana Fani A. (2006) “A natureza do espaço fragmentado” in Santos, M.; Souza, M. A.; Silveira, M. A. (orgs.) *Território, Globalização e Fragmentação*. São Paulo: HUCITEC/ANPUR.
- Carlos, Ana Fani A., (2007). *O lugar no/do mundo*. São Paulo: FFLCH.
- Carlos, Ana Fani A.; Oliveira, A. U. de (2010) *Geografias de São Paulo. Representação e crise da metrópole*. São Paulo: Contexto.
- Castells, Manuel (1983) *A questão urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Castells, Manuel (2003) *A era da informação: economia, sociedade e cultura. O fim do milênio*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, II.
- Castells, Manuel (2005) “O Espaço de Fluxos” in Castells, Manuel. *Sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenckian.
- Castro, Iná E. (1995) “O problema da escala” in Castro, Iná E.; Gomes, Paulo César C.; Corrêa, Roberto L. (orgs.) *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 117-140.
- Chaskin, Robert J. (1995) *Defining Neighborhood: History, Theory, and Practice*. Chicago: Chapin Hall Center for Children at the University of Chicago.
- Chenais, François (1996) *Mundialização do capital*. São Paulo: Xamã.
- Chenais, François (1999) “Um Programa de ruptura com o neoliberalismo” in Heller, Agnes (et al.) *A Crise dos paradigmas em ciências sociais e os desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Choay, Françoise (2003) *O Urbanismo: utopia e realidades de uma antologia*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- Chu, Shanna (2007) “Zhujiang New City Business Circle to Rise Before 2010” [http://www.lifeofguangzhou.com/node\\_10/node\\_37/node\\_85/2007/06/21/11823874622141.shtml](http://www.lifeofguangzhou.com/node_10/node_37/node_85/2007/06/21/11823874622141.shtml) [26 de julho de 2013].
- Conceição, Edmilson (2003) *Vila Olímpia. A morada dos Deuses*. São Paulo: A6 Comunicação Editorial.
- CONDEPHAAT (1994). *Estudo de Tombamento do Parque do Povo*. Secretaria de Estado da Cultura.

Cooley, C. H. (1992) *Human nature and social order*. New York: Charges Scribers Sons.

Cordeiro, Graça Índias; Vidal, Frédéric (2008) *A rua: espaço, tempo, sociabilidade*. Lisboa: Livros Horizonte.

Costa, Benhur Pinós da (2010) “Reflexões sobre Geografia e cotidiano urbano”. in *Anais XVI Encontro Nacional dos Geógrafos. Crise, práxis e autonomia: espaços de resistência e de esperanças – Espaço de socialização de coletivos*. Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros, p. 1-15.

Costa, Benhur Pinós da; Heidrich, Álvaro Luiz (2008) “A produção multiterritorial do cotidiano urbano como centro da dialética entre ordem e desvio na modernidade”. in Valença, Marcio Moraes; Cavalcante, Gilene Moura. *Transformações urbanas*. Natal: EDUFRN, 79-89.

Costa Pinto, L. A. (1999) “Mundo pós-moderno. Notas para discussão e registro histórico” in Maio, M. C.; Villas Boas, G. (orgs.) *Ideias de Modernidade e Sociologia no Brasil. Ensaios sobre Luiz de Aguiar Costa Pinto*. Porto Alegre: Editora UFRGS.

Da Costa, Rogério (2005) “Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva” in *Interface – Comunic., Saúde, Educ.*, 9(17), mar/ago, 235-48.

Da Costa, António Firmino (1999) *Sociedade de Bairro: dinâmicas sociais da identidade cultural*. Oeiras: Celta.

Da Costa, António Firmino (2000) *Sociologia*. Lisboa, Quimera Editores.

Da Costa, António Firmino (2002) “Identidades culturais urbanas em época de Globalização” in *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 17(48), 15-30.

Da Matta, Roberto (1991) *A casa e a rua*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Davis, Mike. (2006) *Planeta Favela*. São Paulo, Boitempo.

De Certeau, M.; Giard, L.; Mayol, P. (1994) *A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes.

De Certeau, M.; Giard, L.; Mayol, P. (2003) *A invenção do cotidiano. 1. Artes de fazer*. 9ª ed. Petrópolis: Vozes.

De Grazia, Grazia; Queiroz, Leda Lúcia R. F. (2001) “A Sustentabilidade do modelo urbano brasileiro” in De Grazia, Grazia (et al.) *O Desafio da sustentabilidade urbana*. Rio de Janeiro: Projeto Brasil Sustentável e democrático: FASE/IBASE.

Dear, Michael J. (2000) *The postmodern urban condition*. Oxford: Blackell Publishers.

Dear, Michael J. (2003) “The Los Angeles School of Urbanism: An Intellectual History” in *Urban Geography*, 24(6), 493-509.

Dear, Michael J. (2009) *Cidade de Quartzos: escavando o futuro de Los Angeles*. São Paulo: Boitempo.

Debord, Guy (1997) *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

D’Incao, Maria Ângela (1992a). “A casa, a família e modos de vida” in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 34, 65-83.

D’Incao, Maria Ângela (1992b). “Modos de ser e de viver: a sociabilidade urbana” in *Tempo Social. Rev. Social. USP*. São Paulo, 1(1), 95-109.

Direção Geral do Ordenamento do Território (1998) *Carta europeia do ordenamento do território*. Lisboa, MPAT/SEALOT.

Dornelles, Jonatas (2005) “O Orkut e a terceira forma de sociabilidade” in *Ciências Sociais Unisinos*. 41(3): 163-171, set/dez.

Drucker, Peter (2005) “Uma nova civilização que desponta” in Ferreira, Antonio Fonseca *Gestão estratégica de cidades e regiões*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Dupuy, Jean-Pierre (1980) *Introdução à crítica da economia política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Durkheim, Émile (2008) *Da divisão do trabalho social*. São Paulo: Martins Fontes.

Elias, Norbert (1994) *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Elias, Norbert (1999) *Introdução à Sociologia*. Lisboa, Portugal: Edições 70.

Elias, Norbert; Scotson, John L. (2000) *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Fariás, Ignacio; Stemmler, Susanne (2006) “Deconstructing ‘Metropolis’: critical reflections on a European concept” in *CMS Working Paper Series*. Berlin: Center for Metropolitan Studies, 004.

Featherstone, Mike; Lash, Scott; Robertson, Roland (1995) *Global modernities*. Londres: Sage Publications.

Featherstone, Mike; Lash, Scott; Robertson, Roland (2001) “Culturas globais e culturas locais” in Fortuna, Carlos C. G. *Cidade, cultura e Globalização*. Oeiras: Celta Editora, 83-104.

Featherstone, David (2003) “Spatialities of transnational resistance to globalization: the maps of grievance of the Inter-Continental Caravan in *Transactions of the Institute of British Geographers*, (28) 404–421.

Fdida, S. (1997) *Des Autoroutes de L'Information au Cyberspace*. França: Dominos Flammarion.

Ferreira, João Sette Whitaker (2003) *O mito da cidade-global*. Tese de Doutorado em Arquitetura. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

Ferreira, R. F. (2004) *Afro-descendente: Identidade em Construção*. Rio de Janeiro e São Paulo: Pallas & Educ.

Fix, Mariana (2007) *São Paulo cidade global. Fundamentos financeiros de uma miragem*. São Paulo: Boitempo.

Foreign Policy. The 2008 Global Cities Index. [http://www.foreignpolicy.com/articles/2008/10/15/the\\_2008\\_global\\_cities\\_index?page=0\\_1](http://www.foreignpolicy.com/articles/2008/10/15/the_2008_global_cities_index?page=0_1) [26 de julho de 2013].

Fortuna, Carlos C. G. (1995) “Por entre as ruínas da cidade: o patrimônio e a memória na construção das identidades culturais” in *Oficina do CES*, 61, Coimbra, 01-35.

Fortuna, Carlos C. G. (1997) *Cidade, cultura e Globalização*. Oeiras: Celta Editora.

Fortuna, Carlos C. G. (1999) *Identidades, percursos e paisagens culturais*. Oeiras: Celta.

Fortuna, Carlos C. G. (2006) “A cidade como comunidade? A precária resposta da teoria sociológica urbana” in Tostões, A.; Oliveira, E. A. de Arantes e; Paixão, J. M. Pinto; Magalhães, P. *Encontro de saberes: três gerações de bolsiros da Gulbenkian*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 127-147.

Fortuna, Carlos C. G. (2008) “Imaginando a Democracidade: do passado da Sociologia para o futuro das cidades” in Leite, Rogerio Proença (org.). *Cultura e vida urbana: ensaios sobre a cidade*. São Cristóvão: UFS, 13-31.

Fortuna, Carlos C. G. (2009) “Cidade e Urbanidade” in Fortuna, Carlos C. G.; Leite, Rogerio P. (orgs.) *Plural de cidades: novos léxicos urbanos*. Coimbra: Almedina, 83-97.

Fortuna, Carlos C. G. (2012) “(Micro) Territorialidades: Metáfora dissidente do social” in *Terra@Plural*, Ponta Grossa, v.6, n.2, jul./dez., 199-214.

Frade, Catarina (1999) *A Componente ambiental no ordenamento do território*. Lisboa: Conselho Económico e Social.

Freitag, Barbara (2002) “Cidade e Cidadania” in Freitag, Barbara. *A cidade dos Homens*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 207-224.

Freitas, Isabel (1994) “Os paradoxos do realojamento” in *Sociedade e Território*. 20, 20-34.

- Freyre, Gilberto (1992) *Casa-grande e Senzala*. Rio de Janeiro: Record.
- Frehse, Fraya (2009) “Usos da rua” in Fortuna, Carlos C. G.; Leite, Rogerio Proença (orgs.) *Plural de cidades: novos léxicos urbanos*. Coimbra: CES, Almedina, 151-170.
- Friedmann, John (1986) “The World Cities hipotesys” in *Development and Change*, 1(17), 69-83.
- Friedmann, John (2005) *China’s Urban Transition*. Minneapolis; London: University of Minnesota Press.
- Frúgoli Jr., Heitor (1995) *São Paulo: espaços públicos e interação social*. São Paulo: Marco Zero.
- Frúgoli Jr., Heitor (2000) *Centralidade em São Paulo. Trajetórias, conflitos e negociações na metrópole*. São Paulo: Cortez; Editora da Universidade de São Paulo.
- Frúgoli Jr., Heitor (2002) “Celebration: a busca da cidade perfeita e a vida real” *Revista Vitruvius*, <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/01.001/3254> [07 de março de 2012].
- Frúgoli Jr., Heitor (2007) *Sociabilidade urbana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (2011). *SP Demográfico – Estatísticas Vitais do Estado de São Paulo*. São Paulo, Seade.
- Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (2013). *População para São Paulo*, [www.seade.gov.br/produtos/chartserver/imp/fc/lva/503/55/1980,1991,2000,2013/00/1/2](http://www.seade.gov.br/produtos/chartserver/imp/fc/lva/503/55/1980,1991,2000,2013/00/1/2) [24 de julho de 2013].
- Geertz, Clifford (1978) *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, Zahar.
- Gehl, Jan (2012) *Cidades para pessoas*. São Paulo: Perspectiva.
- Giddens, Anthony (1991) *As consequências da modernidade*. São Paulo: Unesp.
- Giddens, Anthony (2002) *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Glass, Ruth (1964) “Introduction: aspects of change” in *London: Aspects of Change*. London: MacKibbon and Kee, xiii(xlii).
- Goffman, Erving (1985) *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis: Vozes.
- Google Maps (2011) *Comunidade Coliseu* [fotografia] <https://maps.google.com.br/maps?hl=pt-BR&tab=w1> [10 de dezembro de 2012].
- Google Maps (2011) *Grafitas* [fotografia] <https://maps.google.com.br/maps?hl=pt-BR&tab=w1> [10 de dezembro de 2012].

Gottdiener, Mark (1993) *A produção social do espaço urbano*. São Paulo: Edusp.  
Governo do Estado de São Paulo (2002) *Rio Pinheiros*. São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente.

Guangzhou Municipal Bureau of Statistics (2010) [http://www.gzstats.gov.cn/tjgb/glpcgb/201105/t20110517\\_25227.htm](http://www.gzstats.gov.cn/tjgb/glpcgb/201105/t20110517_25227.htm) [26 de julho de 2013].

Guangzhou Statistical Yearbook (2011) Guangzhou: China Statistics Press.

Gumuchian, Hervé (1989) “Les représentations en géographie. Définitions, méthodes et outils” in André, Yves (*et al.*) *Représenter l'espace, l'imaginaire spatial à l'école*. Paris: Anthropos, 29-42.

Gurvitch, Georges (1977). *Tratado de Sociologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1.

Gusfield, Joseph R. (1975) *Community: a critical response*. New York: Harper & Row.

Habermas, Jürgen (1992) “Modernidade - Um Projeto Inacabado” in Arantes, O.; Arantes, P. *Um Ponto Cego no Projeto Moderno de Jürgen Habermas*. São Paulo: Brasiliense, 99-123.

Hall, Stuart (1998) *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.

Halbwachs, Maurice (2003) *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro.

Hardoy, José Enrique (1972) *Ciudades y sistemas urbanos: Economía informal y desorden espacial*. Buenos Aires: Clacso, Colección Biblioteca de Ciencias Sociales.

Halley, Bruno Maia (2008) “Bairro e vida de bairro: a resistência do lugar no mundo globalizado – um estudo de caso sobre o bairro do Arruda – Recife-PE” in Valença, M. M.; Cavalcante, G. M. (orgs.) *Transformações Urbanas*. Natal: EDUFRRN, p. 91-102.

Hardoy, José Enrique; Morse, Richard M. (1995). *Cultura urbana latinoamericana*: Buenos Aires: Clacso, Colección Biblioteca de Ciencias Sociales.

Harvey, David (1980) *A justiça social e a cidade*. São Paulo: HUCITEC.

Harvey, David (1989) “From managerialism to entrepreneurialism: The transformation of urban governance in late capitalism” in *Geografiska Annaler* (71B) 3-17.

Harvey, David (1990) *Los limites del capitalismo y la teoría marxista*. México: Fondo de cultura económica.

Harvey, D. (1997) *Justice, nature and the geography of difference*. Oxford, UK: Blackwell.

Harvey, David (2009) *Condição pós-moderna. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 18ª Ed. São Paulo: Loyola.



- Hauser, Philip (1967) *La urbanización en América Latina*. Buenos Aires, Solar/Hachette.
- Heller, Agnes (1977) *Sociología de la vida cotidiana*. Barcelona: Península.
- Heller, Agnes (1979) *La Revolución de la vida cotidiana*. Barcelona: Materiales.
- Herculano, Selene (2006) “Modernidade, pós-modernidade, racionalidade e irracionalidade” in Herculano, Selene (ed.) *Em busca da boa sociedade*. Niterói: EDUFF.
- Holitz, Mariana (2010) *Zezinho catando lixo* [fotografia]. Acervo da autora.
- Howe, Christopher (2006) *Shanghai: revolution and development in an Asian Metropolis*. New York: Cambridge University Press.
- Ianni, Octavio (1999) “Cidade e Modernidade” in Souza, M. A. A. de (et al.) *Metrópole e globalização. Conhecendo a cidade de São Paulo*. São Paulo: CEDESP, 15-25.
- Ianni, Octavio (2007) “A cidade global” in Ianni, Octavio (ed.) *A era do globalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 51-74.
- iG São Paulo (2013) “Conheça a favela de 50 milhões da Zona Sul” in *Último Segundo*, <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/sp/2013-07-03/conheca-a-favela-de-r-50-milhoes-da-zona-sul-de-sao-paulo.html> [03 de novembro de 2013].
- Iglecias, Wagner (2002) “Impactos da mundialização sobre uma metrópole periférica” in *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. 17(50), 47-70.
- Jacobs, Jane (2000) [1961] *The death and life of great American cities*. London: Pimlico.
- Jaccoud, Mylène; Mayer, Robert (2008) “A observação direta e a pesquisa qualitativa” in Poupard, Jean (et al.) *A pesquisa qualitativa. Enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis: Vozes, 254-288.
- Johnson, Ian (2013) “China desaloja camponeses para promover urbanização” *Folha de São Paulo, Caderno Mundo*, <http://folha.com/no1299142> [26 de julho de 2013].
- Kaztman, Ruben; Ribeiro, Luiz César de Queiroz (2008) “Metrópoles e sociabilidade: os impactos das transformações socioterritoriais das grandes cidades na coesão social dos países da América Latina” in *Cadernos Metrópole*. 20, 241-261.
- Koulioumba, Stamatia (2002) *São Paulo: cidade-global?* Tese de Doutorado em Arquitetura. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.
- Koury, Mauro Guilherme Pinheiro (2010) “Identidade e pertença: disposições morais e disciplinares em um grupo de jovens” in *Etnográfica*, 14(1), 27-58.

Kowarick, Lúcio; Brant, Vinicius Caldeira (1976) *São Paulo 1975: crescimento e pobreza*. São Paulo: Loyola.

Kowarick, Lúcio (1985) *Cidade, povo e poder*. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

Kowarick, Lúcio (1994) *As lutas sociais e a cidade: São Paulo, passado e presente*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Kurokawa, Kisho (1977) *Metabolism in Architecture*. Boulder, Colorado: Westview Press.

Lacaze, Jean-Paul (1995) *L'Aménagement du Territoire*. Paris: DOMINOS Flammarion.

Lamas, José M. Ressano Garcia (1992) *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade: textos universitários de ciências sociais e humanas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Lara, Fernando (2001) “Vizinhos do pateta” *Revista Vitruvius*, <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/01.011/899> [07 de março de 2012].

Ledrut, Raymond (1979) *Sociologie urbaine*. Paris: Presses Universitaires de France.

Lefebvre, Henri (1962) *Introduction à la Modernité*. Paris: Editions de Minuit, collection “Arguments”.

Lefebvre, Henri (1968) *Le Droit à la ville*. Paris: Éditions Anthropos Paris.

Lefebvre, Henri (1975) “Barrio y vida de barrio” in Lefebvre, Henri (ed.) *De lo rural a lo urbano*. Barcelona: Ediciones Península, 195-203.

Lefebvre, Henri (1992) *Éléments de rythmanalyse*. Paris: Éditions Syllepse.

Lefebvre, Henri (2000) *La production de l'espace*. Paris: Anthropos.

Lefebvre, Henri (2004) *Rhythmanalysis: space, time and everyday life*. London, New York: Continuum.

Leite, Rogerio Proença (2009) “Espaços públicos na pós-modernidade” in Fortuna, Carlos C. G.; Leite, Rogerio Proença (eds.) *Plural de cidade: novos léxicos urbanos*. Coimbra: Almedina, CES, 187-204.

Leitner, H. (1990) “Cities in pursuit of economic growth” in *Political Geography Quarterly* (9) 146–170.

Leitner, Helga; Shepard, Eric S. Sheppard; Kristin, Sziarto; Maringanti, Anant (2007) “Contesting Urban Futures: Decentering Neoliberalism” in Leitner, Helga (et al.) *Contesting Neoliberalism. Urban Frontiers*. New York, London: The Guilford Press, 1-25.

Levy, Dan Rodrigues (2010) “Os condomínios residenciais fechados e a reconceitualização do exercício da cidadania nos espaços urbanos” in *Ponto e Vírgula*. Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais, PUC/SP, 7, 95-108.

Ley, David (1994) “Gentrification and the politics of the new middle class” in *Environment and Planning D: Society and Space*, 12(1), 53-74.

Life of Guangzhou. <http://www.lifeofguangzhou.com/> [26 de julho de 2013].

Lofland, Lyn H. (1998) *The Public Realm: exploring the city's quintessential social territory*. New York: Aldine de Gruyter.

Logan, Willian S. (2003) *The Disappearing 'Asian' City: Protecting Asia's Urban Heritage in a Globalizing World*. New York: Oxford University Press.

Lojkine, Jean (1979) “O papel do Estado na urbanização capitalista” in Forti, Reginaldo (ed.) *Marxismo e urbanismo capitalista*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas.

Lojkine, Jean (1997) *O Estado capitalista e a questão urbana*. São Paulo: Martins Fontes.

Lopes, Juarez Brandão (1968) *Desenvolvimento e mudança social: formação da sociedade urbano-industrial no Brasil*. São Paulo: CEN.

Lopes, Rodrigo (1998) *A Cidade Intencional: o planejamento estratégico das cidades*. Rio de Janeiro: Mauad.

Lopes, Helena de Queiróz Ferreira; De Toledo, Vera Lúcia Vilhena (1998) *Itaim-Bibi*. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico. 26.

Lopomo, Mario (2006) “Outras Histórias” in *São Paulo minha cidade*, <http://www.saopaulominhacidade.com.br/list.asp?ID=597> [10 de maio de 2012].

Lynch, Kevin (1982) *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes.

Maciver, R. M.; Page, C. H. (1973) “Comunidade e sociedade como níveis de organização da vida social” in Fernandes, Florestan. (ed.) *Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação*. São Paulo: Nacional/EDUSP, 117-131.

Magnani, José Guilherme Cantor (1998) *Festa no Pedaco: Cultura Popular e Lazer na Cidade*. São Paulo: Hucitec.

Marcos, Luis Rojas (1992) *La ciudad y sus desafios (héraes y victimas)*. Madrid: Espasa.

Maricato, Ermínia (1996) *Metrópole na periferia do capitalismo*. São Paulo: Hucitec.

- Maricato, Ermínia (2001) *Brasil, cidades: alternativas para a crise urbana*. Petrópolis: Vozes.
- Maricato, Ermínia (et al.) (2013) *Cidades Rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo: Boitempo: Carta Maior.
- Marston, Sallie A. (2000) “The social construction of scale” in *Progress in Human Geography*. 24(2), 219-242.
- Massey, Doreen (2000) “Um sentido global de lugar” in Arantes, Antônio A. (ed.) *O Espaço da Diferença*. São Paulo: Papyrus, 176-185.
- Mattos, Geísa (2012) *A favor da comunidade – modos de viver a política no bairro*. Campinas: Pontes Editores.
- Mattos, David José Lessa (2002) *O Espetáculo da cultura Paulista. Teatro e TV em São Paulo*. São Paulo: Códex.
- Mauritti, Rosário (2011) *Viver só. Mudança social e estilos de vida*. Lisboa: Mundos Sociais.
- Mayer, Margit (2006) “Metropolitan research in transatlantic perspective” in *CMW Working Paper Series*. Berlin: Center for Metropolitan Studies, 001.
- Mckenzie, Roderick D.; Park, Robert Ezra; Burgess, Ernest Watson (1967) *The City*. Chicago: University of Chicago Press.
- Mead, George Herbert; Morris, Charles (1967) *W. Mind, self and society: from the standpoint of a social behaviorist*. Chicago: University of Chicago Press. 1.
- Mello, João Manuel Cardoso de; Novais, Fernando A. (2010) “Capitalismo tardio e sociabilidade moderna”. in Novais, Fernando A.; e Schwarcz, Lilia Moritz (eds.) *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 4, 559-658.
- Merlin, Pierre (2002) *L'aménagement du territoire*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Meyer, David R. (2006) *Hong Kong as a Global Metropolis*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Meyer, Regina Maria Prosperi (2000) “Atributos da Metrópole Moderna” in *São Paulo em Perspectiva*, 14(04), 3-9.
- Morin, Edgar (2003) *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez.
- Murray, Martin J.; Myers, Garth A. (2006) *Cities in contemporary Africa*. New York: Palgrave Macmillan.

- Negroponte, Nicholas (1995) *Being Digital*. New York: Vintage Books.
- Noschis, Kaj (1984) *Signification affective du quartier*. Paris: Librairies des Méridiens. Coll. Sociologies du quotidien.
- Nunes, Débora (2006) “Por uma pedagogia da participação popular” in *Organizações e Sociedade*. Salvador: EAUFBA, (6)16.
- Oldenburg, Ray (1989) *The Great Good Place: Cafes, Coffee Shops, Community Centers, Beauty Parlors, General Stores, Bars, Hangouts, and How They Get You Through the Day*. New York: Paragon House.
- Oldenburg, Ray (1991) *The Great Good Place*. New York: Marlowe & Company.
- Oldenburg, Ray (2000) *Celebrating the Third Place: Inspiring Stories about the “Great Good Places” at the Heart of Our Communities*. New York: Marlowe & Company.
- Oliveira, Roberto Cardoso (2000) “Os (des)caminhos da identidade” in *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. 15(42), 7-21.
- Oliveira, Roberto Cardoso (2006) *Caminhos da identidade. Ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo*. São Paulo: UNESP.
- Oliveira, Fernanda Paula (2002) *Direito do Ordenamento do Território*. Cadernos CEDOUA. Coimbra: Almedina.
- Oliven, Ruben George (1980) “Por uma antropologia em cidades brasileiras” in Velho, Gilberto (ed.) *O Desafio da cidade: novas perspectivas da antropologia urbana*. Rio de Janeiro: Campus.
- Padilha, Valquíria (2006) *Shopping center: a catedral das mercadorias*. São Paulo: Boitempo.
- Park, Robert E. (1967) “A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano” in Velho, Gilberto O. (ed.) *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 29-72.
- Park, R. E.; Burgess, E. W. (1973) “Comunidade e sociedade como conceitos analíticos” in Fernandes, Florestan (ed.) *Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação*. São Paulo: Nacional/EDUSP, 144-152.
- Parisi, Licio (1972) *Modo de producción y Metropolización en América Latina*. Santiago de Chile: Instituto Latinoamericano de Investigaciones Sociales.
- Peck, Jamie; Tickell, Adam (2002) “Neoliberalizing Space” in *Antipode*. Oxford: Blackweel Publishers, (34) 380-404.

Poupart, Jean (2008) “A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, Teóricas e metodológicas” in Poupart, Jean (et al.) *A pesquisa qualitativa. Enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis: Vozes, 215-253.

Prefeitura de São Paulo (2004). *História da Subprefeitura de Pinheiros*. <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/upload/pinheiros/pinheiros.pdf> [24 de agosto de 2013].

Prysthon, Angela; Carrero, Rodrigo (2004) “Atalhos na pós-metrópole. Acaso, incomunicabilidade e melancolia em três filmes americanos dos anos 90” in *Revista de Comunicação e Cultura Contemporânea*. 2(2), 169-188.

Putnam, Robert D. (1993) “The prosperous community: social capital and public life” in *Am. Prospect*. 13, 35-42.

Putnam, Robert D. (2002) “Social Capital Measurement and Consequences” in *Insuma – Canadian Journal of Policy Research* 2(1).

Queiroz, Maria Isaura Pereira de (1995) *Sobre Durkheim e as regras do método sociológico*. São Paulo: Ciência e Trópico.

Quijano, Aníbal (1977) *Dependencia, cambio social y urbanización en América Latina*. Lima: Mosca Azul.

Raposo, R. (2008) “Condomínios fechados em Lisboa: paradigma e paisagem”. In: *Análise Social*. Vol. XLIII (1º).

Revista Veja São Paulo (2010). “Especial Vila Olímpia” in *Revista Veja São Paulo Bairro a Bairro*, 8-9.

Ribeiro, Maria Teresa Franco; Milani, Carlos R. S. (2008) *Compreendendo a complexidade sócio-espacial contemporânea: o território como categoria de diálogo interdisciplinar*. Salvador: UFBA.

Richardson, Roberto Jarry (1999) *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas.

Rybczynski, Witold (1998) “(Some) People like new urbanism” in *Wharton Real Estate Review*, University of Pennsylvania. 2(2), 49-53.

Robinson, Jennifer. (2006) *Ordinary Cities: Between modernity and development*. London, New York: Routledge.

Rodrigues, A. (1994) *Comunicação e Cultura. A Experiência Cultural na Era da Informação*. Lisboa: Editorial Presença.

Rolnik, Raquel (1994) “São Paulo, início da industrialização: o espaço e a política” in Kowarick, Lúcio (ed.). *As lutas sociais e a cidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Rolnik, Raquel (1997) *A cidade e a lei*. São Paulo: Nobel.

Rolnik, Raquel (2000) “São Paulo com política urbana no século XXI” in Abrucio, Fernando Luiz; Carneiro, José Maria Brasiliense; Teixeira, Marco Antonio Carvalho (orgs.). *O impasse metropolitano: São Paulo em busca de novos caminhos*. São Paulo: Konrad Adenauer, p. 70-74.

Rolnik, Raquel (2008) “A lógica da desordem” in *Le monde diplomatique Brasil*. São Paulo: Instituto Pólis, 2(13), 10-11.

Rolnik, Raquel (2013) “As vozes das ruas: as revoltas de junho e suas interpretações” in Maricato, Ermínia (et al.) *Cidades Rebeldes. Passe livre e as manifestações de que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo: Boitempo, 7-12.

Rouanet, Sérgio Paulo (1993) *Mal-estar na modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras.

Ruiz, R. M. (2006) *Polarização e desigualdades: desenvolvimento regional na China (1949 – 2000)*. Belo Horizonte: UFMG, Cedeplar.

Salgueiro, T. B. (1998) “Cidade pós-moderna: espaço fragmentado”. *Revista Território*, nº 4, Rio de Janeiro: UFRJ.

Sampaio, Plínio de Arruda (1995) *L'apartheid urbain dans les grandes villes. Le Monde Diplomatique*. Paris: Le Monde Diplomatique.

Sant'anna, Maria Josefina Gabriel (2000) “Dinâmica socioespacial, habitação e família na metrópole do Rio de Janeiro” in *Cadernos Metrópole*. São Paulo: EDUC. 04, 135-158.

Santos, Boaventura de Souza (1982) “O Estado, o Direito e a Questão Urbana” in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 9.

Santos, Boaventura de Souza (1983) “Os conflitos urbanos no Recife: o caso do skylab” in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 11.

Santos, Boaventura de Sousa (1988) *O social e o político na transição pós-moderna*. Oficina nº 01. Coimbra: Centro de Estudos Sociais.

Santos, Boaventura de Sousa (1994) *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. Porto: Afrontamento.

Santos, Boaventura de Sousa (2006a) “Do Pós-moderno ao Pós-colonial. E para além de um e outro”, in Santos, Boaventura de Sousa. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. Porto: Afrontamento, 23-43.

Santos, Boaventura de Sousa (2006b), “Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências”, in Santos, Boaventura de Sousa. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. Porto: Afrontamento, 87-125.

- Santos, Boaventura de Sousa (2007) *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social*. São Paulo: Boitempo.
- Santos, Milton (et al) (1994) *Território: Globalização e fragmentação*. São Paulo: Hucitec/Anpur.
- Santos, Milton (1996) *A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e Emoção*. São Paulo: HUCITEC.
- Santos, Milton (2000) *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record.
- Sassen, Saskia (2002) “La ciudad global: la desnacionalización del tiempo y el espacio” in Subirats, J. (ed.) *Redes, territorios y gobierno. Nuevas respuestas locales a los retos de la globalización*. Barcelona: Diputación Barcelona.
- Sassen, Saskia (2011) *Cities in a World Economy*. Columbia University, USA: Pine Forge Press.
- Sassen, Saskia (2013) “Mais poderosas que nações” *Revista Exame CEO*. 14, 26-30.
- Schilaro, Guiomar da Conceição (2010) *O Legado de um sonho. O Itaim Bibi nas crônicas de Dona Guiomar*. São Paulo: Duna Duetto, 2010.
- Schumpeter, Joseph Alois (1982) *Teoria do desenvolvimento econômico*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- Seabrook, Jeremy (2007) *Cities: small guides to big issues*. London: Pluto Press.
- SMDU (2007) *História demográfica do município de São Paulo*. Prefeitura Municipal de São Paulo, [http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/historico\\_demografico/tabelas/pop\\_brasil.php](http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/tabelas/pop_brasil.php) [24 de julho de 2013].
- Sennet, Richard (1992a) *The uses of disorder: personal identity and the city*. New York: W. W. Norton.
- Sennet, Richard (1992b) *The fall of public man*. London: W. W. Norton & Company.
- Sennet, Richard (1997) *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: Record.
- Servcenko, Nicolau (1992) *Orfeu extático na metrópole*. São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras.
- Serpa, Angelo (2005) “Mergulhando num mar de relações: redes sociais como agentes de transformação em bairros populares” in *Geografia*. Rio Claro, v. 30, nº 2, p. 211-222.



Serpa, Angelo (2007) *O espaço público na cidade contemporânea*. São Paulo: Contexto.

Shaw, K. (2008) “Gentrification: what it is, why it is, and what can be done about it” in *Geography Compass*. 2, 1–32.

Silva, A. (2001) *Imaginários urbanos*. São Paulo: Perspectiva.

Silva, Anelino Francisco da (2008) “Decifrando o simbolismo da cidade na era do globalismo” in Valença, Marcio Moraes; Cavalcante, Gilene Moura (orgs.) *Transformações urbanas*. Natal: EDUFRRN, p. 55-60.

Silva, Regina Celly Nogueira da (1999) *As singularidades do bairro na realização da cidade – um estudo sobre as transformações na paisagem urbana do bairro da Torre na cidade de João Pessoa – PB*. Dissertação de Mestrado em Geografia Humana. Faculdade de Geografia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Simmel, Georg (1983) [1917] “Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal” in Moraes Filho, Evaristo de (ed.) *Georg Simmel: sociologia*. São Paulo: Ática, 165-181.

Simmel, Georg (1987) [1902] “A metrópole e a vida mental” in Velho, O. G. (ed.) *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Guanabara, 11-25.

Simmel, Georg (1998a) “O dinheiro na cultura moderna” in Souza, Jessé; Öelze, Berthold (eds.) *Simmel e a Modernidade*. Brasília: Unb, p. 23-40.

Simmel, Goerg (1998b) “O indivíduo e a liberdade” in Souza, Jessé; Öelze, Berthold (eds.) *Simmel e a Modernidade*. Brasília: Unb, 109-117.

Simmel, G. (2001) [1903] “A metrópole e a vida do espírito” in Fortuna. C. *Cidade, cultura e globalização*. Oeiras: Celta Editoras.

Singer, Paul I (1968) *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*. São Paulo: Cia. Editora Nacional.

Sites, William (2007) “Contesting the neoliberal city? Theories of neoliberalism and urban strategies of contention”. in Leitner, Helga (*et al.*) *Contesting Neoliberalism. Urban Frontiers*. New York, London: The Guilford Press, 116-138.

Slater, Tom (2011) “Gentrification of the city” in Bridge, Gary; Watson, Sophie (eds.) *The New Blackwell Companion to the City*. Chicester: John Wiley and Sons Ltd, 571-585.

Smith, Neil (1979) “Toward a theory of gentrification: a back to the city movement by capital, not people” in *Journal of the American Planning Association*. 45(4), 538-548.

Smith, Neil (1996) *The New Urban Frontier: Gentrification and the Revanchist City*. London and New York: Routledge.

Soja, E. W. (1986) "Taking Los Angeles apart: some fragments of a critical human geography" in *Environment and planning D: Society and Space*. 4, 255-272.

Soja, E. W.; Morales, R.; Wolf, G. (1989) "Urban restructuring: an analysis of social and spatial change in Los Angeles" in Beauregard, R. A. *Atop the urban hierarchy*. Totowa, N.J: Rowman & Littlefield, 87-122.

Soja, E. W. (1996) *Thirdspace: journeys to Los Angeles and other real-and-imagined places*. Cambridge: Mass. Blackwell.

Soja, E. W. (2002a) "O desenvolvimento metropolitano pós-moderno nos EUA: virando Los Angeles pelo avesso" in Santos, M.; Souza, M. A.; Silveira, M. A. (eds.) *Território: globalização e fragmentação*. São Paulo: HUCITEC, 154-170.

Soja, E. W. (2002b) *Postmetropolis: critical studies of cities and regions*. Malden: Blackwell Publishing.

Soja, E. W. (2005) "Six discourses on the Postmetropolis" in Bridge, Gary; Watson, Sophie (eds.) *The Blackwell City Reader*. Malden; Oxford; Carlton: Backwell, 188-196.

Soja, E. W.; Kanai, M. (2007) "The Urbanization of the world" in Burgett, Ricky; Sudjic, Deyan (eds.) *The Endless City*. London: Phaidon Press.

Somekh, Nadia (1997) "Globalização e forma urbana: a intervenção urbanística na cidade de São Paulo" in Santos, Milton (*et al.*) *O novo mapa do mundo: fim do século e globalização*. São Paulo: Hucitec, p. 332-340.

Souza, Maria Adélia Aparecida de (1999) "A metrópole global? Refletindo sobre São Paulo" in Souza, Maria Adélia Aparecida de (*et al.*) *Metrópole e globalização. Conhecendo a cidade de São Paulo*. São Paulo: CEDESP.

Souza, Maria Adélia Aparecida de (2010) "Território e lugar na metrópole: revisitando São Paulo" in Carlos, Ana Fani Alessandri; Oliveira, Ariovaldo Umbelino de (orgs.) *Geografias de São Paulo: a metrópole do século XXI*. vol. 2. São Paulo: Contexto, p. 21-50.

Souza, Marcelo José Lopes de (1989) "O bairro contemporâneo: ensaio e abordagem política" in *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro, 51(2), 139-172.

Spence, Jonathan (1996) *Em busca da China moderna: quatro séculos de história*. São Paulo: Companhia das Letras.

Stone, Gregory (1954) "City Shoppers and Urban Identification: Observations on the Social Psychology of City Life" in *American Journal of Sociology*. University of Chicago Press. 60(1), 36-45.

Swyngedouw, E. (1997) "Neither global nor local: 'glocalization' and the politics of scale" in Cox, K. (ed.) *Spaces of globalization: reasserting the power of the local*. New York/London: Guilford Press/Longman, 137-166.

Tavares Dos Santos, José Vicente (2000) “As novas questões sociais globais” in *Revista Crítica de Ciências Sociais*. 57-58, 13-24.

Taylor, Charles (1997) *As fontes do self: a construção da identidade moderna*. São Paulo: Loyola.

Telles, Vera da Silva; Cabanes, Robert (2006) *Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas.

Tewdwr-Jondes, Mark; Allmendinger, Philip (2006) *Territory, identity and Spatial Planning: spatial governance in a fragmented nation*. New York: Routledge.

Theodore, Nick; Peck, Jamie; Brenner, Neil (2009) “Urbanismo Neoliberal: la ciudad y el imperio de los mercados” in *Temas Sociales* (66) 1-12.

Tönnies, Ferdinand (1973) “Comunidade e sociedade como entidades típico-ideais” in Fernandes, Florestan (ed.) *Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação*. São Paulo: Nacional/EDUSP, 96-116.

Tönnies, Ferdinand (2002) *Community and Society*. United Kingdom: Dover Publications.

Torres, Haroldo da Gama (1995) “O Nordeste Urbano: grave crise ambiental” in Hogan, Daniel Joseph; Vieira, Paulo Freire (eds.) *Dilemas socioambientais e desenvolvimento sustentável*. Campinas: Editora da Unicamp.

Touraine, Alain (2002) *Crítica da Modernidade*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.

Tramontano, Marcelo (1993) *Novos modos de vida, novos espaços de morar*. São Carlos: EESC-USP.

Tramontano, Marcelo (1998) *Habitações, metrópoles e modos de vida: por uma reflexão da habitação contemporânea*. São Paulo: Instituto dos Arquitetos do Brasil; Secretaria de Estado de Cultura.

Tramontano, Marcelo (2001) “Condomínios fechados: um olhar arquitetônico” in *Revista da Associação de Arquitetos de Interiores*. Porto alegre: AAI. 001.

Tramontano, Marcelo (2003) “Alice no país da especulação imobiliária: habitação e modos de vida na cidade de São Paulo” in *Cidades, comunidades e territórios*. Lisboa: Centro de Estudos Territoriais. 06, 75-82.

United Nations (2003) *The Challenge of Slums: global report on human settlements*. London: Un-Habitat.

United Nations (2012) *World Urbanization Prospects: the 2011 Revision*. New York: Desa.

Vainer, Carlos B. (2000) “Pátria, empresa e mercadoria. Notas sobre a estratégia discursiva do Planejamento Estratégico Urbano” in Arantes, O.; Vainer, C.; Maricato, E. (eds.) *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*. Petrópolis: Vozes.

Vainer, Carlos B. (2001) “As escalas do poder e o poder das escalas: o que pode o poder local?” in *Cadernos IPPUR/UFRJ*. Rio de Janeiro, 15-16(2-1), 13-32.

Vainer, Carlos (2013) “Quando a cidade vai às ruas” in Maricato, Ermínia [et al.] *Cidades Rebeldes. Passe livre e as manifestações de que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo: Boitempo, 35-40.

Velho, Gilberto; Machado, Luiz A. (1977) “Organização social do meio urbano” in *Anuário Antropológico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 71-82.

Velho, Gilberto (2004) *Individualismo e Cultura*. Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Veltz, Pierre (1996) *Mondialisation, Villes et Territoires: l'économie d'archipel*. Paris: PUF.

Véras, Maura Pardini Bicudo; TASCHNER, Suzana Pasternak (1991) “Evolução e Mudanças das Favelas Paulistanas” in *Revista Espaço e Debates – NERU*. São Paulo, 31.

Véras, Maura Pardini Bicudo (1992) “Cortiços em São Paulo: velhas e novas formas da pobreza urbana e da segregação social” in Bógus, Lucia M. M.; Wanderley, Luiz E. (eds.) *A luta pela cidade em São Paulo*. São Paulo: Cortez, 81-126.

Véras, Maura Pardini Bicudo (1999) “Enigmas da gestão da cidade mundial de São Paulo: políticas urbanas entre o local e o global” in Souza, M. A. A. de. (et al.) *Metrópole e globalização. Conhecendo a cidade de São Paulo*. São Paulo: CEDESP, 197-217.

Véras, Maura Pardini Bicudo (2000) *Trocando olhares: uma introdução à construção sociológica da cidade*. São Paulo: EDUC/Studio Nobel.

Vilhena, Junia (et al) (2005) *As cidades e as formas de viver*. Rio de Janeiro: Museu da República.

Vilhena, Junia (2009) “O Rio de Janeiro entre quatro paredes. Cidade, confinamento e sociabilidade” in *Latin American Journal of Psychopathology On Line*. 6(1), 101-107.

Villaça, Flávio (1999) “Efeitos do espaço sobre o social na metrópole brasileira” in Souza, M. A. de. (et al.) *Metrópole e globalização. Conhecendo a cidade de São Paulo*. São Paulo: Cedesp.

Wainwright, Joel (2007) “Spaces of Resistance in Seattle and Cancun” in Leitner, Helga (et al.) *Contesting Neoliberalism. Urban Frontiers*. New York, London: The Guilford Press, 179-203.

Waizbort, Leopoldo (2002) “Georg Simmel: sociabilidade e moderno estilo de vida” in *Sociabilidades*. Natal: UFRN. II, 65-67.

Weber, Max (1973) “Comunidade e sociedade como estruturas de socialização” in Fernandes, Florestan (ed.) *Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação*. São Paulo: Nacional/EDUSP, 140-143.

Weber, Max (1991) *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: UNB.

Weber, Max (1999) *Sociologia*. São Paulo: Ática.

Weber, Max (2002) *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: LTC.

Wilheim, Jorge (1985) “Metrópole e crise: o caso de São Paulo” in Secretaria Municipal de Planejamento. *América Latina. Crise nas Metrópoles*. São Paulo: Sempla, p. 84-93.

Wirth, Louis. (1997) [1938] “O urbanismo como modo de vida” in Fortuna, Carlos. *Cidade, cultura e globalização*. Oeiras: Celta.

Witter, José Sebastião (1994) “Futebol, várzea e cidade de São Paulo” in CONDEPHAAT – Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo. *Estudo de Tombamento do Parque do Povo*. Secretaria de Estado da Cultura.

Xie, Yichun (1993) “Retrospective of China’s urbanization and regional development in the era of economic reforms” in *Geojournal*. Amsterdam Academic Publishers. 29(2), 197-200.

Yin, Robert K. (2001) *Estudo de Caso. Planejamento e Métodos*. Porto Alegre: Bookman.

Zukin, Sharon (2000) “Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando cultura e poder” in Arantes, Antonio A. (ed.). *O espaço da diferença*. São Paulo: Papirus Editora, 80-103.

## ÍNDICE

<b>ENTREVISTA 01: Ana (antigo morador) .....</b>	<b>1</b>
<b>ENTREVISTA 02: Inês (Novo morador) .....</b>	<b>5</b>
<b>ENTREVISTA 03: Cristina (Antigo morador) .....</b>	<b>10</b>
<b>ENTREVISTA 04: Enio (Antigo morador) .....</b>	<b>14</b>
<b>ENTREVISTA 05: Idílio (Antigo Morador) .....</b>	<b>16</b>
<b>ENTREVISTA 06: Wilson (Antigo morador) .....</b>	<b>18</b>
<b>ENTREVISTA 07: Caio (Novo morador) .....</b>	<b>20</b>
<b>ENTREVISTA 08: Bernardo (Antigo morador) .....</b>	<b>22</b>
<b>ENTREVISTA 09: Helcias (Antigo Morador) .....</b>	<b>26</b>
<b>ENTREVISTA 10: Guiomar (Antigo morador) .....</b>	<b>31</b>
<b>ENTREVISTA 11: Nereide (Antigo morador) .....</b>	<b>36</b>
<b>ENTREVISTA 12: Cecília (Novo Morador) .....</b>	<b>39</b>
<b>ENTREVISTA 13: Luiz Dias (Antigo Morador) .....</b>	<b>44</b>
<b>ENTREVISTA 14: Zezinho (Antigo Morador) .....</b>	<b>49</b>
<b>ENTREVISTA 15: Irineu (Antigo morador) .....</b>	<b>55</b>
<b>ENTREVISTA 16: Norma (Antigo morador) .....</b>	<b>57</b>